THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que se representárão na Casa do Theatro público do Bairro Alto, e Mouraria de Lisboa,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por * * *

TOMO TERCEIRO

Contém
- Adolonimo em Sydonia.
- A Ninfa Siringa.
- Novos Encantos de Amor.
- Adriano em Syria.

LISBOA:

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1790.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Vende-se na mesma Officina.

Foi taxado este Livro em papel a trezentos reis. Meza 6 de Setembro de 1792.

Com tres rubricas.

ADOLONIMO
EM
SYDONIA,

Opera que se representou na Casa do Theathro público do Bairro Alto, e Mouraria de Lisboa.

ARGUMENTO.

ADolonimo descendente de sangue Real amava muito a Syrene filha de Estrato Rei de Sydonia, e seu inimigo; e vendo elle que por esta razão lhe não podia manifestar o seu amor, se determinou a ser seu jardineiro; sabendo porém que Cyrene (ainda que constrangida) casava com Demetrio, foi assistir ás bodas mascarado para impedir o desposorio, o que feito, e conhecido, foi prezo; e chegado quasi aos ultimos fins da vida, de que o livrou Alexandre Magno, e o constituio Rei de Sydonia, casando-o com Cyrene, privou do Reino a Estrato.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Horta.*
II. *Jardim.*
III. *Sala de Palacio.*
IV. *Sala de docel bem armada.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Sala.*
III. *Torre.*
IV. *Jardim.*
V. *Torre.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Torre.*
III. *Campo.*
IV. *Sala.*
V. *Campo, e vista de Torre.*
VI. *Sala de docel.*

INTERLOCUTORES.

Adolonimo, amante de Syrene.
Demetrio.
Alexandre Magno.
Estrato, Rei de Sydonia.
Syrene, Princeza, filha de Estrato.
Orintia, sua prima, amante de Demetrio.
Cadeia, graciosa.
Pimentaõ, Gracioso, criado de Adolonimo.
Çapato, criado de Demetrio.
Hum Algoz.
Hum General.
Soldados.

ACTO I.

SCENA I.

Horta. Apparece Adolonimo em traje de hortelaõ.

C O R O.

Decante hoje amor
O doce Hymenêo,
Que gozáo ditosos
Syrene, e Demetrio.

Adol. SUspende essa cruel harmonia, oh rigoroso aspid de meu peito; pois me introduzes na alma o maior veneno disfarçado na suavidade de teu canto. Ai de mim! quem dirá, que o sonoro da musica, que sempre foi lenitivo da pena, seja de minha pena o motivo que o que tem por effeito o gosto, seja a causa do meu tormento? que o que para todos he gloria seja para mim martyrio?

Sahe de outra parte Pimentaõ sem Adolonimo o ver.

Pim. Ora vamos entrando por esta horta assim como quem quer couves. Cá está o hortelão; talvez que me queira por companheiro:

ve-

verei ſe me poſſo accommodar com o olho da enxada, já que o cruel de meu amo me poz no olho da rua. Vamos deitar barro á parede. Ah Senhor noſs'amo, v. m. quer moço? Não pegou o barro, nem ſe ouvio o berro. Vá de eſtoutra parte: Ah ſenhor, v. m. não ouve? Nada; o certo he que he ſurdo para mais penas ſentir.

Adol. Ah cruel fado! ah cruel amor!

Pim. Ai que eſtou perdido, que ſe queixa de amor! He poſſivel, que hum cavador de enxada padeça o achaque dos que fazem a barba duas vezes na ſemana? que tenha forças para andar ás lutas com Cupido, quem todo o dia anda ás pancadas com a terra? que queira atear o fogo quem todo o dia anda alagado em ſuor? Mas o certo he, que tambem pegão debaixo da agoa as armas, que amor carrega. Ora vamos-lhe outra vez ao couro. Voſſa mercê ouve? Peior: ſupponho que deſte fallou Camões, quando diſſe: A nada diſto o bruto ſe movia. Vá agora tão alto, que não ſómente o faça mover a elle, mas a quantas mulheres prenhes me ouvirem. Ah ſenhor, hum ſujeito que quer....

Adol. Que he iſto?

Pim. Mas já não quer o ſujeito, e tudo o que quiz o dá por não querido, com perdão de voſſa mercê, ſalvo tal lugar.

Adol. Pimentão?

Pim. Senhor Adolonimo?

Adol. Vem cá, de que te aſſuſtas?

Pim.

Pim. Náo me hei de aſſuſtar de ver, que ſendo voſſa mercê o ſenhor Adolonimo illuſtre deſcendente de Real ſangue, a quem tantos annos ſervi, o veja agora neſte vil eſtado, depois de me ter dito *oculus ruorum*?

Adol. Razáo tem a tua lealdade de ſe queixar de mim; porém já que a fortuna aqui te trouxe, te direi a cauſa porque te deſpedi, e o motivo porque aqui me vez com eſtes ruſticos veſtidos; com condiçáo porém de guardares ſegredo.

Pim. Dize, Senhor, ſeguramente, porque a minha boca he a couſa mais ſecreta que póde haver.

Adol. Já ſabes que ſou Adolonimo naſcido de Real ſangue, e que ſempre vivi com grandeza igual ao meu luſtre, e de meus progenitores: náo ignoras tambem, que na oppoſiçáo que fiz ao noſſo Rei Eſtrato ao throno de Sydonia, elle por mais fortuna, que meritos, ficou com o Reino, e eu abatido, è deſprezado, ſem me valerem nem a nobreza, nem os merecimentos; pois he couſa certa ſerem os nobres, como os entendidos, alvos de toda a deſgraça.

Pim. Tambem por cá vai muita couſa diſſo.

Adol. Ouve agora o mais, que náo ſabes.

Pim. Vamos ao caſo, que he o que importa.

Adol. Tem Eſtrato huma filha dotada da mais rara belleza, que o mundo até agora vio.

Pim. Iſſo he o diabo.

Adol. O mais peregrino motivo da admiraçáo,

e

e o mais admiravel objecto de todo o pafmo: a efta vi; e como a vi, era forçoso o adoralla; porque nos altares formofura he a adoração mais divida, que offrenda.

Pim. De que não ha duvida nenhuma.

Adol. Em huma occafião, que tive a de lhe fallar, me parece não forão mal acceitos os meus rendimentos, fe he que me não enganou a ideia, porque aos amantes fempre fe lhes reprefenta facil o que defejão; porém como o odio, que me tem feu pai Eftrato (nafcido da oppofição, que lhe fiz ao throno) foi caufa de que me faltaffe de efperança, quanto me fobejava de amor, pois apenas podia vella, me determinei defpedir-te, e aos mais criados, e fazendo-me aufente, bufcar por efte caminho alguma lifonja ao meu amor, e algum refrigerio a tanto incendio, fervindo há oito dias de feu jardineiro com tal disfarce, que até ella mefma ignora, que eu feja Adolonimo.

Pim. Eu mefmo, fe te não vira aqui, não havia faber que aqui eftavas.

Adol. Mas ai de mim, que toda efta efperança em que vivia, fe trocou pela defefperação em que morro; porque efta noite a cafa ElRei feu pai com hum dos principaes de Sydonia por nome Demetrio.

Pim. E agora que has de fazer mais, que chuchar no dedo?

Adol. Ainda me falta apurar o refto da defefpeção, porque efta noite hei de hir aos defpoforios mafcarado (como he permittido nefte

Rei-

Reino) e offerecer a vida por ultimo ſacrificio, ao que tu tambem has de acompanhar-me.

Pim. Sim acompanhára, ſe eu tambem tiveſſe vida, que offerecer.

Adol. Pois de que modo não a tens?

Pim. Porque já eſtou morto com fome.

Adol. Se he eſſa a dúvida, logo te ſatisfarás.

Pim. Então vamo-nos já remaſcarar: mas ſe acaſo nós formos, e virmos os deſpoſorios, e tu vires com o olho, e comeres com a teſta, que has de, Senhor, fazer ao depois?

Adol. Attende, que eu to digo.

Pim. Oh por tua vida recita-mo muito bem recitado.

RECITADO.

Adol. Se a ſorte rigoroſa, e injuſto fado
Contra mim ſe moſtrar cruel, e irado,
Se a pena do que ſinto, e do que choro,
Me negar o bem unico, que adoro,
Sem procurar da mágoa mais indicio,
Renderei eſta vida em ſacrificio;
Porque a vida com huma infeliz ſorte
He mais, do que viver, contínua morte.

ARIA.

Se meus olhos gozar virem
Outrem do meu bem amado,
Amante, è deſeſperado
Terei iras, e furor.
Perderei a cara vida
Neſta pena, e furia inſana,
Porque a morte mais tyranna,
He ſentir hum tal rigor. *Vai-ſe.*

Pim.

Pim. O certo he que ninguem conta, nem canta melhor hum successo, do que meu amo, *salvo meliori judicio.* *Vai-se.*

SCENA II.

Jardim. Sabe Syrene, Orintia, e Cadeia.

Cad. ENxuga, Senhora, o pranto; não chores assim por hum ausente quando estás para ter a posse de tanta felicidade. Eu por mim pégo-me áquelle ditado, que diz: O que o olho não vê, coração já se sabe.

Syr. Que mal entendes, Cadeia, o mesmo que aconselhas, pois esse adagio quer dizer, que não se ama o que se não vê; porém não se virifica em mim, porque depois que vi a Adolonimo, tão presente o trago no sentido, e tão representado aos olhos da alma, que já mais pude acabar comigo o esquecer-me delle, nem deixar de sentir a sua ausencia, e só me tem servido de algum allivio, quando vejo ao nosso jardineiro, pois he delle tão proprio retrato, que julgára ser o mesmo Adolonimo, se não houvesse tanta differença nas pessoas de hum, e outro.

Cad. Pois he justo que estando para te receberes com Demetrio daqui a poucas horas, pagues com lagrimas os carinhos de teu esposo? Ai que se fora eu, não caberia em mim de contente.

Syren. E me parece que primeiro que lhe dê

dê a mão, perderei a vida ao rigor deste tormento.

Orint. Oh assim o permitão os Deoses, que Demetrio não seja teu. *á parte.*

Cad. Pois, Senhora, se teu pai te obriga a que cases com elle, que remedio há mais que fazer das tripas coração?

Orint. Eu, Prima, te aconselho, que resolutamente digas, que ainda não queres acceitar o estado, que te offerecem. Muito convém ao meu amor não querer Syrene a Demetrio, pelo muito que lhe quero, ainda que elle não o merece por ingrato. *á parte.*

Syr. Da Parca o veja eu mortal despojo.

Cad. Ai, Senhora, dás ao diabo a quem te quer por tudo quanto Deos lhe deu?

Syr. Deixa loucuras, que não estou para ouvir-te.

Orint. Muito empenhada nisto se mostra Cadeia.

Cad. Não he por empenhada, he porque da mulher, e a fazenda o primeiro ajuste he o melhor; porque tanto a fazenda, como a mulher, quanto mais estão, mais se damnificão, e muitas vezes algumas fazem suas avarias.

Syr. Nescia estás.

Cad. Isto ha de dizello qualquer marão, que me esteja ouvindo.

Sahe Pimentaõ sem ser visto.

Pim. Já a barriga está como hum tambor; vamos agora fazer o exercicio. Mas tá, tá rá, tá rá, que temos cá gente de cutiliquê: esgueiremonos daqui, antes que venha pelo caminho hum. Sois muito attevido; andai confia-

fiado ; oh lá deitem fora esse villão ruim. *em falsete.*

Cad. Quem está ahi ?

Pim. Meus ditos, e meus feitos.

Orint. Não ouves ?

Pim. Faço-me surdo, e vou usando de afastanças. e arredanças.

Syr. Vem cá, dize quem és ?

Pim. Eu, Senhora, já me estava hindo; mas para vossas Altezas não dizerem, que eu cá que sou, e que tal, e que sim Senhoras. . .

Syr. Não te perturbes, falla.

Pim. Eu, senhora, fui . . . Vim . . . e tornei . . . e dahi tomo, e que faço. . . .

Cad. Está bem medroso.

Pim. Eu, Senhoras, a fallar a verdade tenho muita vergonha diante de vossas Altezas.

Syr. Dize quem és, que te não quero fazer mal algum.

Pim. Eu supponho que entre as mais vossa Principeza he que he a Senhora sua Alteza ?

Syr. Sim, dize.

Pim. Por muitos annos, e bons. (Agora farei as partes a meu amo.) *á parte.* Eu, Senhora, sou hum pobre Pimentão, que vim buscar com o hortelão cómmodo para trabalhar nestas verduras ; porque me mandou á fava hum amo, que tive que era hum Adolonimo dos meus peccados com perdão de vossa Alteza.

Syr. Que dizes, quem era teu amo ?

Pim. Hum Adolonimo, ou hum Ademonio.

Syr.

Syr. Pois para onde foi, (ai de mim!) que dizem que ſe auſentára?

Pim. Supponho eu que hiria buſcar alguma Princeza, que devia de perder; porque ſempre andava pelas caſas, como quem buſcava, dizendo: Ai minha Princeza, como hei de viver ſem ti!

Cad. Ahi temos novo atiçador. *á parte.*

Orint. Oh quem ouvira dizer o meſmo de Demetrio? *á parte.*

Syren. E não lhe ſabes o nome?

Pim. Ella não tinha nome certo, porque humas vezes lhe chamava ſoberana, outras ingrata, outras cruel, e quantos exdruxulos lhe parecia. (Parece que vai pegando o viſco.) *á parte.*

Syr. E queria-lhe muito?

Pim. Ui, meſmo a arrebentar.

Syr. Sentia o não vella?

Pim. Iſſo como ſe nunca nos viſſemos.

Syr. Ai amado Adolonimo, que mal ſabes as penas que me cuſtas? *á parte.*

Orint. Ai querido Demetrio, que ſó tu te prézas de ingrato!

Syr. Baſta que chorava a ſua auſencia?

Pim. Sim, Senhora, chorava muito, e por ſinal...

Syren. Por ſinal que?

Pim. Que chorava muito.

Syr. Tira-me de huma dúvida: não te parece o hortelão o ſeu proprio retrato?

Pim. Sim, Senhora, ſó o que tem de differença he o não ſe parecer bem com elle, que no mais he o meſmo cuſpido, e eſcarrado.

Syr.

Syr. Pois em que ſe não parece ?

Pim. Em que o hortelão he mais eſpadaûdo, mais pernudo, mais orelhudo, e mais cabeçudo, pois tem huma condição de todos os diabos.

Cad. Não me parece elle ſenão melhor, que Adolonimo.

Pim. Tambem o hortelão he mais barbudo, e mais boquilongo; e ſe voſſa Alteza reparar nelle, quando falla, verá que não tem eſte dente queixal.

Syr. Elle em tudo me parece o meſmo.

Pim. Repare-lhe tambem no nariz, e verá que a venta eſquerda he muito maior do que a outra.

Cad. Que forte mentira! *á parte.*

Syr. Eſtá bem: vai, que eu mandarei dizer ao hortelão que te trate bem.

Pim. Já levo que contar a meu amo. *á parte.* Beijo não as mãos, nem os pés, nem ainda os dedos delles, ſenão a mais inferior unha do menor pé de voſſa Alteza. *Vai-ſe.*

Orint. Divertido he eſte criado que foi de Adolonimo.

Cad. O que importa, Senhora, he ſabermos; de que parecer ficas ácerca do deſpoſorio.

Syr. Não me falles em tal.

Cad. Pois, Senhora, ſe daqui a poucas horas ElRei te obriga, a que dês a mão de eſpoſa, que has de fazer?

Syr. Eu te reſpondo.

ARIA

A R I A.

Para que me ſerve a vida,
Se o viver he cruel morte?
Renderei á Parca forte
O doce alento vital.
Compellida, e obrigada
Perco a liberdade, e a vida:
De eſtar morta quem duvída
Ser manifeſto ſinal? *Vai-ſe.*

Orint. Ah cruel Demetrio, quanto amor me deves?
Cad. Temos, Senhora, ſegunda exclamaçáo?
Orint. Deixa-me, Cadeia, alliviar comtigo a minha pena.
Cad. Comigo? allivie-ſe com quem lhe cauſa eſſe tormento.
Orint. Na verdade ſempre és boa peſſa.
Cad. Sim, Senhora, porque lhe aturo as ſuas buxas, e as da Senhora Syrene.
Orint. Cadeia, ſó te quero encommendar, que náo deſcubras a minha Prima, que amo a Demetrio.
Cad. Deſcobrir a ſenhora ſua Prima? iſſo náo, que faz muito frio.
Orint. Como eſtás louca, aos ares direi as minhas queixas.
Cad. Faz bem, iſto de areas ſó os ares as ſabem ouvir.

A R I A.

Orint. Até quando, dize ingrato,
Ha de durar teu rigor,
Deſprezando hum firme amor
Táo fino no idolatrar?

Pa-

Para que causas a morte
A quem te offerece a vida,
Se a huma alma tão rendida
Não se deve desprezar? *Vai-se.*

Cad. Coitadinhas; huma quer casar com hum, e outra com outro, e na minha opinião quer hum, quer outro não são despiciendos; porém o nosso Quinteiro não era máo para trabalhar na vinha do matrimonio.

Sahe Çapato.

Çap. Minha bella Cadeia, cujos fuzis petiscando na pederneira de meu coração tanto arêa a isca da minha vontade, que chegando-lhe a mécha do meu desejo, logo se acende a véla do meu amor, em cujos incendios me abrazo amante mariposo.

Cad. Senhor Çapato, não se ponha comigo nesses pontos, senão olhe, que do couro lhe hão de sahir as correas.

Çap. Ai cruel Cadeia, que podendo ser colar do meu pescoço, és rigoroso grilhão, que me atormentas!

Cad. E vossa mercê, Senhor Çapato; quando devia andar debaixo dos pés de todos, já se quer pôr comigo no bico dos pés?

Çap. Ai minha Cadeia, quem abrandára a tua dureza!

Cad. Ai meu Çapato, quem te curtíra bem o couro

Çap. Bem pudéras, Cadeia, ser menos pezada.

Cad. Bem pudéras, Çapato, deitar outro rosto, que esse já está muito velho.
Çap. Fica-te, Cadeia, já que és rigorosa. *Vai-se.*
Cad. Vai-te, Çapato, já que és tacão.

ARIA.

Vaite, Çapato, para a padaria,
Chichello velho
Roto, e suado; vai desestrado,
Pois não me serves para o meu pé:
Todo o Çapato, que gosto, e que gasto,
Ha de ser apertado que mata,
Com bico de pata
Ou ponta de prata, que he moda tambem.

SCENA III.

Sala de Palacio. Sahem Syrene, e Demetrio.

Dem. SUspendei, Senhora, o rigoroso desdem; pois se me concede a sórte alcançar tão brevemente a ditosa posse da vossa mão, bem podeis deixar já a tyrannia, e attender mais amante a quem vos adora.
Syr. Que mal soão as finezas ditas por quem se aborrece! *á parte.*
Dem. Baste já de rigor, querida Syrene.
Syr. Quem escutára de Adolouimo, o que ouço de Demetrio. *á parte.*

Sahe ElRei.

Rei. Vamos, Demetrio, vinde Syrene, que he já tempo de que Hymenêo vos offereça coroas do mais feliz consorcio.

Dem. Ditoſo ſerei, ſe tal gloria chego a poſſuir.
Syr. Infeliz ſerei, ſe primeiro não render a vida aos triſtes golpes da morte. *Vão-ſe.*

Sahe Adolonimo, e depois Pimentão maſcarados.

Adol. Vamos, Pimentão?
Pim. Eſpera, Senhor, que eſtou cá atacando iſto: ha tal preſſa! *dentro.*
Adol. Já todos vão entrando para a ſala.
Pim. Pois quer ſim, quer não; olhe que eſtá boa. *dentro.* Eſtás com huma preſſa, como ſe foras tu o noivo. *ſahe.*
Adol. São horas de entrarmos; que mais alegre vou pelas noticias que me déſte de Syrene.
Pim. Oh pois eu diſſo tive humas grandes alviçaras.
Adol. Não as perderás; e agora te quero advertir, que não has de paſſar da porta da ſala Real; porque na preſença do Rei eſtamos obrigados a tirar as maſcaras, que eſtas ſó são concedidas no meſmo palacio na auſencia da Mageſtade.
Pim. Niſſo não haverá dúvida; mas pregunto: eu aſſim como ſou convidado para o deſpoſorio, ſou tambem chamado para o banquete?
Adol. A iſſo não podemos nós aſſiſtir.
Pim. Pois então vou-me desfardar; porque cuidava que vinha tirar o ventre de miſeria; que ha tal, que apanhando-ſe em huma tolá deſtas, mete no bucho para quinze dias, ſe antes diſſo não eſtoura por alguma parte.
Adol. Que differentes cuidados te trazem a ti, do que a mim!

Pim.

Pim. Porém mais me admira, que com todos esses cuidados, e amores, te aches, Senhor, com paciencia para hires ver a tua dama casar-se com outro: excellente eras para o officio de cordoeiro.

Adol. Em que era bôm para esse officio?

Pim. Em que tu, e elles andão ás avessas dos mais; que neste caso costumão outros hir para fóra da terra, e tu te queres metter mais pela terra dentro.

Adol. Desculpo o teu reparo, porque ignoras o meu intento.

Pim. Huma vez que he isso, fallemos em outra cousa. Ah Senhor, que taes figuras estamos nós depois de mascarados? Eu te affirmo que estás a cousa mais gentil-homem que póde ser.

Adol. Agradeço-te a lisonja; porém eu de ti affirmo, que provocas a riso.

Pim. E eu de ti te juro, que provocas a choro.

Adol. Porque?

Pim. Porque me cheiras a defunto: vê bem o que fazes. *Soão instrumentos.*

Adol. Mas já querem entrar: vamos que são horas. *Vai-se.*

Pim. Eu vou já, que primeiro quero fazer hum ente de razão.

ARIA.

Faço hum ente de razão,
Pois he isto huma quiméra,
E se esta tem tres cabeças
Que he Leão, Cabra, e Dragão,
Todas tres vejo aqui estar.

Meu amo hum Leão parece,
Cabra parece Syrene,
Mas Estrato, que he Dragão,
A todos ha de tragar. *Vai-se.*

SCENA IV.

Sala bem ornada, e na parte principal della estará sentado ElRei, á mão direita Syrene, á esquerda Demetrio, e alguns mascarados com a cara descuberta; e cantando o Coro, apparecem á porta Adolonimo, e Pimentão.

Adol. AI Pimentão, que já vejo o adorado iman de meus sentidos.

Pim. Que te faça muito bom proveito.

Adol. Cala-te, e observemos daqui o que se faz.

Rei. Para que se prosiga o festejo com mais gosto, dem Syrene, e Demetrio com as mãos a reciproca união das almas.

Adol. Já ouço a sentença da minha morte.

Pim. Cala-te, e observemos daqui o que se faz.

Dem. Com todas as potencias espero a posse de tanta gloria.

Syr. Que ha de ser de mim em tanto aperto? *á p.*

Dem. Aqui está a minha mão.

Sir. Ah cruel sórte, em que afflicção me chegaste a pôr? *á parte.*

Tira o lenço, e chora.

Adol. Ai Pimentão, que ella a mão lhe quer dar.

Pim. Pois eu, Senhor, que culpa tenho disso? Mas ella, o que faz he assoar; ou enxugar nos olhos o estilicidio, que o teu amor lhe tem derretido no peito. *Rei.*

Rei. Não ſeja, Syrene, baſtante o voſſo pejo a dilatar tanto o que ordeno.

Dem. Não me admira, Senhor, o chegar a ventura vagaroſa a quem a deſeja.

Syr. Oh Deoſes immortaes, como vos não compadeceis de mim? *á parte.*

Pim. Iſto vai-me cheirando mais a tragedia, do que a boda. *á parte.*

Rei. Já a demora chega a ſer deſobediencia.

Syr. Eu, Senhor, já obedecendo .... (ah cruel deſgraça!) *á parte.*

Dizendo eſtas palavras Syrene, bindo para darlhe a mão, em que tem o lenço, eſte lhe cabe, a tempo que Adolonimo ſabia a embaraçar a acção; porém vendo cabir o lenço, o levanta.

Adol. Ai de mim! Porém o lenço .... *levanta-o.*

Dem. A mim me pertence ſó o levantallo: largа-o. *para elle.*

Pim. Ella eſtá travada; o lencinho ha de chegar aos narizes de alguns. *á parte.*

Syr. Ai, que certamente he Adolonimo! *á part.* Por evitar competencias a ambos o tirarei eu. *tira-o.*

Dem. Com a vida pagarás o teu atrevimento. *pucha por hum punhal.*

Adol. Primeiro ſerá a tua deſpojo da minha ira. *Pucha por outro, e Syrene ſe mete no meio de ambos.*

Rei. Prendão eſſe traidor. *prendem-no.*

Pim. Vamos abalando, antes que chegue por cá a agarratoria. *Vai-ſe.*

Sold.

Sold. Sigão esse mascara, que se ausenta, que tambem veio com o traidor.

Rei. Tirem a mascara a esse atrevido.

Tirão a mascara a Adolonimo.

Rei. He o traidor de Adolonimo.

Dem. Morrerá.

Rei. Suspendei, Demetrio, o valoroso impulso; que quero que pague com huma pública morte seu manifesto atrevimento.

Syr. Ai querido Adolonimo, quem pudera valer-te? *á parte.*

Rei. Dize, traidor inimigo, em que fundaste o teu atrevido arrojo?

Adol. De traidor me criminas, e de inimigo me accusas, quando em nada te offendi; porque o restituir hum lenço ao nevado throno de donde tinha cahido, náo he inimiga acção, nem traidor atrevimento, o querer-me defender com hum punhal de outro, que me pertendia tirar a vida, náo he atrevido arrojo, pois he só natural defeza.

Rei. Seja levado á torre de Palacio, donde sahirá a pagar com a vida a sua temeridade. (Boa occasião tenho de me vingar de Adolonimo por ser opposto comigo ao Reino.) *á p.*

Adol. Ah Rei injusto, e cruel, os Deoses te castiguem.

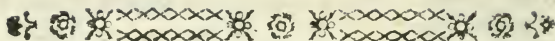
Rei. Demetrio, a tal ira me provocou o atrevimento deste traidor, que determino transferir para o seguinte dia o vosso desposorio, em que esteja mais socegado do presente desgosto.

Dem. Observo obediente o que ordenas.

Syr.

Syr. Já eſta demora ſuaviza de algum modo a minha pena. *á parte.*

A R I A A 4.

Rei. Pagarás com a dura morte
Dem. De hum traidor juſto caſtigo.
Adol. Não obrei como inimigo
Em ſervir....
Rei e Dem. Suſpende a voz
Adol. A Syrene....
Syr. e Adol. Oh cruel dor!
Rei. Vai-te, aparta-te de mim,
Rei e Dem. Antes que já furioſo
Meu impulſo } rigoroſo.
Adol. e Syr. Cruel fado }
Rei e Dem. Execute o ſeu } rigor.
Adol. e Syr. Suſpende tanto }

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sahirá Pimentão de entre humas ramas ainda maſcarado.

Pim. AQui tenho eſtado eſcondido dos que me buſcavão: agora que já não ſinto nenhum dos aguazís, quero hir mudar a pelle, antes que ma curtão, e largar eſta roupa, antes que me cheguem della ao couro. Mas ai, elles comigo; não; he o vento, que alli bolio naquella arvore: forte pavor tive! Ora vamos ſahindo, mas ai deſgraçado de mim, que medo que mamei; e era aquelle paſſaro, que vai voando, e me parecia huma tropa de Cavallaria. Ora deitemos o medo para traz, e vamos andando para diante, que ainda que ouça o que ouvir, já não hei de temer.

Sahem por detraz dous Soldados, e pegaõ nelle.

Pim. Forte pé de vento me lançou a mão.
Sold. 1. Eſtá prezo.
Pim. Valente melro cantou agora.
Quer ir andando.

Sold. 2. Vossê não ouve, que se dê á prizão?

Pim. Vossas marcês perdoem, que cuidei que era algum pé de vento, inda que de todo me não enganei pela trovoada que espero.

Sold. 2. Ora ande, não seja tollo.

Pim. Pergunto eu: vossas mercês a quem querem prender?

Sold. 1. A vossê, seja quem quer que for.

Pim. He boa graça, pois vossas mercês prendem sem saber a quem? E se eu não for eu, e for outro, he justo prender a outro por amor de mim?

Sold. 2. Havemos levar a quem acharmos com esta mascara.

Pim. Pois ella acaso neste Reino he fazenda de contrabando, para se prender a quem se achar com ella?

Sold. 1. Ande prezo, não nos dê razões.

Pim. Pois visto ser prezo contra minha vontade, hão de me levar á força.

Deita-se no chaõ.

Sold. 2. Levemo lo arrastrando: mas elle peza como chumbo.

Pim. Inda agora vossas mercês sabem que sou homem de muito pezo?

Sold. 1. Não vi pezar semelhante!

Pim. Pezem vossas mercês bem o que fazem, para que ao depois lhes não peze.

Sold. 2. Não he possivel levarmo-lo.

Pim. Senhores, eu pela parte materna sou neto de Anthêo, e assim estando na terra, sou mais forte que hum Hercules.

Sold.

Sold. 2. Pois prendamo-lo a esta arvore, em quanto chamamos mais quem nos ajude,

prendem-no.

Pim. Prendão-me embora á arvore, que talvez colhão muito bom fruto disso.

Sold. 1. Prendamo-lo bem porque não fuja.

Pim. Ah Senhores, de manso com esse arroxar; não apertem muito comigo, olhem que desconfio.

Sold. 2. Desconfie embora.

Pim. Quando não desconfie, sempre me deixão bem encordoado.

Sold. 1. Vá em tanto comendo dois limões-sinhos dessa arvore. *Vai-se.*

Pim. E he verdade, que ainda agora eu reparo, que estou já no limoeiro, quando cuidava que apenas estava chegado ao tronco; mas o certo he, que me prendêrão no tronco do limoeiro. Que bellas limas que tem! e he de admirar, que em hum limoeiro, onde ha prezos, se consintão tantas limas; mas a desgraça he, que havendo tantas, não posso eu limar estas prizões; e mais he para sentir que esteja eu feito Tantalo olhando para ellas. Mas ai, que ahi vem outro algoz, se não me engano.

Sabe Çapato.

Çap. Que he isto quem está aqui prezo?

Pim. Sou eu, inda que me não prendêrão por ser eu, senão por ser eu a quem achárão.

Çap. Pois porque o prendêrão?

Pim.

Pim. Porque como agora tudo são defpoforios, tambem me querem cafar á força com a Cadeia.

Çap. Pois com a Cadeia o querem cafar? Oh defgraçado homem que fou?

Pim. Peior he efta agora, o homem deve fer doido. *á parte.*

Çap. E ella quer da fua parte?

Pim. A Cadeia por fi eftá prompta, para receber quem quer que for.

Çap. Ah ingrata! E quem ordena iffo?

Pim. ElRei Eftrato.

Çap. Oh infeliz de mim! quem trocára comigo a fua forte.

Pim. Vou-lhe feguindo o humor, que ifto deve de fer alguma tratada. *á parte.* Iffo meu Senhor tem bom remedio; mudemos os veftidos, e os lugares, mudaremos a fórte; que eu de nenhuma quero a de cafar com ella.

Çap. Dizes bem, vamos a iffo, eu te folto. *folta o.*

Pim. Anda de preffa, antes que me venhão bufcando, e ao depois fique como hum tollo fem fe cafar.

Çap. Já eftás folto.

Pim. Ora vamos para aqui, trocaremos os veftidos. *occultaõ-fe.*

Çap. Não poffo aturar que cafe a gente á força.

Pim. Certamente he mal feito; mas são coufas que fuccedem: dá cá a capa depreffa; pois a rapariga dizem que he huma manteiga.

Çap. Oh que he bella como huma flor.

Pim. Sabe voffê o que nós parecemos? duas crianças.

Çap. Porque ?

Pim. Porque vossê vai-se babando, e eu fico chuchando no dedo.

Çap. De contentamento me está o coração téte, tése.

Pim. Vista isso depressa: o certo he que vossê hoje, meu amigo, hade-se fazer como humas pascoas. Ah cão-sinho! Vamos andando, que póde vir alguem.

Sahem para fóra com os vestidos trocados, e ata Pimentaõ a Çapato.

Çap. Tomára eu já hir diante delRei: atamo depressa.

Pim. Ah perro, que estás já pulando por te veres nessas limpezas!

Çap. Não apertes tanto.

Pim. Ora calle-se, que para isso se ha de regalar hoje muito bem regalado.

Çap. Olha que me feres as mãos.

Pim. Pois vossê queria levar isto ás mãos lavadas.

Çap. Isso he asneira: ai, ai.

Pim. Ahi está; fique-se embora, e logre-se por muitos annos com essa minha Senhora.

Çap. Sempre obrigado por este favor.

Pim. Oh meu amigo, tomára eu prestar para mais. De boa escapei! *á parte.*

Vai-se por huma parte Pimentaõ, e sahem por outra tres Soldados.

Çap. Mas eilos lá vem já buscar-me: oh quanto folgo ter esta fortuna!

Sold. 1. Agora veremos se ha de vir ou não. *desataõ-no, e daõ-lhe.*

Çap.

Cap. De vagar, de vagar, que eu já quero hir por minha vontade.

Sold. 2. Já quer hir por bem? pois ha de amargar o que nos fez. *daõ-lhe.*

Cap. Ah Senhores, vossas mercês querem-me cascar, ou querem me casar?

Sold. 1. Ande magano, verá o que lhe succede. *Vaõ-se.*

SCENA II.

Sala. Sabem Syrene, e Orintia.

Syr. AI de mim! Para onde encaminho os passos, se a cada passo para a morte caminho?

Orint. Não te entregues, Prima, tanto ao sentimento.

Syr. Como não hei de sentir, se considero a Adolonimo prezo, e eu em liberdade?

Orint. Infeliz eu, que perdi a minha por hum ingrato. *á parte.*

Syr. Oh, quando acabareis, desgraças, de affligir-me! *á parte.*

ARIA.

Avesinha solitaria
Saudosa, amante, e triste
Sou nos écos, que repite
De contínuo a suspirar.
E no canto, em que procura
Dar allivio ao seu tormento,
Mais cresce o rigor violento,
Mais se augmenta o seu penar. *Vai-se.*

Orint. Oh como he diverso o meu sentimento do de Syrene; pois ama a quem por ella offerece a vida, e eu morro por quem me aborrece! *Vai-se.*

Çap. De vagar, Senhores, com esses empuxões. *dentro.*

Sold. Anda para diante. *dentro.*

Çap. Ah Senhores, vossas mercês levão-me a casar a baraço, e pregão? *dentro.*

Sahem de huma parte ElRei, e Demetrio, e de outra Çapato, e os Soldados.

Rei. Que vozes são estas?

Dem. He, Senhor, o criado de Adolonimo.

Çap. Deixem-me, que já quero casar.

Rei. Tirem lhe a mascara.

Tirão-lhe a mascara.

Çap. Aqui estou já prompto para casar com quem Vossa Magestade quizer.

Dem. Este he o meu criado!

Rei. Dize-me, porque causa acompanhaste mascarado a Adolonimo?

Çap. Eu, Senhor, não conheço nenhum Bolonio.

Rei. Pois como o acompanhaste dessa sórte?

Çap. Senhor, isso supponho que não he do caso; o que importa he casar eu, que já estou querendo.

Rei. Que louco he este?

Çap. Não se consuma Vossa Magestade que eu já quero casar.

Rei. Levem-no prezo até se averiguar a verdade.

Çap. Para que me hão de prender, se eu já quero casar com a Cadeia?

Dem.

Dem. Senhor, este homem he meu criado, e além da sua simples ignorancia; não he crivel que acompanhasse a Adolonimo, pois nem o conhece.

Çap. Se esse Bolonio, que vossas mercês nomeão, he alguem, que me põe embargos ao casamento, he falso, que eu não devo nada a ninguem.

Dem. Cala-te louco.

Çap. Pois já não querem que caze? Saude.

Rei. Vamos, Demetrio, e visto ser vosso criado, fique livre. *Vai-se.*

Dem. Obedeço, Senhor, obrigado a tantas honras. *Vai-se.*

Çap. Que historia será esta deste Bolonio?

Sold. 1. Meu camarada, bem bolonio he vosse. *Vai-se.*

Sold. 2. Vosse parece que he mui camello. *Vai-se.*

Sold. 3. Meu amigo vosse tem muita carne no cachaço. *Vai-se.*

Çap. Que injurias são estas que ouço! O certo he que aquelle magano devia de me enganar; pois se os que prendem para casar, quando sahem sem capa, sahem com mulher; eu fui tão logrado, que fiquei sem mulher, e sem capa. *Vai-se.*

SCE-

SCENA III.

Torre. Apparece Adolonimo na prizão.

Adol. AI de mim infeliz! ai desgraçado, que a tal fim me chegou o infausto da minha sorte, que só me resta o desesperado fim da minha vida!

Sahe de outra parte Syrene, sem ser vista de Adolonimo.

Syr. Com a chave falsa, que tenho desta torre, entro a ver o meu querido Adolonimo, e aqui occulta ouvirei o que diz. *occulta-se.*

Adol. Que pouco sentiria o trocar-se o ditoso esplendor de minha nobreza pelos duros ferros desta prizão, se ao menos me constasse, que Syrene se compadecia de meus infortunios, e que recusando o consorcio de Demetrio, correspondia ao fino do meu amor! Porém como ha de assim ser, quando a considero constragida por hum tyranno Pai, que achando opportuna occasião á sua vingança, pertende com a minha morte saciar o cruel odio, que me tem? Porém não ha de ser assim, porque primeiro será seu verdugo a minha desesperação.

Tira hum punhal.

Que he bem perca a doce vida quem perdeo a belleza de Syrene. Morre infeliz Adolonimo, pois nasceste só para desgraças: rende o ultimo alento ao rigor deste punhal, já

que

que nem hum só alento te concede a esperança nos rigores de tantas penas.

Quer ferir-se, acode Syrene, e lhe segura o braço.

RECITADO A DUO.

Syr. Suspende, amado bem o fero arrojo;
Não sejas de duas vidas cruel despojo.
Adol. Deixa, bella deidade, deixa, deixa
Pôr fim com minha morte a tanta queixa.
Syr. Attende, a que em tanto desatino
No soffrer se requinta o amor mais fino.
Adol. Já demito da morte o instrumento,
Pois me dá nova vida o teu alento.
lança fóra o punhal.

ARIA.

Adol. Pois me ampara huma deidade,
Já não temo a sorte dura.
Syr. Confia } em que a ventura
Adol. Confiando }
Amb. Nem sempre cruel será.
Adol. Se hoje alcanço o teu amparo,
Syrene adorada, e bella,
Não temo } a infausta estrella
Syr. Não temas }
Amb. Que nem sempre he firme o mal.

Adol. Ainda duvído (adorado simulacro do meu amor) que mereci no mais propinquo instante da minha morte alcançar o maior amparo da minha vida; e quasi não creio, que che-

go a gozar tanto bem, quando me confiderava na maior afflicção do meu mal.

Syren. Não me ferá precifo, querido Adolonimo, manifeftar-te, o quanto te quero, pois o prefente effeito da minha fineza dá cabal moftra do meu amor; e delle obrigada entrei a ver-te nefta torre quando admirei a impaciente temeridade, que intentava teu afflicto peito; e affim te peço (fe alguma coufa te mereço) pelo que te adoro, fuavizes com a efperança de melhor forte o cruel tormento da tua defgraça; porque o infortunio ás vezes fe cança de perfeguir, e tambem no mal he inconftante a fortuna.

Adol. Não he a prizão que padeço, nem a morte que efpero, a maior pena que finto; fó o que me atormenta he o ver, que outrem te ha de gozar, quando eu te perco. Ai adorado bem da minha alma, que fó efta confideração he o maior algoz da minha vida.

Syr. Vive feguro, que ou hei de fer tua, ou de outro não hei de fer; para o que procurarei melhor occafião de te dar liberdade: fica-te embora, que receio que me procurem.

Adol. Attende, efpera, que effas palavras forão o mais poderofo contraveneno de meu mal; e fe fe manda repetir o remedio, que caufa conhecida melhora em qualquer corporea enfermidade, he jufto o mefmo faças a effas palavras, que tanto fuavifárão a efta alma enferma de amor.

Syr. Digo, que pódes ter a certeza, que antes

per-

perderei a vida, que deixar de ser tua: os Deoses te guardem. *quer ir-se.*

S O N E T O.

Adol. Espera, espera mais, Syrene amada,
Communica-me hum pouco esta ventura;
Porque perde o valor de ser segura
A dita, que fugio, quando chegada.
Syr. Permitte, que me ausente violentada;
Pois neste apartamento amor procura,
Que antes sinta a saudade a pena dura,
Do que fique a esperança mal lograda.
Adol. Vai-te pois, segue embora esse conceito,
Que posto queira a sorte hoje ausentar-te,
Sempre ficas comigo no meu peito.
Syr. Fica-te, amor, que ainda que aparte
A esperança com tão tyranno effeito,
Comigo dentro n'alma hei de levar-te. *Vai-se.*

A R I A.

Adol. Alviçaras, amor,
Minha dita hoje decanta;
E se minha gloria he tanta,
Alviçaras me dá.
Larga as settas, toma a tuba,
Publica tanta victoria
Pois timbre da tua gloria
Esta victoria será. *Vai-se.*

SCENA IV.

Jardim. Sahe Pimentão com o vestido da primeira Scena, e com huns alforges.

Pim. COmo meu amo falta desde hontem no jardim, antes que se saiba com a falta delle que era eu, o que fiz, e aconteci, vou-me escapando daqui, antes que venha alguem por cá; pois já que me livrei de huma, bom será não me metter n'outra. Aqui levo de caminho o fato daquelle bom homem, que tão solto andava por se receber, que se quiz casar com hum tronco; ainda que me não admira, pois lá houve hum que quiz casar com huma arvore, outro com huma estatua de pedra, outro com huma pintura &c. que isto não he para mim que sou hum asno.

Sahe Cadeia.

Cad. Vosse o diz, que eu não o nego.

Pim. He porque vossa mercê me traz por hum cabresto; ainda que quando a vejo, me parece que ando bem desencabrestado.

Cad. Vosse não servio a Adolonimo?

Pim. E tambem se vossa mercê se quizer servir de mim, a servirei como puder.

Cad. Pois vá-se antes que o achem, e o prendão.

Pim. Não me acharáõ facilmente, porque estou mui perdido.

Cad. Está perdido?

Pim. Sim, no labyrintho desses olhos.

Cad. Vá-se, que não o entendo, senão eu me hirei.

Pim. Ouça primeiro huma historia neste

so-

SONETO.

Era huma vez hum dia; ſim, bem digo:
Era hum dia huma vez: vai ſenão quando
Hia hum moço bizarro caminhando
A buſcar n'uma caſa a hum ſeu amigo:
Olhe, menina, ás vezes hum perigo
Se levanta dos pés não ſe cuidando;
Mas ai que vão ſe as quadras acabando!
Agora nos tercetos eu proſigo.
Hia elle direito como hum eſpeto
Que eſta moda, Senhora, já ſe uſava
De andar hum homem feito hum eſqueleto:
Ora ha caſo como eſte! he couſa brava!
Que já agora no reſto do Soneto
Não me cabe a hiſtoria que contava.

Cad. Iſſo he o meſmo que tudo nada entre dois pratos; deixe-me hir embora, que o não poſſo ouvir.

Pim. Ora ouça-me mais duzentos, ou trezentos ſonetos.

ARIA.

Cad. Cale-ſe tolo, tolinho.
Pim. Oh meu bemzinho.
Cad. Oh meu aſninho,
Pim. Denguinho,
Cad. Burrinho,
Ambos. Não digas tal.
Cad. Va-ſe embora aſneirão.
Pim. Meu coração.

Cad.

Cad. Meu toleirão.
Pim. Minha affeição.
Cad. Basbaqueirão.
Pim. Bafte ora } já.
Cad. Cale-fe } já.

Sabe Çapato.

Çap. Bom! bonito! Iſſo eſtá lindo, meus Senhores! Eſſas galhofinhas não são más! nem eſſes faltinhos, minha menina!

Cad. Pois por ventura, Senhor Çapato, eſtes faltos são da ſua conta?

Pim. Ai que eſtou perdido, que he o caſador mór do Reino! Mas talvez que me não conheça. *á parte.*

Çap. Voſſa mercê, Senhora Cadeia, tem muita ſoltura.

Cad. Voſſa mercê, Senhor Çapato, ha de miſter huns cordeis.

Çap. Quem he eſſe ſojeito, que tambem bailava por concomitancia?

Pim. Ei-lo comigo. *á parte.*

Cad. He ſujeito de melhores predicados que voſſê.

Çap. Não a quizera eu no reſponder tão logica.

Cad. Não o tomára eu no inquirir tão juridico.

Çap. Mas ai! Elle he! Oh meu cavalheiro? *para Pim.* He o meſmo! *á parte.*

Pim. Falla comigo?

Çap. He o meſmo! Oh magano que me enganou.

Pim. Com quem falla eſte Senhor? *para Cad.*

Cad. Eu ſei que ſalvage he elle.

Çap. Não disfarce, velhaco, que me ha de pagar o que me fez.

Pim.

Pim. Vossa mercê está em seu juizo, meu coração?

Çap. Ainda nega que foi o que me prendeo, dizendo, que o queriáo casar com essa menina?

Cad. Ai que graça!

Pim. Já sei que está enganado. A's suas ordens, meu Senhor. *faz que se vai.*

Çap. Tenha máo, que ha de vir diante delRei. *pega nelle.*

Cad. Antes que succeda alguma, vou-me embora. *Vai-se.*

Pim. Vossa mercê devia jantar hoje bem. Pois vá cozello com quem quizer.

Çap. Cuida que me náo ha de pagar as injurias, que me fez soffrer?

Pim. Sim pagarei; quanto quer por ellas?

Çap. Vossé logra-me? Ande comigo.

Pim. Large a máo, senáo levará nos narizes.

Çap. Oh atrevido.

Pim. Pois á que náo larga, tome. *da-lhe.*

Çap. Ah que delRei, ah que delRei.

Pim. Cale-se, cale-se, que eu estava zombando.

Çap. Ah que delRei.

Sahem ElRei, e Demetrio.

Rei. Quem lá aqui vozes?

Pim. Lá vai Pimentáo desta vez. *á parte.*

Çap. Este he o magano que me enganou com o casament.

Dem. Este he o criado de Adolonimo, que eu bem o conheço.

Pim. Eu, Senhr?

Dem.

Dem. Sim, tu és.

Pim. Sim tu és? Pois então eſtá feito.

Rei. Dize-me, a que entraſte maſcarado com teu amo?

Pim. Entraſte maſcarado? Nunca taes traſtes tive.

Rei. Oh da guarda, levem eſte criado de Adolonimo para a prizão, para que tambem o acompanhe na morte. *Vai-ſe.*

Sahem Soldados.

Çap. Já vou ſatisfeito, e vingado. *Vai-ſe.*

Pim. O tal Çapato deo comigo á ſola. *á part.*

Sold. 1. Vamos andando.

Dem. Levem-no já dahi, que na forca confeſſará quem he ſeu amo.

Pim. Na forca quem he ſeu amo? Pois então ſou ſeu criado. *fazendo corteſias.*

Sold. 2. Ande depreſſa.

Pim. Ah Senhores, eſcuzem de me metter as mãos nos alforjes.

Sold. 1. Que diz? Voſſê ſabe com qem falla?

Pim. Sim Senhores, eu ſupponho que oſſas mercês são como aquelles excellentes agarradores, que agarrão não ſó aos prezos, mas tambem as alfaias, que elles trazem comſigo. *Vai-ſe com os ſoldados.*

Dem. Oh quanto ſe demora hum ventura, quando he appetecida! pois pelo eſgoſto que cauſou a ElRei o traidor atrevimnto de Adolonimo, ſe tem dilatado a glori que ja podia ter poſſuido; e aſſim me parec que ſou...

A R I A.

Navegante, que aviſtando
Ao porto appetecido,
De tormenta combatido,
Perde a terra deſejada.
Rigoroſa tempeſtade
Me aſſaltou de huma desdita,
Dilatando-me huma dita,
Que podia ter lograda.

Sahe Orintia.

Orint. Já vejo a Demetrio: Ah ingrato, quanto mal pagas o que te quero! *á parte.*

Dem. Mas Orintia dias ha que dá a entender que me ama; porém fingirei que não a entendo, pois perco o Reino de Sydonia, ſe perco a Syrene. *á parte.*

Orint. Penſativo eſtás Demetrio? já no cuidadoſo pareces caſado, quando na realidade ainda o não és.

Dem. Sempre deve eſtar triſte, quem ſe vê mal acceito.

Orint. Não he porque deixe de haver quem deveras te ame.

Dem. Bem entendo, que por ſi o diz; mas importa disfarçar. *á parte.* Não me conſidero tão venturoſo. *para Orintia.*

Orint. Se deixares de amar a Syrene, muito brevemente me parece que o verás.

Dem. Auſentando-me atalharei que ſe declare mais. *á parte.* Vem tão tarde eſſe conſelho,

que

que já não o poſſo aceitar: concedei-me, Senhora, licença que ElRei me eſpera.

para Orintia. *Vai-ſe.*

Orint. Vai-te, ingrato; amor me vingue de ti, já que pelo limitado intereſſe de hum Reino deſprezas o grande Imperio de amor. Não te fora melhor reinar em hum coração rendido; que aſpirares ao dominio de hum peito, que te reſiſte?

A R I A.

Demetrio ingrato, e querido,
Se ao reinar deſejoſo
Te moves ambicioſo,
Em meu peito reinarás.
Amor o ſeu vaſto Imperio
Das potencias te offerece,
Com os theſouros te enriquece
Dos affectos em te amar. *Vai-ſe.*

S C E N A V.

Torre. Sahe Adolonimo.

Adol. OH penoſo tormento! oh rigoroſa pena! quando acabareis de affligir-me? Porém já ſei que brevemente tereis fim, pois por inſtantes eſpero a morte, e ſó niſto vos conſidero mais ſuaves, porque nas penas ſe encontra o allivio, na certeza de ſerem as ultimas, e no mal ſe acha o bem da eſperança de durar pouco.

Sahe de outra parte Syrene.

Syr. Para ver ſe poſſo pôr em liberdade a Adolo-

lonimo (ſe he que póde dar liberdade a outrem quem perdeo a propria) venho ſegunda vez a eſta Torre. Oh permitta Jupiter que conſiga meu amante intento. *á part.*

Adol. Ah Eſtrato, que tu és o extracto de toda a tyrannia!

Syr. Livrando-o deſta prizáo, poſſo ter mais eſperança de ſer ſua. *á parte.*

Adol. Adorada Syrene, o mais reſplandecente aſtro do Ceo da formoroſura, como a Sol vos feſteja a minha alegria, quando com a voſſa viſta deſterrais as ſombras da minha triſteza.

Entra ElRei recatando-ſe, e Syrene o vê, e não Adolonimo.

Rei. Seguindo a Syrene aqui occulto ouvirei a que fim entrou neſta Torre; que ſe for traidora ao ſangue, que lhe communiquei, com hum punhal lho hei de tirar das veias! Ah ingrata filha! *retira-ſe.*

Syr. Ai de mim infeliz, que ſe não me engano, a meu pai vi alli occultar: agora ſe conjurou toda a deſgraça contra mim. *á parte.*

Adol. Abſorto eſtou, Senhora, do voſſo ſilencio.

Syr. Não póde chegar a mais a minha deſdita, nem eu podia eſperar menos da minha fortuna. *á parte.*

Adol. Muito triſte eſtá Syrene! que ſerá! *á p.*

Syr. Não ſei que hei de fazer: valei-me Deoſes em tanto rigor. *á parte.*

Adol. Se vindes, Senhora, dar-me a noticia da minha morte, não duvideis lêr a ſentença;

ça ; porque já nenhum mal me aſſuſta o coração.

Syr. Porém ſe me der lugar a perturbação, fingirei deſte modo. *á parte.* Bem ſei, atrevido Adolonimo, tereis por novidade o veres-me neſte lugar ; porém aſſim o permitte a minha ira, e a voſſa ouſadia. *para Adolonimo.* (Oh quem pudera avizallo que disfarçaſſe.) *a p.*

Adol. Que he iſto, valhão-me os benignos Deoſes. Ou me tem louco a pena, ou apenas eſtou em mim. *á parte.*

Syren. E aſſim vos quero perguntar, com que intento ſahiſtes a embaraçar o deſejado deſpoſorio, que ditoſamenre contrahia com Demetrio. Oh que mal poſſo pronunciar eſtas palavras ! *á part.*

Adol. Como não eſtallas coração dentro deſte deſgraçado peito ! *á part.*

Syr. Oh piedoſo Jupiter remedêa compaſſivo o perigo, em que eſtou. *á parte.*

Adol. Ah mudavel, ah falſa ! Eſta he a liberdade que me prometteſte dar ? *á part.* Tyranna deidade, ſe... *para Syren.*

Syr. Nem repoſta vos quero ouvir, porque baſta para ſatisfazer-me a vingança, que hei de conſeguir com a voſſa morte.

Adol. Impia he a voſſa cruel ſentença, pois nem me permittis o reſponder, por temeres vos convença a minha juſtiça.

Syr. Ai Adolonimo ſe conhecceſſes o meu interior ! *á parte.*

Adol. Não he eſte meſmo o lugar onde ouvi que.... *Syr.*

Syr. Não profigais, que mais me offendem as defculpas que pretendeis allegar.

Adol. Oh penas, poderá chegar a mais o voffo effeito? *á parte.*

Syr. Oh rigores, poderá haver em vós mais tyrannia? *á parte.*

Adol. Como não tem já fim efta vida, que tanto aborreço?

Syr. Valei-me Deofes, que não póde o coração diffimular tanta mágoa. *á part.*

Rei. Como já fei o fim, a que veio Syrene, quero entrar outra vez claramente, porque não prefuma a minha defconfiança. *á part. e vai-fe.*

Adol. Senhora, em que vos offendi? Se o exceffo de adorar-vos.

Syr. Sufpende o aleivofo éco. (Ai de mim que fe declara! *á parte.*

Adol. Permitti-me ao menos o queixar-me de tão . . . . .

Syr. Emmudece.

Adol. Repentina mudança!

Syr. Não profiga mais o voffo atrevimento.

Eftrondo na porta da Torre, e entra ElRei.

Adol. Mas quem ferá o que entra? Porém ElRei..

Syr. Como he poffivel, (ai de mim!) que meu Pai entre agora, quando eu cuidava que me eftava ouvindo. *á parte.*

Rei. Como affim vos vejo, Syrene, nefta torre, quando a ella me conduz o faber fe eftão feguras as prisões de Adolonimo?

Syr. Senhor, com a chave, que tu não igno-

ras tenho desta torre, entrei a estranhar a esse sementido o seu atrevimento, e assim aos teus pés, se nisto errei... *ajoelha.*

Rei. Levantai-vos, e ainda que vos não louvo a acção, vo-la perdo-o, até averiguar com cautella se he assim. *á parte.*

Adol. Como tardas, oh Rei, em me despojar deste alento que respiro?

ARIA A 3.

Rei. Vai-te oh Barbaro insolente.
Aparta-te de mim.
Adol. Se offender não foi meu fim,
Em que te offendi } traidor.
Rei e Syr. Pois te conheci }
Rei. Em iras respira o peito.
Syr. Mal me animo. *á part.*
Adol. Mal me alento. *á parte.*
Não foi traidor meu } intento.
Rei. e Syr. Mas ao teu traidor }
Adol. Para haver tanto } rigor.
Rei. e Syr. Corresponda o meu. }
Vão-se.

ACTO III.

SCENA I.

Sala. Sahem ElRei, e Cadeia.

Rei. AQui pertendo averiguar a ſuſpeita, que me ficou de encontrar na torre a Syrene; e ſe me certificar do que preſumo, ha de desfazer com o ſangue a mancha do ſeu deſcredito. *á parte.*

Cad. ElRei trazer-me para aqui ſó comſigo, que ſerá? Eu huma moça donzella, e elle hum homem viuvo, iſto he alguma couſa. *á parte.*

Rei. Deſta criada hei de ſaber ſe quer bem a Adolonimo. *á parte.*

Cad. Ai que elle olha muito para mim! certos são os touros; pois ſe elle deſſe em me querer bem, e me fizeſſe Rainha, eu me vingaria de certas peſſoas que ſei. *á part.*

Rei. Quero primeiro levalla por bem; e o que não puder com agrados, conſeguirei com rigores. *á parte.*

Cad. Elle tem pejo de me fallar, pois eu tambem me hei de fazer muito de manto de ſeda. *á parte.*

Rei. Vem cá minha Cadeia.

Cad.

Cad. Que me quer Voſſa Mageſtade? (Ai he o que eu digo.) *á parte.*

Rei. Bem ſei terás por novidade o chamar-te aqui.

Cad. De contentamento me eſtão tremendo as pernas. *á parte.*

Rei. Porém a ira, e o amor tudo deſculpa.

Cad. Ai que ahi ſe declarou, que me tem amor: oh que ditoſa que ſou. *á parte.*

Rei. Tu bem ſabes que ſou Rei de Sydonia.

Cad. Bem ſei que Voſſa Mageſtade póde fazer Rainha a quem quizer.

Rei. E que poſſo gratificar todo o affecto de quem me fizer o goſto.

Cad. Sim, mas Voſſa Mageſtade bem ſabe que ſou huma moça donzella.

Rei. E aſſim de ti eſpero, que me has de aqui deſcubrir o teu peito.

Cad. Ai Senhor, deſcubrir o peito aſſim ſem mais, nem mais?

Rei. E ſe o fizeres, como pertendo, eſpera de mim todo o premio, que podes appetecer.

Cad. Não ſei ſe será bom pedir-lhe eſcrito de caſamento? *á parte.*

Rei. Ah ingrata filha! *á parte.*

Cad. Deſta vez fico Rainha, e minha ama feita minha enteada. *á parte.*

Rei. E aſſim ſupponho ſabes o que pretendo, em querer me deſcubras o teu peito!

Cad. Se Voſſa Mageſtade me quizeſſe fazer hum eſcrito, já ſe ſabe....

Rei. A minha palavra he a propria eſcritura.

Cad. Sim, Senhor, mas o prometter he mais facil, que o pagar.

Rei.

Rei. Pois presumes que eu poderei faltar ao que prometto?

Cad. Não Senhor, mas como ha morrer, e viver....

Rei. Fia de mim toda a segurança.

Cad. Olhe, a fallar a verdade, Vossa Magestade sempre necessitava de quem lhe governasse a sua casa, mas a Senhora Syrene não ha de gostar, em sabendo que que eu cá...

Rei. Não receies a Syrene, pois te basta o teresme da tua parte.

Cad. Ora ahi vai, e veja lá ao depois...

Rei. Nada temas.

Cad. Isto são mãos perdidas. *á parte.* Ahi lhe faço já o gosto, ahi lhe descubro o peito.

Ao dizer as seguintes palavras descobre o peito, e torna a cubrillo.

Cad. Ora eis-ahi, eis-ahi, ora pois, vio já? Como he maganão! *melindrosa.*

Rei. Que louca he esta! Pois não presumas com esses nescios disfarces, que deixarás de pagar com a vida, se me não descubrires, se Syrene ama a Adolonimo.

Cad. Que he isto! oh desgraçada de mim! *á p.*

Rei. Prepara-te, ou para morrer, ou para confessar.

Cad. Oh quem se pudera sepultar debaixo do chão. *á parte.*

Sahe Demetrio.

Cad. Vio-se alguem em maior aperto? *á part.*

Rei. A que má occasião vem Demetrio! Porém importa disfarçar, para que não presuma o que intento saber de Syrene. *á parte.*

Dem. Senhor, Vossa Magestade tão suspenso?
Cad. Boa occasião tenho de escapar daqui.
á parte e vai-se.
Rei. Em que cuido, Demetrio, he que esse traidor em todos os modos seja hoje vil despojo de hum cutéllo.
Dem. Como o ordenaste, hoje ha de morrer com o criado.
Rei. Pois vamos que hoje será tua Syrene. *Vai-se.*
Dem. Oh premitta amor que veja o fim a tanta esperança.

A R I A.

Louca esperança minha
Da posse, que não se alcança,
Creio que és louca esperança,
Pois louco estou de esperar.
Quando ha de chegar a posse
Desse peregrino encanto?
Mas como o desejo tanto,
Muito tarde ha de chegar. *Vai-se.*

S C E N A II.

Torre. Sahe Adolonimo, e depois Pimentaõ.

Adol. AH ingrata Syrene, que mais sinto a tua falsidade, do que a morte, que por instantes espero! Em que te offendi, tyranna, para tão repentinamente fazeres tal mudança? Estas são as firmezas que me promettesse? Esta a constancia que me juraste?
Pim.

Pim. Ai que me matão ſem remiſsão! Ai que me enforcão ſem appellação, nem aggravo! *gritando.*

Adol. Suſpende, Pimentão as queixas, que não he valor temer a morte.

Pim. Eu ſe eſtranho o morrer, he por ſer a primeira vez que tal me ſuccede.

Adol. Oh quem antes mil vezes morrêra, que experimentar a falſidade de Syrene!

Pim. Ah tal ſyrenear! Eu, Senhor, te confeſſo, ſem ceremonia, que já não poſſo ouvir a ſerenata, com que ſempre tão ſereno, me eſtás ſerenicando o cerebro.

Adol. Oh quem já com o fim da vida puzera limite a tantas penas!

Pim. Deixemos iſſo, e dize-me em tua conſciencia (ſe he que a tens, pois me chegaſte a eſtes termos) eu tenho já cara de enforcado?

Adol. Bem ſei que tens razão de te queixares de mim; porém perdoa-me.

Pim. He muito boa conſolação eſſa; mas eu te prometto que já agora ſim morrerei por eſta vez, mas affirmo-te que não hei de ſervir mais a ninguem.

Adol. A compaixão me move a tua deſgraça.

Pim. Se deſſa compaixão mais cedo te tivéras movido, não ſeria eu agora infeliz aborto do parto da tua temeridade.

Adol. Ah cruel Princeza! ah tyranna!

Pim. Tornamos á vaca fria da Princeza?

Adol. Oh quanto me paracia ſerem os peitos nobres iſentos de enganos!

Pim. Senhor, deixa-te disso, e dize-me se isto de ser enforcado he cousa que doa muito?

Adol. He morte, além de violenta penosa.

Pim. Ai meu rico pescço do meu coração, que te has de hoje ver em tão grande aperto!

Adol. Pena me causa o ouvillo! *á parte.*

Pim. Ah Senhor, dizem que huma cousa tem de boa os enforcados, e he que tanto que lhe apertão o gasnate, nunca mais gastão em comer, nem beber.

Adol. Louco te faz a imaginação da morte.

Pim. Não vêz, Senhor, que diz Aristoteles, que *imaginatio facit casum.*

Adol. Tens razão.

Pim. E me parece que estou já enforcado *per intellectum.*

Adol. Ai, Syrene mudavel! ai inconstante Syrene!

Pim. E o peior he, que logo o havemos ser *à parte rei.*

Adol. Que dizes?

Pim. Que logo havemos ser enforcados da parte delRei.

Adol. Tomára eu já que este fora o ultimo instante da minha vida.

Pim. Olha Senhor, que he morte além de violenta, penosa.

Adol. A morte sempre he tormento,
Sendo breve, he menos mal,
Mas he pena sem igual
O morrer a fogo lento:
He este modo violento,

E he morte mais rigorosa;
De seu fim tarde se gosa,
Sendo no muito que atura,
Por dilatada, mais dura,
Por continua, mais penosa.

Pim. Adverte, Senhor Adolonimo, que estas casas são izentas de Decimas; mas visto seres tu tão grandioso, eu tambem quero pagar a que me toca, por descargo de minha consciencia.

He possivel, que louvar
Se use o morrer desta sorte!
Pois eu semelhante morte
Já mais a pude tragar:
Morrer hum homem no ar,
Qual de dependura hum cacho,
Nenhuma graça lhe eu acho;
Nem póde por vida minha,
Passar-me a tal mortezinha
Da garganta para baixo.

Adol. Oh morte, como não voas para este infeliz, se sabes que das minhas penas pódes fabricar duplicadas ázas!

Pim. Oh morte, máos raios te partão, pois partes como hum raio contra mim.

ARIA.

Adol. Desesperado, confuso,
Louco, e enfurecido
Busco cégo e já perdido
Qual remedio ao mesmo mal:

Abor-

Aborreço a cara vida,
De todo o bem desespero,
E até da morte que espero,
Me atormenta o esperar. *Vai-se.*

Pim. Olha, Senhor, que he morte além de violenta, penosa. Mas foi-se desesperado de esperar a morte, quando a minha desesperação he porque a espero. Mas ai enforcado de mim, que se não me engano a hi sinto já vir os algozes! E que estrondo vem fazendo estes medonhos archeiros da morte, racionaes gravatas do cachaço humano!

Sabe Çapato com huma condessa.

Pim. E o que vem por guia he o cruel Çapato, que por lhe eu metter duas pallas me tem posto no calçado velho.

Çap. Ora que vai de novo, meu amigo?

Pim. Vem ahi os mais camaradas enforcatrizes?

Çap. Não se assuste que não lhe faltará huma hora em que morra; e por agora venho só trazer-lhe este conforto, que no dia da morte se costuma dar aos padecentes. Ahi tem para seu amo, e para vossè, que lhe faça muito bom proveito.

Pim. Assim lho faça a vossè quanto comer em seus dias.

Çap. Ahi tem, leve a seu amo que eu espero pelos pratos, que me são precisos; e não se desconsole que logo ha de acabar os dias da sua vida.

Pim.

Pim. Ah perro, que te cahio a ſopa no mel para a vingança. *á part.*

Çap. Ora diga-me ſo Pimentão; todavia reſolveo-ſe a caſar com a Senhora Cadeia? Que tal ſe acha com eſſe matrimonio?

Pim. Ainda eſpero que voſſê me ponha embargos.

Çap. Ora não diga iſſo, que a noiva he muito ſizuda, encerrada, e muito rica, porque tem muito ferro, ainda que ſem letra.

Pim. Bem pudéra voſſê fazer-me neſte dinheiro algum troco, trocando-ſe comigo.

Çap. O trocado ha de voſſê hoje dançar no ar.

Pim. Antes cegues que tal vejas. *á part.*

Çap. Ah cãoſinho, que hoje te has de fazer humas paſcoas, e a mim me não hão de faltar prazeres de te ver.

Pim. Cale-ſe, que ainda não ſabe o que ſerá de voſſê.

Çap. Ora ande, que he hum aſno; tão máo he ver o enterro em vida? E para que veja como ſou ſeu amigo, eu meſmo lhe levarei hum banquinho para voſſê o hir vendo com mais deſcanſo.

Pim. Que me não poſſa eu vingar deſte velhaco! *á part.*

Çap. Ah perro, que eſtás pulando por te veres ja neſſas limpezas.

Pim. Não me logre, Senhor Çapato, que ainda o poderei apanhar deſcalço.

Çap. Já agora ſeguro eſtá o barco.

Pim. Mas ter mão, que já dei em huma boa.

Eu

Eu trouxe nos alforges o veſtido , que elle comigo trocou , que he ſemelhante ao que traz , com o qual eſpero eſcapar da morte , e vingarme delle. *á part.*

Çap. Não cuide niſſo , ſe he que lhe dá pena.

Pim. Não me dá ſenão goſto. Ora eu vou levar a condeça , e em tanto póde retirar-ſe para aquella ſalla , que tem aſſentos.

Vai-ſe com a condeça.

Çap. Não preciſo de aſſentos , porque agora bem deſcançado eſtou , porque me vejo livre de ti. Vai , que bem vingado me chego a ver das injurias que me fizeſte paſſar. Veremos agora ſe te trocas comigo ; mas já eſtou diſſo ſeguro , e hoje me regalarei de te ver pernear em huma forca. Ora vejamos iſto cá por dento. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Campo. Diz dentro Pimentão.

Pim. COm licença , Senhores guardas. *dentro.*

Sold. Não quizerão comer ? *dentro.*

Pim. Peior he eſta , ſe agora reparão em mim. *á part.*

Sold. 2. Pois venha , que nós lhe aliviaremos o pezo. *dentro.*

Pim. Eſteião quietos , não brinquem comigo.

Sold. 1. Ora venha ao menos huma pinga.

Pim. Eſtá boa impertinencia ! deixem-me hir em cortezia.

Sold. 2. Deixa-o hir , que iſſo he hum ſalvage.

Sabe

Sahe Pimentão com o veſtido de Çapato, com a condeça.

Pim. Mais ſalvages são voſſês, que os logrei. Já o maior perigo he paſſado; o que importa agora he não encontrar alguem, que me conheça, que bom foi guardar eſtes trapinhos, que tanto agora me ſervem, e lá fica o miſeravel em meu lugar.

A R I A.

Se quem tem capa
Sempre ſe eſcapa
Eu eſcapei,
Porque alcancei
Verme com capa.
O meu Çapato
Fica fechado
E bem logrado
Se ha de achar.

Sahe Demetrio, e vê a Pimentão.

Dem. Se não me engano, a Çapato vejo vir da torre.

Pim Ai deſgraçado de mim, que aquelle, ou he Demetrio, ou o diabo por elle. *á part.*

Dem. Chamallò-hei para lhe perguntar o que faz Adolonimo, que certamente me compadeço da ſua deſgraça; pois não ſe ſatisfaz a ira de hum nobre, ſendo vingada por outrem.

Pim. Ai que me atalha os paſſos! Agora acabo de crer, que ſou deſaventurado. *á parte.*

Dem.

Dem. Çapato ?

Pim. Senhor, lá vou para casa. *andando.*

Dem Ouve o que ti digo.

Pim. Vou agora carregado, não me posso deter.

Pim. Espera, que tenho que dizer-te.

Pim. Ora deixeme aqui : ah tal impertinencia! *vai andando.*

Dem. Tu não ouves o que te digo?

Pim. Deixe-me hir lá pôr isto, já venho. Não há mais remedio que fugir a bandeiras despregadas. *á parte.*

Vai para fugir, sahem-lhe ao encontro Çapato, e e dous Soldados.

Çap. Este he o magano, agarrem-no depressa. *pegão nelle Çapato, e os Soldados.*

Dem. Que he isto, oh Çapato ?

Çap. e Pim. Senhor ?

Dem. Respondem-me dous! Que he o que vejo?

Pim. He hum par de Çapatos.

Çap. He este magano que me tornou a enganar segunda vez.

Dem. Dize me, insolente, como sahiste da prizão em que estavas ?

Pim. Eu digo a vossa mercê: assim deste modo. *querendo fugir.*

Dem. Adverte que te despojarei da vida, se intentares a minima repugnancia.

Pim. Não he preciso vossa mercê molestar-se com isso.

Çap. He bem desavergonhado!

Dem. Quem te deu esse vestido ?

Pim.

Pim. O ſeu criado, quando queria caſar.

Dem. He poſſivel que enganaſſes a mais de quarenta guardas que tem a torre!

Pim. Elles he que ſe enganárão comigo.

Sold. 1. Senhor, como vimos o meſmo veſtido, e a condeſſa do que entrou, era facil o engano.

Çap. E ſem duvida eſcapava, ſe eu admirado da tardança o não buſcára.

Dem. Levem-no para a torre, e tenhão vigilancia com eſtes prezos, que são de grandes aſtucias.

Pim. Vamos, que por mais que queira livrar eſte maldito peſcoço, he eſcuſado, porque já vejo que naſceo para garrote.

Vai-ſe com os Soldados.

Çap. Ah Senhor, vamonos depreſſa, que ainda aqui me não dou por ſeguro. *Vão-ſe.*

SCENA IV.

Sala. Sabe Syrene, Orinta, e Cadeia.

Cad. EU, Senhora, cuidava outra couſa, e o que elle queria perguntar era, ſe tu querias bem a Adolonimo; e ſe não entra Demetrio, temos muita lá que tingir.

Orint. Ai Demetrio ingrato, quanto mal agradeces o que te quero! *á parte.*

Syr. Ai Cadeia, logo eu prezumi, quando meu pai me vio na torre, que elle ficava ſuſpeitando o meu intento, que por disfarçallo

me

me parece deixei a Adolonimo duvidoſo da minha firmeza.

Cad. E já elle me queria matar, ſe eu não confeſſaſſe.

Syr. Porém pouco ſinto tudo iſſo em comparação da pena irremediavel, de que dizem, que logo Adolonimo .... não me atrevo a proferillo. *Chora.*

Orint. Não te entregues, Prima, tanto á pena.

Cad. Senhora, que remedeas tu com tantos exceſſos? Por ventura com chorares tanto ha de deixar de morrer?

Syr. Suſpende a tyranna voz (ai de mim!) pois ſe não poſſo proferir eſſa cruel palavra, menos á poderei eſcutar.

Cad. Talvez que viva .....

Syr. Aſſim mo diz o meu coração; que ſe foſſe tão tyranno para comigo, que me diſſeſſe o contrario, eu meſma o arrancára do peito.

Cad. Tyranna eſtás até para comtigo.

Orint. Oh permittão os Deoſes que Adolonimo viva; pois em quanto elle não morre, vive em mim a eſperança de ſer de Demetrio. *á parte.*

A R I A.

Syr. Inimiga de mim propria
A triſte vida aborreço;
Só a morte he que appeteço
Por allivio a tanto mal.
Fim não vejo ao meu tormento,
Pois que em tanto padecer

Não

Nem acabar de morrer
Posso comigo acabar. *Vai-se.*

Cad. E tu, Senhora, como estás com os amores de Demetrio?

Orint. Ai Cadeia, amando cada vez mais, e esperando cada vez menos.

Cad. Pois para que te pozeste a amar a quem te não quer?

Orint. Eu te digo a causa.

Cad. Já sei o que pertendes fazer; eu ando meia ariada, tu a gora me queres embutir mais essa aria para me ariares de todo.

ARIA.

Orint. Violenta me impellio
Amor cego, e Deos tyranno,
Tão cruel, e deshumano
A hum ingrato adorar.
O não ser correspondida
Desdita he da minha sorte
E deste rigor tão forte
O remedio he só penar. *Vai-se.*

Cad. Que te faça muito bom proveito. *Vai-se.*

SCENA V.

Porta da Torre, e Campo, aonde estará huma forca para Pimentão, e hum cadafalso para Adolonimo. Sahe Pimentão a enforcar com algoz, e Soldados junto delle.

Pim. REqueiro a vossas mercês, que quero hir de meu vagar, já que vou violento.

Sold.

Sold. 1. Venha como quizer, que hoje lhe havemos fazer todas as vontades.

Pim. Aceito a palavra. Pois eu tenho vontade de me hir daqui embora.

Algoz. Isso não, meu amigo.

Pim. Quem he este mestre das reparações, que aqui vem á minha ilharga?

Sold. 2. He o verdugo.

Pim. Pois então requeiro que não quero hir com elle.

Sold. 1. Porque razão?

Pim. Porque neste tempo he crime andar com verdugos.

Sold. 1. Não lhe dê isso cuidado.

Pim. Tambem me não ha de causar pena não saber eu porque carga de agoa me enforcão?

Sold. 2. Deixe-se disso, e vamos andando.

Pim Ora senhores, deixem-me descançar, e tomar algum alento.

Sold. 1. Sim, mas por pouco tempo.

Pim. Tomára-me eu fortalecer com huma gota de licor tavernal.

Sold. 1. Não deixará de satisfazer esse desejo.

Pim. Só por esta piedade se póde ser enforcado.

Sold. 2. Aqui tem.

Pim. Ora passemos este ultimo trago da vida *bebe e cospe fóra.* Ah senhores, logo pelo aspero parece vinho de enforcado.

Sold. Será algum tanto cascarrão.

Pim. Pois se he cascarrão vá pela saude do senhor carrasco. *bebe.*

Algoz. Que lhe preste.

Pim.

Pim. Aſſim preſte a v. m. como a mim me cuſta a paſſar eſtes amargozos tragos!

Sold. 1. Amarga ao pez.

Pim. Mais negro que o pez o hei de eu logo amargar.

Sold. 2. Vamos andando que já vem ſahindo Adolonimo.

Pim. Ai meu rico Amo, quanto ſinto verte neſte eſtado! Quem me déra eſtar dez, ou doze legoas daqui ſó por te não ver.

Sahe da Torre Adolonimo acompanhado de General, e Soldados.

Algoz. Vamos, que he tarde.

Pim. V. m. tem muita preſſa? Pois ſe tem que fazer, vá que eu eſperarei; e em quanto vai, e vem, me folgão as coſtas.

Algoz. O que tenho que fazer he enforcallo.

Pim. Pois olhe v. m. ſim me enforcará por eſta vez, mas eu lhe prometto que ella ſeja a primeira, e a derradeira.

Algoz. Aſſim o creio; ora vamos, que já eſtá perto.

Pim. Ai que já eſtou ao pé da forca! Ah Senhores, enforquem primeiro a meu Amo, que terá mais preſſa do que eu.

Algoz. Não tenho eſſa ordem.

Pim. Pois eu o enforcarei.

Sold. 1. Eſſa he a tua lealdade?

Pim. Pois ainda v. m. duvída que todo o criado he o maior verdugo de ſeu amo?

Algoz Vamos, e deixemos razões.

Pim.

Pim. Ora, Senhor, ſe iſto ha de ſer, peço-lhe por favor, que me enforque muito de manſinho.

Algoz. Todo o bem ſe lhe fará.

Pim. Na verdade he de admirar ver os bons genios, e brandura que tem toda eſta comitiva enforcante!

Algoz. Náo ſei ſe o diz de veras.

Pim. Se eu de veras náo o digo, enforcado morra eu daqui a cem annos.

Algoz. Ora vá ſe chegando para a eſcada.

Pim. Que náo haja quem ponha embaraço a eſte baraço, que me eſpera!

Algoz. Náo ſerá facil.

Pim. Eu lhes confeſſo, que náo poſſo morrer, porque tenho eſta morte atraveſſada nas goellas.

Algoz. Chegue-ſe para a forca, que eu lha deſapegarei. *ſobe até o meio da eſcada.*

Pim. Náo ha quem me acuda! Ai deſgraçado Pimentáo, que amargoſa morte que tens! Oh Baco permittes que eu aſſim morra?

Dentro Viva, viva. *vozes ao longe.*

Pim. Ai, que reſponde, que viva! Oh piedoſo deos, que ſempre havias acudir a hum Pimentáo, como attractivo do teu licor!

Sold. 1. Que novidade ſerá eſta, dizerem confuzas vozes.....

Dentro. Viva o grande Alexandre, viva.

Pim. Aquillo náo he comigo; mas viva quem vence.

Dentro Viva o invicto Alexandre, viva.

Pim.

Pim. Viva o afflicto, e Alexandre viva.

Gener. Páre a execução que entra por esta lugar Alexandre Magno em Sidonia.

Adol. Que sempre haja embaraços para a morte de hum infeliz!

Pim. Viva Alexandre, viva.

Sahe Alexandre Magno, e acompanhamento.

Alex. Para quem he aquelle patibulo?

Gener. Saberás, Senhor, que he para nelle morrer Adolonimo.

Alex. Suspenda-se a execução, e venha Adolonimo a Palacio á minha presença; pois pela noticia que delle tenho, mais me parece ser acredor de premios, que de castigos.

Gener. Como o ordenas, se executará.

Vai se Alexandre Magno, e acompanhamento.

Adol. He possivel que procurem os Deoses dilatarme a vida, porque desejo a morte! Oh nova especie de tyrannia, negar-se hum mal, porque se appetece como bem! *Vai-se Adolonimo, o General, e o seu acompanhamento.*

Pim. Ah Senhores, levem-me tambem com meu Amo, porque desta execução eu tambem sou membro, ainda que podre pelo máo cheiro.

Sold. 1. Vamos, que bem sei que a ambos pertence.

Pim. Oh Divino Baco, que por isso te chamão Liber, porque livras os teus devotos.

desce da escada.

Sold. 2. Vamos para Palacio.

Pim. Diga-me primeiro; este Alexandre Magno he aquelle de quem dizem, que tira Reis,

e faz Reis por quaesquer dous reis de cominhos?

Sold. 1. He universal Senhor de todo o mundo.

Pim. Tomára eu, que elle tirára o Reino a Estrato, e o fizera só Rei de páos, já que elle me fez o suja na escada. *andando.*

Algoz. Pois com esse desamor me deixa?

Pim. Ah senhor Verdugo das costas, tomára eu sempre vello no descanço da alampada: á sua ordem. *Vão-se*

SCENA VI.

Sala de Palacio. Sabem Alexandre Magno, Estrato, Demetrio, Sirene, Orintia, e acompanhamento.

Alex. BEm noticiado estou já, Estrato, da iniquidade, com que exerces o teu governo, principalmente da injusta morte, a que condemnaste a Adolonimo.

Estrat. Saberás, Senhor, que elle aleivosamente.....

Alex. Suspende a voz, que até me offendem essas falsas desculpas, e podéras attender, a que he desdouro da Magestade o vingar inveterados odios na innocencia dos subditos.

Estrat. Muito receio o castigo de Alexandre: infausta he a minha sorte! *á parte.*

Syr. De hum fio pende a minha vida em caso de tão duvidoso fim. *á parte.*

Dem. Muito temo a minha desgraça, vendo a Estrato desfavorecido de Alexandre. *á parte.*

Orint. Em successo de tanta duvida não perde o meu amor a esperança. *á parte.*

Sa-

Sabe Adolonimo acompanhado do General.

Adol. Invicto Monarca, a quem he todo o Orbe pequeno throno para tanta grandeza, (*de joelhos*) e toda a vaga região celeste limitado espaço para tanta fama; eu sou o infeliz Adolonimo, e só feliz por estar aos teus pés. Saberás que o amor, e o odio me condemnão á morte, pois por ser fiel amante de Syrene, procedeo contra mim a cruel ira de Estrato, sendo nos mesmos altares de amor funesta victima de hum inexoravel odio; e como he manifesta a minha innocencia, não pertendo desculpar-me; porque aonde há desculpa, há culpa; e sómente te rogo (oh inclito assombro do mundo) me permittas o executar-se nesta infeliz vida a pronunciada sentença da minha morte; pois me basta para immortal gloria minha o chegar a verme subido ao elevado throno dos teus pés; e como não aspiro a maior ventura, permitte-me, que com a morte ponha limite ás mais desgraças.

Alex. Levanta-te Adolonimo, Rei de Sidonia, e toma posse do Sceptro de Estrato, que estou já cabalmente certo do teu merecimento, e da sua injustiça.

Adol. Egregio Heroe, seja immortal a tua gloria, e ao puro Olympo suba a tua fama (*levanta-se*) pois tendo mais poder, que o mesmo fado, fazes ditoso a hum infeliz.

Estrat. Oh Deoses tyrannos, não basta perder

o Reino, ſenão ficar Vaſſallo de hum meu inimigo! *á parte.*

Syr. Já vejo a ſorte mais favoravel; porque mais eſtimo o augmento de Adolonimo, do que ſinto a infelicidade de meu pai. *á parte.*

Dem. Deſgraçado me conſidero, pois perdi o Reino, a que aſpirava com o conſorcio de Syrene. *á parte.*

Orint. Com eſta mudança ſe alenta mais a minha firmeza. *á parte.*

Adol. Ah cruel Sirene, que ſe não foras mudavel, me podia já chamar ditoſo. *á part.*

Dentro todos. Viva o noſſo Rei Adolonimo.

Sabe Pim. Viva o noſſo Rei Adolonimo.

Alex. E como ſei que mais que o Reino eſtimas a belleza de Syrene, lhe podes dar a mão, que quero com a minha preſença honrar tão venturoſo conſorcio.

Adol. O ſer já impoſſivel eſſa gloria, he, Senhor, a maior infelicidade, que ſinto; porque reduzindo-me a tal extremo o adoralla, Syrene ingrata, e. . . . .

Syr. Não proſiga, Senhor, mais a tua deſconfiança; e ſaberás que o ſentir que meu pai me vinha ſeguindo, quando na torre entrei a fallar-te, me obrigou a fingir, que te aborrecia.

Rei. Ah filha ingrata, que aſſim mo certificou a criada, que te acompanhava, e já o meu rigor fulminava a vingança contra a tua vida.

Sabe Cad. Senhora Syrene, a teus pés peço me perdoes, porque eu ſe diſſe ao Senhor Eſtrato o muito que amavas ao Senhor Adoloni-

mo,

mo, foi porque elle me deu outra atracação peior que a primeira, e não tive mais remedio que confessar a verdade.

Syr. Levanta-te que antes agora te estimo por seres testemunha da minha firmeza.

Adol. A' vista de tal desengano, pedindote mil perdões do meu erro, te offereço Senhora a minha mão. *dão as mãos.*

Syr. Com a minha te entrego juntamente a alma. (Ditosa eu mil vezes) *á part.*

Adol. Oh alegrias não vinhaes juntas que quasi não cabeis no peito. *á parte.*

Pim. He a primeira vez que vi casarem-se os enforcados. *á parte.*

Todos. Viva Alexandre, e viva o nosso Rei Adolonimo.

Syr. Saberás, Demetrio, que me consta o muito que te ama minha Prima Orintia, e me parece que não premiares com a mão o seu amor, será quereres merecer o titulo de ingrato.

Dem. Não posso negar que o affecto me inclinava a corresponder-lhe; e se ainda tem lugar o meu rendimento, com a mão espero a posse de tanta ventura.

Orint. Ditosa esperança, que me concedeo tão desejado fim.... *dão as mãos.*

Pim. Agora entro eu. Com licença (*ajoelha*) Alexandrissimo, e Magnissimo Monarca, á vista de cuja corpulentissima grandeza he Polifemo huma topeira, Atlante huma formiga, Centimano huma santopeia, e Tifeo huma triste cousa; para cujo esfaimado desejo de

con-

conquiſtar fica ſendo todo eſte Mundo hum grão de milho em boca de aſno : ſeja tão boa a tua vinda, como a da morte (a hum malfeitor) ; e já que o peccado aqui te trouxe (explico-me, o peccado de Eſtrato) ſaberás, que no vinagre dos teus pés procura a ſua conſerva eſte verde Pimentão, a quem querião fazer de huma forca cahir de maduro.

Alex. Pede o que quizeres.

Pim. Queria que a tua Grandiſallencia me concedeſſe empregar o reſto da vida em huma Cadeia.

Alex. Pedes por premio a prizão ?

Pim. Huma prizão deſejo, e a ſoltura de outra ; e aſſim trocando eſte grilhão por aquella Cadeia (com quem eſpero ter ditoſa liberdade) me terei pelo mais feliz enforcado, a quem atou o matrimonial garrote.

Alex. Da-lhe a mão, ſe he vontade ſua.

Cad. Eu não quero mão de enforcado.

Pim. Bem pódes acceitar a hum enforcado amante.

Cad. Se ha de ſer, vamos a iſſo.

Pim. Oh bella Cadeia, em cujas delicioſas prizões deito venturoſo as mãosſinhas de fóra !

dão as mãos.

Çap. Ai invejoſo de mim, que eſtou em pontos de eſtourar ! *á parte.*

Pim. Item, Senhor, eu como ſou hum tanto louco, quizera que me déſſes hum bom talento de ouro para poder tratar da minha vida.

Alex. Dez talentos te mando dar.

Pim. Dez talentos ? Das dez que tal me dem, mas ſempre me virá á mão o dizimo.

Cap. Ah maior ventura! Em ſahindo daqui, logo me vou enforcar. *á parte.*

Adol. Senhor, eu cedo do Reino em Eſtrato; pois mais eſtimo a belleza de Syrene, que o dominio de todo o Mundo.

Dem. Oh acção digna de immortal memoria!

Alex. Agora mais te confirmo no Reino; pois ſó merece governar quem ſabe ſatisfazer aggravos com beneficios.

Eſtrat. Já todo o odio que tinha a Adolonimo ſe me converteo em intimo affecto. *á parte.*

Pim. Item, Senhores, eſtá-me fazendo grandes ancias no buxo hum ſegredo que engoli, e aſſim o vomito; e he que meu Amo foi hortelão do Senhor Eſtrato.

Alex Repitão ſonoras vozes a acclamação, e Himenêo do voſſo novo Rei Adolonimo.

C O R O.

Viva eternos annos,
Viva ſempre heroico
O noſſo Monarca
No Himenêo ditoſo.

A NIN-

A NINFA SYRINGA, OU OS AMORES DE PAN, E SYRINGA,

Opera que se representou pelo Carnaval no Theathro do Bairro Alto de Lisboa, anno de 1741.

ARGUMENTO.

PAn semideos rustico, irmão de Silvia, amava muito a Ninfa Syringa, irmã do semideos Silvano; e vendo-se sempre despresaio em seus amores, a esperou em hum bosque para alcançar delia por violencia, o que não podião os rogos; e em fim encontrando-se ambos, e vendo Syringa que difficultosamente se defenderia delle, invocou a Jupiter que lhe valesse, e logo ficou convertidà em hum Canaveal, até que por grandes rogos de Pan a tornou Jupiter á sua primeira forma, e se casou com o dto Deos Pan, e tambem se despofa Silvano com Silvia, cujos amores, e o mais constará do contexto da Historia.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Mutação de Campo.*
II. *Mutação de Sala.*
III. *Mutação de Casa terrea com dous fornos.*

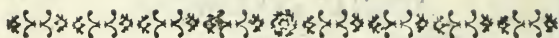
SCENAS DO II. ACTO.

I. *Mutação de Jardim.*
II. *Mutação de Antecamara.*
III. *Mutação de Jardim.*
IV. *Mutação de Bosque.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Mutação de Bosque com Canaveal, e Salgadeiras.*
II. *Mutação de Casa de forno.*

INTERLOCUTORES.

Pan, Semideos rustico.
Silvano, Semideos rustico.
Syringa, Ninfa rustica, irmã de Pan.
Coscorão primeiro Gracioso, criado de Pan.
Esguicho segundo Gracioso, criado de Silvano.
Lingoiça velha, criada de Silvia.
Golosina, criada de Syringa.

ACTO I.

SCENA I.

Campo. Sahem Pan , e Coſcorão.

Pan. DEixa-me , Coſcoráo.
Coſc. Senhor Pan , que deſatino he eſſe ?
Pan. He aborrecer a vida , e deſejar a morte.
Coſc. Não ſou eu aſſim , que á minha vida quero-lhe como ao viver.
Pan. Ai de mim !
Coſc. Senhor acaba já com iſſo : conta-me os teus males.
Pan. Não póde ſer ; porque os meus males não tem conto.
Coſc. E quem tos cauſou ?
Pan. A Ninfa Syringa.
Coſc. Quem tal diſſera daquella ſonçaſinha !
Pan. Não poſſo já ſoffrer tanto rigor.
Coſc. Não poſſo já aturar tanta inſolencia.
Pan. O que ?
Coſc. Que huma bogia te pregue ſemelhante mono.
Pan. Iſto ſuccede aos mais pintados.
Coſc. Que ſucceda aos mais pintados *tranſeat* , mas que aſſim te chegue ao vulto , não aturo tal.
Pan. Coſcoráo , eu quero-me finar : tenho dito.
Coſc. Senhor , por tua vida te peço te não queiras matar.

Pan. Eu eſtou morrendo por morrer. Bem ſei que ſou hum aſno, mas não ſei que lhe faça.

Coſc. Ora dize-me, tu não és o Senhor Pan, que dos Paſtores és venerado por ſemideos, ainda que na verdade és ſemidiabo?

Pan. Aſſim he; mas ſujeitou-me eſſe tyranno Deos vendado, a que adoraſſe a cruel Ninfa Syringa, irmã de Silvano, com tal violencia, que não poſſo eſtar hum inſtante ſem a ſua viſta, ao meſmo tempo que ella diz, que me não póde ver; quando baſtava para merecer a ſua compaixão, ter eſte peito cheio de ſettas.

Coſc. Eſſa he a cauſa porque ella te não quer.

Pan. Porque?

Coſc. Porque tendo o peito cheio de ſettas, tens muito vaſia a aljava.

Pan. Pois que remedio dás a meus males?

Coſc. Huns ſuores.

Pan. Que dizes?

Coſc. Que para te livrares deſſe amor, ha de te ſuar o topete.

Pan. Não zombes de mim quando eſtou com a minha pena.

Coſc. Iſto não he zombar; toma tu o meu conſelho; mette-te na eſtufa do eſquecimento, e verás como te ſahe do ſentido a tyrannia ſua, ainda que com o ſuor do teu roſto.

Pan. Eu não te peço remedio para a tirar do ſentido, pois a tenho de tal ſorte encaſquetada nos miolos, que já não ma tirão de cá, nem que me quebrem a cabeça.

Coſc.

Cosc. Pois que pertendes?

Pan. Remedio para que ella me queira a mim.

Cosc. Isso he cousa que peça ninguem? Mas olha, em tu a vendo faze-lhe muita macaquice, assim a modo de macaco, talvez que lhe dês coca.

Pan. Que dizes que não te entendo?

Cosc. Que lhe faças carinhos, e lhe digas muitas finezas.

Pan. Até isso não póde ser; pois tão prezo me considero quando a vejo, que se vou para soltar alguma palavra, não ato, nem desato.

Cosc. Assim será, que ainda que és Pan, tens muito pouco miolo.

Pan. E ainda que soubesse expressar-lhe o meu amor, até me faltão as occasiões; pois não ignoras que seu irmão he tão zeloso que huma cousa he vello, outra dizello.

Cosc. Ora, Senhor, venha achado, já, e logo; vamos.

Pan. Achado, de que?

Cosc. Que já lhe achei hum remedio bom.

Pan. Não te detenhas em mo dar.

Cosc. Pois, Senhor, o melhor caminho he procurarmos occasião de sahirmos ao encontro a Silvano, e ver se me posso accommodar com elle; que ficando em casa, deixa o mais por minha conta (e tambem o estimo para me vingar do rigor de Golosina.) *á parte.*

Pan. Está bem achado! Nem Platão podia dar em tão boa idéa.

Cosc.

Cosc. Vamos pois cuidar no melhor modo de introduzir.

A R I A.

Pan. Confessar-me-hei venturoso,
E terei gloria infinita,
Se para alcançar tal dita,
O caminho Amor me dá.
Já com esta incerta gloria
Se alenta a minha esperança,
E cuida o peito que alcança
O premio do seu amor. *Vão-se.*

Sahem Silvano, e Esguicho.

Esg. Senhor Silvano, que tristeza he a tua? Descobre o teu peito; que ainda que he inverno, senão desabafas receio-te alguma queimação de sangue.

Silv. Ai Esguicho, que o não ter eu alegria, he que me faz andar triste.

Esg. Isso succede a muita gente boa; mas explica-te mais....

Silv. Tu sabes....

Esg. Sim, que és o Senhor Silvano semideos destes bosques, irmão da Ninfa Syringa, e grande amante de Silvia, irmã de Pan; e que ella depois que te vio, não lhe peza porque nasceo.

Silv. Pois não sabes o mais que sendo o meu amor bem aceito della, não permitte o zeloso do irmão lugar de dizermos hum ao outro chus, nem bus.

Esg.

Efg. Nem a mim de dizer á minha querida chiqui, nem miqui.

Silv. Pois Efguicho, cuidemos no remedio.

Efg. De lhe fallares, e teres entrada?

Silv. Sim.

Efg. Pois bem facil he elle, fe puder fer.

Silv. Dize, qual he?

Efg. Se eu me podeffe imbutir por feu criado, náo era má tolá para nós ambos.

Silv. Dizes bem; cuidemos niffo: mas fenáo me engano, ahi vem Pan ás pancadas com o criado.

Efg. Oh! bella occafiáo temos; faze tu o mefmo comigo, e deixa o mais por minha conta.

Silv. Oh atrevido, defobediente, efpera. *dálhe.*

Efg. Ah Senhor, mais de manfo, que me doe. Ai, ai, ai.

Sahe Pan feguindo a Cofcorão, e efte fe vale de Silvano, e Efguicho foge para Pan.

Cofc. Valhame, Senhor Silvano.

Efg. Acudame, Senhor Pan.

Cofc. Porque meu amo cruel.....

Efg. Porque o cruel de meu amo.....

Cofc. Querme moer os figados.

Efg. Querme ralar os bofes.

Pan. Bella occafiáo bufquei! *á parte.*

Silv. Achei bella occafiáo! *á parte.*

Pan. Para lhe metter a Cofcoráo em cafa. *á parte.*

Silv. Para lhe introduzir em cafa a Efguicho. *á parte.*

Cosc. Se v. m. me quizesse por seu moço. . . .

Esg. Se v. m. quizesse ser meu amo. . . . .

Cosc. Eu seria táo seu amiguinho. . . . .

Esg. Eu ficaria táo contente. . . . .

Silv. Pan?
Pan. Silvano? } ambos juntos.

Silv. Que quereis?
Pan. Que ordenais? } ambos.

Silv. O vosso criado.
Pan. O vosso moço. } ambos.

Cosc. Ora falle hum por cada vez, para entendermos todos.

Silv. Vós náo quereis este moço?

Pan. Náo; se vos quereis servir delle, ahi está ás vossas ordens.

Silv. Sempre obrigado; tambem vós podeis dispor de estoutro.

Pan. Oh fortuna, que boa occasiáo me descobriste! *á parte.*

Silv. Oh sorte, que bom caminho me mostraste! *á part.*

Esg. Senhor Coscoráo, se v. m. he servido de meu amo, ahi o tem á sua ordem.

Cosc. Senhor Esguicho, obrigadissimo; ahi está tambem meu Amo á sua obediencia.

Esg. Vá contente com elle, que náo lhe ha de faltar senáo o que houver mister.

Cosc. Vá muito satisfeito com Pan, que na sua companhia saberá qual he o páo que o diabo amassou.

Pan. Oh quanto mal sabes o que levas para casa! *ápart.*

Silv.

Silv. Oh fe foubeffes o que para cafa levas!
á parte.

Pan. Senhor Silvano, vede fe quereis que faça alguma coufa no voffo ferviço, que tenho neceffidade de me hir?

Silv. No voffo ferviço quero eu fempre eftar de focinhos.

Pan. Fica-te, que bem logrado ficas. *á p. e vai-fe.*

Silv. Vai te, que bem logrado vás. *á p.*

Cofc. Senhor Pan, faude, e hum queijo.

Efg. Senhor Silvano, faude, e patacas. *Vai-fe.*

Cofc. Ora Senhor meu Amo novo, hoje ifto aqui foi feira das beftas.

Silv. Porque o dizes?

Cofc. Porque houve muita troca.

Silv. Sabes, que te quero encommendar o que eftá á tua obrigação de criado honrado.

Cofc. Dize, Senhor.

Silv. Tu fabes, que a minha irmá he mulher?

Cofc. Supponhamos que fim.

Silv. E que as mulheres em fahindo de cafa, que as póde ver qualquer homem?

Cofc. De que não há duvida nenhuma.

Silv. Pois então não tenho mais que te dizer.

Cofc. Explica-te mais, que pofto falles tão claro, não te entendo.

Silv. Venho a dizer, que quero fejas feu guarda, e vigia.

Cofc. Eu te prometto, Senhor, andar-lhe fempre pelos alcances; pois bafta encommendarmo meu Amo. (Ah pobre, como te encravas!) *á parte.*

Silv. Ora vai para casa, que eu vou já nas tuas costas.

Cosc. Não virá por certo, que eu a ninguem dou ancas. *Vai-se.*

Silv. Oh ventura! com que te hei de pagar tanto bem, pois em dous criados me concedes tanta gloria: em hum a sentinella para a minha honra, em outro vigia para o meu amor.

A R I A.

Se a ventura me permitte
Em dous tão fieis criados
N'um socego aos meus cuidados,
N'outro auxilio ao meu amor:
Já seguro viver posso,
Já posso estar contente,
Se a ventura me consente
Lograr bem tão superior. *Vai-se.*

S C E N A II.

Sala. Sahem Syringa, e Golesina.

Gol. SEnhora Syringa, acabo de crer que he desgraçado Pan, pois não te póde cahir em graça.

Syr. Golosina, não está mais na minha mão: não o posso ver com dous olhos, que tenho na cara.

Gol. Em não quererem vello, são crueis os olhos da tua cara, quando a tua cara he a menina dos seus olhos.

Syr. Capaz eſtou de tirar a minha cara fóra, ſó por lhe tirar os olhos a elle.

Gol. Náo faças tal, Senhora; pois náo poſſo vello a elle mais cégo, nem a ti mais deſcarada.

Syr. Olha, eu talvez lhe náo quizera táo mal, ſe náo lhe tivera tamanho odio.

Gol. Pois porque lho tens?

Syr. Porque he hum pedaço d'aſno.

Gol. Em que, Senhora?

Syr. Ainda o perguntas, quando ſabes, que elle faz verſos?

Gol. Pois náo he bom para noivo quem tem boas prendas?

Syr. A mim náo me importáo as prendas; importa me comer.

Gol. Senhora, tem a certeza, que em quanto tiveres comtigo Pan, náo has de morrer á fóme.

Syr. Ora queres tu ouvir a carta, que hontem me trouxeſte?

Gol. Terei grande goſto diſſo.

Syr. Verás que até na caſta do verſo, em que eſcreve, he tollo.

Gol. Pois que verſo he?

Syr. He hum Romance lyrico, quando para fallar com huma mulher da minha esféra, havia hum Romance heroico, ou huma Canção real.

Gol. Ouçamos o que diz.

Syr. Attende, que he deſta ſorte.

Tira hum papel, e lê.

Ingratissima Senhora,
Que por táo grande homicida
Sois Cocrodilla das fontes,
E dos campos Basilisca.
Fera leoa dos bosques,
Quando em vós se verifica,
Que a maleita dos rigores
Sempre aquece, e nunca esfria.
Porca montez furiosa,
Que na amargosa campina
Vibrais o dente ao agrado,
Fazeis focinho ás caricias.
Sois Tigra, e tambem sois Onça,
Quando vejo em taes fadigas,
Vos náo peza o pé huma onça
Para fugires esquiva.
Tambem sois Loba tyranna,
Pois de rigores faminta
Fazeis mil estragos crueis
No curral da minha vida,
Sois Urso. . . . .

Gol. Espera, Senhora, que náo sei quem entra.

Syr. Ai de mim! Deixame escondello, náo seja meu irmáo.

Esconde-o perturbada, e sahe Lingoiça.

Ling. Ai os esconderellos de papelinhos, que aqui váo! Esta he a casta de boa casta! *á parte.*

Syr. Que vai de novo, Lingoiça?

Ling. Eu , Senhora , não quero eſtorvar eſſa leadura.

Syr. Não importa , dize.

Ling. Pois manda dizer-lhe a Senhora Silvia , que v. m. de cá , e ella de lá quer vir paſſar eſta tarde de parte a parte com v. m.

Syr. Dize-lhe , que tão ancioſa eſtou por vella , que fico ſuſpirando pela ſua vinda.

Ling. E como não ſou mais larga , nem mais comprida , fico á ſua ordem.

Gol. Senhora Ligoiça aſſim ſe vai , ſem dizer á gente tirte , nem guarte.

Ling. Ai perdoa-me , que não reparava.

Gol. Pois niſſo he que eu reparo , em v. m. não reparar em mim.

Ling. Logo lhe fallarei , que quero ver ſe acho ao Senhor Silvano , para ter o achado de certas noticias.

Gol. Va-ſe , que já ſei anda nas occupações do ſeu officio.

Ling. Iſto não he por officio , he por curioſidade. *Vai-ſe.*

Gol. Ora , ſenhora , dize-me em que aſſentas ácerca dos acintes que fazes a Pan ; que na verdade ſinto , que conſintas ande o pobre de ſentimento moido como hum centeio.

Syr. Eu te reſpondo.

ARIA.

Não te canſes , Goloſina ,
Com tão louco deſvario ,
Que a Pan tenho tal faſtio ,
Que não o poſſo tragar :

Já

Já mais não me falles nisso
Ha tal teima! ha tal loucura!
Bem nescio he, se procura
Ter em meu peito lugar. *Vai-se.*

Gol. Que me tenha Pan peitado para que seja sua oradora com minha Ama, quando ella não dá ouvidos a meus brados! Mas venhão vindo os cumquibus, que nunca cessaráõ as nossas vozes.

Sahe Coscorão.

Cosc. Minha querida Golosina, como permittes, que sintas o amargo dos teus rigores, quando o melifluo da tua belleza me póem o mel pelos beiços?

Gol. Não he este mel para a boca desse asno.

Cosc. Já que és mel, mette-te no favo do favor.

Gol. O melhor que vossè me póde fazer, he fallar em outra cousa, ou hir-se embora.

Cosc. Escolho a primeira. Sabes minha Golosina, que Pan quer que hoje em todos os modos o introduzas cá para fallar a nossa Ama.

Gol. Eu bem sei que pelo muito obrigada que lhe estou, assim o devo fazer; mas receio muito a nosso Amo.

Cosc. Pois não haverá hum lugar mais seguro para o intento?

Gol. Sómente se elle quizer metter-se dentro em hum forno.

Cosc. Dentro em hum forno! Que dizes?

Gol. Sim; porque hoje faz minha Ama hum pouco de pão de ló, e como ha de vir ao

for-

forno vello, então lhe póde fallar feguramente, que he parte onde nunca entra Silvano.

Cofc. Dizes bem, vou avizallo, que não deixará de vir, porque fempre eftá pelos meus confelhos.

Gol. E tu para maior disfarce o pódes trazer n'um taboleiro.

Cofc. E dize-me, terei eu tambem hum lugarfinho de cozer o bifcouto do meu amor no forno da tua graça?

Gol. Se tornas com effas afneiras, vou-me embora.

Cofc. Não te vás por amor de quem vem padecer os vaivens da tua tyrannia.

Gol. Continuas? Pois defta forte te refponderei. *Vai-fe.*

A R I A.

Cofc. Golofina, efpera, efpera,
Que fem tal doçura,
Fico fem ventura
Chuchando nos dedos,
Mordendo nos beiços
Sem gofto encontrar:
Oh deixame, deixame ao menos
Golofina minha
Cavaca, cafquinha,
Alfinim, perada,
Ou huma talhada
Se quer de cidrão *Vai-fe.*

SCE-

SCENA III.

Campo. Sahem Silvano, e Esguicho.

Silv. DIze-me, Esguicho, se tens já descuberto algum caminho por onde possa hir encaminhando este meu desencaminhado amor?

Esg. Ahi! Tu já entras a perguntar como quem vai de caminho.

Silv. Ora acaba já de dizermo, senão queres dar cabo da minha vida.

Esg. Eu te conto já tudo de cabo a rabo.

Silv. Pois dize-me, poderei hoje fallar com a minha querida Silvia?

Esg. Poderás, se não te der algum estupor na lingua.

Silv. Não zombes de mim, conta-me como a poderei ver.

Esg. Abrindo os olhos.

Silv. Não me dilates tanto esta gloria.

Esg. Ahi to digo já de huma vez.

Silv. Tem mão, não me dês a beber de huma assentada esse delicioso cordeal, que quero hir tomando-lhe o gosto pouco a pouco no paladar da minha alegria

Esg. Ao depois pressa, e agora vagar? Ora eu o diga de vagarinho, Senhor, esta tarde vai visitar tua irmã, lá a tens em casa.

Silv. Já disseste tudo?

Esg. Pois que mais querias? Se queres mais, vai a tua casa.

Sahe Lingoiça.

Ling. Ai! Aqui eftava voffa mercê! E tenho corrido féca, e méca por ver fe o encontrava.

Silv. Havias encontrar bem, fe eu nunca andei por féca, nem méca.

Ling. Ai! eftou deitando os bofes pela boca fóra.

Efg. Ah perra, que devias comer hoje alguma forfura!

Ling. Porque julga iffo?

Efg. Porque vens muito esboforida, e muito aforfurada.

Silv. Ora dize-me, trazes-me alguma boa noticia.

Ling. Deixa me primeiro tomar o folgo. Ai! aprelá! manda dizer-lhe a Senhora Silvia, que efta tarde vai vifitar a Senhora Syringa, e que lá lhe quer fallar.

Silv. E em que parte hei de eftar?

Ling. Senhor, nós efta tarde fazemos hum pouco de páo de ló; e como ella ha de hir ver cozer-fe no forno, lá eftarás efcondido para lhe fallares.

Silv. E em que parte me has de lá efconder.

Ling. Como os fornos são dous, em hum delles te efconderás.

Silv. Irra! Eu dentro no forno! náo cofo tal.

Efg. Ah Senhor, náo percas táo boa fornada.

Silv. Eftá feito: vaite, que me acharás affado, e cozido.

Ling. Pois fique-fe embora até logo. *Vai-fe.*

Efg. E eu tambem me vou, que me póde Pan achar menos. *Vai-fe.*

Silv. Hide fieis Mercurios do meu amor.

Sa-

Sabe Coſcorão com Pan ás coſtas em hum taboleiro.

Coſc. Ah Senhor, náo te mexas muito; e já que vens tanto coſta acima, náo dês coſta abaixo.

Silv. Ditoſo me conſidero. *á parte.*

Coſc. Mas ai encoſcorado de mim, que dei com Silvano.

Silv. Que he iſſo, Coſcorão?

Coſc. Vejão agora o que poderá ſer!

Silv. Que levas neſſe taboleiro?

Coſc. Que hei de levar? levo páo.

Silv. Para onde o levas?

Coſc. Levo-o lá para noſſa caſa; vai lá para o forno.

Silv. E de caſa de quem he?

Coſc. He de caſa da Senhora Silvia.

Silv. Náo ſei ſe mentes.

Coſc. Cozido ſeja eu, ſenáo te fallo a verdade Pan por páo.

Silv. Pois Silvia náo tem forno em caſa?

Coſc. Senhor, de modo que como cá a Senhora Syringa acende hoje o forno para cozer o páo de ló, tambem póde cozer o Pan de lá.

Sliv. Dize-me mais.

Coſc. Ah Senhor, compadece-te de mim, que eſte Pan peza muito; náo cuides que he páo de palhinha, he meſmo aqui Pan da terra.

Silv. Náo eſtava lá Eſguicho para o trazer?

Coſc. Eu quiz trazello, porque eſte Pan ſempre ha de deixar para Goloſina huma poia.

Silv.

Silv. Em minha caſa não ſe precisa de poias alheias ; ora vai-te já. *Vai-ſe.*

Coſc. Sim hirei , que eſtou já derreado com o pezo ; o tal Panſinho deve de ſer pão de munição , porque peza como chumbo. *Vai-ſe.*

SCENA IV.

Caſa do forno. Sahe Goloſina para o varrer.

Gol. MUito tarda Coſcorão ! Certamente Pan não devia querer vir ; mas pelo ſim pelo não , vamos varrendo o forno , porque quero fazer os meus enredos limpamente , e ſaber ſer alcofinha com aceio.

ARIA.

Alimpando o forno.

Varre-te forno
Mui bem ſacudido
Que hum doudo varrido
Em ti ha de entrar :
De metter-te lenha
Não trato em rigor ,
Que o fogo de amor
Só te ha de aquentar.

Sahe Coſcorão.

Coſc. Ora graças a Vulcano , que já eſtamos no forno : ajuda-me Goloſina que eſte Pan me tem feito n'um bollo.

Gol. Vamos que chegaſte a boa occaſião.

Ti-

Tira-ſe Pan do taboleiro.

Coſc. Irra com a hiſtoria! Muito cuſta ſer mariolla de Cupido.

Pan. Ahi! tanto te cuſtou?

Coſc. Pergunta-o ás minhas coſtas quanto cuſtas.

Gol. Sejas bem vindo, Senhor Pan.

Pan. Minha Goloſina, deixa eſtar, que eu te agradecerei tanto favor, que por eu agora não trazer couſa nenhuma, por iſſo te não dou alguma couſa.

Gol. Não falles em tal, que eu ſou muito limpa de mãos.

Coſc. Mas muito ſuja de conſciencia.

Gol. Já o forno eſtá muito bem varridinho.

Coſc. Eſtá elle já accezo?

Gol. Porque?

Coſc. Porque elle vem muito frio no caſo; e ſenão tomar algum calor, em vendo a ſua dama, dirá mil frialdades.

Pan. Ainda eſſa tyranna he a meſma que era d'antes.

Gol. Eu bem aperto com ella para que te queira bem.

Pan. Oh Goloſina, quando tiveres occaſião, faze ſempre por mim quanto poderes, que não o deitas em ſaco roto.

Gol. Ora andate eſconder, antes que venha alguem, e Coſcorão, ſe quizer, póde occultar-ſe debaixo daquella lenha.

Coſc. Nada, que eſtou ardendo, e póde pegar fogo nella.

Pan.

Pan. Em fim hei de meter-me no forno? Oh amor a quanto obrigas!

Cosc. Em fim hei de esconder-me na lenha? Oh a quanto constranges alcovitissé!

Pan. Amor, o meu peito interno
Não entende o teu suborno;
Porque me abrazas n'um forno
Com fogo, que he só de inferno?
Mas na obediencia eterno
Te entrego esta alma abrazada:
Seja de ti bem tratada,
Pois te pede no seu rogo,
Que se entro com tanto fogo
Saia bem desta fornada.

chega-se para o forno.

Cosc. Espera, Senhor, ouveme, que tambem he justo, que ficando da lenha debaixo, diga tambem a minha decima.

Bem medo he justo, que eu tenha
Desta treta e desta traça,
Pois creio que por desgraça
O vento me ajunta a lenha:
Muito receio me venha
Algum foguete no cabo,
Eu a graçinha não gabo,
E por certo desconfio,
Que entrando na lenha frio,
Saia com o fogo no rabo.

Gol. Anda Senhor, antes que alguem te veja.

Entra Pan no forno.

Cosc. Mette-o com a pá; que não tens máo geito para forneira de Venus.

Gol.

Gol. Entra lá bem para dentro, que eu te tapo.

Cosc. Por mais que o tapes, não ha de deixar de ter destampações.

Gol. E tu, se queres, anda esconderte, que alli tenho aquelle feixe de lenha preparado para ti.

Cosc. Ora seja o primeiro feixe de lenha, que a tua alma ache na outra vida.

Gol. Vamos andando.

Cosc. Pois não me deixas primeiro dizer-te duas palavrinhas?

Gol. Não te quero ouvir nada.

Cosc. Ainda não vi mulher menos conversante.

Gol. Tapar a boca, e metter debaixo da lenha.

Cosc. Ah cachorra! que és amiga de metter os cães na moura, e deitarte de fóra!

Gol. Ora entendamo-nos; de duas huma, ou ró ró, ou feixe de lenha.

ARIA A DUO.

Gol.	Escondes-te, ou não!	
Cosc.	Espera meu bem.	
Gol.	E se algum.	
Cosc.	E se alguem.	
Gol.	Dalli sahe.	
Cosc.	Dalli vem	
Gol.	Que será?	
Cosc.	Que dirá?	
Ambos.	Irra! irra!	
Gol.	Ora escondete já.	} ambos.
Cosc.	Ora cobreme já.	}
Cosc.	Mas ai, que receio.	

Gol.

Gol. Pois eu voume embora.
Cosc. Espera.
Gol. Que agora. . . . .
Cosc. Que susto.
Gol. Que medo.
Cosc. Que mamo
Gol. Que tenho
Ambos. Nos venhão pilhar. *Vai-se Gol.*

Esconde-se Coscorão, e sahe Lingoiça.

Ling. A bom tempo me parece que venho.

Cosc. Destapemos a cara para ver quem entrou. Má estreia! já cá temos Lingoiça, não faltarão logo chicotadas. *á parte.*

Ling. Senhor Silvano, entre, que agora he boa occasião.

Cos. Peior he esta! já o forno me vai cheirando a esturro.

Silv. Que me obrigue amor a esconder-me na minha mesma casa! *sahe.*

Ling. Ora, Senhor, anda-te esconder no forno, antes que alguem venha.

Cosc. Ai que temos outro enfornado!

Silv. Vamos, e amor me tire daqui com bom successo. *entra no forno.*

Ling. Entra neste, que essoutro será o que hei de accender.

Cosc. Ah pobre Pan, que fogaça que hoje levas!

Ling. Entra bem para dentro, e eu te tapo, para ficares mais occulto.

Sahe Esguicho.

Esg. Venho a bom, tempo, minha Lingoiça?

Cosc. Outro demonio tenemos.

Ling.

Ling. Vem embora, meu rico Esguichinho, que alli tenho aquelle feixe preparado para ti.

Esg. Ora anda depressa, cobreme, que parece que sinto gente. *esconde-se.*

Cosc. Vai, que já que tambem entras no jogo dos escondidos, logo te bateráõ nas costas.

Esg. Destapemos ainda assim a cara e o que he jogo de escondidos, não pareça cabra cega.

Cosc. Ora isto está bonito! logo a todos deo hoje o vinho em quererem cozer aqui a sua fornada!

Esg. Mas ai que lá vem gente.

Entrão Syringa, Silvia, e Golosina.

Gol. Ai cá está v. m. Senhora Lingoiça?

Ling. Sim Senhora.

Cosc. Sim, esteve tambem cá pondo o seu Adonis de ameijoada. *á parte.*

Syr. Affirmo-vos, Silvia, que estimo muito vervos nesta casa.

Silv. E eu com a vossa vista tanto me alegro, que he huma cousa nunca vista.

Syr. A esta Silvia, quero-lhe como a vida, quando a seu irmão aborreço de morte. *á part.*

Silv. A esta Syringa graça lhe não acho, quando seu irmão me tem tanto cahido em graça. *á p.*

Gol. Eu supponho que Silvia, e Lingoiça estão para de vagar. *á part.*

Ling. Eu creio que Syringa, e Golosina estão de pachorra. *á parte.*

Esg. Ora quando acabarão de conversar, que me está esta lenha lascando o corpo? *á parte.*

Cosc.

Cosc. Ora quando me verei livre desta lenha, que me está alanhando os ossos? *á parte.*

Syr. Golosina, acende o forno para o páo de ló.

Cosc. Eu por mim já me contento com duzentas arrochadas. *á parte.*

Pegão Lingoiça, e Golosina em os forcados.

Ling. Deixe estar menina, que eu farei isso.

Gol. Eu tenho boas máos, guarde para lá os arenques.

Esg. Se Lingoiça náo acende o forno, estou perdido. *á parte.*

Cosc. Se Golosina náo tira a lenha, fico varado. *á parte.*

Ling. Deixe-me, que sou muito amiga de fornear.

Gol. Ai náo, que está muito mirrada, e ha de lhe fazer mal o lume.

Ling. He boa teima!

Gol. He boa impertinencia!

Ling. Pois eu a ajudarei; tiremos desta lenha e acendamos aquelle forno.

Cosc. A bom mato vens buscar lenha. *á p.*

Gol. Náo; tiremos desta, e acendamos aquelle.

Esg. Peior he esta. *á parte.*

Ling. Esta parece que está mais seca.

Cosc. Náo está por certo.

Syr. Ora acabemos: que he isto?

Ambas. Já vamos, Senhora.

Gol. Eu náo sei que faça! *á parte.*

Ling. Eu estou preplexa! *á parte.*

Cosc. Ainda náo me vi n'outra desde que exercito o officio cupidinario.

Gol.

Gol. Ora ahi vai, daqui tenho dito.
Esg. Lá vai Esguicho desta vez roto. *á parte.*
Ling. Tenha mão, que eu cá tiro desta.
Cosc. Lá vai Coscorão desta vez passado. *á p.*
Esg. Eu supponho que já agora sempre lamberei de Golosina a minha chuçada. *á parte.*
Cosc. Eu creio que desta vez não ficarei sem a minha espetada de Lingoiça. *á parte.*
Gol. Cá tiro.
Ling. Cá metto. *metem os forcados.*
Esg. Irra!
Cosc. Arre! } *saltão fóra da lenha.*
Syr. Que he isto?
Cosc. São dous coelhos que sahírão do mato.
Esg. Ai que tambem cá estava Coscorão! *á parte.*
Gol. Aquella mofina deitou tudo a perder. *á p.*
Ling. Aquella maldita arruinou tudo. *á parte.*
Syr. Que fazieis alli debaixo?
Cosc. Eu cá por mim o que fazia não sou tão descortez que o diga na sua presença.
Syr. Com que necessidade vos mettestes alli?
Cosc. A necessidade, com que eu entrei, eu sei que tal era.
Syr. E vós atrevido que fazieis tambem alli?
Esg. Eu, Senhora, não fazia nada, mais mande v. m. ver.
Syr. Ora deixai vir meu irmão, que vós o vereis.
Silv. Não vos afflijais, Syringa, com esses tollos.
Cosc. Ficámos apanhadinhos em contas. *á p.*
Syr. Ora vamos já accendendo o forno.

Gol. Ahi vou, Senhora.
Ling. Ai não está aqui hum? } *Ambas.*
Gol. Ai não está aqui outro? }

Destapão os fornos.

Cosc. O caso vai de mal para peior. *á parte.*
Esg. Hoje leva Silvano huma fumaça. *á part.*
Gol. Este se ha de accender.
Ling. Ha-de-se accender este.
Syr. Temos outros argumentos? Oh Golosina accende hum forno.
Ling. Lá vai Silvano.

Chega Golosina o lume ao forno, e grita dentro Silvano.

Silv. Tenhão mão, que estou cá.
Syr. Que he isto? meu irmão dentro no forno?
Cosc. Porque elle não he tambem da mesma massa dos mais? *sahe Silvano.*
Silv. Ai de mim que certamente se tinha escondido para me fallar. *á parte.*
Esg. Isto parece-me assim a modo de entrega.
Silv. Ai amor que ainda tinha isto para passar! *á parte.*
Syr. A que fim vos mettestes dentro no forno?
Silv. Não sei (corrido estou!) *á parte.*
Ling. Pois tambem agora quero accender este.
Gol. Não he preciso; vá lá governar a sua casa.
Cosc. Para que? não está já aquelle despejado?
Ling. Tenho dito que tambem tenho a minha birra. *chega lume ao forno.*
Gol. Alguma desgraça temo. *á parte.*

Esg. Se agora ſahia outro, tinha bem que ver.
Dentr.Pan. Tenháo máo que eſtou cá dentro.
Todas. Ai que he Pan! *ſahe Pan.*
Silv. Que he iſto que vejo!
Coſc. Hui! nunca ſe vio? he Pan que ſahe do forno.
Silv. He Pan?
Coſc. Meſmo em carne.
Silv. Dentro no meu forno Pan!
Coſc. Pois pedras? he por ventura forno de cal?
Silv. Meu irmáo aqui! he boa loucura!
Pan. Tambem Silvano aqui eſtá! eu náo ſei que foi iſto. *á parte.*
Syr. Eu eſtou com a boca aberta de ver aqui Pan!
Coſc. Eu ſupponho, que eſta gente nunca vio Pan em ſua caſa.
Gol. Eſte Pan ſahio do forno embuxado.
Esg. O tal Pan depois que ſe vio com tanta miſtura, náo ficou muito páo trigo.
Coſc. Pan parece couſa de ló, porque ficou huma eſtatua de pedra.
Pan. Oh ſoberano Jupiter, que taes injurias tinha eu de paſſar! *á parte.*
Silv. Mas como me detenho, que a eſte atrevido . . . . porém eu tambem cahi no meſmo engano. *á parte.*
Coſc. Silvano como vê Pan táo mole eſtá capaz de o comer. *á parte.*
Esg. Silvano depois que vio ſahir Pan do forno, eſtá capaz de o fazer em tatias. *á parte.*
Syr. Muito temo que meu irmáo faça alguma aſneira. *á parte.*

Silv. Muito receio que meu irmão faça alguma toliſſe. *á parte.*

Pan. Que não ache eu huma deſculpa para dar a eſta gente! *á parte.*

Silv. Minha irmã aqui, Pan alli, que farei? ai de mim! *á parte.*

Coſc. Eſte Pan, que ninguem o póde tragar, tem embaçado a todos.

Gol. Tudo iſto ſuccede por culpa de Lingoiça. *á parte.*

Ling. Tudo iſto por culpa de Goloſina ſuccede. *á parte.*

Silv. Mas eſperem, que agora me lembra. *á p.*

Coſc. Ai elle olha para mim! eſtou bem aviado. *á parte.*

Silv. Dize-me, velhaco, que pão era aquelle que trouxeſte para o forno?

Coſc. E para iſſo he neceſſario v. m. chamar-me velhaco?

Pan. Oh permitta Jupiter, que Coſcorão ache alguma boa deſculpa! *á parte.*

Coſc. Enganarei a hum, e deſculparei a outro. *á parte.*

Silv. Reſpondes ao que te digo?

Coſc. Pois v. m. não o ſabe?

Silv. Quem mo havia dizer?

Coſc. A mim parece-me que lhe diſſe, que era o Senhor Pan, que alli eſtá.

Pan. Ah traidor, aſſim me deſculpas? *á parte.*

Silv. Pois és tão atrevido, que tal commettes?

Coſc. He porque v. m. não ſabe o porque.

Silv. Pois dize-o.

Coſc.

Cosc. Porque elle me disse que o trouxesse.

Pan. Ah desleal criado! *á parte.*

Silv. Ha maior insolencia!

Cosc. Espera não se enfade, que ainda não sabe tudo.

Pan. Ahi me entrega de todo. *á parte.*

Silv. Acaba de o dizer.

Cosc. V. m. não sabe, que o Senhor Pan he muito divertido, e muito descarolado, e assim por fazer huma peça a estas Senhoras, he que se quiz esconder no forno, pois tambem o tempo pede estas galanterias.

Pan. Só o engenho de Coscorão podia achar tão boa desculpa. *á parte.* Não ha duvida que assim he; e se nisso vos offendi, perdoai-me. *para elles.*

Silv. Pois que isto me cheira a engano, he preciso valer-me do mesmo para disfarçar o meu erro. *á parte.* Tambem com o mesmo intento me escondi eu; porém não vos succeda Pan outra onde minha irmã estiver. *para elle.*

Pan. Nem a vós onde estiver minha irmã.

Esg. Receio, que estas peças venhão a dar em estouros. *á parte.*

Cosc. Ora Senhores, se ambos fizerão isto por peça, metta cada hum a sua buxa na boca.

Pan. Assim he.

Silv. Tens razão. (Honra dissimulemos.) *á p.*

Syr. Destas peças só nós nos deviamos aggravar.

Silv. Destas graças só nós deviamos ser as queixosas.

ARIA

ARIA A 4.

Pan. Eu por peça
Silv. Eu por graça
Ambos. Me eſcondi, e me occultei
Syr. Taes graças nunca goſtei
Silv. Eu nenhuma graça achei
Ambas. Em gracinhas de } aſſuſtar } *Tod.*
Ambos. Que he gracinhas de }
Pan. Ignorava que offendia
Silv. Não ſabia que aggravava
Ambas. { Eſta aſneira cauſa dava
{ Para o meu } deſconfiar } *Todos.*
Ambos. Não vai a }

A C T O II.

S C E N A I.

Jardim. Sahem Syringa, e Goloſina, e logo depois Pan, e Coſcorão.

Pan. DIze-me, Coſcorão; Syringa vem eſta tarde eſtar com minha irmã?

Coſc. Se tu a vês já no teu jardim, que me perguntas?

Pan. Vejo, e não o creio: ora deixa-me fállar-lhe.

Coſc. Eu não te pego na lingoa, ainda que bem neceſſitas, que te puxem pelo beiço.

Pan.

Pan. Suſpendei, bella Syringa, as eſguichadélas do voſſo deſdem: bem baſta eſtar táo aguado pelo voſſo rigor.

Syr. Senhor Pan, de duas huma; ou vos callai, ou náo digais couſa alguma.

Pan. Pois quereis, que eu morra aſſim á chucha calada?

Syr. Náo vos quero ouvir, tenho dito.

Pan. Quem for mais ingrata que vós, olhai que ha de dar bem á unha.

Syr. Volando-vos as coſtas, vos taparei a boca.

Pan. Primeiro que vos vades, ouvi-me ao menos quanto tenho que vos dizer.

Syr. Eſcuzai de me vires ſeguindo, que eu eſcuſo rabos atraz de mim, e muito menos ſendo táo pezados. *Vai-ſe.*

Coſc. E tu tambem te vás, minha Goloſina?

Gol. Ove, deixe-ſe ficar, que eu eſcuſo pages muito menos ſendo táo patólas. *Vai-ſe.*

Pan. Ah ingrata! ah fera!

Coſc. Ah porca! ah cadella!

Pan. Que te parece, Coſcoráo, iſto?

Coſc. Que te parece, Senhor, eſtoutro?

Pan. Náo póde haver maior tyranna, que aquila.

Coſc. Náo póde haver maior velhaca, que aquiloutra.

Pan. Ai de mim que eſtou capaz.....

Coſc. De que, Senhor?

Pan. De me dar na tóla hir-me por eſſe mundo com huma couſa tola.

Coſc. Ah lacaia de borra, que neſta berra eſtou capaz.....

Pan.

Pan. De que?

Cosc. De me dar na birra hir-me por esse mundo como huma cousa burra.

Pan. Póde haver maior mal, que o que padeço?

Cosc. Ainda que a minha pena tambem me tem cheio as medidas, eu te confesso que tens alqueires de razão.

Pan. O que mais sinto he aquelle ultimo chasco que me deu.

Cosc. Qual? dizer-te que não queria rabos tão pezados?

Pan. Sim; pois que te parece?

Cosc. Quero pregar huma peça a meu Amo, que elle tem sitio para tudo. Parece-me que isso tem bom remedio. *p.ra elle.*

Pan. Qual he!

Cosc. Qual he? isso pergunta-o ninguem! Quem diz que não quer rabo pezado, he que quer rabo leve.

Pan. Pois que vens a dizer nisso?

Cosc. He possivel, que não o sabes? Estas Senhoras querem-se galanteadas, e ella estranha, que sendo tu seu amante, não uses com ella a galantaria de lhe pores hum rabo leva, que he o divertimento do tempo.

Pan. Tens razão, que assim me toa; ea deixa-mo hir buscar. *Vai-se.*

Sabe Golosina.

Gol. Já se foi Pan? Na verdade Coscoro sinto vello tão desprezado.

Cosc.

Cofc. Se elle fe foi, aqui fiquei eu, que tambem fou *ejufdem furfuris, & farinæ.*

Gol. Eu vinha dizer-lhe, que fe não cançaffe já com Syringa.

Cofc. Porque, já lhe não queres dar ajuda?

Gol. Se minha Ama não quer ouvir fallar nelle.

Cofc. Ora pois fallemos em mim; como eftou eu comtigo?

Gol. Eftás muito mal, pois fe cahifte enfermo de amor, não tem remedio o teu achaque.

Cofc. Pois fe eu fei que tu me pódes dar cura, para que me queres fazer incuravel?

Gol. Ora ouça que lhe quero refponder muito de ré mi fá fol.

A R I A.

Senhor Só, c, e, cos
C, ó, có, ram, me, ram
Não feja afneirão
Marmanjo tolaz.
Porque g, ó gó
L, ó, ló, z, i, zina
Não cuide he tollina,
Que a ha de lograr.

Sahem Syringa, e Silvia.

Silv. Ifto, Syringa, he pagares-me a vifita, que hontem vos fiz?

Syr. Não foi fenão mefmo por me dar na cabeça.

Silv. Dizei-me, voffo irmão não vos diffe fe havia logo vir?

Syr. Eu ſupponho, que ſe elle vier, cá o teremos hoje.

Silv. Alviçaras Coſcorão. *á parte.*

Syr. Mas elle não eſtá muito couſa com voſſo irmão.

Silv. Permitta amor, que Pan não eſteja cá eſta tarde.

Coſc. Não eſtará tarde, porque elle ahi vem já bem cedo.

Sahe Pan eſcondendo atraz das coſtas o rabo leva, e andará por detraz de Syringa para lho pôr no veſtido.

Pan. Coſcorão, aqui trago o rabo atraz.

Coſc. Fazes bem, que obras como gente.

Silv. Oh quanto ſinto ver aqui meu irmão, pois ſe póde encontrar com Silvano! *á p.*

Syr. Quanto me aborrece ver eſte homem! *á parte.*

Gol. Elle que vem tão ſizudo, alguma tolice quer fazer. *á parte.*

Syr. Que anda eſte Senhor aqui fazendo por traz da gente?

Coſc. Quer moſtrar, que já no ſeu amor anda muito atrazado.

Syr. Pois que he iſto, que eſte homem procura?

Coſc. Senhora, elle diz, que tem muito medo dos teus rigores, e aſſim quer namorar-te ás eſcondidas, de ſorte que não o vejas.

Silv. Ora meu irmão cada vez eſtá mais neſcio. *á parte.*

Syr.

Syr. Que procurais, Senhor? Dizei.

Pan Quero mostrar, que sei ser amante.

Cosc. He o que eu digo, quer namorar-te ás escondidas de ti.

Syr. Nem isso quero.

Cosc. Olha Senhora, isto tambem he impertinencia.

Pan. Ai que já lho puz: rabo leva, rabo leva.

Cosc. He verdade: rabo leva, rabo leva.

Syr. Que he isto Golosina?

Gol. Vês, Senhora, he hum rabo leva. *tira lho.*

Syr. Que vos parecem, Silvia, as ignorancias de vosso irmão?

Silv. Não sei que vos diga.

Pan. Ora merecerei ver vos já com menos rigor?

A R I A.

Syr. Ha tal tolo! ha tal nescio!
Que importuno me atormenta!
Não adverte, não attenta
Em esquiva o desprezar
Se outra vez, louco atrevido,
Proseguir em tal loucura,
Verá que o rigor procura . . . .
Mas não sei o que verá. *Vai se.*

Silv. Pan, estais ainda pouco enfarinhado em amante. *Vai se, e Gol.*

Pan. Ella parece que vai mal comigo?

Cosc. Aquillo, Senhor, he hum desdem.

Pan. E que te parece o dito de minha irmã, dizer que ainda não estou enfarinhado?

Cosc. Tem razão, que me esquecia advertir-to: (Ainda a corriola ha de hir adiante.) *á p.*

Pan. Pois dize-me, que vem a dizer nisso?

Cosc. He que agora todos os que andão enfarinhados no amor, apparecem ás suas damas enfarinhados, e tambem as enfarinhão.

Pan. Isso parece asneira.

Cosc. Qual asneira! se ella não se alegrar, põeme a culpa.

Pan. Não sei se ella levará isso a bem.

Cosc. Senhor, has de enfarinhalla, se quizeres que ella faça comrigo boa farinha.

Pan. Ora eu sigo o teu conselho; anda-me enfarinhar. *Vai-se.*

Cosc. A farinha, que este Pan havia mister, havia ser farinha de páo. *Vai-se*

SCENA II.

Antecamara. Sahe Syringa, Silvia, Golosina, e depois Silvano.

Silv. ADorada Silvia, só a vossa belleza podia ser guindaste do meu amor, senão não vinha cá, ainda que me arrastassem por huma corda.

Silvia. Porque razão?

Silv. Porque depois, que vi Pan no meu forno, fiquei huma braza.

Silvia. Tambem eu sentiria, que elle cá vos visse, pelo muito cioso que he.

Gol. Pois elle anda sempre por aqui a rondar.

Syr.

Syr. Ora mano, ide-vos, não vos venha algum desgosto.

Gol. Ou senão, eu fecho a porta.

Vai para fechar a porta, e entra Coscorão.

Cosc. Que he isto? v. mercês dão com as portas nos narizes da gente?

Silv. Que procuras aqui.

Cosc. Ai! cá está v. m., pois o Senhor Pan ahi vem.

Silvia. Ai de mim infeliz!

Syr. Que ha de ser de nós?

Silv. Zeloso lhe tirarei a vida, se intentar averiguar seus zelos.

Silvia. Ai Senhor Silvano, não lhe tireis a vida, porque fico dezirmanada.

Syr. Ai meu rico mano, não o mateis, porque póde succeder alguma desgraça.

Gol. Não faça tal, que se ficamos sem Pan, morreremos todos á fome.

Cosc. Ah Senhor, não nos tires o pão cá de casa, porque isso he querer pornos a pão de padeira.

Gol. Coscorão, não dás remedio a isto?

Silv. O remedio he matar, ou morrer.

Cosc. Ora espere, não se mate, que eu remedeio isso: pergunto, que porta he aquella?

Silvia. He a porta da minha camara.

Cosc. E aquelloutra?

Gol. He a que vai para a despensa.

Cosc. Essa he a melhor; pois querem que o Senhor Pan não veja aqui ao Senhor Silvano?

Silv.

Silv. e Syr. Efle he o noſſo cuidado.

Coſc. Pois para que não ſeja viſto aqui, eſconda-ſe alli dentro.

Silv. Só tu podias dar em tão bom caminho.

Coſc. Parece-me a hiſtoria dos que querião meter com ceſtos ao Sol dentro em huma caſa eſcura.

Gol. E então que ſuccedeo?

Coſc. Que hum ſujeito lhe evitou eſte trabalho, mandando abrir na caſa huma janella.

Silv. Mas eu eſconder-me? Iſſo não eſtá bem ao meu valor.

Coſc. Qual valor! Não faças caſo diſſo, que ninguem o ſabe ſenão nós todos.

Silv. Attendei, Silvano, ao perigo em que eſtou.

Coſc. Ah Senhor, vê o que fazes, que eſtá a Senhora de perigo, e póde mover-ſe aqui alguma ruina.

Silv. Só por eſſa cauſa o farei.... *eſconde-ſe.*

Coſc. Anda, Senhor, deixa-te de eſcrupulos, que todos ſomos de caſa.

Sahe Pan com a cara enfarinhada, e com huma mão cheia de farinha.

Silv. Ai que he iſto! Eſte he o meu irmão?

Gol. Que celebre traſte que vem! *á parte.*

Syr. Que tollo he eſte? *á parte.*

Coſc. Senhor, tu vens muito gentil-homem, e muito apolvilhado.

Pan. Coſcorão, ellas parece que folgão de me ver.

Coſc.

Cosc. Ah Senhor, de gosto; estão estourando com rizo.

Pan. Ora venho já capaz de apparecer?

Silv. Muito havia rir se não estivera com tanto medo. *á parte.*

Syr. Se não estivera com tanto susto, muito havia de rir. *á parte.*

Pan. Acabareis de conhecer, bella Syringa, quanto desejo agradar-vos. Alviçaras, Coscorão, que já me deu hum ar de rizo. *Para Cosc.*

Cosc. Ora anda para diante, e com esse ar não fiques tolhido.

Pan. Já sei, Syringa adorada, que os amantes são como os bacalháos.

Syr. Porque?

Pan. Porque os mais enfarinhados são os melhores.

Syr. E eu cuidava, que erão como os figos passados.

Pan. Porque?

Syr. Porque quanto mais enfarinhados por fóra, mais ocos por dentro.

Cosc. Eu tambem quero dizer o meu conceito; e he que os amantes os comparo ao páo dos escouçados.

Gol. Porque?

Cosc. Porque quanto mais farinha por fóra, mais farello por dentro.

Gol. Dizes bem, que nestes casquilhos apolvilhados tudo he farelorio.

Syr. Tomára, que este homem se fora já daqui. *á parte.*

Pan.

Pan. Cofcoráo ; parece que he tempo de lhe hir com as máos á cara.

Cofc. Vai, que ainda fóra do entrudo o pôr-fe na cara tanta farinha he que faz a farinha cara.

Pan. Concedei-me, Senhora, lincença para requintar de todo a minha fineza.

Syr. Que me quererá efte nefcio? *á parte.*

Chega-fe Pan a Syringa, e enfarinha-a.

Pan. Ora eis ahi, eis-ahi vereis fe fei fer amante.

Syr. Que he ifto, que me fuccede! Ha maior atrevimento!

Silv. Syringa, por vida voffa disfarçai, por náo fucceder alguma.

Pan. Oh Cofcorão, eftáo-me as máos folgando.

Syr. Que foffra eu ifto pelo rifco, em que eftá meu irmáo. *á parte.*

Pan. Pois que dizeis? ando já enfarinhado em amante, ou náo?

Syr. Sim, eftou-vos muito agradecida.

Pan. Mas entendei, que efta he a primeira vez, que deito as minhas finezas em rofto.

Syr. Eftá feito; ora hide-vos embora, para vos ficar mais obrigada.

Pan. Qual hir? porque eu fou afno? Oh lá haja merenda, e mais merenda.

Syr. peior he efta. *á parte.*

Silv. Ha maior infortunio! *á parte.*

Pan. E eu mefmo hei de hir dentro bufcalla, e fervir á meza.

Cofc. Agora eftá o cafo mal parado. *á parte.*

Gol. Que ha de fer de nós? *á parte.*

Pan.

Pan. Pergunto, Silvia, eſtão lá dentro aquelles queijos, que hontem mandei fazer?

Silv. Não, já os comi. (Digo iſto, porque não os vá buſcar.) *á parte.*

Pan. Ahi! Comeſtes mais de vinte queijos? Já ſei que comvoſco não poſſo coalhar couſa alguma.

Silv. Tambem mandei alguns de preſente.

Pan. E as caſtanhas que mandei para caſa?

Silv. Não me lembra aonde as puz.

Pan. Supponho, que tambem com ellas vos encheſtes como hum ouriço?

Coſc. Não, as caſtanhas, de burro que tal comeſſe.

Pan. Sempre vou á deſpenſa buſcar o que houver.

Coſc. E eu vou-me daqui, para ver ſe atalho alguma deſgraça. *Vai-ſe.*

Gol. Senhor Pan, a Senhora Syringa ſó com a ſua viſta ſe ſuſtenta.

Pan. Callai-vos ahi buginica, que vós ſois a primeira que eſtais já deſejando que dar á dentuça.

Silv. Mano, deixai-vos eſtar, que eu vou.

Pan. Qual! eu meſmo hei de hir em peſſoa. *pegão nelle.*

Syr. Senhor, affirmo-vos, que não quero comer couſa alguma.

Pan. Pois quero eu; que depois que me vejo correſpondido, tenho huma fome, que não poſſo parar.

Vai para entrar, e ſahe Coſcorão chorando.

Coſc. Ah Senhor Pan, acuda-me depreſſa.

Pan. Que he iſto ? que tens ?

Coſc. Acuda me, antes que o magano ſe vá.

Pan. Pois que te fizerão ?

Coſc. Derão-me muitos nomes meus no cachaço. Ai, ai, ai.

Pan. Cala-te, não tens vergonha de chorar ?

Coſc. Quando ha de hum pobre Coſcorão ter vergonha, ſe levou tão deſavergonhados Coſcorões ?

Pan. Ora és hum choramingas.

Coſc. Hum cho . . . que ?

Pan. Hum choramingas.

Coſc. Pois não hei de ſer choramingas, ſe me fizerão n'uma aſſorda.

Pan. Conta-me, como foi iſſo ?

Coſc. Anda tu comigo.

Pan. Dize-mo primeiro.

Coſc. Ora ouve.

RECITADO

Chorando.

Hum magano, hum maroto, hum mariolla
Me pregou mil carollos na carolla
Com tal manha, tal força, e por tal arte,
Com tal modo, tal geito, e por tal parte,
Que na terra moido
Como hum caſſão fiquei molle, e eſtendido
E vendo-me caſſão em tal trabalho,
Me quiz alli deixar de molho d'alho;
E eu que livre me colho,
Os teus pés buſco agora de remolho.

ARIA

ARIA.

Senhor Pan, ſe és branco, e alvo,
Vale a hum pobre eſcouçado,
Deſancado, e derreado,
Que chorando aqui te eſtá.
Vem comigo, antes que fuja,
Anda Senhor, anda já;
Vamos, antes que ſe vá.
Vaõ ſe Coſc. e Pan.

Silv. Iſto deve ſer traça de Coſcoráo.
Syr. Pois vamos deitar fóra a Silvano, já que temos occaſiáo diſſo. *Vaõ-ſe.*

SCENA III.

Jardim. Sahem Eſguicho, e Lingoiça.

Eſg. QUe queira eſta maldita velha, que á força eu lhe queira bem, quando ſó morro pela minha bella Goloſina!
Ling. V. m. Senhor Eſguicho vejo,o já muito deſcuidado.
Eſg. Ora não me venha já com eſſas aſneiras.
Ling. Iſſo me diz, ingrato, depois de eu ter gaſto com voſsè tanto cabedal?
Eſg. Eu digo, que he aſneira deſconfiares do meu amor.
Ling. Não ſei ſe o creia, porque o vejo muito mudavel, e muito valdevelorios.
Eſg. Em ſinal de que he verdade, toma eſte abraço.

Ao tempo em que ſe abração ſahe Coſcorão, e Pan.

Coſc. Para deter a meu Amo, e vingar-me de Eſguicho, boa occaſião he eſta *á parte.* Anda, Senhor Pan, que aqui eſtão os velhacos, que me derão. *para Pan.*

Pan. Foi Eſguicho?

Coſc. Foi elle, e mais eſſa caveira deſdentada.

Eſg. e Ling. Há maior teſtemunho!

Coſc. Callem-ſe ahi marmanjos.

Pan. E porque te deu!

Coſc. Ha dizer te derão, porque ambos me forão ao couro.

Ling. Pois eu deite?

Coſc. Sim Senhora, tambem cá pelas coſtas ſenti meu pedaço de Lingoiça.

Pan. E porque te derão?

Coſc. Porque reprehendi ſeus beſtiaes namoratorios.

Eſg. Como lhe dei eu, ſe ainda hoje não o vi?

Coſc. Eu não ſei ſe me via, porque dava pancadas de cego.

Ling. O que mais ſinto, he ficar a minha honeſtidade em bocas do mundo. *á parte.*

Pan. Coſcorão, ahi vem já Syringa; ſupponho, que vai para caſa, peço-te a leves pelo boſque para gozar algum favor ſeu, pois vejo que já não lhe deſagrado.

Coſc. Vai-te eſperar deſcançado, que eu as levarei por lá.

Pan. E tu Eſguicho adverte, que não offendas ma-

mais eſte moço, porque tu és tu, e elle he elle. *Vai-ſe.*

Eſg. Ora cale ſe, que eu me vingarei. *á part.*

Sabem Syringa, Silvia, e Goloſina.

Ling. Olhem para que eſtava eu guardada no cabo dos meus ſeſſenta?

Silv. Como já Silvano ſe foi, ſeguras eſtamos.

Syr. Pois mana, ficai-vos embora, que sáo horas de me hir. Vamos, Coſcoráo.

Silv. Hide com os deoſes.

Coſc. Vamos que mal ſabes o que te eſpera. *á parte.*

Vaõ-ſe Syringa, Goloſina, e Coſcorão.

Silv. Quanto eſtimo ver-me livre de táo grande ſuſto. *á parte.*

Eſg. Deſta ſorte me vingarei de Pan, e ſervirei bem a meu Amo. *á parte.*

Ling. Se Eſguicho náo caſa comigo, não me lavo com quanta agoa tem o mar. *á parte.*

Eſg. Eſtou, Senhora, admirado de ver o teu deſcanço.

Silv. Em que?

Eſg. O Senhor Pan, vai daqui ameaçando-te que te ha de matar.

Silv. Que dizes? Ai de mim!

Eſg. Náo ſei que enredos lhe meteo Coſcoráo, que vai daqui deſeſperado, dizendo, que és a ſua deshonra.

Silv. Ai, que ſem duvida lhe diſſe o traidor Coſcoráo, que eſtava comigo Silvano. *á p.*

Eſg.

Esg. Digo-te isto, por cumprir com as obrigações de bom criado.

Silv. Perdida estou! Não ha mais remedio, que ausentar-me para casa de Syringa. *á p.*

Ling. Para que dirá Esguicho esta mentira? *á parte.*

Silv. Sem lhes dizer para onde, me ausentarei. *á parte.*

A R I A.

Onde hei de hir triste de mim
A buscar amparo, e norte,
Já que meu irmão a morte
Me fulmina com rigor?
Por fugir ao triste damno,
Que fulmina o seu foror,
Azas dá o mesmo amor. *Vão se*

SCENA IV.

Bosque. Sahe Pan.

Pan. AQui estou esperando para gozar os favores da bella Syringa, e pela esperança em que estou, me parece cada hora sessenta minutos. Mas eu que não a vejo, final he que ainda não vem. Mas ai que se não me engano, ahi sinto vir gente, e certamente, ou he ella, ou outrem: quero-me retirar, para ver quem he. *occulta-se.*

Sahem Syringa, Golosina, e Coscorão.

Cosc. Oh Senhoras, vossas merces hão de se guiar por mim, ou não? *Syr.*

Syr. Por onde nos levas tu?

Cofc. Deixem-fe hir comigo, que eu darei conta de voſſas merces.

Syr. Por eſte caminho não ſe vai para noſſa caſa.

Cofc. Onde eſtará eſte homem, que ainda não apparece? *á parte.*

Gol. Eſte caminho he muito ſolitario.

Syr. Eſtou capaz de voltar para traz.

Cofc. Não Senhoras, hão de vir comigo, que eu hei de entregallas ao Senhor meu Amo.

Syr. Goloſina, vamo-nos para traz.

Cofc. Tenhão máo em cortezia, mas quem vem lá?

Sabe Pan.

Syr. Ai de mim, que vejo!

Gol. Peior he eſta. *á parte.*

Cofc. V. m. por aqui, Senhor Pan?

Pan. Minha bella Syringa, a voſſa preſença feſtejão eſtes boſques, que embrulhados nos capuzes das ſuas ſombras eſtão dançando a contradança da capuchinha.

Gol. Me melem, ſe iſto não he entrega de Coſcorão. *á parte.*

Pan. Não me reſpondeis, Senhora? já mudaſtes de parecer?

Syr. Muito receio o atrevimento deſte homem. *á parte.*

Pan. Pouco tempo ha, que vi o voſſo ſemblante mais alegre; porque eſtais agora tão embezerrada?

Syr. Coſcorão, para iſto nos trouxeſte por aqui?

Coſc.

Cofc. Eu adivinhava, que haviamos ter táo bom encontro?

Pan. Senhora, por mercê náo me fareis hum favor?

Syr. Que favor?

Pan. Hum abraço, ou coufa que o valha.

Syr. Ai trifte de mim! Ha quem tal diga!

Pan. Deixai-me, Senhora, chegar a boca á nevada catimplora das voffas máos.

Syr. Ainda os fados me tinháo guardada para ouvir ifto!

Cofc. Ha quem tal faça! Queres tomar neve em tempo táo frio?

Pan. Toda efta neve para mim he hum trago, ou hum forvete.

Gol. Eftá ifto bom, Senhor Cofcoráo?

Cofc. Eu tenho culpa de Pan eftar táo lêvado de amor? Mas efpera, que eu meto as máos na maffa. Ah Senhor v. m. que quer a minha Ama?

Pan. Cofcoráo, deixemos disfarces, que eftou defefperado.

Cofc. Pois que efperas? Faze o que te parecer.

Syr. Ah criado falfo traidor!

Gol. Ah desleal! ah fementido!

Cofc. Tudo ifto sáo queftóes de nome: vamos *ad rem*; venha tambem minha Golofina hum abraço cá para o pobre.

Gol. Hum dardo que o atraveffe.

Cofc. Bem me atraveffa quem he táo traveffa.

Pan. Senhora, concedei-me o que peço, fenáo farei o que poffo.

Syr.

Syr. Oh piedoſo Jupiter, vale-me em tanta afflição.

Coſc. Não te cances, Senhora, em chamar por Jupiter, que he tão bom tonante como qualquer de nós.

Pan. Pois valerme-hei da força, ainda que quebre comvoſco.

ARIA A DUO.

Syr. Vós, oh Deoſes ſoberanos.
Pan. Oh ingrata eſpera, eſpera.
Syr. Valei-me.
Pan. Tyranna fera.
Syr. Ai de mim! valei-me já } *Ambos.*
Pan. Aos meus braços chega já }
Syr. Piedoſos me attendei.
Pan. Não reſiſtas bella, ingrata.
Syr. { Se voſſa clemencia grata
{ A todos auxilio dá } *Ambos.*
Pan. De mim não te livras já }

Vai Pan a abraçar-ſe com Syringa, e ſe converte em hum canaveal.

Coſc. Que he iſſo? Ah Senhor, tem mão que te abraças com humas canas.

Gol. Que vejo! oh deſgraçada de mim!

Pan. Ha maior deſdita!

Coſc. Pois que te parece, o que foſſe fazer, e desfazer.

Pan. Deixa-me Coſcorão, que perco o juizo.

Gol. Ai minha rica Ama do meu coração, que te tragou a terra.

Coſc.

Cosc. Tens razão de chorar, minha Golosina, que o tragalla a terra foi para todos hum amargoso trago.

Pan. Oh piedosos Deoses, se a reduzis á sua propria fórma, eu vos prometto.....

Cosc. Promete-lhe huma Syringa de prata para ajuda do custo.

Gol. Vou-me por esse mundo acabar a vida.

Cosc. Espera, dame ahi primeiro dez mil abraços, para não te hires rindo de tua Ama.

Gol. Ha maior loucura! vossê não vê o exemplo diante dos olhos?

Cosc. Não tenhas medo, que tu estás segura, pois nem a terra te ha de poder tragar.

Gol. Pois valhão-me os pés: *vai para fugir.*

Cosc. Tenha mão. *segura nella.*

Gol. Valei-me, Deoses piedosos.

Vai para a abraçar, e converte-se em huma salgadeira.

Cosc. Mas ai, dei com os narizes n'um sedeiro!

Pan. Que he isso Coscorão?

Cosc. He hum methamorphorseos lacaial.

Pan. Irados estão os Deoses contra nós.

Cosc. Estão hoje apostados a pregarnos a peça.

Pan. Em huma salgadeira se tranformou?

Cosc. Isso tenho eu contra huma, e outra, que se não converterão ao menos em arvores fructiferas, pois não era má para o tempo a fruta de Syringa.

Pan. Vem cá Coscorão, dáme algum alivio em tanto mal.

Cosc.

Cosc. Oh Senhor, adverte que eu não sou fole do Maranhão para supprir nas faltas de Syringa.

Pan. Não zombes de mim, quando me vês estar penando.

Cosc. Deixe me, que tambem estou enfadado, e senão gritarei pelos Deoses, ainda que me convertão em altavaca de cobra, ou em cebolla albarrá.

Pan. Deixa loucuras, e aconselha-me, o que devo fazer neste caso.

Cosc. Isso agora sim, que eu entendia cá outra asneira. Senhor, o remedio que ha he regarmos com lagrimas esta seara que temos feito.

Pan. Que importa, que eu chore tanto
Com excessivas ternuras,
Se a estas canas tão duras
Não abranda hum mar de pranto.

Cosc. Pois eu cá por minha mòssa
Em chorar tenho assentado;
Porque tudo o que he salgado
Só com muita agoa se adóça.

Pan. Pare o pranto, pois se perde,
E quer o peito rasgar
Para com sangue regar
Huma esperança tão verde.

Cosc. Neste salgado em que apanho
Hum defluxo tão sem par,
Sómente quero chorar
Ainda que o chorar faz ranho.

Pan. Feliz tu, que a lisongeira
Sorte, com gloria reserva;

Po-

Pois para a tua conſerva
Te deu huma ſalgadeira.

Coſc. Feliz tu, que a ſorte uſana
Te dá curas tão ſubidas;
Pois para as tuas feridas
Tens agoardente de cana.

Fallão ambos em ſegredo, e ſabe Silvia junto ao canavial.

Silv. Pelo que me diſſe Eſguicho, venho buſcando a caſa de Syringa, mas já vejo que perdi o caminho. Porém ai de mim infeliz, que alli eſtá meu irmão fallando com aquelle traidor! Sem duvida que me anda procurando: occultarme-hei entre eſtas canas, os Deoſes me defendão.

Eſconde-ſe entre as canas.

Pan. Coſcorão, não ſei que ha de ſer de mim.

Coſc. O que? hirmos para caſa, que são horas de cuidar na cea.

Pan. Iſſo he ſeres bruto; ha quem queira comer á viſta deſtes eſpectaculos?

Coſc. Eu não digo, que comamos á ſua viſta, vamos comer para caſa.

Pan. Já não eſpero ter conſolação na minha vida.

Coſc. Mas ai que eſtamos perdidos, que ahi vem Silvano direito a nós!

Pan. Ainda mais eſſa?

Coſc. Has de dizer ainda mais eſſe.

Sabe Silvano.

Silv. Eſperai Pan, que vós, e eſte aleivoſo criado

do me háo de dizer onde me ſumiráo minha irmá, pois a viráo entrar com elle para aqui

Coſc. Pois vê-a v. m. aqui comigo?

Silv. Náo.

Coſc. Logo he ſinal certo, que náo eſtá cá.

Silv. E vós, Senhor Pan, dai-me tambem conta della; pois já eſtou informado, de que atrevido a ſolicitaveis.

Pan. O certo he que o caſo eſtá bem mal parado. *á parte.*

Coſc. Todavia v. m. náo ſabe onde eſtá?

Silv. Náo, e mais tenho corrido tudo.

Coſc. Entáo como havemos ſabello nós, que náo temos paſſado daqui.

Silv. Logo devia tragalla a terra.

Coſc. Talvez, que aſſim ſuccedeſſe.

Silv. Oh atrevido, zombas de mim? morrerás.

Pan. Tende máo, Senhor Silvano.

Silv. Vós, e elle morreráõ, ſe me náo derem conta della.

Pan. Na verdade quereis ſaber della?

Silv. Pois náo?

Pan. Obrais como irmáo amante.

Silv. Pois aonde eſtá? aviemos.

Pan. Boa conta lhe darei eu della. *á parte.*

Silv. Náo reſpondeis? pois briguemos.

Pan. Eſperai, Silvano.

Coſc. Eſpere, Senhor: aſſim ſe acháo as couſas táo depreſſa!

Silv. Que hei de eſperar?

Coſc. Deixe-nos conſiderar primeiro, para ver ſe damos nella.

Pan. Eu não tenho mais remedio, que responder-lhe a verdade. *á parte.*

Silv. Pois que dizem?

Cosc. Outra vez. Se nos estiver atarantando, não nos lembrará nada que lhe dizer.

Silv. Grande he a minha paciencia!

Pan. Senhor Silvano, a quem procurais, buscai entre as canas, que vedes, e se não vos deres por satisfeito, por aqui vou. *Vai-se.*

Cosc. E eu tambem. *Vai-se*

Silv. Vejamos se he assim.

Chega Silvano ao canavial, e sahe Silvia.

Silv. Mas que vejo! vós Senhora aqui... quando...

Silv. Eu sou, Silvano.

Silv. Que he isto! Pan entergar-me sua irmã, para que eu lhe não procure a minha! porém hei de matallo, porque mais estimo a honra, que o amor. *á parte.*

Silv. Muito pensativo estais! peza-vos de me veres aqui?

Silv. Senhora, esperai, que já venho.

Silv. Detende-vos, e valei a huma mulher infeliz, se sois amante, e nobre.

Silv. De tudo me prezo; porém dai-me licença.

Silv. Amparai-me, porque meu irmão me pretende tirar a vida, por saber, que vos amo.

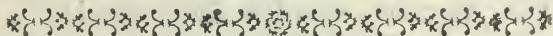
Silv. Ella cuida, que não entendo os seus distarces. *á parte.*

Silv. Ponde-me em seguro, e depois averiguai o que quizeres.

Silv. Diz bem, levala-hei comigo, e depois o buf-

buſcarei para lhe dar a morte. *á parte.* Muito deveis ao meu amor, que tanto refreia aos meus zelos. *Vamos.*

ARIA A DUO.

Silvia. Já ſeguirte intenta
Quem firme te adora.
Silv. Seguime, Senhora.
Ambos. Que o tempo me falta.
Silv. Para me vingar. } *Ambos.*
Silvia. Para te lograr. }
Silv. Sem ti não me alento.
Silvia. Sem honra não vivo.
Ambos. E he tormento eſquivo.
Silvia. O não te aviſtar. } *Ambos.*
Silv. O ſem honra eſtar. }

ACTO III.

SCENA I.

Boſque com o conavial. Sahe Coſcorão.

Coſc. ASſim como qualquer porco tem por centro a ſua ſalgadeira, aſſim eu tambem, ainda que me façáo em poſtas, hei de buſcar eſta ſalgadeira por meu centro. Mas he poſſivel que ſe transformaſſe em couſa táo ſalgada huma Goloſina táo doce, para cuja aſſu-

aſſucarada belleza concorrião os amantes como moſcas? Mas ai, que ahi vem o ſalvagem de Eſguicho, e ſupponho que tambem vem com a moſca, pela preſſa com que caminha, e eu vou-me moſcando, porque não haja alguma moſquetaria de ſocos.

Vai para ſe hir, e ſahe Eſguicho.

Eſg. Ah ſou camarada?
Coſc. Camarada he marujo.
Eſg. Ah ſou amigo?
Coſc. Amigo he bebado.
Eſg. Ah ſou praceiro?
Coſc. Praceiro he preto.
Eſg. Ah ſou homem?
Coſc. Homem he mariola.
Eſg. Ah ſou aſno?
Coſc. Agora ſim, que diſſe voſſê o que he.
Eſg. Voſſê empulha-me?
Coſc. Voſſê he que ſe empulhou, dizendo ah ſou aſno, ſou aſno.
Eſg. Seja o que for, não gaſtemos tempo em couſas de pouco fundamento.
Coſc. Aſſim he; vamos ao mais que tenho preſſa.
Eſg. O que eu quero he, que voſſê me dê conta de Goloſina, porque ſei, que a ſumio onde quer que he.
Coſc. He o que eu digo, ahi temos entalação. *á parte.*
Eſg. Vamos dando conta della.
Coſc. V. m. não ſabe onde ella eſtá?
Eſg. Não.

Coſc.

Cosc. Pois busque-a, que talvez que não appareça.

Esg. Vossê zomba? olhe que lhe hei de romper as tripas.

Cosc. Se vossê me rompe as tripas, então tem Golosina certa.

Esg. Pois preparar, ou para nos matarmos, ou para ella apparecer.

Cosc. Está boa impertinencia! Eu não sei como escape deste salvagem. *á parte.*

Esg. Aviemos, senão olhe que lhe dou.

Cosc. Mas imitando a meu Amo com a mesma verdade lhe responderei. *á parte.*

Esg. Não ouve? pois levará.

Cosc. Espere, diga o que quer, não he saber onde ella está?

Esg. Sim não me ouve?

Cosc. Ora acabe com isso; pois meu amigo procure-a naquella salgadeira, que alli se escondeo, ainda que vossê não a ha de conhecer.

Esg. Ora eu vejo. Mas ai de mim! que he isto! espera, Coscorão, espera.

Vai ver, e sahe huma burra de entre a salgadeira.

Cosc. Que quer? (Mas ai que por acaso alli estava huma burra, proseguirei no engano.) *á p.*

Esg. Esta he Golosina?

Cosc. Pois porque te disse eu, que não a havias conhecer!

Esg. He possivel, que isso seja assim.

Cosc. He fadario, que tem de dias em dias. Meu amigo, somos miseraveis.

Esg. Eu em todo o tempo, que eſtive em caſa, nunca vi que tal fadario tiveſſe.

Coſc. Porque? logo ſe havia transformar á ſua viſta? quantas vezes a veria feita burra, ſem que a conheceſſe?

Esg. Pois pergunto: as mulheres tambem tem eſte fadario?

Coſc. Quantas, meu amigo por fadario são burras toda a ſua vida.

Esg. Oh meu Coſcorão, quando ha de ella tornar a ſi?

Coſc. Eſtas duas horas ainda ſe não ha de deſemburrar.

Esg. Sempre he para ter pena; olhe o que ſomos, e em que nos tornamos!

Coſc. Ah ſou Eſguicho, eſte fadario havião ter todas as mulheres dos homens pobres, porque ſervião de grande deſcanço aos maridos.

Esg. E a mim me ſerve de afflicção.

Coſc. Sabe voſſê para que era boa huma deſtas?

Esg. Para que?

Coſc. Para mulher de hum agoadeiro.

Esg. Forte magoa! ver eu mudada em huma ridicula burrinha huma moça como huma urca!

Coſc. Tenha a conſolação, que logo a verá gente em ſe deſaſnando.

Esg. Não tenho mais remedio, que levalla para caſa.

Coſc. Faz bem; e eu tambem me vou, e tenha a conſolação, que logo lhe paſſa eſſa transformação burrical. *Vai-ſe.*

Esg. Quem me havia dizer, minha doce prenda

da, que te havia eu ver mança como huma burrega, quando eras arisca como huma gata! e já que te vejo táo quieta, hei de me fartar de te abraçar. *abraça-a*

Sahe hum rustico.

Rust. Que vejo! Aquelle asno está abraçado com hum burro? Já eu ouvi dizer, que se abraçaváo asnos com ameixieiras; porém asnos abraçados com outros, ainda agora o vejo.

Esg. Ora anda para casa, meu amor.

Rust. Mas ai, que he a minha burra! Ha maior insolencia! que náo possa hum homem ter a sua jumenta segura destes maganos ladróes!

Esg. Mas quem he o que lá vem?

Rust. Ah sou amigo, aonde leva essa burra?

Esg. Senhor, isto cá he huma cousa, que lhe náo importa.

Rust. Náo me ha de importar a minha jumenta, que comprei?

Esg. Olhe v. m. que se engana, que esta burra he como qualquer de nós.

Rust. Será como elle, atrevido; ora tome. *Dalhe.*

Esg. Ai, ai, ai! basta Senhor; ahi está a burra, quer seja gente quer náo.

Rust. Já se crê do que lhe digo?

Esg. Sim Senhor, que v. m. prova, o que diz com silogismos em *Dari.*

A R I A.

Rust. Larga a burra, magano, atrevido,
Náo ma queiras tomar, ladronaço;
Se náo vê que o teu triste cachaço
Ha de ser derreado, moido;
Irra vasco com tal desaforo!
He por certo valente furtar.
Vaite, antes que me atente,
Pois te vejo sem modo de gente,
Mais que a burra, valente animal.

Vai-se.

Esg. Está isto lindo! Darse-há caso que o tal Coscoráo me albardaria com a burra! Mas calte que se me emburricaste, eu te tangerei.

Vai-se.

Sahe Pan.

Pan. Assim como o navegante, que navega em estreito canal, tendo contrario o vento, tudo he dar voltas; assim neste canal, em que o meu amor naufraga, tudo he dar gyros como a cobra; e se a huma cobra facilmente mata huma cana, que farei eu vendo tantas contra mim! Ai triste, aonde acharei consolação! Mas já que vós sois o motivo do meu penar, quero cortando-vos, que decanteis comigo a minha infausta sorte, e já que sois a causa do meu mal, haveis de ser o clarim do meu tormento. (*Corta nas canas.*) Supponho, que náo vos offende o cortar-vos, pois tambem Dafne se náo queixou de Apollo

lhe

lhe cortar para a coroa ſua verde rama; e aſſim já que foſtes quem me fugio, he razão ſeja eu quem vos allobie ás botas.

Chega as canas que cortou á boca, e canta o ſeguinte.

RECITADO FLAUTADO.

Verei ſe aſſim ſoprando com a boca.....
Ai, que harmonia faz! ai como toca!
Oh que tão bella induſtria amor me enſina
O inſtrumento he hum theſouro, he huma mina.
Como he ſonoro, doce, e tão ſuave!
Que conſonancia faz, tão bella, e grave
Que a meus triſtes ouvidos
Eleva com tão doces ſuſtinidos.

ARIA.

Doce calamo decanta
Já comigo a minha magoa,
Pois que neſta triſte fragoa
Sinto a auſencia de hum amor:
E ſe a ſorte me condemna
A chorar na minha pena,
Dame alivio em tal rigor.

Sahe Coſcorão por detraz do canavial.

Coſc. Vejamos ſe ſe auſentou já daqui aquelle ſalvagem. Mas ai, que alli eſtá meu Amo! he ſorte deſgraça! Que não poſſa ter lugar hum pobre Coſcorão de ſe frigir no azeite das

das finezas! Ora efcondamonos aqui, até ver fe fe vai. *efconde-fe no canavial.*

Pan. Quando vejo efte verde canavial, fe me entriftece a minha efperança.

Cofc. Pois razão tinha para fe alegrar com o verde. *á parte.*

Pan. Oh como te cuftou falgada huma graça de amor!

Cofc. Mais falgada cuftou a Golofina, que eftá feita falgadeira. *á parte.*

Pan. Talvez não chegaffes a tanto, fe não fora o teu amor com Pan tão duro.

Cofc. Ao mefmo chegou Golofina, e mais não arreava a páo mole. *á parte.*

Pan. Que farei infeliz de mim?

Cofc. Ora quero fazer huma peça a meu Amo. *á parte.*

Pan. Que hei de fazer, quando louco o teu amor me traz?

Cofc. Traz. *por falfete.*

Pan. Ai que fe não me engano, hum éco ouvi! Por ventura, adorado bem, ferás tu effa voz, que foou?

Cofc. Sou.

Pan. Ditofo me confidero! Perdoa-me, meu bem, fer eu caufa de tu eftares affim.

Cofc. Sim.

Pan. Torna outra vez á tua fórma, que eu prometto, de que outra vez te não agarre.

Cofc. Arre.

Pan. Ainda és ingrata contra mim?

Cofc. Im.

Pan.

Pan. Pois que intentas, ou queres em tanta magoa?

Cosc. Agoa.

Pan. Agoa? Eu vou, Senhora, buscalla, pois tão perto está a fonte. *Vai-se.*

Cosc. Elle se foi, e eu me estou tambem hindo com sono; porém tomo acordo de não dormir, sem primeiro cantar hum bocadinho.

A R I A.

Ai, que estou pingando!
Não posso já bulirme,
E o sono a perseguirme,
Aqui me hei de deitar:
E que lhe hei de fazer
Se o cão aperta tanto?
Tenha lá mão desse canto
Que não me hei de entregar.

Cahe dormindo entre as canas, e sahe Pan com huma quartinha de agoa.

Pan. Aqui venho já obediente aos vossos preceitos. *Deita a agoa sobre Coscorão.*

Cosc. Ai, que me matão! *levanta-se.*

Pan. Que he isto?

Cosc. Ai que estou cego!.... *chora.*

Pan. Tu choras?

Cosc. Ainda mo perguntas, quando me vês os olhos arnzados de agoa?

Pan. Não sabia, que aqui estavas.

Cosc. He possivel, que sendo tu Pan, me fizesses a mim n'uma sopa?

Pan. Dize, que fazias aqui dormindo?

Cosc. Dize-me tu, porque carga de agoa me fizeste bacalháo de molho?

Pan. Eu cá sei o meu intento.

Cosc. Tu sabes o teu intento, e eu no entanto vou soffrendo as tuas aguadas. (Mas eu tive a culpa, pois cuidando que te lograva, vim a cahir na corriola.) *á parte.*

Pan. Ai, Ai, Coscoráo! não sei como ando! eu morro.

Cosc. Pois se estás mal, eu sou cá orinol para te tomar as agoas?

Pan. Estou ardendo n'um inferno de penas.

Cosc. Pois se estás ardendo, toma hum banho como eu.

Pan. Hoje nesta amante fragoa
Vejo contrarios primores;
Pois eu padeço os aores,
Tu és quem recebe a agoa:
Meu coração sente a magoa,
E tu te ficas queixando,
E nisto se está mostrando
O intento todo frustrado;
Porque tu ficas aguado,
E eu sou o que vou aguando. *Vai-se.*

Cosc. Agoa vai! sede lá moço
De hum Amo tão dezalmado,
Que acorda hum triste coutado,
Que dorme qual pedra em poço!
Afogado até o pescoço

eM

Me vi neſta amante fragoa:
He por certo grande magoa
Ver, que hum tal Amo aſſim obre,
Quando ſe queixa de hum pobre,
Que o ſerve por baixo da agoa.

Vai-ſe

Sahe Silvia.

Silv. Fugindo ás amoroſas inſtancias de Silvano, venho tão perdida do caminho, como do ſentido; pois cuidando achar alivio na companhia de Syringa, como eſta não apparece em caſa, ſómente encontrei amoroſos atrevimentos em Silvano, e fugindo a ſeus rogos, venho guiando os paſſos, ſem ſaber para onde. Mas ai de mim, que ahi vem meu irmão! Que farei piedoſos Deoſes! Porém eſte canaveal ſerá ſegunda vez meu abrigo. *eſconde-ſe.*

Sahe Pan, e Coſcorão ſeguindo a Eſguicho, que ſe retira.

Pan. Suſpende os paſſos, e dize-me aonde eſtá minha irmã?

Eſg. Por me livrar deſte demonio, encravarei a meu Amo. *á parte.* Senhor, pergunta por ella ao Senhor Silvano, que a tem em caſa. *para elle.*

Pan. Oh desleal, perderás a vida.

Eſg. Valhão-me os pés. *foge e vai-ſe.*

Pan. Eſpera, infiel criado.

Coſc. Senhor, não nos cancemos em ſeguillo, porque o medo lhe pôs azas nos pés.

Silv.

Silv. Não poſſo perceber, porque ſe enfada meu irmão. *á part.*

Pan. Que te parece iſto, Coſcorão? Não baſtava eſtar ferido de amor, ſenão eſcalavrado do credito?

Coſc. Pois curate com agoardente de cana, que logo ſáras.

Pan. Oh Coſcorão, como eſtará Silvano com Silvia ſoberbo!

Coſc. Oh Senhor, e como hirá Eſguicho com Lingoiſſa enchoriçado!

Pan. Com a morte de ambos me ſatisfarei.

Coſc. E eu me fartarei com deſancar o palaio àquelle esfaimado tragador de Lingoiſſas.

Pan. Mas ai, que de toda a força desfaleço, quando vejo aquelle eſpectaculo!

Coſc Mas ai, que tambem enfraqueço quando vejo aquelle eſpantalho!

Pan. Igual he o noſſo ſentimento.

Coſc. Pois Senhor Pan, eu com ſer Coſcorão, tambem ſou da meſma maſſa, que tu és.

Pan. Pois que havemos fazer neſte caſo?

Coſc. Chorarmos como humas crianças.

Fallão á parte, e ſahe Lingoiſſa junto á ſalgadeira.

Ling. Por aqui ando perdida, ſem ſaber caminho, nem carreira. Mas ai, que alli eſtá meu Amo! deſgraçada de mim! Aqui me eſconderei até ſe hir.

Eſconde-ſe na ſalgadeira.

Pan Já vejo, Coſcorão, que o meu mal he ſem remedio. *Coſc.*

Cosc. Se isso he por falta de Syringa, o remedio he bom.

Pan. Qual he?

Cosc. Mandar chamar huma cristaleira.

Pan. Pergunto eu, Coscoráo, dar-se-ha caso que estas canas estaráo tapando a Syringa, e que esteja debaixo dellas?

Cosc. Nem duvido, que Golosina esteja debaixo da salgadeira.

Pan. Que eu náo creio, que estas canas sejáo Syringa.

Cosc. Qual? Esguichos de cana, já eu vi, mas Syringas náo.

Pan. A mim me parece que náo nasceráo della.

Cosc. E a mim, ainda que Aristoteles diz que *productio unius est corruptio alterius.*

Pan. Que he isso?

Cosc. He hum sujeito, que disse, que a producçáo dos caniços he corrupçáo das arterias.

Pan. Pois Coscoráo, entremos a cortar.

Cosc. Pois Senhor, entremos a desfazer.

Silv. Que ouço! Ha maior desdita! *á parte.*

Ling. Que escuto! Ha maior desventura! *á parte.*

Pan. Com esta espada.

Cosc. Com esta faca.

Pan. Vá o corte ás canas.

Cosc. Vá o jogo ás salgadeiras.

Silv. Ai de mim infeliz! *á parte.*

Ling. Ai desgraçada de mim! *á parte.*

Pan. Que como as canas tem olhos, he bem lhe chegue a sua séga.

Cosc.

Cosc. Que como a salgadeira tem folhas, he justo lhe chegue a sua desencadernação.
Pan. Mas ai que temo, que com esta légua perca de vista a luz dos meus olhos!
Cosc. Mas ai que receio, que com esta ancia se me vá o meu bem ao cahir da folha!
Pan. Mas cortemos, e saia o que sahir.
Cosc. Mas rompamos, e venha o que vier.

Vão para envestir, sahe Silvano; e suspendem-se.

Silv. Que vejo! Este homem está louco? *á p.*
Pan. Mas Silvano! Nelle vingarei as minhas iras.
Cosc. Ai que ella ahi está travada! *á parte.*
Silv. Senhor Pan, estaveis ensaiando-vos para a peleja?
Pan. Não he isso da vossa conta, o que importa he vir para cá minha irmã.
Silv. Este homem he louco? entregou-me a irmã, e agora pede-ma. *á parte.*
Pan. Vamos andando; ou minha irmã, ou a vida.
Silv. Mas isto sem duvida he disfarce nelle, por saber, que já me fugio aquella ingrata, mais leal a elle, que ao meu amor.
Cosc. O tal Silvano está muito mula; hoje nos moe aqui a couces. *á parte.*
Silv. Atalhou-se hum perigo com outro maior. *á parte.*
Ling. Ora vejão aonde eu me havia vir meter! *á parte.*
Pan. Senhor Silvano, não me ouvis?
Cosc. Como está réo o magano do furta irmãs! *á parte.*

Silv.

Silv. Eſtou obſervando o deſcoco de me pedires vós o meſmo , que eu vos peço , cuidando de me ganhares por mão.

Coſc. Por mão ſim lhe ganhará me Amo , mas por unha ninguem ganha a v. m.

Pan. Eu voſſa irmã não vo-la tenho ; vós me entregai a minha.

Silv. Ha maior ignorancia ! Eſte homem cuida que me eſquece a hiſtoria do canavial ; mas quero ſeguir-lhe o humor , e lhe darei a morte. *á parte.*

Pan. Muito conſiderais.

Silv. Niſſo me pareço comvoſco.

Pan. Não eſtejamos com ſanxas marranxas : appareça minha irmã , ou briguemos.

Silv. Ora quero darte o chaſco com a meſma reſpoſta que me déſte. *á parte.*

Silv. A deſgraça hoje he infallivel. *á parte.*

Coſc. Já ſe ſabe , que em os vendo puxar , largo a fugir. *á parte.*

Pan. Eſta duvida , Silvano , vai-me cheirando a cobardia.

Silv. Enganais-vos ; porém adverti , que em ſemelhante caſo me não déſtes vós tão prompta reſpoſta .

Coſc. Não era por medo ; porque o Senhor Pan não tem papas na lingua , nem he nenhum papas de páo.

Silv. Em fim quereis ſaber de voſſa irmã ?

Pan. Para que o perguntais , ſe o ſabeis ?

Silv. Ora eſpera que eu te lembro o logro. *á parte.* Pois procurai-a nas canas que ahi vedes. *para elle.* *Coſc.*

Cofc. Ai que tambem lhe dá com as canas! *á parte.*

Silv. Ai trifte, infeliz de mim! *á parte.*

Pan. Eftá feito. Mas que vem meus olhos! morrerás.

Sahe Silvia do canavial, e foge para Silvano.

Silv. Valei-me, Senhor Silvano.

Silv. Que vejo! Ah ingrata, que fegunda vez te occultafte por ordem de Pan, para que eu não lhe pudeffe pedir minha irmã.

Ling. Ai cá eftava a Senhora Silvia! *á p.*

Pan. Pois como a defendeis de mim, fe ma entregais?

Silv. Mas já vejo que nifto acudirão os Deofes pela minha innocencia, e affim me vingarei. *á parte.* Bem vedes, que vos dou conta de voffa irmã; porém não vo-la hei de entregar fem apparecer a minha. *para elle.*

Cofc. He jufto iffo; mão por mão.

Pan. Agora a ifto não fei que refponda.

Cofc. Ahi torna Pan a fer réo. *á parte.*

Silv. Não vos refolveis?

Silv. Oh quem não tivera vida.

Pan. Eu não fei o que faça. *á parte.* Oh Cofcorão, o Senhor pede conta de fua irmã, e he muito jufto.

Cofc. Ui, pois não? que o fangue corre pelas veias.

Pan. Mas dize, como lhe havemos nós dar conta della?

Cofc. Agora deffa conta ferei eu o nós fóra.

Silv.

Silv. Muito deveis á minha paciencia!

Cosc. Ah Senhor, não o esteja atarantando, que está lá fazendo a sua conta, para ver se lha deve dar, ou não.

Pan. Silvano, já vejo, que este caso he como hum casamento.

Silv. Porque?

Pan. Porque só com a morte de hum se póde acabar.

Silv. Morrerás, aleivoso.

Silv. Tende mão Silvano. Ai de mim!

Pan. Só os Deoses vos pódem dar vossa irmã.

Cosc. E crei, que só Plutão, porque ella lá se encaminhou para o inferno.

Silv. Pois briguemos.

Pan. Briguemos.

Silv. Silvano, Pan, ai de mim!

Cosc. Ah Senhor, tenha dó dessa menina, que lhe está pedindo pão.

Silv Aparta-te falsa.

Pan. Retira-te traidora.

Silv. Todos me injuriais, quando a nenhum offendi.

Ling. Olhem para isto? todos fazendo fachina, e eu occupando a salgadeira! *á parte.*

Pan. Esperai, Silvano, deixai-me implorar os Deoses, e se não valerem os rogos, suppriráo as espadas.

Silv- Está feito.

Cosc. Grita bem para que te ouçáo.

Silv. Oh Jupiter, remedeia lance tão apertado.

RECITADO.

Pan. Oh tu Jupiter alto, e poderoso,
Os teus olhos inclina hoje piedoso;
Já basta de castigo,
Atende ao damno, mova-te o perigo.
Torna Syringa á sua propria fórma,
Que tanto o meu amor já se refórma,
Que pelo Stygio faço juramento
De não mais offendella o pensamento.

Converte-se o canavial em Syringa, e suspendem-se todos.

Todos. Que portento!
Syr. Ai de mim!
Ling. Que he o que vejo! *á parte.*
Syr. Quem me acordou? Mas aqui! Silvano eu sem culpa.
Silv. Não vos assusteis.
Syr. Querida Silvia valei-me.
Silv. Não temais que vos offenda, contaime o successo.
Syr. Sabereis, Silvano, que esse atrevido me esperou neste bosque, e querendo-me dar hum abraço, eu não o quiz aceitar, e teimando, chamei pelos Deoses, e como fiquei ignoro, só sei que até agora nada senti.
Silv. He possivel que a tanto chegasse o excesso de meu irmão? *á parte.*
Silv. Pois que vos parece, Pan, a vossa ousadia?
Pan. Como vos entrego vossa irmá, tenho cumprido com o que devo, pois lhe não tirei ne-

nehum pedaço ; porém minto , que já me lembra que de huma cana , que cortei , fiz huma flauta , que por lhe pertencer a quero entregar.

Vai para tirar a flauta , e tira huma trança de cabellos.

Pan. Mas que he isto ! Converteo-se em huma trança de cabellos !

Silv. Que prodigio !

Silv. Que portento !

Cosc. Ah Senhor , os Deoses pregaráo-ta de cabellos.

Syr. Ai , que cá me falta a minha rica trança. *apalpa.*

Cosc. Por hum cabello não a deixas creca.

Pan. Com restituilla pago o devo. *dalha.*

Silv. Olhem se succede cortar lhe a cana de hum braço.

Cosc. Se lhe corta-se alguma cana da lingua , não importava , pois he o que as mulheres tem mais de sobejo.

Syr. Aonde está Golosina ?

Cosc. Peior he esta. *á parte.*

Pan. Isso pergunte-se a Coscoráo.

Cosc. Eu sei della ? pergunte-se a Plutáo , que devia levalla para cosinheira do inferno.

Silv. Morrerás.

Cosc. Espere , Senhor , deixe-me primeiro ver se fazendo a minha choradeira aos Deoses , a vomita a terra.

RECITADO.

Oh Jupiter tonante, que golofo,
Chuchas na Ambrofia o neclar faborofo,
Peço-te por doçura tão divina
Nos largues tambem huma Golofina;
Debruça-te deffa aguia, e orelhudo
Os ouvidos applica Deos barbudo,
Que por Baco te juro aqui em fegredo
De mais em Golofina não pôr dedo,
Ainda que hum pobre homem
Deite lingua de palmo á pura fome.

Converte-fe a falgadeira em Golofina, e dá Lingoiffa hum pulo affuftada, e admirão-fe todos.

Ling. Ai, que me leva Plutão em corpo, e alma!
Gol. Ai, que he ifto que me fuccede?
Todos. Que prodigio!
Gol. Valha-me, Senhora minha Ama.
Ling. Senhora minha Ama, acuda-me.
Gol. Que não fei que he ifto.
Ling. Que não fei que he aquillo.
Cofc. Senhor Jupiter da Cofta, v. m. viva muitos annos.
Gol. Aonde eftive eu até agora?
Cofc. Eftivefte apanhando mofcas.
Ling. Eftou fem pinga de fangue.
Pan. Silvano, eftais já entregue de tudo o que vos pertence, vede que mais quereis.
Silv. O que quero he tirar-vos a vida.

Pan.

Pan. Se he pelo que vos offendi, com dar a máo de eſpoſo a voſſa irmá, e vós á minha, ficamos em paz.

Coſc. Antes ficáo mais em guerra, ficando cunhados.

Syr. Eu náo quero caſar com quem he táo deſavergonhado.

Silv. E eu o receber voſſa irmá he impoſſivel, tanto por me ſer falſa, como por ſer introduzida por vós á queima roupa.

Silv. Ah ingrato! *á part.*

Coſc. Tem razáo o Senhor Silvano; porque as mulheres, que sáo introduzidas á queima roupa, andáo depois com nove maridos a furta-lhe o fato.

Pan. Se vós ma furtaſtes de caſa para que dizeis iſſo?

Silv. Senhor Pan, fallemos claro, náo vos lembra quando ma entregaſte no canavial com ordem para que me fugiſſe?

Silv. Silvano eſtais enganado, porque tanto náo ſabia meu irmáo de mim, que antes delle vinha eu fugindo para voſſa caſa.

Silv. Cala-te traidora, que a ti propria te deſmentes, pois ſe fugias de teu irmáo, como eſtavas junto delle? E ſe para mim fugias, como de mim te retiraſte?

Silv. Sou infeliz, e baſta.

Gol. Iſto ſem deſgraça náo acaba. *á parte.*

Pan. O voſſo Criado he teſtemunha de viſta, do que digo.

Silv. Náo he poſſivel que elle tal diga, que

Efguicho he verdadeiro ; e mais venha á minha prefença.

Pan. Pois eu o vou bufcar , que fó affim fica a minha verdade clara.

Silv. Eftá feito , hide , que não creio que feja ifto caminho de abalares com bom tempo.

Pan. Nem eu duvido , que por mim efpereis. *Vai-fe.*

Cofc. Golofina , por tua vida não olhes para mim , efcufa de me tentar.

Gol. He bem tollo ! Quem olha para elle ?

Cofc. Não me faças quebrar o juramento.

Ling. Olhem em que de coufas me tenho vifto !

Silv. Mas agora me lembra , que Efguicho me ha de eftar efperando : melhor me ferá hir procurallo para fe averiguar ifto depreffa , e porque Pan o não peite. *á parte.*

Cofc. Que eftará Silvano fallando entre dentes ? *á parte.*

Silv. Cofcorão ?

Cofc. Eilo entra em contas comigo. *á p.*

Silv. Pofto fejas pouco fiel , a vida te vai no que te quero encommendar , e he que em quanto vou , não deixes apartar daqui a ninguem. *Vai-fe.*

Cofc Ah Senhor não me deixes por paftor de hum gado , que nem a terra o póde aturar muito tempo.

Gol. He bem atrevido.

Cofc. Golofina , deixa-me em cortezia fe não queres tornar a fer falgadeira.

Ling. Não me efquece o fufto. *á parte.*

Gol. Que eſtaráo fallando de manſo Silvia, e Syringa?

Coſc. Goloſina, deixa-me por tuá alma, que já me náo poſſo ſoffrer.

Gol. Voſſê eſtá doudo?

Coſc. Cada vez, que deitas eſſe rabo do olho, me fazes andar a rabo.

Syr. Tendes razáo, Silvia; vamo-nos.

Silv. E ha de ſer para voſſa caſa, porque meu irmáo he o mais queixoſo.

Syr. Sim, mas Coſcoráo?

Silv. Fingiremos, que cada huma vai por diverſa parte, e no fim do boſque nos ajuntaremos.

Syr. Eſtá bem; Goloſina vamos.

Silv. Vamos Lingoiſſa.

Ling. e Gol. Para onde?

Syr. Náo repliques.

Silv. Náo repugnes.

Coſc. Ai! que he iſſo, Senhoras? voſſas mercês querem-me deitar a perder?

Syr e Silv. Náo ſejas neſcio.

Coſc. Que conta hei de dar de mim, ſe náo der conta de voſſas mercês?

Syr. e Silv. Náo nos importa iſſo.

Coſc. Pois hei de ſeguillas.

Syr. Como, ſe cada huma vai por ſua parte?

Coſc. Ora vejáo ſe náo vale mais ſer guarda demos, que guarda damas.

Silv. E vamos para longe?

Coſc. Pois acompauharei a voſſa mercê.

Silv. Se vieres para cá, te matarei.

Cofc. Náo fe molefte ; cá hirei com a Senhora Syringa.

Syr. Se para cá vieres , te tirarei a vida.

Cofc. Náo fe mortefique ; eu cá vou com Golofina.

Gol. Oh atrevido. *Dalhe.*

Cofc. Náo , cá vou com Lingoiffa.

Ling. Oh defavergonhado. *Dalhe.*

Cofc. Guardaivos lá demonios , que já a nenhuma figo.

Silv. Se queres viver , náo nos acompanhes.

Cofc. Porque , voffas mercês váo a morrer ?

Syr. e *Silv.* Sim.

Cofc. Pois fabem o que faço ? vou contallo a meu Amo. *Vai-fe.*

SCENA II.

Cafa de forno como no Acto primeiro , e fabe Efguicho.

Efg. FUgindo ás iras de Pan , venho bufcando a cafa de Silvano ; e como efte tem as portas fechadas , porque tem a cafa limpa de mulheres , quero ver fe nefte forno me poffo occultar : para fer na lenha , parece que mal me efcondo , aonde já me acharáo ; mas no forno me occultarei até elle vir.

Efconde-fe no forno , e fahem as mulheres todas.

Syr. Silvia , que ha de fer de nós , pois tem meu irmáo as portas fechadas ?

Silv. Em tudo me fuccede mal ; náo fei em que offendi os Deofes ! *Gol.*

Gol. Senhoras, andámos para traz como o caranguejo.

Syr. Vejamos ſe aqui nos podemos eſconder, até ſe pôr em paz tanta embrulhada.

Silv. Haverá aqui parte aonde poſſa ſer?

Syr. Alli eſtá huma caſinha, mas não cabem lá ſe não duas peſſoas.

Gol. Ai, não importa, eſcondão-ſe voſſas mercês, porque eu, e Lingoiſſa nos meteremos debaixo daquelles feixes.

Silv. Ora vamos, que aonde eſtranhámos noſſos irmãos eſconderem ſe, nos eſcondemos nós.
eſcondem-ſe para dentro.

Ling. Olhe, mana, em que viemos parar!

Gol. Não menos que em carqueijeiras.

Ling. Que ſeja poſſivel, que jogue eu as eſcondidas no cabo da minha velhice!

Gol. Pois ſe ha de ſer, vamos, antes que venha alguem. *eſcondem-ſe.*

Ling. Vamos, que iſto são os meus peccados.

Gol. Iſto he caſtigo, pois nos eſcondemos aonde zombámos de ſe eſconderem os outros.

Ling. Olhem para que eſtava eu guardada!

Gol. Cale-ſe, que ſinto gente.

Sahem Pan, e Coſcorão com huma véla aceza.

Pan. Põem para ahi o lume, e ajunta a lenha para ſe pôr o fogo á caſa.

Ling. Ai maldita de mim! *á parte.*

Gol. Que he iſto, que ouço! *á parte.*

Pan. Baſta que o inſolente Silvano apenas me apareci, logo ſe foi? Cobarde he além de traidor. *Coſc.*

Cofc. E de tal forte abalou com os cachimbos, que fupponho não verás mais fumos delle; e dahi cada huma dellas tomou o feu tolle, e eu fiquei como hum tollo.

Pan. Pois ajunta a lenha, que quero abrazarlhe as cafas, já que o não poffo fazer a elle.

Cofc. Tambem não será máo depois de lhe queimares as cafas, tocar-lhe muito bem a fogo.

Pan. Por mais que fe efconda, lhe hei de tirar a vida.

Cofc. Ora vamos ajuntando a lenha.

Mete o forcado, e fahe Golofina.

Gol. Ai que me matão!

Pan. Que he ifio?

Cofc. Já os coelhos fogem da queimada.

Gol. Ai meu braço!

Cofc. He para que faibas, Golofina, quanto amarga huma chuçada.

Pan. Aonde eftá tua Ama?

Gol. Eu não fei, pois vim fózinha.

Pan. Pois efpera, contarás a teu Amo os eftragos da minha ira.

Gol. Ah Senhor, não ponhas fogo ás cafas, fem primeiro tirar a minha caixinha das unturas.

Pan. Anda Cofcorão.

Cofc. Ahi vou.

Gol. Ah pobre Lingoiffa. *á parte.*

Mete Cofcorão o forcado.

Ling. Ai que me eftourão!

Pan. Que he iffo?

Cofc.

Cosc. Ai, que me cahio Lingoissa debaixo da máo! Oh Golosina, dá cá esse lume depressa.

Gol. Para que?

Cosc. Anda, que havemos ter hoje Lingoissa assada. *segurando-a.*

Ling. Ai que arrebento!

Pan. Que queres fazer?

Cosc. Quero-lhe dar huma assadura em paga de certa espetada que me deu.

Pan. Aparta-te lá. *retira-o, e ergue Ling.*

Ling. Ai que estou estrelicando!

Cosc. Larga-me, Senhor, esta Lingoissa, que lhe tenho grande gana.

Pan. Dize-me, aonde está minha irmá?

Ling. Eu Senhor náo sei; vim, metime aqui! Ai desgraçada de mim. . . . .

Pan. Pois para que te apartaste della?

Ling. Ai, que náo posso articular palavra!

Cosc. Mas ai que lá vejo dentro no forno as pernas de Esguicho! Espera que has de sahir assado.

Pega na lenha, e acende o forno.

Pan. Para que acendes o forno?

Cosc. Temos hoje hum bom assado.

Mete lume no forno.

Esg. Ai, que me matáo! ai que me queimáo! *dentro.*

Pan. Que me fazes? tem máo.

Esg. Quem me acode, ai, ai, ai.

Cosc. Senhor, deixa-mo assar, se queres ter hum bom prato. *Pan.*

Pan. Não ſejas louco.

Coſc. Pois Senhor, ſe tu queres abrazar as caſas, tambem ſe deve queimar Eſguicho, que he traſte pertencente a ellas.

Eſg. Cala-te magano, que tú mo pagarás.

Coſc. Pois voſſê queria comer Lingoiſſa ſem ſe eſcaldar

Pan. Coſcorão, não he crivel que eſtando aqui eſtas Criadas, deixem de eſtar tambem cá as Amas, e em quanto vou ver aonde eſtão, não deixes ſahir daqui ninguem. *Vai-ſe.*

Ling. e Gol. Ai, que lá vai dar com ellas.

Eſg. Deixa eſtar, velhaco, que entre as minhas unhas has de morrer.

Coſc. Bem ſabemos, que voſſê eſtá coſtumado a matar muita couſa entre as unhas.

Gol. Ora fação as pazes, não ſejão aſnos. Mas ai, que ellas lá vem!

Sahe Pan com as Damas.

Silv. Infeliz ſou! *á parte.*

Syr. Muito me perſegue a fortuna! *á parte.*

Chega Silvano á porta, e não entra.

Silv. Para ver ſe vejo a Eſguicho, venho aqui ſegunda vez. Mas ai! que he iſto? Como me detenho, que não mato aquelle traidor? *á parte.*

Pan. Não vos quero dar mais ſatisfações, do que ſejais teſtemunhas do principio da minha vingança. Coſcorão, vai pondo o fogo a eſtas caſas.

Silv.

Silv. Que ouço! *á parte.*

Gol. Ai meu rico ſolimão da minha vida!

Coſc. Cala-te, que como ſolimão he turco, não importa, que morra queimado.

Todas. Senhor, ſuſpende a ira.

Pan. Deixai me todas, que eſtou eſcaldando.

Coſc. Oh que bello eſtava agora Pan para ſe comer com manteiga.

Silv. Verei daqui o que intenta, e logo lhe tirarei a vida. *á parte.*

Pan. Mas primeiro quero averiguar huma couſa: dize-me, Eſguicho, tu não me diſſeſte, que Silvano me tinha levado minha irmã?

Eſg. Ai, que hoje me fazem eſguichar a alma fóra! *á parte.*

Pan. Reſponde, ou te matarei.

Eſg. Senhora Syringa, valha-me, que eu confeſſo a verdade.

Coſc. Ui! pois para purgar a verdade, preciza de ajuda de Syringa?

Syr. Dize, que ninguem te ha de offender.

Eſg. Pois, Senhor, perdoa-me, que eu he que fui a cauſa da Senhora Silvia te fugir, pois lhe diſſe, que tu a querias matar, com raiva de me dares por amor de Coſcorão.

Silv. Que ouvem os meus ouvidos! Oh como fiz bem em ter prudencia. *á parte.*

Silv. E por eſſa cauſa vos fugi, para me valer de Syringa, e encontrando-vos no caminho, me eſcondi no canavial, aonde me entregaſtes a Silvano, ſem ſaberes que era eu.

Pan. E foſte com elle?

Silv.

Silv. Sim; porém ſabendo a falta de Syringa, me retirei delle, e encontrando-vos ſegunda vez, me tornei a eſconder no canavial, aonde por acaſo Silvano me deſcobrio.

Silv. Oh piedoſo Jupiter, que tal accaſiáo me déſte para ſe aclarar tanto enredo!

Pan. Com tudo, por me fugires, morrerás.

Sahe Silvano.

Silv. Parai o impulſo.

Pan. E tu tambem traidor.

Silv. Suſpendei-vos, pois a vós offereço os braços, e a Silvia a máo de eſpoſo.

Pan. De que naſce eſta novidade, quereres agora o que ha pouco recuzaſtes?

Silv. Porque tudo tenho ouvido; e como já reconheço a Silvia táo amante como honeſta, lhe offereço a máo, e ſó me falta, que dando vós a voſſa a minha irmá, me livreis de zelos.

Pan. Ditoſo ſou.

Silv. Feliz me conſidero.

Syr. Viſto ſer goſto de meu irmáo, caſarei com quem elle quizer.

Silv. E perdoai-me os aggravos paſſados, e juntamente o fingir, que náo queria a Eſguicho, para que foſſe meu terceiro em voſſa caſa.

Coſc. Ai náo faça caſo diſſo, que o Senhor Pan tambem lhe pagou na meſma moeda.

Gol. Olhem o que ſe tem deſembrulhado.

Coſc. Senhor Pan, peço-te que attendendo aos fracos ſerviços, que tenho feito a Goloſina,

me

me deſpaches com huma tença paga no tribunal do ſeu conſorcio, e receberei mercê.

Pan. Èu to concedo, como pedes.

Eſg. Tenha máo, que eu entro com embargos de terceiro.

Ling. Senhores, náo lhos recebão, ſem que elle me receba o mim, pois ando defamada com eſte homem.

Silv. Já eſſas ſupplicas náo eráo para os voſſos annos.

Ling. Senhora, eu ſó o faço por me livrar de bocas do mundo.

Silv. Eſtá feito, ſeja teu Eſguicho.

Eſg. Deſgraçada ſou! mas por náo chuchar nos dedos, roerei neſtes oſſos.

Silv. Agora vamos para cima, qne náo he eſte lugar decente para os noſſos deſpoſorios.

Coſc. Iſſo náo importa, que o Senhor Pan nunca tem melhor goſto, do que quando eſtá no forno.

Pan. E vós outras cantai alegres tanta felicidade.

M U S I C A.

Venha Hymeneo
Venha glorioſo
Aſſiſtir feſtivo
A eſte conſorcio.

NO-

NOVOS
ENCANTOS DE AMOR.

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro da Mouraria.

INTERLOCUTORES.

Feliſardo, Principe de Dinamarca.
Hypolito, Sobrinho delRei de Suecia.
Cardenio, Sobrinho do Ceſar de Moſcovia.
ElRei de Suecia, Barba.
Machavélo, Criado de Feliſardo.
Zápete, Sevandija de Palacio.
Florisbella, Filha delRei de Suecia.
Altéa, ſua irmã.
Etcetra, Criada da Princeaz.
Quatro Aldeãs, Soldados, Guardas, e Monteiros.

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Arvoredo, e no fundo huma gruta cercada de ramas.*
II. *Vista de Montes.*
III. *Praça de Cidade, e vista de mar.*
IV. *Sala.*
V. *Jardim de caniços, com alegretes de huma, e outra parte.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Vista de Bosque.*
II. *O arvoredo do principio, e a gruta.*
III. *Muros de jardim com varandas, e janellas.*
IV. *Jardim de alabastros, e na boca da escotilha mais distante murtas que a encubrão.*

ACTO I.

SCENA I.

Vista de arvoredo, e no fundo huma gruta, cuja boca estará cercada de verdes, e emmaranhadas ramas. Corre-se a cortina, e sobre hum pequeno penhasco, que estará diante da gruta, hum pouco afastado, se vê Florisbella reclinada; a seus pés assentada Etcætra, e em pé postas em boa proporção, quatro Aldeãs, as quaes cantão o seguinte.

CORETO.

A nossa Prrnceza,
Fermosa, e urbana
Divina, e huma,
Mais bella Diana
Dos Bosques vem ser.

Danção, e em acabando diz diz Florisbella.

Flor. OH raro portento da harmonia! oh singular privilegio da variedade! que até na inculta rustiquez destas humildes Aldeãs és agradavel encanto para os ouvidos! és formoso recreio para os olhos! Continuai com os festivos obsequios, que o vosso affecto me de-

dedica; que hoje conſeguindo a ſingeleza agrados na ſoberanía, fazem as verdades o officio das liſonjas.

Cantão.

A' ſua belleza,
Que logra os primores
De eternos verdores
Grinaldas de flores
Lhe vamos tecer.

Dançáo, e em acabando continúa Florisbella.

Flor. Que bem enlaçadas vozes! que bem proporcionados movimentos! Aquellas dáo paſſos ao ar, e eſtes dáo ar aos paſſos; que elevando a quem os ouve, que ſuſpendendo a quem os vê, fazem que ſe admire corpo nos ares, firmeza nas mudanças. De donde veio tanto primor ao toſco? a que preceitos ſe ajuſtou a ignorancia? Porém que perde o rudo no perito, ſe tambem ſerve de arte a natureza? Agradecida me confeſſo ao voſſo amor, á voſſa lealdade: hide a colher-me flores; que para moſtrar que vos aceito os cultos, não quero deſprezar-vos as offrendas.

Fazem reverencia, e vão-ſe duas por huma parte, e duas por outra.

Flor. Oh ditoſa ſolidáo! verde agradavel retiro! Só vive em ſi quem em vós vive. Aqui não habita a inveja; que ſeus impetos ſoberbos menos ſe atrevem ás choças, que aos Palacios.

Nas maiores fortunas ſe encontrão as maiores infelicidades: mais rica de deſcantes he a voſſa pobreza; pois ſe logra com mais ſocego, o que com menos ancia ſe appetece. Sempre que ElRei meu Pai me conduz ao exercicio da caça, me retiro do aſpero dos montes para o ameno deſte ſitio, achando maior paz o meu coração nos alegres feſtejos, com que me divertem eſtas candidas Lavradoras, que no fatigavel uſo da caça, que como imagem da guerra, me enche de horrores o peito, mais que de recreios a viſta. E tu que dizes?

Etc. Eu Senhora, digo nada: eu eſtou como hum toucinho em ſaco, e ainda que de te ouvir paſmada, não eſtou com a boca aberta, ſó porque ſe me não ſolte alguma palavra.

Flor. Pois de que he tanta ſuſpensão?

Etc. He porque de ouvir-te eſtou com grande cuidado em ti.

Flor. Porque cauſa?

Etc. Não vês que eſtás toda pilhada de moral, que he em ti peior, que cuberta de bortoeja?

Flor. Que loucura!

Etc. Sempre ouvi dizer, que fallar latim quem nunca o aprendeo, he ſinal de eſtar endemoninhado; e diſcorrer em moral quem nunca o eſtudou, parece-me que he ſemelhante caſo.

Flor. Sempre me divertes com as tuas galantarias: pois parece-te que diſſe muito quando louvei a vida do campo, e achas que não he a mais ſegura, e ſocegada do mundo? Só por não viver ſujeita á ſemrazões de Eſta-

tado, eu trocára o ser Princeza de Suecia, com o humilde estado de huma destas Aldeás.

Etc. Ai Senhora, por qualquer ninharia, que me dês, eu farei com qualquer dellas, que troque comtigo, se tens empenho nisso.

Flor. Se isso fora possivel, não estivera o meu coração padecendo receios no tratado consorcio do Principe de Dinamarca, cujas travessas inclinações são tanto contra o meu genio.

Etc. Ainda isso está em velo-hemos: isso foi só fallar em ElRei teu Pai attento ás conveniencias da Coroa; mas se isso te dá pena, deixemos isso. Que te pareceo a letra daquella musica?

Flor. Até me agradou a singeleza de suas expressões.

Etc. Pois eu da primeira vez, não lhe entendi mais que. A' nossa Princeza, e Anna Bagana Rabeca Susana: devia fazella o Barbeiro, ou o Boticario, que nas Aldêas são os sujeitos de mais letras. Mas já que tocámos na tecla (ainda que seja sem acompanhamento de cravo) bem podias tu cantar alguma cousinha que isso fica aqui entre nós. Ora dize, que aqui ninguem nos ouve.

Flor. Quem canta para que a não oução melhor he estar callada.

Etc. Se até agora estiveste prégando em deserto, que importa que agora nelle seja a tua .... não posso dizer: *Vox clamantis.*

Flor. Ora quero-te fazer essa graça para pagarte as que me dizes.

Etc. Iſſo ſim, que he ſer generoſa; pois communicas neſſa prenda hum favor, que não tem preço: iſſo ſim, que he ſaber ſer muſiça: não já eſtar cá: Ai, eu não ſei, eſtou muito rouca, em outra occaſião ſerá, agora não poſſo, não trago papeis, não ha inſtrumento, e ſe acaſo depois de muitos rogos ſe reſolve, he a tempo que mais eſtimarião ſe calaſſe, mas havia ſer como os melões ſe calão.

Canta Florisbella.

A R I A.

A gala no ar apura
A rama florecente:
Na liquida corrente
Agrada o que murmura:
Da queixa faz doçura
A acorde Filoména;
Aqui ao peito triſte
O Ceo propicio ordena
Se não os fins da pena
As ſuſpensões do mal.
Só neſta doce calma
Os ſentimentos d'alma
Me chegão a faltar!

Vai adormecendo.

Mas ai que até os ſentidos
Já quaſi adormecidos
Me vão faltando já.

Etc.

Etc. Foi-ſe como hum paſſarinho mas que muito ſe cantou como hum rouxinol.

Apparece na gruta Feliſardo veſtido de pelles.

Fel. Que doce, que ſuave, que pregrino accento!
Na voz, e na deſtreza
As mãos ſe derão arte, e natureza.

Etc. Ella dorme declaradamente: ninguem adormece com mais ſuavidade: mui bem ſabe acalentar-ſe: mas na materia da muſica, como já cobrou fama, deitou-ſe a dormir. Ora eu me retiro, por não deſpertalla, e vou tambem colher flores pelo prado, ainda que as camaradas me não deixarião ſenão malmequeres.
Vai-ſe.

Fel. Huma Dama ſe auſentou, e outra me parece ficou rendida ás liſonjas de Morféo. Oh ſe foſſe eſta a Princeza! Mas he loucura imaginarme tão feliz.

Vai ſahindo.

Quero ſahir deſte triſte carcere da noite, onde como ſombra de mi meſmo, vivo prezo por ſorte, e por e leição. E pois em quanto a viſta examina, ſe não deſcobre quem me ſirva de embaraço, verei de donde naſcerão os impulſos, que nas branduras de huma voz com tanta força me attrahírão, arrebatandome deſde os intimos ſeios daquella gruta....
Cujo effeito moſtrou com evidencias
Nas ſuavidades o uſo das violencias.

Vê a Princeza.

Mas ai de mim! aſſaltou-me a morte com os disfarces da vida: bebi pelos olhos todo o veneno de amor. Eſta he a glorioſa cauſa de minha amante pena: eſte he o deſejado perigo de minha liberdade. Oh quanto abraſa de pérto eſte activo incendio da formoſura! já moſtra a viſinhança de tantas luzes que leva a ſua belleza muitos exceſſos á ſua fama. Mentiráo os pinceis, que ao multiplicar-lhe imagens lhe diminuiráo perfeições: os obſequios da pintura lhe foráo mais aggravos, que liſonjas.

Fermoſiſſima Deidade,
  Que offereces (por mais troféo)
  Entre os laços de Morfeo
  As prisóes da liberdade.
Como, ſem que elles te ultrajem
  Rendes com lethargo forte
  A' triſte imagem da morte
  Da vida a mais bella imagem?
Se rendida ao ſono agora
  Chegas a tirarme a vida,
  Como até eſtando rendida
  Sabes ſahir vencedora?
Rendeſte, e o troféo alcanças?
  Feres, ſem que a fuga penſes?
  Se deſmaias, como vences?
  Se matas, como deſcanças?
A alma abſorta, o coração
  Mortal tenho, e neſta calma

Con-

Conſerva a elevação da alma
Da vida a extrema porção.
Se hoje a acabar me deſtinas,
Acorda, que em meus deſmaios,
Quero fazer com teus raios
Ditoſas eſtas ruinas.
Deſperta, que ao verte irada
Quero antes, bella homicida,
Ver morta tão pouca vida,
Que tanta luz eclipſada.
Mas não; ceſſem meus intentos,
Detenhão-ſe adormecidos,
Se hei de achar nos teus ſentidos
Mais cauſa aos meus ſentimentos.

Deſcança.

Diz ElRei dentro.

Rei. Por eſta parte Monteiros.
Huns. Ao Vale.
Outros Ao Boſque.
Fel. Aqui devem de encaminhar-ſe, e já por aquella parte ſinto paſſos; aqui me occultarei.

Retira-ſe ao Baſtidor, e ſabe pela parte de fóra Cardenio com maſcara no roſto, como recatando-ſe.

Card. Aqui coſtuma retirar-ſe a Princeza Florisbella: ſim, aqui eſtá, e ao ſono entregue: opportuna occaſião me offerece a ſorte para lograr os meus mortiferos intentos. Deſte disfarce valido a accommetterei, mas ſeguro o meu arrojo. Oh amor! oh temeridade! Entre

os dous vacilla o meu animo ; aquelle por excessivo move , e esta por grande me suspende. Para que Altéa logre a Coroa , determino despojar da vida a Princeza. Morra ; e pois dormindo se acha , não he preciso outro instrumento da sua desgraça , que as minhas mãos para a suffocação dos seus alentos. Mas ai de mim ! se me verá alguem ? Oh coração , agora titubeas ? De mim mesmo me corro se o meu intento não executo. Morra pois : aos meus impulsos seja eterno o seu sono.

Vai chegando á Princeza , e sabe Felisardo.

Fel. Suspende a mão , sacrilego tyranno ; não se atreva o mortal ao soberano.

Card. Este he o Principe de Dinamarca , retirarme he forçoso. Ai de mim ! successo infausto !

Vai-se , e acorda a Princeza assustada.

Flor. Ai , ai de mim ! que he o que vejo ? Soccorro , Criados , Monteiros.

Fel. As vozes suspendei , detende os passos Senhora.

Flor. Ai de mim ! eu aqui . . . . desanimada me sinto.

Fel. Do temor de verme neste traje se deixou penetrar. *á parte.* Senhora Ninfa , ou Deidade destes Bosques , despedi do coração os temores injustos , que deste inopinado acaso se originão , e vede que em mim . . . .

Flor. Deixa-me monstro , prodigio , ou anima-

do

do aborto deſtas montanhas, que no horror de verte, e no paſmo de ouvirte, não me dá o ſuſto faculdades ao acordo.

Fel. Não vos aſſuſte, Senhora, o ver-me com ſinaes de féra, que ſe o traje todo he aſperezas, todo he branduras o peito. A nenhum perigo eſtais comigo expoſta; antes entre a minha ferocidade, e a voſſa belleza, são taes as circumſtancias, que em mim eſtá a defenſa da voſſa vida, e em vós a origem da minha morte.

Flor. Menos temeroſa o attendo. *á parte.* Como póde ſer iſſo? pois tendo vós por habito a ferocidade, e eu o temor por natureza, nem eu de vós poſſo eſperar ſoccorros, nem vós de mim ſentir receios?

Fel. Ai, e como ignorais, que ſendo a voſſa formoſura cauſa da minha fereza, ſempre em mim ha de exiſtir por affectuoſo o terno, e o feroz como affectado!

Flor. Não vos entendo; e porque me não eſteja mal o comprehender-vos, quero auſentarme para de todo ignorar-vos.

Volta para hir-ſe, e em ouvindo a Feliſardo torna a voltar como admirada

Fel. Tem-te, eſpera, não pague eſſa belleza
Com minha morte, a minha idolatria:
Veja-ſe hoje a brandura na fereza,
Mas não na Divindade a tyrannia.

Flor. Que novo eſtilo de encantar he eſte modo de perſuadir? Admirada eſtou! *á parte.* Homem, quem és, que com encontrado aſſombro,

bro,

bro, és eſcandalo dos olhos, e és portento dos ouvidos?

Fel. Não he muito, Senhora, que moſtre contrariedades, quando em mim tudo são extremos. Hum monſtro ſou de fogo, e neve, hum epilogo de glorias, e de penas, e o mais fiel idolatra da maior Deidade humana.

Flor. Como em hum ſujeito ſe pódem unir tantos oppoſtos?

Fel. Fogo abrigo; porque amor em chammas me abraſa: neve oſtento; porque ao vervos ſinto gelar-me entre reſpeitos, e temores: glorias ſinto; porque a morte ſolicito entre as luzes que adoro: penas paſſo; porque me offende o que vivo, ſem ver a cauſa porque morro: fiel idolatra ſou; porque offerecendo religioſos cultos ao divino ſimulacro de voſſa fermoſura....

Flor. Baſta, baſta; já iſto he contra o meu decoro: que loucos atrevimentos produzem eſtes boſques, ou abortão eſtas montanhas? Vai-te occulto parto deſtas eſcabroſas penhas; ou; dando vozes aos meus Monteiros, farei, que ſejas eſcarmento de atrevidos, &c....

Fel. Baſta, Senhora, baſta; não ſeja objecto da voſſa ira, quem ſó o deſeja ſer do voſſo agrado. Eu me vou a morrer; mas quero primeiro que advirtais, que quem me obriga a partir he o reſpeito, e não o temor.

Vou-me porque ao preceito ſatisfaço,
Não por ſentir ſer do furor objecto?
Que obedecer ás forças do decreto
Não he temer as iras do ameaço.

Faz

Faz que se vai, e ella o detem.

Flor. Que dizes? Espera. Que feitiço tens nas vozes, que encanto nas palavras? que assim. . . . .

Volta Felisardo, e ella se enfada.

Fel. Que he, Senhora, o que me ordenas?
Flor. Mas dou ouvidos a hum louco! de mim mesma me admiro, que consinta desaires ao decoro. *á parte.*

Vai-se, quer seguilla Felisardo, e sahe-lhe ao encontro Hypolito.

Fel. Espera, espera, não te ausentes, ouve-me.
Flor Deixa-me hamana fera. *Vai-se.*

ENTRECHO.

Hyp. Suspende-te inhumano?
Fel. Aparta-te tyranno.
Hyp. Oh barbaro, que emprendes?
Fel. Oh perfido, que intentas?
Hyp. Detem, detem os passos.
Fel. Suspende os teus intentos.
Ambos. Senão de entre os meus braços
Verás que os teus alentos
A morte ha de roubar.

Dentro ElRei.

Rei. A soccorer a Hypolito, que lutando se acha com huma féra.
Todos. Vamos por esta parte.

Hyp.

Hyp. Canſado me ſinto deſta luta, deſarmado me colheo eſte ſucceſſo.

Fel. Já he preciſo auſentarme: por todas as partes vem gente em minha offenſa.

Vai-ſe pela gruta, e ſabe ElRei, e ſoldados.

Rei. Hypolito, eſtás maltratado? ſentes algum damno?

Hyp. No maior que experimentaſſe, ſentiria a mais alta vaidade na gloria de auxilio táo ſoberano. Náo Senhor, ſem lezáo me ſinto.

Rei Por onde ſe auſentou a prodigioſa féra, que procurando offenſas á tua vida, deu novos applauſos ao teu valor?

Sold. Por nenhuma parte podia eſcapar-ſe, ſem que de nós foſſe viſta.

Outro. Por entre aquellas ramas a vi meter.

Rei. Examinai vós outros os mais eſcondidos ſeios deſte boſque, que hei de premiar a quem conſeguir o bom effeito da diligencia.

Hyp. Em rara confuzáo me ſinto. *á parte.*

Sold. 1. Vamos nós outros a conſeguir o premio. *vão chegando.*

Sold. 2. Mas huma medonha concavidade ſe occulta defendida deſtas verdes ramas.

Detem-ſe á boca da gruta.

Sold. 3. Medo cauſa a ſua profundidade.

Rei. Em que vos detendes, cobardes?

Sold. 1. *e* 2. Já te obedecemos.

Vão

Vão entrar, e ſahe de dentro Machavelo muito eſpantado, veſtido de caminho.

Mach. Ah que delRei! quem me acode? guarde diante todo o mundo, fujão todos de mim que trago hum valente medo.

Sold. 2. Homem detem-te.

Mach. Eu agora não me poſſo deter, que vou com o fogo no rabo, e he fogo ſalvagem; que mo pegou hum, que entrou neſſa gruta agora; mas ſe voſſas mercês são da ſua quadrilha, eu me dou por aſſalvajado, e me ſujeito a toda a ſalvajaria. Ai eu não eſtou em mim.

Rei. De que he tanto temor? ſocega hum pouco.

Mach. Não Senhor, eu não poſſo ſocegar pouco nem muito; porque agora neſte inſtante vi.... Ai! eilo lá vem.

Hyp. Homem entra em ti, e perde o receio.

Mach. Por onde hei de entrar em mim, ſe aſſim como o ſenhor ſalvagem me fez ſahir de mim, de medo ſe fecharão todas as portas, e janellas, e fiquei poſto no olho da rua feito (com perdão de voſſas mercês) hum engeitado de mim meſmo?

Rei. Dize-nos, que foi o que tanto te aſſuſtou?

Mach. Ai Senhores! foi hum tremendo animal, e o mal deſte ani devia de ſer contagioſo; pois eu ſó de vello fiquei tambem tremendo. Ai! eilo ahi ſahe. *foge.*

Hyp. Continúa o que viſte, e não temas.

Mach. Elle era tamanho como não ſei que:

feio

feio como não ſei que diga: cada boca que abria, não fallemos niſſo. Os dentes... tremem-me as carnes! os olhos... eu não vi tal! os narizes... apre loureira! o corpo... fóra cotalho! as pernas... irra vaſco! o rabo... iſſo agora he mais comprido! mas eilo comnoſco. *Foge.*

Rei. O medo o confunde. *á parte.* E a que fim entraſte naquella gruta? *para elle.*

Mach. Eu entendo que ao fim da minha vida, pois das garras daquella féra fiquei quaſi morto.

Rei. Eſtás com alguma ferida?

Mach. Eu não ſei aonde, mas eu em alguma parte eſtou ferido; porque me eſtou eſvaindo.

Hyp. Tudo o que dizes são quimeras, que te finge o medo. Senhor, o que viſte pugnando comigo braço a braço não era nenhuma irracional féra, algum inhumano traidor ſim, que quando cheguei a eſte ſitio intentava offender a Princeza minha Senhora, pois ella ſe retirava apreſſada, e elle a ſeguia ancioſo.

Rei. Pois como, Hypolito, ſabendo iſſo, não tens buſcado a Princeza? Ai de mim! Parti logo, e diſcorrei todos eſtes deſtrictos até a achares, não haja algum traidor, que offenda a minha na ſua vida.

Hyp. Eu ſerei o primeiro, que com inceſſante diligencia a buſque. *Vai-ſe.*

Sold. Todos partimos a obedecerte. *Vão-ſe.*

Mach. Ai Senhor! não fiquemos ſós, que póde vir a féra, que he tão má de digerir, que nem a terra a póde tragar; pois quando a en-

engolio aquella gruta, se lhe embrulhou o estomago de tal sorte, que vomitou em mim quanto tinha na barriga. *á parte.* Não tenho feito mal o papel de medroso para livrar ao Principe Felisardo, que a estas horas terá desembucado pela outra boca da gruta, que está junto ao mar.

Rei. Mal fiz em não mandar que seguissem ao traidor pela mesma parte por onde se occultou.

Mach. Ai Senhor, difficil cousa seria essa; porque são tantos os trocicólos, as lapas, e concavidades que ha daquella boca para dentro, que entendo que o Valarinto de Crépa, que se fez não sei como, lá não sei donde, seria huma rua publica, á vista desta confusão.

Rei. E como entraste alli?

Mach. Assim. *vai andando.*

Rei Espera não te vás. Ou he mui simples, ou mui malicio. *á parte.* Digo à que effeito alli entraste? *para elle.*

Mach. Faça v. m. de conta (que eu não sei com quem fallo) que vinha eu caminhando para a Cidade Sthokolmo assim a modo de quem não quer a cousa: com que Senhor, vai se não quando anoitece, e neste meio tempo (como era tão grande o escuro que não se via por aquelles campos outra cousa) tomo eu, e que faço? perco o caminho: (mas não tinha a algibeira rota, nem o forro descosido) mas fosse como fosse, eu perdi-o, e vendo-me ás escuras, (assim a modo de quem não vê nada) comecei a andar daqui

pa-

para alli, dalli para acolá, da colá para cá, e nem de lá, nem daqui, nem da colá, nem de cá, pude hir para alli, nem vir para aqui, nem andar para acolá, nem caminhar para cá. Em fim de nenhuma ſorte pude dar caminho ao negocio. Com que tal, ſim Senhor, para cá, para lá, toma deixa, foi e tornou; faça v. m. de conta (fez já de conta?) que andei vádiando toda a noite, namorando arvores, e rondando penhaſcos: até que (oh Deos nos acuda!) me ſahio de traz de humas brenhas hum medo tamanho, que devia de ſer o pai dos gigantes, ſegundo era deſmarcado. Eu, quanto que o vi tão grande, fiquei tamanino, que ſe tivera acordo para iſſo, todo eu me podia meter na algibeira dos meus calções. Fugi logo daquelle ſitio (como lá dizem) a quantos pés me pudérão levar, até que quando me não precatei, vi que vinha o dia aſſim a modo de quem vai a padecer, já com alva veſtida (por final que a arvore rompeo no eſgalho daquella) e vendo que já a aurora começava a rir-ſe de mim, e achando-me com todas aquellas couſas, que métem a lebre a caminho, ſendo-me neceſſario o ſono para os olhos, como páo para a boca, me meti por entre aquellas ramas (com licença de v. m.) como piolho por coſtura, e achando aquella negra gruta com a boca aberta, entrei com ella: ſenão quando eſtando eu dormindo todo, tamanho eu era, vem a ſalvaginha eſfugentada cá de fóra, e não ſó

en-

entrou na cova , mas quiz tambem entrar comigo , de forte que se eu entre mim não tomára o acordo de fugir , a estas horas estaria levado de Belzebub , que he o caminho que leva quem anda mal encaminhado. Mas ai ! ei-lo comnosco.

Rei. Notavel relação ! O modo deste homem he exquisito. *á parte*. E que hias buscar á Cidade ?

Mach. Hum Amo , que se accomodou comigo me trazer tão desaccomodado.

Rei. E que qualidade de homem he teu Amo ?

Mach. Da sua qualidade não sei nada , agora da sua quantidade sim , que não tem nada de seu.

Rei Pois tão pobre he teu Amo ?

Mach. Sim Senhor , que he musico de gosto , e não de interesse , e como tem muita graça no cantar , canta sempre de graça.

Rei Tão bem canta ?

Mach. Ui , não fallemos nisso : he hum homem que mete o canto por dentro a qualquer pessoa , e isso ahi a cada canto : canta com tal suavidade , que todos lhe chamão o segundo Arpéo.

Rei. Orféo dirás.

Mach. Valha a verdade , que eu não sei bem nomear essas cousas ; porque o meu mestre nunca quiz , que eu chamasse nomes a ninguem. Tem tambem meu Amo comsigo huma cousa , que o não deixa ter nada de seu , e he (fallando mal) ser Poeta.

Rei. Notavel graça he essa!

Mach. Notavel desgraça lhe chamarei eu, pois por ella concebe, e não coalha.

Rei Não te entendo.

Mach. Digo, que concebe os partos do engenho, mas não coalha vintem na algibeira.

Rei. Em fim, dizes que he bom Poeta?

Mach. Isso he huma cousa notavel! faz versos por si, que he hum desamparo. Isto he, que está fallando com a gente, e de improviso (de que Deos nos livre) começa a fazer versos sem se sentir, e isto ou he do Sol, ou da Lua.

Rei. Porque o dizes?

Mach. Se he furor; dizem que he porque se lhe metteo o Sol na cabeça, e se he furia, dizem que he porque anda com a Lua.

Rei. Procura-o pois na Cidade, e vai com elle a Palacio, que a ambos vos hei de favorecer. *Vai-se.*

Mach. Visto isso Vossa Magestade he ElRei em Pessoa? Pois eu . . . . Foi-se? não importa, que eu muito bem o sabia. Ora eu andei com entendimento em me fazer tolo, que assim será melhor a nossa introducção em Palacio. Agora vou buscar o Principe no sitio assinalado, que já póde ser que me espere, como eu delle o premio de meus serviços. *Vai-se*

SCENA II.

Mutação de montes. Sahem as Aldeãs; duas por huma parte, e duas por outra fugindo, e depois sahe Zapete como seguindo-as.

Todas. FUjamos que anda huma féra no Monte.

Ald. 1. Ai de mim!

Ald. 2. Morta venho!

Zap. Esperem meninas, esperem, aonde váo com tanta pressa? Eu de vellas correr estou corrido. Fogem de mim acaso? Ellas deviáo de atemorizar-se de ver-me, e o verem-se nestas pressas, náo foi estarem correntes para mim, foi náo se correrem comigo. Ai de mim! já lá váo, e a bom correr: levárão-me os olhos como quem vai de caminho; e o peior he, que ainda que sáo táo correntonas, náo fazem carreira a cégo. Eu náo sinto que se váo, mais que por hirem entre ellas as meninas de dous olhos verdes, que parecem duas aboboras meninas. Ai que estou atravessado de meio a meio! metteo-me amor hum chuço pelo coração, que he peior que hum dardo pelas tripas. Já Etcætera he huma trampa para mim; á vista daquelles olhos, ficáo os seus a perder de vista. Ai, ai, e vejáo como deixárão o campo semeado de flores! Ellas logo me cheirárão a flor da canella; estas sim, que se pódem tirar pelo rasto, pois an-

dão com pés de flores. Oh quem fora agora bem discreto! aqui vinha nascendo o fallar florido; mas se eu sou hum asno, que lhe hei de fazer? isso dá-o Deos a quem he servido. Ai olhos verdes, que me matastes, sem deixar-me esperanças de vida!

Sahe Etcætera, e repete o que elle disse.

Etc. Ai olhos verdes, que me matastes sem deixar-me esperanças de vida! Que he isto? Senhor Zapete? V. m. fazendo lamentações, amantes?

Zap. Oh boca, que tal disseste! Colheo-me com a palavra na boca, que ha de ser de mim? *á parte.*

Etc. Que? não falla? Continue, que gosto de ouvir estas cousinhas: v. m. está mui fino.

Zap. Mofino me posso eu chamar. Ora vejão vossés o diacho o que havia de fazer! *á p.*

Etc. Olhem como está réo! Que olhos verdes são esses? Por certo que não são os meus, que nelles agora tudo anda azul.

Zap. Sim; porque he a côr do ciume. Mas eu não sei que côr hei de dar ao negocio. *á p.*

Etc. Já me enfada tanto callar: eu sou aqui alguma preta?

Zap. Eu bem sei, que v. m. he muito branca, mas eu, graças á Deos, tambem sou como Deos me fez.

Etc. Falle a proposito, marmanjo.

Dalhe hum empurrão.

Zap. Ai, não me aquillo, não me faças mal.

Etc.

Etc. Chegue para alli.

Zap. Ai, olhe para isto! isso he despropositação.

Etc. Ora vejão isto! e nem me dá huma satisfação.

Zap. Eu, menina, acho-me tão alcançado, que nem huma satisfação te posso dar: os tempos não estão para gastos.

Etc. Póde haver maior desaforo! Falla de chachara comigo?

Zap. Pois hei de fallar de chichara? *á parte.* Eu não sei na verdade o que lhe hei de dizer.

Etc. Ora já que me trata dessa sorte, nunca mais o quero ver: vasse embora ingrato, falso, aleivoso, bem me dizião a mim, que me não fiasse em vossé. Isto he cousa que se creia! Em negra hora o vi eu, em negra hora me namorei de vossê: para isto? para isto? *chora.*

Zap. Oh menina.

Etc. Fiz eu tantos excessos. . . . . *chora.*

Zap. Ouve?

Etc. Para ser desprezada. . . . . *chora.*

Zap. Isso não vai de valha.

Etc. Por alguma porcalhona? *chora.*

Zap. Quer-se callar?

Etc. Não sei aonde estou, que não arranco estes cabellos, que não tiro estes olhos. *maltrata se.*

Zap. Ai coitado de mim! Oh mulher, isso he desesperação.

Etc. Guarde se lá, magano.

Zap. Ai que afflicção! Senhores, eu prometto hu-

huma pendencia de cêra, se ella abrandar esta furia. *á parte.* Ai menina, isso não he loucura? Aquillo dos olhos era hum minuete, que estava estudando, que diz. Ai olhos verdes que me matastes!

Etc. Era hum minuete? Vossê parece que me baila. Ora não seja insolente, atrevido, que faça cá zombaria de mim. Faça-me graça de não ter mais galantarias comigo, que em hindo para a Cidade, lhe hei de entregar tudo quanto me tem dado, que não quero nada seu.

Zap. E vossê he possivel lembrar-lhe quanto eu lhe dei?

Etc. Sim Senhor, muito bem. Duas varas de fitta.

Zap. Não erão se não duas fittas de vara.

Etc. Não he tudo o mesmo? Deu-me mais dous pentes velhos.

Zap. Velhos? porque? tinhão já cabellos brancos? Se os tiverão, seria depois que vossê os metteo na cabeça.

Etc. Erão tão velhos, que já não tinhão dentes.

Zap. Não lhe faltavão mais que quatro pela nossa amizade.

Etc. Qual amizade? deu-me mais hum avental já usado.

Zap. Pois eu era tão jarra, que te desse cousa que não se usasse?

Etc. Não me deu mais nada.

Zap. A primeira cousa, que v. m. me ha de passar para cá, são dous bofetões, que eu lhe dei em certa occasião.

Etc. Mente desavergonhado, tome, tome. *Dalhe.*

Zap.

Zap. Não, não, deixa eſtar, eu não o dizia pelo tanto. Valha-te huma figa, ſó iſſo me reſtituiſte depreſſa?

Etc. He porque o tinha aqui mais á mão.

Zap. Pois ſabe que mais? que me poz a mão na cara, que me tirou a minha honra, trate de ma pagar, ſenão metta-me em hum Convento, que eu não quero cá andar em bocas do mundo.

Ri-ſe Etcætera.

Ora acaba com iſſo, que eſtou ha duas horas eſperando por eſſa riſada. Minha Etcætera, ri-te de tudo, e ſabe que os olhos por quem morro, são ſó os teus. E ſe diſſe que erão verdes, he porque como me cego com elles, não poſſo julgar de cores.

Olhando para a parte contraria.

Mas ai! que he o que vejo!

Olhando para a parte contraria.

Etc. Mas ai! que he aquillo que acolá vem!

Zap. Que féro urſo!

Etc. Que deſmarcado gigante!

Zap. Ai que medo! por eſta parte fugirei.

Etc. Ai que pavor! eſcaparme-hei por eſta parte.

Vai a entrar Machavello pela meſma parte aonde eſtá, e ſahe-lhe ao encontro Zapete, e vai Etcætera a querer hir-ſe pela ſua parte, e encontra-ſe com Feliſardo, e ficão ambos aſſuſtados.

Fel.

Fel. Sufpende o paſſo.
Etc. Peior he eſta. Ai de mim!
Mach. Detem a furia.
Zap. Eſta he peior. Ai triſte!
Etc. Que forte ſalvagem! Ai, não ſei como me não deſmaio de temor.
Zap. Que valente animal! Ai, não ſei como me não dá de medo algum accidente.

Canta hum com branduras, e outro com horrores a ſeguinte.

A R I A.

Mach. Confunde-te. *Fel.* Deſcança.
Mach. Deſmaia-te. *Fel.* Socega.
Mach. Auſenta-te. *Fel.* Não fujas.
Mach. Retira-te. *Fel.* Não temas.
Mach. Guar-te mofino diante de mim.
Fel. Que brandas ternuras
Só aches em mim.
Fel. Não julgues que ſou fêra,
Mach. Mas não, detem-te, eſpera.
Fel. Pois em meu peito ſe acha.
Mach. Que ao ver-te a horrenda facha,
Fel. Brandura para amar
Razão para ſentir.
Mach. Sem te poder tragar
Te tenho de engolir.

Zap. Não ſe moleſte v. m. mais, que eu me retiro a toda a preſſa.
Etc. Ainda aſſim, com tudo iſſo eu vou-me embora, muito de carreira. *Vão-ſe.* *Fel.*

Fel. Que penetrada vai do temor!

Mach. Que fustigado vai do medo! Ora Senhor, tenho corrido montes, e valles em busca de ti, e já tinha quasi perdidas as esperanças de achar-te.

Fel. E eu da fuga fatigado, já sem alento chegei a este sitio.

Mach. De boa escapaste, e em boa me meteste. Quando hão de acabar, Senhor, estas novellas? A que fim se encaminhão estas cavallerias andantes? que para mim são cavallerias altas, pelos perigos em que ando mettido. Nós feitos hospedes de cavernas, roubando, senão o appellido, a morado dos lobos? Tu cuberto de pelles, por ser o frio menos trabalhoso, e eu com a pelle sobre o osso, pelo trabalho de te livrar delles? E o peior he, que se nos colhem os caçadores de alguma vez, tu mudarás a pelle como a cobra, e eu andarei arrastado como ella; porque sempre me terão pela pelle do diabo. Agora te livrei do risco de te colherem, sahindo a affectar medos, e a fingir temores, dizendo vira entrar huma féra pela gruta, e com as minhas industrias embaracei que te seguissem; e de mais a mais como sei que tu o desejas, te tenho introduzido nem mais nem menos, que no Palacio delRei de Suecia.

Fel. Que dizes! E a tanto chegou a tua industria? E com que pretexto o dispozeste?

Mach. Tudo te contarei depois, que primeiro quero saber o fim a que se encaminhão estas

trans-

transformações: já que ſou companheiro dos trabalhos, ſeja participante dos ſegredos. Eſtes exceſſos, Senhor, ou são effeitos de grande odio, ou impulſos de grande amor; ou tu vens a Suecia por matar a alguem, ou por morrer por alguem.

Fel. Ai Machavello, e como acertaſte neſſa parte?

Mach. Ui Senhor! iſſo he couſa nova. Já eu vi andar por terras alheias por buſcar a vida; mas para perdella, ſó em ti o vejo agora.

Fel. Em tudo me ſingulariſou a fortuna.

Mach. Ora Senhor, ella ſempre he loucura de marca, e indigna de hum Principe de Dinamarca (permitte-me o dizello) ver-ſe quem eſtava feito a delicias, desfeito a trabalhos: quem vivia em Palacios, ſepultado em cavernas: quem veſtia gallas, trajar pelles; verdade ſeja, que ſe aquellas erão mais ricas, eſtas são mais cuſtoſas.

Fel. Oh ſe foſſem conhecidos tantos exceſſos! Oh ſe foſſem remuneradas tantas finezas!

Mach. Ah! já eſtá conhecido de todo o teu achaque; e já eſtá confirmada a tua loucura, pois he de amor o teu mal; porém quizera, ſe he que não me atrevo a muito, ſaber o como ſe originou eſta paixão? que podendo tu arrotar de farto em Dinamarca, te faz andar á gandaia de amor em Suecia: tu bem podias namorar-te na tua patria, que o ſer amante não he ſer Profeta.

Fel. Já que he forçoſo.....

Mach. Eſpera.

Fel.

Fel. Que he o que dizes?
Mach. Essa relação sei eu; mas he em castelhano. Ya que és forçoso, que en esta ocasion.....
Fel. Sempre has de estar de graça?
Mach. Eu de graça? Não Senhor, esse não he o ajuste que nós fizemos; eu sirvo-te porque me pagas. Mas deixando graças, dize, que estou arrebentando por saber o que te pergunto.
Fel. Já que he forçoso fiar da tua lealdade o que até aqui vivia occulto no meu coração, para que conheças que delle faço deposito no teu peito, escuta os meus empenhos, dos quaes espero sahir, ajudado da tua industria.
Mach. Se em mim ha cabedal para os desempenhos de hum Principe, já te offereço quanto valho.
Fel. Pois ouve-me.
Mach. Já te atendo: dize; e pois este he mesmissimo exordio das relações de Comedia, vá sem contar valentias, nem pintar cavallos.
Fel. Já sabes.....
Mach. Estou vendo se diz: como em Urgel. *á parte.*
Fel. Que delRei de Dinamarca sou filho primogenito, e herdeiro immediato de seus Estados.
Mach. Já sei, que ainda que foras leigo, estás para ser de coroa.
Fel. E sabes tambem, que haverá dous annos faltei da minha patria, da qual estive ausente hum, sem que em todo esse tempo se soubesse de mim em Dinamarca, sendo inutil o cui-

cuidado, com que ElRei meu Pai por varios Reinos, com incançavel diligencia, mandou me buſcaſſem. Cujo ſucceſſo junto com algumas leves traveſſuras de minha juvenil idade, me derão fama de indocil no genio, e traveſſo nas inclinações.

Mach. Tudo iſſo ſei muito bem, e tambem ſei, que deſapareceſte bravo, e appareceſte manſo: tanto, que eu entendi que tinhas hido caſar, e ſe cumpria em ti o adagio de caſarás, e amanſarás. E ſei tambem (por pouparte outro já ſabes) que agora ſegunda vez te auſentaſte, trazendo-me em bolandas comtigo arraſtado por eſſe mundo até eſte ſitio, aonde ſe não me mataſte, déſte comigo na cova, que he o meſmo. Sei mais, que vivendo encovado naquella gruta, tenho ſido eu o que vou á Cidade a buſcar provisão para ambos: ſem que até aqui poſſa alcançar (por mais que tenho corrido) o fim para que vivemos ſepultados antes de mortos, ſe não he que me enterraſte, porque morri por ſabello.

Fel. Pois agora ſaberás o que até aqui tens ignorado.

Sobre as azas da Fama voava por todo o mundo o nome da Princeza Florisbella; ſendo a ſua formoſura univerſal aſſumpto das vozes mais eloquentes, glorioſo emprego dos mais elegantes raſgos. Como conſeguio opiniões de divina, começárão-lhe os pinceis a repetir ſimulacros, começárão-lhe os corações a render ſacrificios! Fez-ſe a fama toda imagens, fez-ſe

a admiração toda olhos; quando os meus incautamente ousados, vendo huma copia sua, se deixárão persuadir dos ouvidos, para pagar os atrevimentos de hum exame nas cegueiras de huma idolatria.

Cego fiquei a tantas luzes. E desde aquelle venturoso infortunio comecei a reduzir as claridades da vista ás sombras da fé; até que crescendo no coração o fogo de amor, rebentou em desejos quanto opprimio em tolerancias. Levado pois desta paixão, me conduzio a actividade do meu affecto de Dinamarca a Suecia, conduzindo-me amor com suave violencia desde os descanços da Patria aos discommodos da estrangeira terra. Aqui disfarçado no traje, e occulto na publicidade, logrei o vello algumas vezes fazendo luminoso Oriente das janellas de seu Real P[illegible]o. Fiquei de novo rendido, entregando de todo ao seu imperio os dominios de minha liberdade: mostrando aquella venturosa vista, a suspensões do pasmo, na minha immobilidade a minha prizão; mas quem sem espiritos me venceo, que faria com os esforços da alma?

Chegou á minha noticia, que ElRei seu Pai por dar allivio ás suas melancolias, intentava retirar-se a huma casa de campo, que não longe deste sitio está, e adiantando-me eu (por ver se nas liberdades do campo me offerecia a fortuna occasiões de vella de mais perto) examinei penhascos, penetrei bosques, até que descobri o occulto segredo, que a nature-

za guardou na profundidade daquella gruta; em cuja boca ſó ſe ouve o ſilencio, em cujo ſeio ſó ſe abriga o paſmo.

Alli conſtitue o meu domicilio alguns dias, deſcobrindo naquella ſubterranea concavidade, não ſó que por outra boca junto ao mar reſpira horrores, mas que por ſecretos conductos encaminha huma de ſuas gargantas até huma abobada, que no jardim da Regia habitação ſervia de receptaculo ás agoas. Mas foi tal a minha inimiga ſorte, que nunca ſe effeituou a mudança da Real familia a eſte ſitio; porque aggravando-ſe a queixa da Princeza, reduzio aos ultimos termos a ſua vida: até que eu levado de tão exceſſiva pena, me parti a Dinamarca para que me mataſſe na minha patria a noticia de ſua morte.

Mach. Oh Senhor, fiquemos ahi na morte, que como ella he o fim de tudo, bem póde ſer o cabo da tua relação, que he muito dilatada, e eu quero dever á minha habilidade o ſaber o que falta, que ſem duvida foi, que melhorando a Princeza, e chegando á tua noticia (ſem me dilatar em dizer que com eſſa nova cobraſte novos alentos, e outras couſinhas mais deſte teor) eſperaſte occaſião, e acompanhado de mim, que ſou eu, te fizeſte na volta de Suecia, e mettendo-me a mim tambem nas voltas, viemos á meſma ſubterranea habitação, aonde aconteceo o que tenho viſto.

Fel. Tudo he como imaginas.

Mach. Pois Senhor, não percamos tempo, vai dar ordem a mudar de veſtido, que ſendo tú tão modeſto, não he razão que vás em pelle, quando eu fallando a ElRei na túa, te pertendo introduzir em Palacio.

Dentro Altea.

Alt. Hypolito.

Fel. Mas já he forçoſo auſentar-nos deſte ſitio, pois ouço vozes. Amor ajuda os meus intentos. *Vai-ſe.*

Mach. Vamos a veſtir o empellicado, e a caminhar para Palacio. Fortuna, livra-me de algum ſarambeque de couces. *Vai-ſe.*

Sahe Hypolito.

Hyp. Tenho vagado todos eſtes deſtrictos, ſem que poſſa achar a Princeza, e agora ſenti chamar-me. Se ſerá ella? Quero ver ſe ſou tão feliz, que a encontre neſte ſitio. Florisbella? Senhora? *chama.*

Sahe Altea.

Alt. Ah enganoſo! ah falſo! já eu me admirava de achar-te para os ſoccorros, ſem que te encontraſſe para os ciumes. Não he Florisbella quem te chama, he ſim Altea quem te buſca.

Hyp. Meu bem, Senhora, não me julgava tão venturoſo, que em parte tão remota te encontraſſe, quando aſſiſtias em companhia das Damas em bem differente ſitio. E não entendas,

das; que o buſcar neſte retiro a Princeza foi por cuidado, mas ſim por preceito. Ai amor, e como me trazes vacilante entre dous diſtinctos affectos! *á parte.*

Alt. Pois entre eſtas brenhas como era poſſivel achar-ſe a Princeza?

Hyp. Como tu ignoras, que amedrentada de huma féra, ou hum traidor, que queria offender a ſua vida, ſe perdeo por eſtes boſques, não he muito que te admires, como eu, de ver-te tambem neſte ſitio.

Alt. Eu ouvindo dizer, que huma féra andava correndo o monte, e vendo-te de longe vir para eſta parte, te ſegui cuidadoſa, deſte venablo fiando a defenſa; até que perdendo-te de viſta, tambem me emboſquei; mas com a differença, que Florisbella ſe auſentou de medo, e eu te ſegui com valor, e ambas andamos.... ella perdida de receios, e eu perdida de amores.

Hyp. Oh que ditoſo he, Senhora, quem merece á ſorte ſer objecto de tantas finezas! Oh ſe lográra em ti huma coroa quem já em ti conſeguio hum affecto! *á parte.*

Alt. Oh que infeliz he, Hypolito, a que chega a deſconfiar de quem a póde favorecer! Oh ſe os exceſſos, que devo a Cardenio a quem engano, e aborreço, ſe transferiſſem para o peito de Hypolito, a quem receoſa eſtimo! *á parte.*

Den-

Dentro Zapete, e Etcætera.

Zap. Aqui eſtá Hypolito.
Etc. Aqui eſtá Altea.
Zap. Senhor. } *Sabem.*
Etc. Senhora. }
Zap. Já a Princeza appareceo.
Etc. Já appareceo a Princeza.
Zap. E ahi vem já. . . .
Etc. E já ahi vem. . . .
Zap. Toda a familia. . . .
Etc. A familia toda. . . .
Zap. Do Palacio Real.
Etc. Do Real Palacio.
Zap. Deixa-me a mim fallar.
Etc. Deixa-me fallar a mim.
Zap. E eu vendo-te para aqui vir. . . .
Etc. E eu vendo-te vir para aqui. . . .
Zap. Te venho ſeguindo para dizerte. . . .
Etc. Para dizerte te venho ſeguindo. . . .
Zap. Que te vás metter no eſcaler. . . .
Etc. Que no eſcaler te vás metter. . . .
Zap. Que já todos ahi vem.
Etc. Que ahi vem já todos.
Zap. Deixa-me fallar a mim.
Etc. A mim me deixa fallar.
Alt. Ceſſe a porfia.
Hyp. Que tendes mais que dizer?
Zap. e *Etc.* Couſa nenhuma.
Alt. Vamos, pois já nos procurão, e eu quero adiantar-me: adeos Hypolito. *Vai-ſe.*
Hyp. Senhora, o Ceo vos guarde.

Zap. Vamos, vamos, Senhora, que são horas.
Vão-ſe.

Hyp. Vai, que já ſigo a Real familia.

Canta. ARIA.

Vacilante, cuidadoſo,
Confuſo, indeterminado,
Da belleza arrebatado,
E do Sceptro deſejoſo:
A qual hei de preferir
Não me acerto a reſolver.
Neſte enleio dos ſentidos,
Neſta luta dos affectos
Não me ſei determinar
Qual he o bem mais ſuperior;
Pois em mim reina o amor,
E o deſejo de reinar. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Viſta de Praça da Cidade, e no fundo mar. Sahe Felizardo de gala, e Machavello.

Mach. ORa o certo he, que hum homem em mudando a pelle fica outro. Eſtás tão differente do que hontem eras, que eu meſmo te deſconheço, não te conheço de hoje nem de hontem. Eſtou tão equivocado comtigo, que até aqui te tive por outro. E a não ſer eu o que tive a habilidade de tirar-te a pelle ſem te esfollar, havia entender que me enganavas; pois até me pareces ho-

homem de duas caras. Bem te aſſentão as galas.

Fel. Como intentamos entrar em palacio, já começas a adular-me: iſſo he moſtrar que já vamos para o centro das liſonjas.

Mach. Tudo o que te digo são verdades; mas apoſtemos, que não te eſcandalizas tu de te gabarem? Ainda os que conhecem, que a liſonja he mentira, goſtão de ſer liſonjeados.

Fel. Sempre deve ſer aborrecida pelo que tem de engano.

Mach. Oh Senhor, não ha couſa, que mais offenda, que a verdade, e ſe alguem a deita da boca, he ſó porque lhe amarga. Mais vale cuſpir no roſto a hum homem, que dizer-lhe na cara os ſeus defeitos: ſendo huma couſa ſujar-lhe a cara, e outra lavar-lhe o roſto; e pelo contrario, a liſonja ſerá engano, mas não ha pirola mais bem dourada, nem que melhor ſe trague neſtes tempos.

Fel. Eſtás mui ſentencioſo. Deixa eſſa materia que he para ti eſtranha.

Mach. Sim, deixa eſſa materia, já te entendo. Apoſto que queres que te falle de amor? não? Sim, iſſo entendo eu á legoa: eſſa ſim que não he materia eſtranha por ſer natural em todos: mais he materia tão peçonhenta, que a todos mata.

Fel. Experimentaſte já o ſeu veneno? Ai Machavello, e como he doce o ſeu mortal effeito.

Tal he a morte de amor para ſentida;
Que por ella ſe dá com goſto a vida.

Mach. Começas a trovejar? Ah tal desenteria! em te fallando de amor vas-te como hum cesto roto. Senhores, que terá a Poesia com o amor?

Fel. Não vês, que ambos se encaminhão ao mesmo fim? Pois o amor, e a Poesia ambos se introduzem na alma, e só differem, em que amor entra pelos olhos em consonancia de partes, que he a harmonia da formosura, e a discrição pelos ouvidos, em concerto de vozes, que he a formosura da harmonia.

Mach. Ora vejão! Eu não sabia dessa perigrinação, que fazem o amor, e a discrição a visitar o templo da alma; e tu o pintas de tal modo; que me parece que os ouço hir cantando como romeiros, e que os vejo hir entrando pelo buraco de S. Tiago.

Ora Senhor se aborreces a lisonja por mentiras, os Poetas são os mais lisonjeiros, porque são os maiores mentirosos. Se tu disseras, que a Poesia denota pobreza, e que quem he pobre anda despido, e que quem anda nú he o amor, e que daqui nascia a sua connexão, eu te crera; porque os Poetas, e os amantes todos andão por portas: huns pedindo esmolas, outros dando suspiros, huns por pobres, e outros por miseraveis. Mas espera que já se ouvem os instrumentos com que ElRei costuma acompanhar-se na marcha das caçadas; e já vão chegando os Bergantins que conduzirão ao bosque a Real familia. Tem pois cuidado em que desde hoje has

has de ſer meu Amo Sigiſmundo, ſe até agora eras o meu Principe Feliſardo.

Fel. Em tudo o que temos diſpoſto, eſtou muito certo. Oh amor, oh fortuna, deſculpa as minhas temeridades, favorece as minhas ouſadias.

Vão-ſe, e ao ſom de huma marcha, vão paſſando pelo mar varios Bergantins, e depois ſe vê mutação de ſalla, e ſahem ElRei, Florisbella, e Altea.

Rei. Toda foi confusão a caçada de hoje: pensão da vida humana, que aonde ſe buſcão os recreios, ſe encontrão os pezares.

Flor. Maior foi, Senhor, o ſuſto, que o damno; pois não ſenti a menor offenſa, quando te dei o maior cuidado.

Alt. Não fui eu quem teve a mais pequena parte nos ſobreſaltos de hoje; pois ſenti no meu coração a ferida, quando temi no teu peito o golpe.

Flor. Não ſe me aparta da memoria, a fraſe doce, e o horrivel traje daquella humana féra. *á parte.*

Alt. Não ſe me tira da imaginação ver em Hypolito a expreſsão das ſuas finezas, e a razão dos meus ciumes. *á parte.*

Rei. Deſde que tive a noticia, Florisbella, de que houve quem offenderte queria, não teve mais ſocego o meu coração, achando a pena aonde procurava o alivio.

ARIA.

A R I A.

Qual o incauto paſſageiro
Que afligido, e fatigado
Se reclina ſobre o prado,
E lhe ſahe de repente
De entre as flores a Serpente
Que do alivio faz o horror.
Aſſim pois meu peito triſte,
Bem que aos males ſe reſiſte,
De improviſo a encontrar veio,
Nas delicias de hum recreio,
Os inſultos de hum traidor.

Vozes dentro. Tenha mão.

Mach. Duas mãos tenho eu, quanto mais huma.

Outros. Tome, atrevido.

Mach. Por iſſo voſſès me dizião: tenha mão; porque tinhão que me dar: pois entrarei com tudo iſſo.

Dentro. Não ha de entrar.

Rei. Que rumor he o que eſcuto?

Sahe Zapete.

Zap. Senhor, he hum homem atrevido, que quer fallar a V. Mageſtade, a guarda não o quer deixar entrar, e elle quer ſahir com a ſua.

Rei. Se ſerá o que no monte me fallou? Dize que o deixem entrar.

Zap. E por certo que não entra de graça: bem cara lhe ſahio a entrada. *Vai-ſe*

Rei

Rei. Efte he hum fincéro fujeito, cuja graciofidade vos ha de fervir de divertimento.

Sahe Machavello rofnando.

Mach. Ora nunca tal me fuccedeo! Tenho entrado em muitas partes, mas em nenhuma tive táo má fahida.

Rei. Que tens?

Mach. Muita coufa que me deiáo lá fóra.

Rei. Chega, chega mais para cá.

Mach. Já lá me chegárão baftante, não he neceffario mais.

Rei. Impedirão-te os da minha guarda?

Mach. Náo Senhor, defimpedirão-me; porque eu fiquei fujo da pendencia, e ifto náo me cheira bem. Impedirão-te? Porque eu cá fiz algum efcrito de cafamento, ou devo alguma coufa á tua guarda, para me pôr impedimentos? He boa hiftoria!

Flor. Notavel he a fua fingeleza.

Alt. Galantaria tem na fua fimplicidade.

Mach. Ai, ai, ai, coitado de mim, efcutem voffês: lá vão os narizes com os diabos? Em negra hora eu vim aqui: eis-aqui o que eu vim cá bufcar: deitar a perder os meus narizes: os meus narizes, que era a melhor coufa que eu tinha na minha cara! já agora bem poffo deitar os narizes para traz das coftas. Ai defnarigado de mim!

Rei. Pois de que te queixas? Vem cá.

Sahe Zapete.

Zap. Senhores, que gritaria ferá efta cá dentro?

Mach. Já não ferei fenhor do meu nariz: meus ricos narizes-zinhos do meu coração. Ai, ai.
Vira-fe para o baftidor.

Rei. Vê tu o que tem.

Zap. Volta para cá, deixa ver.

Mach. Guarde lá: tambem me quer chegar aos narizes? Ai os meus narizes!

Zap. Ui homem! quantos narizes tens? volta para cá, que bem pódes enchernos os olhos de narizes.

Mach. Quantos narizes tenho? até aqui tinha hum, mas fizerão-mo em dous aqui os criados de Sua Mageftade.

Rei. Derão-te alguma pancada nelle?

Mach. Não Senhor; derão-me nelle todos de pancada.

Zap. Deixa ver, eftás ferido?

Mach. Pois não hei de eftar ferido, fe o nariz eftá efcorrendo?

Zap. Moftra, moftra.

Mach. Ei-lo aqui, que eftá todo molhado.

Zap. Olhe o tolo! iffo he ranho. *Ri-fe.*

Mach. Ha de fer bem ranho. Oh he verdade ranho he: apre lá! Pois cuidei tinha os narizes alagados em fangue.

Rei. Muito me diverte o feu raro eftylo.

Flor. Exquifito he o feu modo.

Alt. Notável peça para Palacio.

Zap.

Zap. Adeos, se este entra a ser gracioso, começará Zapete a ser desgraçado.

Mach. Tenho que fazer-me tolo em Palacio, que assim farei melhor o meu negocio. *á p.*

Rei. Como te chamas?

Mach. Eu?

Zap. Não hei de ser eu.

Mach. Chamo-me, chamo-me: agora não direi.

Rei. Notavel esquecimento.

Mach. Deixem me bater na testa. Ai, lembre-me Deos em bem.

Zap. Já te occurreo?

Mach. Sim, já me lembra, que ha muito tempo que me esquece o meu nome.

Zap. Póde haver cousa igual!

Flor. Esse he caso novo.

Mach. Nem eu me parece que me chamo cousa nenhuma.

Alt. Como póde isso ser?

Mach. Porque? Os pobres tem nome no mundo?

Rei. Não está de nescio o dito.

Zap. Maldita a graça que lhe eu acho.

Rei. Aqui, ainda que sejas pobre, desde hoje não te faltará nada.

Zap. Melhor foi a sua dita, que o seu dito.

Mach. Agora já sei como me chamo: Machavello criado de V. Magestade.

Rei Improprio nome para tão simples sujeito.

Mach. Isso he honra, e mercê que Vossa Magestade me faz.

Flor. De que terra és?

Mach. Sou da mesma terra de que V. Alteza he.

Flor.

Flor. Tu não és de Suecia.

Mach. Não ſou de Suecia, mas ſou de barro, não desfazendo na peſſoa de V. Alteza.

Zap. O dito não he barro; mas eu não o poſſo cozer. *á parte.*

Mach. Importa-me não declarar a Patria. *á p.*

Alt. Em que parte aprendeſte a noſſa lingua?

Mach. Eu! Arrenego do demonio. Eu prendi a ſua lingua em alguma parte? a ſua lingua de V. Alteza he mui ſolta, quem ſe havia de atrever a prendella?

Alt. Não digo ſenão aonde, ou em que terra começaſte a fallar neſta noſſa lingua?

Mach. Fallar na ſua lingua? Eu não ſou digno de tomar na minha boca a lingua de ninguem: ainda que eu eſtivera com lingua de palmo: não Senhora, iſſo he teſtemunho.

Rei. Rara brutalidade!

Zap. Boa parouvella! e o peior he que lhe hão de achar graça. *á parte.*

Rei Buſcaſte já a teu Amo?

Mach. Buſquei-o, e achei-o: bem, ſe elle fora alguma couſa boa não havia de apparecer.

Rei. Pois porque não o trouxeſte a Palacio?

Mach. Tão beſta ſeria eu que o trouxeſſe; não que elle péza como hum ſalvagem: ſe quizer ha de vir pelo ſeu pé, que de carne he.

Rei. Iſſo he o que te digo: pois porque não veio?

Mach. Como tem muita vergonha, não vai a nenhuma parte ſenão de noite.

Alt. Vai logo a conduzillo.

Mach.

Mach. Não se cansem, que não ha de vír.

Flor. Porque não?

Mach. Ai Senhores, se o outro está sem çapatos, como ha de pôr o pé na rua?

Zap. Logo tu deves de ser mais rico, que teu Amo?

Mach. Oh? pergunte-nos vossê tambem alguma cousinha: apre loureira quatro a perguntar! Não sei como este me não tem conhecido; mas o seu medo, e o meu traje lhe farião differente a minha fórma. *á parte.*

Zap. Está-se-me afigurando, que já vi esta cara em outro corpo; mas ha muitos diabos que se parecem huns com os outros. *á p.*

Sahe Cardenio.

Card. Senhor.

Rei. Cardenio, já te desejava o cuidado da regencia: vem assistir ao despacho, que da tua direcção só fio os meus acertos.

Card. Estimo, Senhor, chegar a tão bom tempo, que seja de ti desejado. Ai de mim! aqui estão os dous extremos da minha fortuna. *á parte.*

Flor. Não sei que horror me causa a vista de Cardenio. *á parte.*

Alt. Não sei como me exima de Cardenio ás importunações. *á parte.*

Rei. Vai Machavello conduzir a teu Amo: vamos nós outros a acudir ao despacho, que não he razão estragar o tempo nas diversões, quando se usurpa ás disposições do governo. *Vão-se.*

Flor.

Flor. Vamos nós, Altea, pois já faltão de Febo os ardores, a gozar no jardim as suavidades do brando Zefiro.

Alt. Vamos, galharda Florisbella, a buscar esse alivio. Se ha cousa que o possa dar a hum coração ferido de zelosas suspeitas.

á parte. e vão-se.

Zap. Ora, Senhor, vá vossê a trazer ás cavalleiras a esse tal Amo, e vá a horas que o não apanhe descalço.

Mach. Bem pudéra vossê vir a dar-nos ajuda para isso.

Zap. Ajuda! Ui, vossê acha-me com cara de cristaleira?

Mach. Cara de cristaleira eu? para traz que vossê tal tenha: agora nariz de syringa, isso sim.

Zap. Galante traste por vida minha!

Mach. Oh pois vossê he boa vasilha por minh a alma.

Ao bastidor Etcætera.

Etc. A buscar a Princeza venho; mas á aqui não está. Quem será este sujeito, que está com Zapete? Não he mal posto com os pés no chão: os olhos são maganos sem ser de assobio.

Mach. Vossê he o que diz as graças cá em Palacio? Sim he, que eu logo lhe vi carinha de galhofa.

Zap. Quer-me vossê não dizer graças? Olhe que lhe hei dizer olé.

Etc. Ai, que o logra! pois eu tomára achar algum amante em commodo, para me desfazer de Zapete, que para mim no jogo de amor não vale nada.

Mach.

Mach. Oh Senhor, como ſe chama, não vai a deſconfiar: nós havemos de ſer amigos daqui por diante. Olhe cá Senhor.

Zap. Quer voſſê eſtar quieto? olhe para iſto. *amua-ſe.*

Etc. Ai, que eſtá fazendo beicinho! oh triſte de mim! Eu ſaio para o envergonhar. *Sahe.*

Zap. Peior he eſta! Ai coitado de mim, que ella he bonita, e elle póde namorar-ſe della. *á parte.* Ora meu machacaz, ou meu Machavello, vai aonde te mandou ſua Mageſtade que tudo o mais he graça. *para elle.*

Mach. Ai, que formoſo par de olhos! ai que dengue de rapariga! *á parte.*

Zap. Vai, vai, aonde te mandárão. Etcætera, que queres aqui? Vai ao jardim, que para lá foi a Princeza, e te procura.

Mach. Menina, não procura tal: eſte engana-a, e ſó eu lhe hei de fallar verdade: deixe-ſe eſtar, que a mim não me ſerve de deſcomodo.

Zap. A mim he que me não accommoda iſſo. Eu eſtou perdido! *á parte.* Vai te já Machavello. *para elle.*

Etc. Para que he eſtar eſpantando a gente? iſſo parece-me a modo de quem quer eſpantar a caça.

Mach. Que importão os ſeus eſpantos ſe já ſe lográrão os voſſos tiros.

Zap. Se não ſoubera que elle era tolo, havia jurar agora, que elle èra diſcreto: iſto não eſtá bom; elles namorão-ſe ſem nenhum remedio. *á parte.* *Etc.*

Etc. Elle eſtá-me muito inclinado, que eu bem lho conheço na olhadura. *á parte.*

Zap. Vai-te já, ou farei queixa a ſua Mageſtade do mal que lhe obedeces: anda, vai-te.

Mach. Como me hei de hir, ſe eſtou prezo?

Etc. Aquillo he comigo. *á parte.*

Zap. Ai a minha teſta que aſſim me carrega? *á parte.* E quem he que te prende? *para elle.*

Mach. A guarda, que como me não deixou entrar, entendo que me não deixará ſahir. Ai amor, que forte brecha me abriſte no peito. *á parte.*

Zap. Ai, que féro ſuſto! Cuidei que o dizia por Etcætera. *á parte.*

Mach. Já he preciſo hir conduzir ao Principe. *á parte.* Ora Senhor, já me vou, e ſaiba, que levo mais do que trouxe. *para elle.*

Etc. Que leva?

Mach. Huma ferida muito penetrante.

Etc. Bom vai iſto, achei o que buſcava. *á p.*

Zap. Que ferida he eſſa?

Mach. Não te lembra, que me quebrárão os narizes depois.

Zap. Ai, cuidei que o dizia por outra couſa. *á parte.* Não te deſenganas ainda, que era ranho, e não ſangue? *para elle.*

Mach. Oh, nem tal me lembrava: pois com eſſa me vou. *Retira-ſe ao baſtidor.* Mas daqui ouvirei o que paſſa.

Faz Etcætera que ſe vai.

Zap. Com que v. m. tambem ſe vai, como quem

quem não diz nada? Assim me quer deixar pela callada?

Etc. Pois que tenho eu aqui que fazer mais? Diga.

Zap. Ora espere menina, e até agora que tinha?

Etc. Eu bem sei o que tinha, e a vossê que lhe importa isso? Vá lá buscar os seus olhos verdes, e os meus tire delles as esperanças.

Mach. Máo está aquillo.

Zap. Que olhos verdes? eu nunca fui amigo de olhos da alface. Hoje ha de hir o diabo em casa do Alfacinha. *á parte.*

Etc. Não metta isso a graça, que não ha de ser admittido.

Mach. He porque o devo de estar eu.

Zap. Fallas de veras?

Etc. Não, não lhe zombo.

Zap. Em negra hora eu fallei em olhos verdes. Pois, menina, vê o que queres, que eu faça para ser restituido outra vez á tua graça.

Etc. Acolá (senão me engano) está o tal Machavello. Pois hei de fazer a este tolo huma peça. *á parte.* Ponha-se ahi de joelhos.

Zap. Aqui estou já ajoelhado. *ajoelha.*

Etc. Ora assente-se agora no chão.

Zap. Já estou assentado. *assenta-se.*

Etc. Erga-se de pressa.

Zap. Já estou erguido. *levanta se.*

Mach. Ella fallo andar n'uma dobadoura.

Ete. Ora agora vá bailando, em quanto eu for cantando.

Zap.

Zap. Minha Etcætera, olha que eu tenho meus achaques, e não posso fazer esses excessos.

Etc. Pois a Deos. *Faz que se vai.*

Zap. Ai, espera, espera, que eu bailarei até me levar a fortuna. Ai olhos verdes, quanto me custais! *á parte.*

Mach. Ha mais celebre capricho!

Canta Etcætera, e baila Zapete.

Etc. Vamos andando
Cantando, e bailando,
Trate esse orate
De ser bonifrate,
Ai, ai, para aqui,
Ai, ai, para alli,
Andar para cá,
Voltar para lá,
Para aqui, para alli,
Para lá, para cá,
Boa figura
Mach. Bello pexote
Ambos. Bom balharote
Mach. Eu não vi tal.
Mas de tal ver
Ambos. Rizo me dá
ah, ah, ah, ah.

Zap. Isto he traição; bom anda o meu credito! Eu envergonhado diante de gente! isto não esperava eu de ti Etcætera: hum homem da minha authoridade feito bailarote? a minha firmeza mettida em mudanças? Bem me soubeste

beſte metter nas voltas. Ai, eſtou quaſi eſtafado. Ora ſerás já minha amiguinha?

Etc. No jardim ás eſcuras te eſpero logo.

Zap. A mim?

Etc. Havia de fallar comtigo? eu te arrenego.

Sahe Machavello.

Mach. A mim?

Etc. A v. m. appello eu por mim! Hei de ver ſe vai o que eu quero. *á parte. e vai-ſe.*

Zap. Comigo he, mas a negação foi modeſtia. *á parte.*

Mach. A mim mo diſſe, pois a elle já o deſpreza. *á parte.*

Zap. Senhor Machavello, não diga nada diſto a ninguem.

Mach. Ui! vá deſcançado, que eu ſe o diſſer, ha de ſer a alguem. *Vão-ſe.*

SCENA IV.

Mutação de Jardim, e de huma parte hum alegrete, ou fórma de aſſento, e da outra parte outro, e no fundo hum boſete de pedra, e eſtará o Theatro eſcuro. Sahem Floriſbella, e Altea.

Flor. JUntas, irmã, viemos a eſte Jardim, e ambas nos dividimos no paſſeio, divertida cada qual na ſua imaginação.

Alt. Ahi verás quanto arrebata hum penſamento, pois faz dirigir os paſſos aonde ſe não

encaminha a vontade. Mas já me unio outra vez á tua companhia, não a casualidade, mas o affecto.

Flor. Ai louca fantasia, que quimeras me fundas sobre o vento! *á parte.*

Alt. Ai amor tyranno, quantas mortes repete hum só ciume! *á parte.*

Flor. Ja do passeio fatigada me sinto; e pois neste sitio nos convida ao descanço, respirando fragancias, o Favonio, aqui podamos sentarnos.

Alt. Dizes bem; eu já estava do mesmo parecer; mas a tua voz se anticipou a intimar o effeito; para que se veja, que he minha a tua vontade, e tua a minha obediencia.

Flor. A Hypolito vi no jardim, e ainda que o seu rendimento me não desagradou, depois que reconheci a seu favor o empenho de Altea fujo ás occasiões, em que para mim possão passar de politicas urbanidades as suas attenções. *á parte.*

Alt. No Jardim anda Hypolito, pois áquella parte o vi, antes que de todo cahisse a sombra da noite, e sinto que a Princeza tomasse aquelle lugar; porque por entre aquellas ramas tinha commodo para fallar-lhe, quando elle ouvindo-me o procurasse. *á parte.*
assentão-se.

Flor. Oh que agradavel he a hum triste o silencio da noite; pois com mais desafogo se póde entregar todo ao seu cuidado!

Alt. Oh que proprio he para hum peito amante

o re-

o retiro ; pois com menos embaraços póde elevar-ſe nas contemplações de amor !

Flor. Parece que eſtás penetrada dos ſeus golpes?

Alt. O deſtino fez , que o meu peito foſſe o alvo das ſuas iras.

Flor. Antes eu julgava na tua belleza a imagem das ſuas adorações.

Alt. Nos ſeus altares ſó ſe conhece por idolo a tua formoſura. Muito ſe declara o meu ciume. *á parte.*

Flor. Parece , que em mim receia preferencias. *á parte.* Não , Altea , não me offendas com a liſonja que eu como reconheço em ti vantajens para a idolatria , não havia de uſurpar os cultos , que ſó ſe devem ás tuas aras.

Alt. Entendeo-me ; porque ſe não offenda , quero mudar de ſentido. *á parte.* Eu ſó nas do amor com que te venero , ſei ſacrificar-te affectuoſo o meu cuidado , e não he pouco o que agora me cauſa o ver-te triſte. Qual he a pena que te afflige ? Deſcança Florisbella no meu peito.

Flor. Ai Altea , e como o querer explicar o meu cuidado , fora emprender hum impoſſivel !

Alt. Póde o mal padecer-ſe ſem alcançar-ſe ?

Flor. Sim , quando no ignorar conſiſte o padecer.

Alt. Como no que padeces , não conheces o que ignoras ?

Flor. Padecendo o que ignoro , e ignorando o que padeço.

Alt. Ai Florisbella ! e como me parece que eſtou conhecendo , e que tu eſtás ignorando !

do! Oh como são de amor esses extremos!

Flor. Suspende a voz, não escute a razão nesse nome a sua offensa, e agora melhor será que se empregue em ser lisonja dos meus ouvidos, e suspensão dos teus cuidados.

Alt. Como só as tuas vozes podem servir de suspensões, acompanha o meu canto, que assegurando os agrados logrará pelo indulto o que não alcança pelo merito.

Cantão.

Flor. Loucas memorias.
Alt. Tyrannos zelos.
Ambas { De meus desvellos
Causa immortal.
Flor. Como ao render-me.
Alt. Ao maltratar-me.
Ambas { Já de matar-me
Não acabais.
Flor. Mas ai!
Ambas { Que isto he morrer
Sem acabar.

Sabem pela parte de fóra Hypolito por onde está Florisbella, e Cardenio por onde está Altea.

Hyp. Aqui ouço a Florisbella.

Card. Aqui escuto a Altea.

Hyp. Valer-me-hei das sombras, para lhe intimar as minhas finezas.

Card. Fiado no escuro da noite, lhe quero declarar os meus excessos.

Flor. Para cantar mais convida o silencio do que o rogo.

Hyp.

Hyp. Não me enganei ; desta parte está a Princeza.

Alt. Tambem o rogo he attenção.

Card. Desta parte está a Infanta ; não me enganou o meu ouvido.

Flor. Essa ás tuas vozes só deve.

Alt. As minhas só sabem subir , quando chega a louvar-te.

Hyp. Por esta rua , que serve de passeio ao Jardim , hirei para fallar-lhe mais seguro de ser sentido de Altea. *Vai-se.*

Card. Por de traz destas latadas , que fórmão parede a este retiro , quero hir , para lhe fallar com menos susto de que o perceba Florisbella. *Vai-se.*

Flor. Em vão procuro esquecer-me do que no bosque vi , e escutei. *á parte.* Mas ai de mim ! não sei que rumor senti nestas ramas. *levantão se.*

Alt. O vento seria ; mas se tens susto , muda-te para este lugar , que será mais accommodado. Verei se he Hypolito , que me busca. *á parte.*

Trocão os lugares.

Flor. Receio , que seja Hypolito , que venha a importunar-me. *á parte.*

Sahem os dous pela parte de dentro , chega Hypolito a Altea , e Cardenio a Florisbella.

Hyp. Cobarde chego.

Card. Temeroso a busco.

Flor.

Flor. Mas ai de mim! paſſos ſinto. *á parte.*

Alt. Gente ſe aviſinha: alviçaras coração. *á parte.*

Hyp. Divina Florisbella?

Card. Altea ſoberana?

Hyp. Não me crimines de muito ouſado....;

Card. Não me culpes de pouco amante....

Flor. Não percebo ſe he Hypolito. *á parte.*

Alt. Se he Hypolito não averiguo. *á parte.*

Hyp. Se te buſca a minha fineza para dizer-te que hoje no boſque conſegui a de arriſcar a minha vida por evitar a tua offenſa.

Alt. Que eſcuto, pezares! *á parte.*

Card. Se te procura o meu exceſſo para declarar-te, que hoje no boſque obrei por ti, o de emprender tirar a vida á Princeza para que tu conſeguiſſes a Coroa.

Flor. Que he iſto que ouço, penas! *á parte.*

Hyp. Não deſprezes pois, Senhora, os meus rendimentos, quando tu és teſtemunha das minhas finezas.

Card. Não deſeſtimes pois, Senhora, as minhas adorações, quando tu és a cauſa de taes exceſſos.

Alt. Com a Princeza minha irmã ſe vão confirmando os meus aggravos. *á parte.*

Flor. Com minha irmã Altea ſe communicão as minhas offenſas. *á parte.*

Dentro ElRei, Levem luzes ao Jardim.

Hyp. Já retirar-me he preciſo. *á part. e vai-ſe.*

Card. Já he força o retirar-me. *á p. e vai-ſe.*

Flor. Não eſtou em mim de ſentimento *á p.*

Alt.

Alt. Morta me tem o pezar. *á parte.*

Sahem por fóra Machavello por huma parte, e Zapete por outra.

Mach. Pois ElRei com Felisardo fica divertido, quero a foro de tolo, ver se vejo ás escuras a Etcætera neste Jardim.

Zap. Pois Etcætera disse que viesse ao Jardim de noite, se a não vir por sombras, quero ao menos apalpalla.

Mach. Oh quem me dera dar com ella.

Zap. Ainda que estou ás escuras, não se me dava de ter com ella huma topada.

Mach. Se estará para aqui?

Zap. Se estirá para cá?

Flor. Ai de mim infeliz!

Alt. Ai de mim triste!

Mach. Mas ter mão, que aqui ouvi suspirar.

Zap. Porém vamos de vagar, que aqui senti resfolgar.

Mach. Sim, aqui ouço o ruje ruje das saias.

Zap. Sim, aqui ouço o estralicar das chinellas.

Mach. Se a minha sorte he tão feliz, que mereço ser admittido, nas minhas mãos, dará fim a pessoa que aborreces. *para Florisbella.*

Isto diz Machavello a Florisbella, e o seguinte diz Zapete a Altea.

Flor. De novo se ratifica a sentença da minha morte. Em fim Altea me aborrece! ah traidora! *á parte.*

Zap. Se mereço que me restituas á tua graça, mil

mil vezes arriſcarei eſta vida por lograr outra vez os teus favores. *para Altea.*

Alt. De novo ſe intimão as ſuas finezas. Em fim Florisbella o tem favorecido! ah falſa! *á parte.*

Mach. Falla-me, mais que ſeja pela boca da noite.

Zap. Reſponde-me, mais que ſeja em eſtylo eſcuro.

Flor. No peito hum incendio abrigo. *á parte.*

Alt. Hum Ethna occulto no peito. *á parte.*

Mach. Dize, não te embarace a vergonha.

Zap. Falla, não te perturbe o pejo.

Mach. Meu bem.

Zap. Meu amor.

Flor. e Alt. Já iſto não póde ſoffrer-ſe. *á p.*

Flor. Traidor, barbaro, atrevido.....

Alt. Falſo, aleivoſo, inſolente.....

Mach. Que vai, Senhor Machavello? *vira.*

Zap. Senhor Zapete, que tal?

Sahem dous criados com duas ſerpentinas de luzes, que porão ſobre a meza, e outro com huma cadeira, que põem a hum lado.

Flor. e Alt. Como aſſim!

Flor. Mas que he o que vejo! *á parte.*

Alt. Mas que he o que noto! *á parte.*

Mach. e Zap. Ai deſgraçado de mim!

Mach. Oh quem ſe vira em Berberia!

Zap. Oh quem ſe vira em Salé!

Flor. Que encanto he eſte, cuidados! *á parte.*

Alt. Que prodigio he eſte, amor! *á parte.*

Mach

Mach. Eu ſe acaſo . . . agora . . . quando . . .
Deſta vez me maſſão o cagueiro. *á parte.*

Zap. Eu ſe aqui . . . então . . . porque. . . . .
Deſta vez me derreão o palaio. *á parte.*

Flor. Não he poſſivel, que deſte ſimples naſceſſem aquellas razões: em vão me animo.
á parte.

Alt. Não he poſſivel articularem-ſe aquellas palavras na boca deſte neſcio: penas reſpiro.
á parte.

Mach. Oh quem advinhára que aonde buſcava a Etcætera havia de achar a Florisbella! Antes eu me fora metter no calcanhar do mundo. *á parte.*

Zap. Oh quem ſoubera que em lugar de huma lacaia ſe havia de achar huma Infanta! Antes eu me fora encaixar no cu de Judas.
á parte.

Flor. Examinallo he preciſo. *á parte.*

Alt. Averiguar eſte caſo he neceſſario. *á parte.*

Mach. Eſtou vendo ſe me mandão com trezentos mil diabos. *á parte.*

Zap. Eſtou vendo ſe me mandão dar trezentos mil açoutes. *á parte.*

Flor. Vem cá: dize-me.

Mach. Direi, ſe ſouber o que digo.

Alt. Vem cá: reſponde-me.

Zap. Eu não ſou tão mal enſinado como iſſo.

Sahem ElRei, e Feliſardo, eſte fica em pé, e ElRei ſe aſſenta.

Flor. Mas ceſſe por agora o exame. Ai de mim! *á parte.*

Alt.

Alt. Ai infeliz! mas cesse a averiguação por agora. *á parte.*

Rei. Florisbella, Altea, filhas, o meu amor, que sempre deseja dar-vos gosto, traz á vossa presença este galhardo mancebo, que he Apollo na discrição, e Orféo na modest a: com as suas prendas quero lisongear-vos.

Flor. e Alt. Correspondemos-te Pai, e Senhor, com igual fineza.

Mach. Pois estão entretidos, bom será por agora usar da escapatoria. *á parte. e vai-se.*

Zap. Pois divertidos se achão, não será máo agora usar da esgueiração. *á parte. e vai-se.*

Fel. Ai amor, e que encanto he este da formosura, que tanto me arrebata os sentidos! Sem mim estou!

Rei. Falla Sigismundo, agora emmudeces? Esta he a Princeza minha filha, a quem desejo divertir.

Flor. Galharda presença! *á parte.*

Alt. Bizarro sujeito! *á parte.*

Rei. Chega a fallar-lhe, não te acobardes.

Fel. Oh, não julgues Monarca esclarecido, que deixo de fallar quando emmudeço: aonde as admirações hão de expressar se, não ha fraze mais propria que o silencio.

Rei. Bem se desculpa. *á parte.*

Chega Felisardo á Princeza, e ajoelha.

Fel. A vossos pés, Senhora, (amor piedade! não me mates, anima agora o peito. *á p.*) Já me prostro: (ai de mim! não sei que di-

digo *á parte.*) animoso, cobarde, lince, cego. . . . .

Rei. Perturbou-se . *á parte.*

Fel. A vossos pés, Senhora, (outra vez digo) a ser adoração passa o respeito, que aonde não se admittem igualdades, se conhece a attenção pelos excessos.

Rei. Mui bem emendou o defeito. *á parte.*

Flor. Outro encanto me suspende: parece que me seguem os prodigios. *á parte.*

Alt. Apenas chega a agradar-me, quem tanto exalta a minha maior inimiga. *á parte.*

Flor. Não culpeis, se me dilato em pagar com agradecimentos, o que devo aos vossos applausos; que se bem o advertis, ao vosso estylo tambem são devidas as minhas suspensões.

Ajoelha Felisardo junto a Altea.

Fel. Em vós, Senhora, he o pasmo successivo, quando chego a admirar hum tal portento, que sem duvida fora sem segundo a não crear o Ceo outro primeiro.

Alt. He privilegio da discrição fazer lisonja da offensa. *á parte.*

Flor. E quanto sentirá que me prefirão, quem tanto se empenha em que me offendão! *á parte.*

Alt. Tanto me exalta o modo porque me louvais, que vos aceito por obsequios os desenganos.

Rei. Mais lhe deu a natureza a este Estrangeiro nas prendas, que o adornão, que a mim a for-

a fortuna na Monarquia, que governo. *á p.* Com que motivo vieste, Sigismundo, a estas regiões?

RECITADO.

Fel. Amor da amada Patria me desterra:
Venho seguindo as forças do destino
Infeliz, derrotado, peregrino,
Buscando abrigo na estrangeira terra:
Aos mares me entreguei que de opprimidos
Com pezo infeliz de meus cuidados,
Prorompêrão em horridos bramidos;
E tanto contra a terra conjurados,
Que ver pude em diversos horizontes
Voar os mares, e nadar os montes:
Mil perigos venci com peito forte,
Até que a minha feliz sorte
No teu amparo me assegura,
Quanto esperar pudéra da ventura.

ARIA.

Pois me dá seguro amparo
O teu peito heroico, e claro,
Desse modo
Já lá vai o meu mal todo,
Aqui está todo o meu bem.
Ao seguir tão fixo norte,
Já não tenho á dura sorte,
Que temella,
Pois vejo a minha estrella,
Que a domina o teu poder.

Rei.

Rei. Desde hoje serás o primeiro na minha estimação, que assim o pedem as distinções com que te formou a natureza.

Fel. Oh Senhor, quanto exaltas a minha humildade!

Rei. Nada tens nisso que dever á fortuna, antes toda ella cedeo ao teu merecimento. Vamos, que quero destinar lugar para a tua habitação em Palacio. *Vai-se.*

Fel. Já te sigo, Senhor, reverente, e agradecido. Ai Florisbella, e a quantos excessos me obrigas! Queira amor favorecer a meus empenhos. *á parte. e vai-se.*

Flor. Não sei em que hão de parar tão prodigiosos acasos: encanto me parece quanto escuto, e vejo. *Vai se.*

Alt. Não sei em que hão de vir a dar tão continuados martyrios: contra mim se dispõem quanto vejo, e quanto escuto. *Vai-se.*

Vem dous criados a levar as luzes, sahe Etcætera só, e como ás escuras.

Etc. Agora que ficou o Jardim desembaraçado, quero ver se encontro o tal Machavello, que para cá me dizem que veio.

Sahe Machavello.

Mach. A' luz, que de huma janella da galaria se communicava, vi que para esta parte vinha Etcætera, e ainda que escaldado da primeira, quero cahir na segunda.

Sahe.

Sabe Zapete pela outra parte.

Zap. Como os meus ciumes me trazem ſempre á lerta, ando feito ſentinella deſte Jardim; porque o ver no paſſado ſucceſſo ao Senhor Machavello, me deſpertou o cuidado.

Etc. Aqui ſinto paſſos: ſe ſerá o meu novo emprego?

Mach. Aqui eſcuto rinjir ſeda; ſe ſerá a menina dos meus olhos?

Zap. Eu perdi o tino, não ſei aonde eſtou: ſupponho que hirei dar comigo na nora.

Elle anda mais apartado.

Etc. Ei-lo comigo; agora o que me reſta he ſer Zapete. *á parte.*

Mach. Ella he, eu me reſolvo: ſe eu dava agora com alguma Princeza, era huma fallada. *á parte.* Se ſe permitte a hum amante morcego, que entre as ſombras da noite ronda a luz deſſes olhos, queimar as azas em tão doce incendio, terei por felicidade o ficar deſazado cahindo-te em graça, ſó porque fique outro paſſaro de aza cahida nos teus favores.

Zap. Para eſta parte ouço cuchichar.

Etc. Eſte he Machavello. *á parte.* Se deſejas abrazar-te nas minhas luzes, não ſejão de morcego os teus voos. Aonde ficão as Mariposas, as Fenix, e as Salamandras? Não ſou eu tão pouco altiva, que não deſeje nos meus amantes a imitação dos melhores exemplares: o mais fique para Zapete, que como paſſaro nocturno, ſó he do rancho de Gralhas, Morcegos, e Corujas. *Zap.*

Zap. Pois que vai? he olho, ou buraco? Está bonito isto! *á parte.*

Etc. Mas aqui sinto passos, quero retirar-me depressa. *á parte. e vai-se.*

Mach. De mais a mais, não he besta a rapariga. *á parte.* Pois meu dengue, já que me permittes ser pasto das chammas do teu amor, admitte-me desde hoje pelo menor dos teus amantes, bem que entre todos me acharás unico nas finezas.

Zap. Eu estou por instantes dando hum cerra Espanha. *á parte.*

Mach. Que respondes meu bem?

Zap. Se ella callou, consentio. *á parte.*

Mach. Ui, não me responde; quero ver se se ausentou. *á parte.*

Zap. Mas quero ver se a topo. *á parte.*

Estendem ambos o braço, e toca hum na cara do outro.

Mach. Porém que he isto? femea com bigodes.

Zap. Mas que he isto! Etcætera com barbas?

Mach. Quem me pega?

Zap. Quem me agarra?

Mach. Póde haver maior desaforo!

Zap. Ha maior pouca vergonha?

Mach. Isto he caso de bigode.

Zap. Isto he successo de barbas.

Mach. e Zap. Logrou-me patife!

Mach. Pois tome. } *Dá hum no outro.*
Zap. Tome }

Mach. Lá vão dous dentes fóra.

Zap. Lá vão duas coſtelas dentro.

Sahe Etcætera com luz.

Etc. Que he iſto, Senhores, eſtão doudos? voſsès jogando os murros ás eſcuras? vejão o que fazem, que para iſſo lhes trago luz.

Zap. O que eu ganhei, de boa mente to déra de barato.

Etc. Se eu fora emparelhada com Machavello, tu perdêras mais.

Mach. Eu topei a tudo, e ſe tu não vens ainda não parava.

Zap. Não ſeja deſavergonhado, que voſſê não me poz mão.

Mach. Tenha tento no que diz, ſe não hei de dobrar a parada.

Zap. Oh magano! } *Tornão a*
Mach. Oh deſavergonhado! } *dar-ſe.*

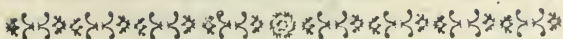
Etc. Ai meus peccados, que ſe torna a accender a pendencia.

A R I A.

Aparte-ſe a bulha,
Acabe-ſe a pendencia,
Já que a competencia
Em dar he que dá;
E porque ſe apartem,
Vai tu por aqui, *a Mach.*
Voſſè vá por lá. *a Zap.*
E não me reguingue *a Zap. tudo iſto.*
Se não levará
Muita pancada,

Mui-

Muita botetada,
Muita arrochada,
Muita pauletada,
E não me reguingue,
Vai tu por aqui, *a Mach.*
Vossè vá por lá. *a Zap.*

Fim do primeiro Acto.

ACTO II.

SCENA I.

Mutação de Bosque. Sahe Cardenio, e hum Soldado.

Card. NÃo te admires, Lidoro, de que viva ha tanto tempo, negado aos descanços da Patria, eu admira-te em quanto te não relato os motivos, que me movem a seguir com gosto os desterros della. E pois no retiro deste bosque, ainda que a natureza concedeo alma ás plantas, não permittio ouvidos aos troncos; fiarei de ti os meus cuidados, sem que periguem os meus segredos.

Sold. Não he novo, Senhor, o favorecerem-me os Principes da Casa Real de Moscovia, e menos o será em ti, pois tantas experiencias tens da lealdade com que te sirvo.

Card. A Infante Altéa, como já fabes, foi eleita para efpofa do Duque de Mofcovia; cerradas as capitulações, e affentadas as conveniencias das duas Coroas; foi trasladada defde Suecia áquellas Provincias, aonde chegou acompanhada da mais rara formofura, que he o mefmo que da maior infelicidade; pois hum dia antes que ella chegaffe a Mofcovia, morreo feu futuro efpofo precipitado do furor de hum cavallo defde a eminencia de humas altas rochas: trocando a inftavel fortuna ao recebella as gallas em lutos, e o thalamo em feretro.

Sold. De cujo laftimofo acafo fe penetrou tanto a galharda Infanta, que em muitos dias não cobrou os efpiritos, que lhe roubou o defmaio.

Card. Entrou na regencia daquelle Imperio, como legitimo fucceffor do Cezar defunto, o grande Bafilio irmão feu, e meu tio, com o qual repugnou Altéa o conforcio, por não violentar o gofto na companhia daquelle, em quem a natureza depofitou invifiveis as excellencias com que o dotou; pois tanto concedeu ao feu interior de generofidade, difcrição, e prudencia, quanto negou á fua peffoa de exterior bizarria, e gentileza. Dous mezes defcançou da pena, e da jornada, antes de pôr por obra o regreffo da patria. Eu que nefte tempo tinha chegado de Dinamarca, aonde me tinhão conduzido as travefluras do meu genio (vivendo disfarçado naquella Corte,

aonde muitas vezes entrei com o Principe Felisardo em contenciofo certamente já na luta das forças, já na destreza das armas, exercicios de sua maior inclinação) me senti tão rendido ao formoso imperio de seus olhos, que mil vezes pelos meus lhe dei a ler os caracteres, que amor me imprimio no coração.

Sold. E ella devia de entendellos, pois tu a seguiste até este Reino de Suecia, aonde ha dous annos vives disfarçado assistindo a El-Rei em todos os negocios graves do Reino, estimando elle tanto a tua grande sciencia, que de ti vive inseparavel.

Card. Entendeo as minhas ancias, mas desprezou os meus cuidados. Vio que disfarçado a segui: conheceo que dissimulado a acompanhei, e tanto dissimulou, que o conhecia, que eu mesmo duvidava se era disfarce o não reparar, ou ignorancia o não conhecer. Nestas confuzões vacilante o meu discurso, vinha seguindo o norte de tão soberanas luzes, quando na passagem de hum pequeno rio, ordenou a fortuna, que na desordem dos que a acompanhavão, ao metter-se no bergantim se precipitou nas aguas: não sei se foi, que a Deosa Thetys ao admirar tanta belleza, quiz illustrar os imperios de Neptuno com os timbres de outra Divindade. Ficárão todos immoveis, ou de pena, ou de embaraço, reduzindo aos lamentos toda a presteza das execuções; mas eu que obrigado da ancia de salvar a minha vida, desprezei todos os horro-

res, que podia offerecer-me a morte, com arrebatada promptidão me lancei ás correntes, que servião de prisões aos animos dos cobardes, que com inveja o admiravão, de donde sahi triunfando de todo hum elemento, feito Athlante de todo o celeste globo.

Sold. Notavel fineza, Senhor! E como correspondeo a tanta obrigação?

Card. De tal sorte reconheceo a divida, que me fez depositario de mil ditosas promessas. Disse-me, que desde aquelle ponto admittio com agrado as minhas finezas, e correndo o tempo me certificou, que se as enfermidades da Princeza sua irmã, (que então por instantes crescião, a reduzisse aos imperios da morte) sendo ella herdeira do Reino, a nenhum admittiria por seu esposo se não a mim, que que só faltaria a fé desta palavra, quando eu intentasse offender a sua vida, o que á vista de lha ter já dado, se fazia impossivel crer.

Sold. Quem arriscou huma, que tinha, por livralla, mal podia offender huma que adora, e a da Princeza Florisbella parece que se dilata a pezar dos teus intentos.

Card. Agora, Lidoro, entra a maior fineza, que por ti faço, e o maior empenho em que te occupo. Desesperado eu das demoras com que se dilata o logro dos meus desejos, cego de amor, alheio já da razão, e attento só a salvar a vida, que nos braços da dilação por instantes ma vai usurpando o rigor do meu adverso fado, intentei (ai de mim!)

tirar

tirar (oh amor á quanto obrigas !) a vida . . . mas eſpera , que até o ſilencio deſte boſque me parece mais attenção cuidadoſa , que natural ſocego.

Examina ſe ouve alguem.

Sold. Notavel recato ! *á parte.*

Card. Sós eſtamos. Digo pois , que intentei tirar a vida á Princeza Florisbella. . . . .

Sold. Notavel tyrannia ! *á parte.*

Card. Só a fim de que Altea conſeguiſſe ſer Rainha de Suecia , e eu a fortuna de ſer ſeu eſpoſo. Não detenhas aqui o diſcurſo em ponderar a gravidade do caſo , extende a attenção ao que dizer-te quero. (Oh como temo que me eſcute a razão ! *á parte.*) Hum dia , pois , que a Princeza obrigada das ſuas melancolias , ſe retirou (como tinha de coſtume quando ElRei a conduzia ás caçadas) para hum ameno , e ſolitario ſitio , viſinho deſte boſque , valido dos disfarces de huma maſcara , quiz acabar de huma vez com a ſua vida , a tempo que ſahio de entre humas arvores a embaraçar os meus intentos o Principe Feliſardo , o qual habita neſtas montanhas veſtido de pelles , e tão diſſimulado no traje , que ſó eu (que tantas vezes , e de tão perto lhe vi o roſto , e ouvi a voz , o podéra conhecer :) retirei-me cuidadoſo diſſimulando o delicto com engenhoſos disfarces , e agora te mandei vir a eſte ſitio , para que com os companheiros , que te eſperão occultos ,

bul-

busquemos a Felisardo, que nestas montanhas habita, e nellas demos sepultura á sua vida, porque ainda que não sei os seus intentos, como ElRei vive tão inclinado a fazello com a mão de Florisbella herdeiro de seus Estados (que o não tello posto por obra he só por não violentar a Princeza, que lhe tem natural aversão, só pela noticia que a fama divulgou de suas travessuras) quero na sua vida tirar hum embaraço ás minhas fortunas.

Sold. Rara malevolencia! *á parte.*

Card. E assim pois a estação da madrugada ainda convida a socego a toda a Real familia, que a este sitio se mudou desde a Corte, vamos a correr todos estes visinhos montes, para lograr o que tenho determinado. Morra Felisardo, e morrão quantos possão servir de embaraço ás minhas felicidades.

Sold. A minha obediencia será aos teus preceitos a resposta mais prompta. Mais obra em mim o temor, que a obediencia. *á parte.*

Card. Oh a quantos excessos se arroja hum coração amante! *á parte.*

Sold. Oh a quantos precipicios se expõe hum animo malevolo! *á parte. e vão-se.*

Soão instrumentos, e sahe Altéa cantando.

A R I A.

Que prospera vai sulcando
A candida Pastorinha
Na florida, e tenra ervinha
Hum placido verde mar.

Mas

Mas tremula já receia,
Se eſtrepito ouvio na rama,
Das lagrimas, que derrama,
No pelago naufragar.

Sahe Hypolito.

Hyp. Raras são as prendas, e a formoſura de Altéa! A não conſeguir as ſoberanias da Coroa, não póde haver mais goſtoſo emprego para os meus affectos. *á parte.* Galharda Altéa, que novo deſvanecimento dás hoje aos Ceos, e aos Prados, pois anticipando a ſahida neſta alegre, e ſaudoſa madrugada, em competencia da Aurora, vens duplicando alvores, e roſicleres? Quando ſe vio a Alva com mais feliz eſtrella? Quando mais riſonha, que com a alegria de tuas vozes? Com mais gloria nunca ſe rompeo, nem o ſilencio da noite, nem a luz do dia.

Alt. Ah tyranno, e como veſtes de liſonjas a tua traição! *á parte.*

Hyp. Não fallas? não respondes? meu bem, meu amor. . . .

Alt. Meu mal, meu odio, que queres que te diga? que queres que te reſponda?

Hyp. Que novo rigor he eſte, ai de mim! *á parte.*

Alt. Que queres que reſponda aos teus carinhos falſos, quando ſó são verdadeiras as tuas aleivoſias? Dize, ingrato.

Hyp. Alheio termo he eſte para a minha fineza. Não alcanço de donde póde naſcer o exceſſo

cesso deste enfado. Se lhe communicaria a Princeza o meu affecto? *á parte.*

Alt. O teu mesmo silencio está confessando a tua culpa.

Hyp. Que culpa, Senhora? (Difficultosamente me animo. *á parte.*) Que culpa pódes accumular a hum amor, que por puro sempre ha de ser innocente? Em que te offendi, Senhora? declara-te; se me matas com a ira, não me poderá valer a verdade, porque chegará tarde com o remidio.

Alt. Que verdade, traidor, póde haver em hum peito, que eu mesma averiguei caviloso?

Hyp. Se me veria fallar no Jardim com Florisbella? mas o recato da voz, e a sombra da noite, me livrão do receio. *á parte.*

Alt. Quero averiguar de huma vez as suas traições. *á parte.* Dize-me, não foste hontem ao Jardim?

Hyp. Por aqui começa o exame? *á parte.* Sim, fui, Senhora.

Alt. E fallaste com alguem, quando cahírão as sombras da noite?

Hyp. Só comtigo foi o meu intento fallar. Ai infeliz! *á parte.*

Alt. Com cautellas me responde. *á parte.* Dos teus intentos não procuro saber por ora, das tuas obras he que aqui pretendo informar-me.

Hyp. Grande aperto he o em que me acho: se declararei que fallei com a Princeza? *á parte.*

Alt. A verdade não necessita de ensaios: deixo por

por agora os diſcurſos que não quero que cuides o que me has de reſponder.

Hyp. Eu, Senhora, confeſſo que com a Princeza fallei; mas foi engano das ſombras; porque cuidei que eras tu. Não ſei o que digo. *á parte.*

Alt. Hei de apurallo. *á parte.* Com que deſcubriſte o noſſo ſegredo amoroſo? e ella que te reſpondeo?

Hyp. Nenhuma palavra, Senhora, ouvi da ſua boca.

Alt. Pois como ſoubeſte que era ella a com quem fallavas? Ah falſo! *á parte.*

Hyp. Notavel erro! *á parte.* He porque depois pude advertir, que quando. . . . .

Alt. Com que affirmas, que com a Princeza fallaſte?

Hyp. Negallo ſeria offenſa: com ella fallei.

Alt. Mentes, aleivoſo, que não foi ella com quem fallaſte.

Hyp. Raro ſuceſſo! mas eu o emendarei. *á parte.* Senhora, para que he eſtar vos affirmando o que vós ſabeis com tanta realidade? Comvoſco fallei no Jardim, que ſó a vós ſe encaminhou a diligencia de procurallo. Eu havia de fallar a outrem? tudo o mais he graça, na ſuppoſição de que eſtais niſſo certa.

Alt. Finalmente affirmas, que comigo no Jardim fallaſte?

Hyp. Quando ſe averigua, que foi com a Princeza, direi como já diſſe, foi por engano. *á parte.* Huma, e mil vezes o affirmo.

Alt.

Alt. Mentes, e huma, e mil vezes o farás, se mais aqui comtigo expozer a desaires o meu decóro.

Sahe Florisbella ao bastidor.

Flor. Aqui está Hypolito, e Altéa; ouvirei a sua questão.

Hyp. Não te irrites, formosa Altéa, contra mim, quando sabes que hontem no Jardim te manifestei o meu amor; porque só a ti se encaminhão os meus amantes rendimentos.

Flor. Este he o tyranno da minha vida. *á p.*

Alt. Com a Princeza fallaste, e não comigo, ingrato.

Hyp. Pois se agora affirmas, porque me desmentiste quando to confessei? Confuso estou! *á parte.*

Alt. Porque são tantos os enganos do peito, que mentes quando dizes que comigo fallaste, e se dizes que com a Princeza, tambem mentes. *Vai-se.*

RECITADO.

Hyp. Detente, suspende doce homicida,
Pois se fico sem ti, acabo a vida:
Não te ausentes, espera bella ingrata;
Se meu amor sem teu desdem me mata,
Para que he com rigor tyranno, e forte
Duplicar o motivo á minha morte.

ARIA.

ARIA.

Deixaſte-me tyranna :
Ai que eſpiro ! ai que morro !
Soccorro , amor ſoccorro ,
Que já ſem alma eſtou.
Já ſinto em tal deſmaio
O peito intercadente
A lingua balbuciente
Tremula , e torpe a voz.

Hyp. Eſpera , Senhora , não te auſentes , ſem que primeiro me declares enigma tão difficil de entender.

Vai a ſeguilla , ſahe Florisbella , e o detem.

Flor. Eſpera tu , detem o paſſo , e ſuſpende o aleivoſo accento.

Hyp. Ai de mim ! que novo infortunio me offerece a ſorte ? Entre Scila , e Caribdis me vejo naufragante. *á parte.*

Flor. Averiguar quero eſte caſo. *á parte.* Não venho , Hypolito , a pedir-te ſatisfações das ſinezas , que expreſſaſte da Altéa ; porque nenhum cuidado me dá o engano , que neſſa parte me tens feito ; quero ſim examinar a qual das duas fallaſte hontem no Jardim , para tirar-me de huma ſuſpeita , que me traz ſem ſocego.

Hyp. Ha maior deſgraça que a minha ! Altéa me deſpreza , e Florisbella me deſengana : para com ambas me deixa ſem meritos o amor. *á parte.* Senhora , ſe a verdade mere-

ce

ce attenções, escuta nas minhas vozes os teus desenganos. Como o conhecer em minha Prima Altéa algum affectuoso cuidado me tem obrigado a não corresponder com desattenções aos seus agrados; e porque dahi nascerá algum inconveniente ao meu amor, não a tenho já desenganado do pouco que o meu affecto se lhe inclina. E como só nas tuas aras sei fazer amantes sacrificios, a ti hontem te buscava para dar-te parte das finezas, que por ti tenho obrado, valido do negro manto da noite para não ser visto de Altéa, que comtigo estava.

Flor. Que he o que escuto! Comigo confessa ter fallado, e diz que foi para dar-me parte das suas finezas, quando só delle alcancei os meus aggravos? *á parte.*

Hyp. Esta he, Senhora, a verdade.

Flor. Ella he, Hypolito, a mentira; pois eu sei com evidencia infallivel, que vós comigo não fallaste, e só foi a prática com minha irmã.

Hyp. Ha maiores confusões! Quem se vio em igual labyrintho! *á parte.*

Flor. E não foi para expressares finezas, mas sim communicares traições contra a minha vida. Em que vos offendi, para mostrares contra mim tanto rancor?

Hyp. Eu estou para perder o juizo. *á parte.* Fermosa Florisbella, se vós sabeis que eu comvosco fallei, e que vos declarei, que por livrar a vossa vida, contendi braço a braço

com

com huma féra, ou com hum traidor, que tirar-vo-la intentava, como podia eu conspirar em vossa offensa?

Flor. Mais favor achei eu na féra, de que vós me livrastes, do que em vosso peito, que táo amante significais. Ai louco pensamento! *á parte.*

Hyp. Essa he a desgraça de hum benemerito, que só tem por premio a ingratidáo, e o desconhecimento.

Flor. Ora, Primo, ainda que pudéra, dando parte a ElRei meu Pai da vossa traição, examinar com rigores a causa dos meus receios, quero só com brandura persuadir-vos, a que me digais a razáo com que se empenha Altéa contra a minha vida, e quem vos moveo a vós a ser o executor da sentença da minha morte?

Hyp. Já isto passa a desesperação. *á parte.* Náo tenho, Florisbella, mais que dizer-vos, senáo que pudéra dar-me por mui offendido de vós, por estares na supposiçáo de que era capaz hum peito, que se anima do vosso sangue mesmo, de ser asilo de traições: comvosco fallei, vós mesma o sabeis, pois ouvistes as minhas vozes, e nellas pronunciar o vosso nome.

Flor. Ha maior atrevimento! Elle faz ludibrio da minha pessoa, confessando a culpa no mesmo estilo de desculpar-se. *á parte.* Bem vos entendo, falso, injusto: comigo fallastes quando com Altéa conferistes as vossas traições,

e

e a mim me nomeastes quando dispozestes contra meu peito os estragos da vossa ira; mas a minha justa indignação saberá tomar vingança de tanto genero de aggravos.

Vai-se por onde veio.

Apparece Zapete ao bastidor.

Hyp. Piedosos Ceos, he possivel que sem mais culpa que a de infeliz, me condeneis á pena mais sensivel para o meu coração!

Zap. Máo! elle está enfadado: mas já agora paciencia, eu não quero perder occasião de desencarregar a minha consciencia, vomitando este bocado que tenho atravessado na garganta. *Sabe.* Salve Deos a pessoa, tenha vossa como se chama, alegrissimas auroras, Senhor, eu venho aqui a que....

Hyp. Sem alma estou!

Zap. Mas eu bem sei, que agora não he occasião, mas.....

Hyp. Não sei em que hei de resolver-me, pois quanto mais me desculpo, mais me condemno.

Zap. Com que, Senhor, faça v. m. de conta que....

Hyp. Altéa diz que eu nem a ella, nem a Florisbella fallei, dando-me a entender que fallei a ambas.

Zap. Elle era de noite, fazia hum escuro, que era metter o olho pelo dedo, e eu....

Hyp. Florisbella nega, que eu com ella fallasse, quando eu lhe fiz expressão da minha fineza.

Zap. Eu hia assim a modo de quem vai tomar o fresco ao Jardim, e.... *Hyp.*

Hyp. Quem ferá motivo de táo nunca vifta confusáo?

Zap. Vai fenáo quando, como lhe vou contando, topo com fua Alteza de meio a meio.

Hyp. Que dizes?

Zap. Topei com ella, e nefte meio tempo vem luzes.

Hyp. Que luzes?

Zap. As das ferpentes pequeninas que....

Hyp. Vai-te louco. *Dalhe.*

Zap. Oh mal haja a tua máo, que fem fer de gral me machucou os queixos, como fe os meus dentes foffem de alhos.

Hyp. Quem vio maior confusáo!

Zap. Quem fentio bofetáo maior!

Hyp. Eu com as efperanças quafi perdidas!

Zap. Eu com os queixos quafi efmigalhados!

Hyp. Em huma defcuberta a minha cautela, e em outra defprezado o meu affecto!

Zap. Em hum inchada huma gingiva, e em outro abalado hum dente!

Hyp. Que ifto finto, e tenho vida!

Zap. Que ifto paffo, e tenho paciencia.

Hyp. Náo ha piedade nos Ceos?

Zap. Náo ha Juftiça na terra?

Hyp. Ai de mim!

Zap. E ai de mim tambem!

Hyp. Vai-te infolente, ou te matarei.

Zap. Irra.

Vai-fe-

Vai-se Zapete com pressa, topa com Cardenio, que sahe irado, e lhe dá.

Card. Detente barbaro.

Zap. Arre. *Vai-se por outra parte.*

Card. Infructifera foi toda a diligencia, pois encontrar não pudémos a Felisardo. Tudo me succede mal; mas Hypolito! dissimularei a minha cólera. *á parte.*

Hyp. Cardenio! dissimularei a minha pena. *á parte.*

Card Tão cedo, Senhor, no campo?

Hyp. A gozar as delicias da madrugada me anticipei hoje que nas assistencias do campo todo o tempo que se dá aos descanços, se nega aos recreios.

Card. O mesmo motivo me obrigou a sahir do meu quarto tão anticipadamente.

Sahe ao bastidor Florisbella pela parte por onde tinha hido, e pela outra Altéa, que he aonde se acha Cardenio.

Flor. Outra vez torno á presença de Hypolito, porque quero com mais prudencia acabar de fazer este exame.

Volta Hypolito.

Hyp. Alli vem Florisbella. *á parte.*

Alt. A Hypolito torno a buscar; porque continuando a averiguação, de huma vez quero desenganar-me.

Volta

Volta Cardenio.

Card. Aqui vem Altéa. *á parte.*

Hyp. Ainda dura, formosissima Florisbella, no teu peito o rigor, que contra mim mostras?

Card. Ainda, bellissima Altéa, poderá o meu amor alentar esperanças na tua promessa?

Flor. Dura a causa, mas não dura o rigor, por agora..... Mas alli está Cardenio, passarei adiante. *á parte.*

Alt. Poderá: mas eu não poderei cumprir a promessa, sem que..... Porém alli está Hypolito, não dilatar-me he preciso. *á parte.*

Vão passando ambos.

Hyp. Ai de mim! por Cardenio se ausenta: e se viria com mais piedoso intento? *á parte.*

Card. Ai de mim! por Hypolito dissimula; e se acharia na sua voz algum allivio o meu cuidado? *á parte.*

Flor. Altéa?

Alt. Florisbella?

Flor. Não sei que alteração sente o peito com a vista de Altéa, depois que vivo receosa da sua traição. *á parte.*

Alt. Não sei que desagrado me causa a presença de Florisbella, desde que a supponho alvo dos meus ciumes. *á parte.*

Flor. Tão cedo no prado?

Alt. Já do campo te retiras?

Flor. Sim, que como costumada a traições não está no campo segura a minha vida.

Alt. Sim, que como sujeita a desvelos, sem-

pre me ſuccede madrugar para os pezares.
Flor. Bem me entenderia. *á parte.*
Alt. Muito me declarei. *á parte.*

Vão paſſando, e chega Florisbella a Cardenio, e Altéa a Hypolito.

Hyp. Aqui vem Altéa; verei ſe mais aplacada me attende. *á parte.*
Card. Aqui vem Florisbella; para aſſegurar a minha peſſoa, darei aviſo da minha traição, pondo o delicto em cabeça alheia, para que em mim ſe não eſcrupulize, quando logre o meu intento. *á parte.*
Flor. Verei ſe ao paſſar falla a Hypolito. *á p.*
Alt. Receio que Cardenio me veja fallar a Hypolito. *á parte. Virão ambas á cabeça.*
Hyp. Senhora, tens já advertido, que ſó a ti ſe dedicão os meus amantes cultos?
Card. Sabe, galharda Princeza, que ha quem pertende offender a tua vida.
Flor. Piedoſos Ceos, que he o que eſcuto! e que he o que vejo! aqui me confirmão os meus temores, e alli fallando Hypolito com recato a Altéa, confirma as minhas ſuſpeitas. *á parte.*
Alt. A' Princeza fallou Cardenio com recato; deſte motivo me valerei para a repulſa dos ſeus cuidados, e agora auſentar-me he preciſo, para que a Princeza não repare. *á parte. e Va-ſe*
Flor. Vai, Cardenio, e em Palacio me eſpera.
Card. Vou, Senhora, a obedecerte. *Vai-ſe.*
Hyp.

Hyp. Ficou, Florisbella, e pois o ſitio convida a maior deſafogo, quero ver ſe abrando a ſua dureza, e a primeira das duas, que comigo ſe moſtra favoravel, ſerá o unico norte dos meus cuidados.

DUETO.

Hyp. Meu bem, idolo amado,
Suſpende o rigoroſo.
Flor. Ai deixa-me enganoſo,
Aparta-te homicida.
Hyp. Repara que eſta vida
Se anima deſte amor.
Flor. Náo ſeja a minha vida
Objecto ao teu furor.
Hyp. De hum peito, que te adora,
Náo formes tal conceito.
Flor. Ah falſo, que em teu peito
Só tratáo de animar-te
Impulſos da fereza,
Exceſſos do rigor.
Hyp. Attende, que o meu peito
Só ſabe contemplar-te
De celeſtial belleza
Divino reſplandor. *Vai ſe.*

SCENA II.

Mutação de sala ordinaria. Sabe Felisardo, e Machavello.

Mach. POis como vai de negocio, Senhor Felisardo? que temos de novo na materia de amor? Dame conta das tuas fortunas, que depois que te viste em Palacio valido, e junto á pessoa, parece que te esqueceste de que já eras Principe, quando cá te introduziste. Tenste mudado, como aquelles que vivem pobres no mundo e apenas tem algum augmento-sinho quando logo se endireitão, põem a barbinha no ar, deitão a barriga muito para fóra, cansão em dando quatro passos, padecem faltas de vista para não cortejarem os amigos, se os encontrão, dizendo que os não vem; enchem a boca de... minha carruagem, meus criados, minhas bestas, meu mercador; meu Letrado finalmente ainda que de seu não tenha nada, não ha nada que não seja seu, e todo o mundo o será porque nenhum destes tem vergonha. Ora vamos de vagar, e sabe que te conheço, que ainda hontem não tinhas hum vestido para vestir, pois pelo não ter, andavas em pelle, e vê que se não fora eu, a estas horas poderias estar na cova.

Fel. Vai, Machavello, dando uso ao genio com as tuas continuadas galanterias, que mais se deve

deve invejar o animo desafogado de hum humilde sujeito, que os imperios do maior Monarca do mundo.

Mach. Basta, basta, não nos metamos nisso, que se começas a discorrer, começarei eu a correr, só por te não ouvir. Quero que me falles de amor, que depois que entrei em Palacio, entrou elle comigo de sorte, que entendo não sahirei bem da galhofa. Ai! eu estou namorado desde os pés até á cabeça: não tenho em mim bocado tamanho como isto, que não esteja feito fiambre por estar desfeito: tão esbandalhado, esmigalhado, esmiuçado, espicaçado me tem as séttas de Cupido, que estou feito hum çarrabulho vivente, hum sarapatel animado.

Fel. Que? já gostas dessa pratica? já entendes dessa faculdade? Ai Machavello! se haverá quem tenha vida, sem que morra de amor? se haverá quem tenha juizo, que de amor não enloqueça? E se haverá quem estime a liberdade, se não para offerecella de amor aos dulcissimos laços? Mal vive quem não ama: pouco entende quem não adora: e fazendo na izenção inutil o alvedrio; sem as delicias, sem a luz de amor, nem a vida tem que lograr, nem o entendimento que comprehender.

A quem ama, amor o alenta
(Bem que mata em hum instante)
Não he o primeiro hum amante,
A que o veneno alimenta.

Só

Só conhece a formoſura
Quem enlouquece de amor,
E então deſcobre melhor
O juizo na loucura.
O alvedrio ter vaidades
Póde de amor na prizão,
Pois ſem ter limites, são
Malquiſtas as liberdades.

Mach. Olá! temos verſos-ſinhos?
Eu te faço roſto já?
Ainda que os meus verſos cá
São taes como os meus focinhos.

Fel. Ama o bruto ſem razão
Entre aſperas montanhas,
E as duriſſimas entranhas,
Troca em branda condição.

Mach. E os gatos agatanhados,
Que no frio achão o ardor,
Tem no Janeiro hum amor
Por cima deſſes telhados.

Fel. Enlaçada no eminente
Tronco a vide vegetante,
Bem ſe lhe declara amante,
Pois o abraça eſtreitamente.

Mach. E a Hera, que era tão bella,
Tambem na era de agora
Ao muro velho namora,
Pois lhe faz pé de janella.

Fel. E no mar na penha dura
(Se de amor myſterios ſondas)
Como as lagrimas as ondas
Na dureza achão branduras.

Mach.

Mach. E ainda o ar amor respira ;
Pois (se o nota o teu talento)
Até parece que o vento
Pelas cavernas suspira.

Fel. A tudo o creador, Machavello, parece que amor anima.

Mach. O Criado Machavello sou eu, mas o amor não me anima ; antes parece que me mata, pois me fere, e de vontade.

Fel. Só a bella ingrata, que adoro amante, não sabe sujeitar o alvedrio ás leis de amor.

Flor. Ninguem melhor que eu o sabe. *Dentro.*

Fel. Feliz acaso ! Esta he a Princeza, retiremonos, Machavello, que a sua presença me perturba.

Mach. Vamos, que isso he impulso de amor : não se que effeito causa a improvisa vista do que se ama, que he respeito, e parece temor.

Retirão-se ao bastidor os dous, e sahe Florisbella, e Etcætera.

Flor. Otra vez repetirei, que ninguem melhor que eu sabe quem deseja tirar-me a vida.

Fel. Qem será o barbaro, que a tanto insulto se atreva ?

Etc. Pis Senhora, se tu sabes quem offender-te detemina, porque não asseguras a tua vida coma sua morte ?

Mach. Se fora eu quem o intentasse, bem morto me tinhão os teus olhos.

Flor. Ainda que Cardenio me não declarou o nome

nome de quem a traição intenta, eu tenho certas evidencias de quem o solicita.

Fel. Ai amor! desde hoje será o meu peito escudo, que defenda a tua vida

Etc. Pois, Senhora, não zombemos com isso: vê que te póde succeder huma desgraça assim a modo de graça: a tua vida não he cousa para perder.

Mach. Bem perdido me acho eu por ti.

Flor. São tantos os que se conjurão contra a minha pessoa, que ignoro a quem entregue o cuidado da minha defensa.

Sabe Felisardo como arrebatado.

Fel. A mim, Senhora, só compete ese cuidado; pois na vossa vida. . . . . Ai le mim! arrebatou-me o affecto. *á parte.*

Mach. Ui, Senhores, este homem endudeceo?

Flor. Pois a vós toca defender a mina vida?

Fel. E não me gratifiqueis a fineza, pis nada nisso me deveis; todo o interesse hemeu.

Flor. Não vos entendo. Ai, e quanto ne leva as attenções este galhardo estrangeiro *á p.*

Fel. Se a minha vida defendo, em que os deixo obrigada? Amor, a muito me atrvo. *á parte.*

Flor. Logo percebi mal, quando entení, que vós a mim me intentaveis defender?

Fel. Não Senhora, bem me entendestes.

Flor. Pois como dizeis, que a vossa da só guardais?

Fel. Porque assim vos defendo a vós, ps vós sois a minha vida. *Etc.*

Etc. Este Poeta deve ter vea de doudo, ou atrevimento de Musico; pois descobre táo altos pensamentos; eu os deixo, e me vou, por ver se acaso topo as minhas Machavelices *Vai-se.*

Mach. Ai que se foi, e eu de sentimento me estou indo.

Fel. Senhora, táo suspensa vos deixou a minha fineza?

Flor. Náo, Sigismundo, náo me suspende a vossa fineza, admira-me sim a vossa ousadia. Muito valor tendes, pois vos obrigais a tanto empenho.

Fel. Quando a tanto me arrisco, mais valor tem os meus affectos, que os meus impulsos.

Flor. Logo errais a diligencia pois para defenderme, mais necessito dos vossos impulsos, que dos vossos affectos.

Fel. Quando dos meus affectos nascem os meus impulsos, primeiro deveis estimar aquelles, porque duplicáo o valor a estes.

Flor. Que caibáo em sujeito humilde pensamentos táo elevados, e que tal me tenha huma louca paixáo, que se lisonjeáo os meus agrados dos seus atrevimentos! *á parte.*

Fel. De ousado me criminará, oh quem pudéra declarar-se! *á parte.* Que me respondeis, Senhora? admittis os meus amantes rendimento?

Flor. Homem, quem és? que á vista de tanta elevação, não sei se te devem castigos, ou agradecimentos?

Mach. Estou vendo se isto para em abraços, ou em murros.

Flor.

Flor. Não és tu de esfera muito inferior á minha soberania? Ai, se foras mais do que imagino! *á parte.*

Mach. Ahi se declara, e leva dous abraços.

Fel. O meu estado, Senhora, não confessa o meu nascimento?

Mach. Oh discreto tolo!

Flor. Pois como nescio, e ousado te atreves a voar com azas de cera, aonde só aches raios que te abrazem, e iras, que te pricipitem? Ai, e quanto me violento em aggravallo! *á p.*

Mach. Meu dito, meu feito; aqui cahem bem os murros.

Fel. Suspende o furor violento,
Com que a hum amante maltratas;
Pois quando hum rendido matas,
Infamas o vencimento

Mach. Assim, vale-te das tuas habilidades.

Fel. Se me nega altas vaidades
Por humilde o meu destino,
Oh, repara que o Divino
Não se offende de humildades.

Mach. O homem empenhou o resto.

Flor. Haverá quem resista a tão raro encanto! *á parte.* Ai Sigismundo, e que grande te formou a natureza! que ha mais que ver, aonde ha tanto que admirar!

Fel. Favoravel já me parece que se mostra. *á p.*

Po-

Poderá, formoſa Florisbella, declarar-ſe nos meus ſacrificios a minha adoração?

Flor. Oh ſe pudéra reſponder o affecto ao que he preciſo reſponder o decoro. *á parte.* Sigiſmundo, conſole-vos na pena de infeliz, quem vos confeſſa que lograis a gloria de benemerito. *faz que ſe vai.*

Mach. He boa conſolação.

Fel. Ai de mim! de que ſerve o merecimento ſe me deixais ſem a gloria? (Eu me declaro. *á p.*) Pois ſenhora, ſe por naſcer deſigual havia de viver infeliz, ſabei que ſou mais do que pareço.

Mach. Ora acaba com iſſo.

Flor. Que dizes? (Ai de mim! em novas penas fluctuo. *á parte.*) Com que tu és mais do que publicas?

Mach. Os abraços hão de ſer alviçaras da boa nova.

Fel. Voſſo igual me fez a fortuna.

Flor. Oh ſe emmudeceſſes ao querer pronuncia-allo. *á parte.* Vai-te, vai-te de minha preſença, e deſte Palacio que toda a grandeza, que occultas, he labeo com que infamas.

Mach. Quem tal diſſera! nem murros, nem abraços? Eſta Princeza he má de contentar: ella ſerá mui formoſa, porém tem muito má boca.

Fel. Ha rigor mais eſtupendo!
Ha pezar mais exquiſito!
Se ſou menos, vos irrito,
E ſe ſou mais, vos offendo?

Mach.

Mach. Sim Senhor, nem mais, nem menos: melhor fora não ser nada para ser alguma cousa.

Fel. Fez-me grande a natureza
Para ser mais desgraçado,
Reduzio o meu estado
Ao meu mal toda a grandeza.

Flor. Já não ha quem se resista; venceo o affecto ao decoro. Seja o que occulta, ou seja o que parece, eu me resolvo a querer-lhe, que o amor não distingue qualidades. *á parte.* Se o Ceo vos concedeo tantas excellencias, não quero fazer inuteis tantos meritos. Eu me resolvo.... O decoro me embaraça. *á parte.*

Mach. Ora anda com isso.

Flor. A que hoje aqui..... A modestia me opprime. *á parte.*

Mach. E para logo?

Flor. Por premio de tanta fineza..... A muito me atrevo. *á parte.*

Mach. Ai, ai, ai.

Flor. Mas o pudor me desalenta. *á parte.* Não sei se alguem nos escuta.

Mach. Eu só, mas eu sou hum ninguem. Ui Senhores, que quererá ella fazer só com elle?

Fel. Sós estamos, Senhora, prosegui. Oh quão feliz me considero! *á parte.*

Flor. Digo Sigismundo, que são taes as amaveis circunstancias, que em vós descubro,

que

que me reſolvo a que hoje aqui, por premio de tanta fineza, ſe declare o meu amante rendimento; e que ſuppoſto dizeis ſois mais do que eu imagino, eu o não quero examinar, porque ſó quero, ao querer-vos, levar na fineza os exceſſos de ignorar-vos. *Vai-ſe.*

Sabe Machavello.

Mach. Ora ſeja muito para bem meu Senhor.

Fel. Tão feliz amor me tem
Neſta gloria ſem igual,
Que ainda julgo tanto mal
Pouco preço a tanto bem.

Mach. Elle não eſtá em caſa, ou eſtá fóra de ſi de contente. *á parte.* Ah Senhor? A' outra porta. *á parte.*

Fel. Cançou-ſe a minha ſorte
De perſeguir-me;
Já deixa de affligir-me
O rigor forte:
Do adverſo fado,
Que o meu cuidado
Attenções mais que humanas
Já chega a merecer. *Vai-ſe.*

Mach. Pois adeos? Qual, não reſponde. Eſte he como o Ciſne, que ſe vai cantando; mas aquelle quando parte, canta como quem ſe deſpede; e eſte quando ſe aparta, canta por ſe-

se não despedir, pois não estava mui depressa; antes vai muito de re, mi, fa, sol, por andar com passos de garganta. Já aquillo he outro cantar: elle está favorecido, por isso subio tanto de ponto; só eu fiquei ao canto no concerto de amor, e he cantochão porque estou posto por terra. Ai doces prendas por meu mal achadas! São tantas as de que se adorna Etcætera, que por infinitas, ao querer individuallas, he preciso repetir muitas vezes Etcætera; porque ella he bonita, discreta, engraçada, airosa, Etcætera. Ella canta.....

Sahe Etcætera.

Etc. Aqui está quem canta.

Mach. Ella: mas aqui he ella.

Etc. Vá continuando.....

Mach. Etcætera; pois fora hum nunca acabar o querer relatar quanto inclue Etcætera.

Etc. Pois então Etcætera; deixemos isso, que tudo o que ha mais que dizer se póde entender por Etcætera.

Mach. Quanto ha que bom seja, por ti se póde entender; só eu não posso alcançar, se alcançar mereço de ti algum favor.

Etc. Conforme correr comigo, assim alcançará de mim.

Mach. Eu, menina, estou tão alcançado, e tão corrido me acho disso mesmo, que nada alcançarei de amor, se não correr bem a fortuna.

Zapete

Zapete ao baſtidor.

Zap. Oh deſgraçado de mim! cá eſtá o meu rival. O meu amor eſtá mui perigoſo, e eu entendo que acabará de eſtallo.

Mach. Parece que não goſtou de ſaber que eu eſtou alcançado. *á parte.*

Etc. Quero fingir que me deſagrado delle por pobre. *á parte.*

Mach. Não me reſpondes, meu bem?

Etc. Seu bem? Bem mal que tal ſeja: quem eſtá tão pobre como v. m. ha de ſer falto de bens.

Mach. Deſſa ſorte me reſpondes?

Etc. Que cabedal hei de eu fazer de quem não tem nenhum?

Zap. Por aqui não vai mal: pobre de mim ſe elle fora rico.

Mach. Oh ſe eu pudeſſe fazer verſos de improviſo, para aſſim conduzir agrados como meu Amo! mas eu cá não fui criado para iſſo, ainda que todos trovamos de repente. *á p.*

Etc. Va-ſe, va-ſe, que he hum pobrete.

Zap. Muito bem lhe vai fazendo a caridade.

Mach. Baſta que me não favoreces?

Etc. Irmão, perdoe pelo amor de Deos.

Mach. Se a fovorecer começa
Quem por irmão me deſcobre,
Não me trates como pobre,
Aſſim Deos te fovoreça.

Zap.

Zap. Ai que hei de ficar por portas, e elle ha de ficar entrado: porque fazendo-lhe versos, ha de-lhe dar c'os pes na alma.

Mach. Minha vida, o meu não ter
Não te deixe hoje assustada,
Que ainda que não tenho nada,
Sempre tenho o que has de mister.

Zap. O homem vence-a: mostra-lhe as prendas? pois deu com ella por terra.
Etc. Ai que boas cousas tem! cada vez me agrada mais; mas ainda hei de fingir. *á parte.* Olhe, escusado he cançar-se, que não me ha de render, sendo pobre.
Zap. Se for, seja pelas costas.
Mach. Eu bem sei que hum pobre não póde ter rendimentos; mas o pouco que tenho, eu farei com elle com que renda.
Etc. Essa he deque eu necessito para me sustentar, que ralhos não fazem sopas.
Zap. Eu hei de vencella, mas que lhe dê hum caldo.
Mach. Ora minha Etcætera, já que tu me desprezas por pobre, eu te quero descobrir em segredo os meus haveres.
Zap. Se elle os descobre em segredo, deve tellos no Limoeiro.
Etc. Oh se tivesse tambem a circunstancia de ter! *á parte.*
Mach. Pois has de saber, que eu não sou

tão

tão pobre que não ſeja Morgado, e não tenha muito boa fazenda.

Zap. Olhem com que ſe ſahio agora.

Etc. Oh bem afortunada mulher! *á parte.* Com que tu és Morgado?

Zap. Ahi o admitte por ſeu legitimo marido.

Macb. Cabedal me deu a fortuna.

Etc. Oh ſe foſſes antes gandaeiro! *á parte.* Vai-te, vai-te de diante de mim, que quando Morgado te inculcas, mais ſem cabedal te moſtras.

Zap. Quem tal diſſera! Pois cuidei que o recebia com ambas as mãos.

Macb. Ha tormento mais eſtranho,
Nem martyrio mais agudo!
Pois por pobre perco tudo,
E por rico nada ganho!

Zap. Sim Senhor, nem tanto, nem tão pouco. Eſſa moça não goſta dos extremos, ſó goſta das medianías.

Macb. Pobre de quem não tem achado
Na riqueza prejuizo;
Porque não anda o juizo
Em cabeça de morgado.

Etc. Já não ha quem ſe reſiſta aos combates de tanta galanteria. *á parte.* Ora ſejas pobre, ou ſejas rico, eu quero ſer tua de toda a ſorte; porque tendo-te a ti, ſempre tenho muito de meu.

Zap. Ora fiai-vos lá em mulheres.
Mach. Que ventura! *á parte.*
Zap. Que desgraça!
Mach. Ella deu-me vida. *á parte.*
Zap. Ella matou-me.
Mach. Com que triunfei da desgraça?
Etc. Sim meu bem, e ganhaste a mão; porque eu hei de ser tua.
Zap. A trampa lhe saiba: levou-ma de codilho.
Mach. Com que ninguem fará vasa comtigo?
Etc. Eu hei de empatallas a todos.
Mach. Então quem poderá desempatar a mão?

Sahe Zapete.

Zap. Zapete.
Etc. Não vale nada em juizo de tres.
Zap. Tu serás a arrenegada.
Mach. He boa resposta essa.
Etc. Elle sempre perde por carta de mais, mas eu me descartarei delle. *Quer ir-se.*
Zap. Com que viras-me o ás de copas?
Mach. Ahi havias tu agora metter os bigodes a ver se a podias levar á boca. Mas deixando este jogo, querem vossês, pois nos achamos sós, e em quinta, que joguemos algum jogo de galhofa?
Zap. Eu não, que não estou agora para graças.
Etc. Pois que tens tu agora que te dê pena? dize, meu rico, meu bello, meu Senhor, já vou.
Zap. Se tu me deixas, ainda queres que tenha mais?

Mach.

Mach. Olhe o tollo, ſe ella te deixa, então tens tu menos.

Etc. Eu deixo-te? ai! não: eu hei de ſer a tua dor de ilharga.

Zap. Ora bem me parecia a mim, que ella não havia deixar de querer quererme.
á parte. Vamos a iſto, que eu eſtou por tudo.

Etc. Ora lá vai hum, em que o que perder ha de pagar a pena, que lhe impozerem.

Mach. e Zap. Vá embora.

Etc. Pois tomem ſentido. Eu hei de dizer a minha perlenga, e quando apontar para algum de voſſês, ha de reſponder depreſſa.

Mach. e Zap. Vamos adiante.

Canta Etcætera.

Dizia-me minha Avó
  Que Cupido era menino;
  Se o amor he pequenino,
  Como he grande o meu amor!
Porém ſeja como for,
  Arder, ſoffrer, merecer,
  Viver, morrer, padecer,
  Eu comtigo quero ſó.

Etc. Tu queres tambem? *para Mach.*

Mach. Sim quero, e aſſim não perco.

Etc. Perdeſte.

Zap. Ainda bem. *á parte.*

Mach. Como podia perder? Não diſſeſte tu, que havia reſponder depreſſa?

Etc. Sim.

Mach. Pois eu refpondi com bem promptidão.

Etc. Refpondefte com promptidão, mas não refpondefte depreffa.

Zap. Aquillo agora não entendo eu.

Etc. Eu não te dizia que refpondeffes apreffado, mas que pronunciaffes efta mefma palavra: depreffa.

Mach. Iffo agora he outra coufa: pois então dou-me por cangado, vê o que queres que eu faça.

Zap. Vejão a malicia das mulheres! Para enganar os homens são peiores que os diabos.

Etc. Já que perdeo, pague-nos a pena em gofto. Ha de fingir huma contenda entre tres; hum eftrangeiro, huma velha, e hum galego.

Zap. Boa condemnação, e facil de cumprir; porque quem come por quatro, melhor fallará por tres.

Mach. Iffo he fallar: ora em boa eftou mettido! Eu nunca tal fiz, mas vá, que huma vez he a primeira. Ora lá vai o que paffou com hum eftrangeiro, e hum galego, huma velha que vendia caftanhas: chega o eftrangeiro, e diz: O' Sinhori, quanti dar vudmece a mim de caftanhi per hum ventem? Responde a velha. Tire lá os arenques, que fedem a fumo; que he o que quer? Mim querer tomari caftanhi... Mana Caftanha felo-ha elle, e mais a fua alma: cuida que o não entendo... Ora via, via finhori. Eis que chega o galego... Ah Senhora bendedeira, bof-

boſſé oube, ou num oube? ... Guarde lá, já lho dixerum: olhe o futre dos diachos... Vocimici eſtar muiti tollinhi ... Linhas não tenho, ſe quijer quentes dar-lhos-hei ... E a boſſé num oube? Cantas dá á moeda? ... Ai Senhor vaſſe dahi imora: olhe o que me havia de vir! Tambem tu maroto? Num ſeja refauſtelada ca ſe num ſaverei correjela ... Oh valhaco! Ora não eſtar tão infadada... Paſſa aqui futre, paſſa alli ratinho ... Oh não fallar co as mãos ſinhori ... Não nos meta os dedos pelos olhos, guarde para lá ... Oube boſſe cantas dá por-ral, e meio? ... Queſme deixar agora? e voſſe tambem ... Eſtar muiti deſivergonhadi, tomar, tomar ... Ha maior pouca vergonha! porme as mãos na cara hum breado! Não ha quem me acuda? ... He munto vem feito... Toma atrevido, toma. Ha delRei! Ha delRei! num ha juſtiça!

Zap. Baſta, baſta; appello eu! que póde acudir gente, cuidando que he alguma couſa: ha tal gritaria!

Mach. Pois então já aqui não eſtá quem fallou.

Etc. Tudo fazes com graça; vá pois continuando o jogo.

Mach. Eu invento; ora eſcuta. Eu dou as mãos a Etcætera, vem tu dacolá correndo, e ſe paſſares por baixo, ganhas; e ſenão poderes paſſar, perdes.

Zap. Iſſo de darem voſſês as mãos, não me contenta, que entendo que ficarão com mão alçada para mim.

Mach.

Mabc. Ui! desconfias?

Etc. Isto he sómente brincar, que tomando ás mãos não he nada: agora se tu és desconfiado, não brinques.

Zap. Ora essa he boa historia! Eu estou gracejando; eu havia desconfiar em materias de zombarias? Não, nem que vossês fizessem o que fizessem: por graça quanto vossès quizerem, agora de veras, isso nem zombando.

Mach. Ora vamos a isto.

Dão as mãos Machavelo, e Etcætera.

Zap. Deixem-me lugar bastante.

Etc. Tu cabes em toda a parte, vem seguro.

Zap. Eu vou lá. Eu te rogo bom barqueiro, que me deixes tu passar.

Mach. Bom barqueiro se-lo-ha elle. Ora ande que isto não he graça.

Vai Zapete correndo, e não póde passar.

Zap. Ui! eu não posso passar adiante.

Etc. Ora vá outra vez, que todo esse partido te fazemos.

Zap. Vá. *Torna a fazer o mesmo.*

Mach. e Etc. Ainda não vai desta.

Zap. Senhores, lindo jogo! não se passa daqui.

Etc. He boa! porque não poderá elle passar?

Mach. Porque? tu não vez o que elle tem na cabeça?

Zap. Pois que tenho eu na cabeça? será alguma

cou-

coufa, que voſſês me pozerão? Mas ai! que diacho he iſto?

Mach. Olhe o aſno! he o arame em que te ſuſtentas.

Zap. Ora vejão voſſês, tendo tanto em que me ſuſtente, ainda aſſim não poſſo paſſar.

Mach. Não nos metas iſſo a graça, que não has de paſſar aſſim: prepara-te para te ſentenciarem.

Zap. Ahi me dão ſentença de morte.

Etc. Has-de-te fazer cabra cega, e aquelle a quem apanhares, ha de perder; àtalhe tu hum lenço pelos olhos.

Zap. Sim, voſſês querem-me cegar para fazerem as ſuas poucas vergonhas: mas ainda que me vendão os olhos, não me hão de tapar a boca.

Etc. Aperta bem, olha não enxergue.

Mach. Oh vê lá não veja.

Zap. Ora ahi eſtou feito, ou Cupido com venda, ou mula com antolhos.

Mach. Notavel traça, meu bem, foi eſta para conſeguir hum amoroſo furto! dáme os teus braços.

Etc. Ai! eſtá quieto: olhe para iſto? ainda não he tempo.

Zap. Eu cuido que eſtou vendado, e eu eſtou vendido: Ai! cuſtou-me os olhos da cara o dizer iſto.

Mach. Ora dafme eſſe abraço?

Et. Ai! guarde lá; quando for tempo, então: quando me der a mão, então lhe darei os

bra-

braços. Que quando isso for, vossê com huma máo, e eu com duas. Mas ai que ahi vem Cardenio, eu me vou depressa. *Vai-se.*

Mich. E eu por me náo ver em pressas tambem me vou. *Vai se.*

Zap. O diabo da gente como està callada. Quem me déra apanhar algum.

Sabe Cardenio.

Card. Já náo ha soffrimento para tolerar táo repetidos combates da fortuna. Invencivel se mostra Altea no seu desagrado. Eu darei morte á Princeza, e procurarei a de Felisardo, a quem desejo destruir, e náo posso declarar, e estes estragos se me náo servirem de remedio, me serviráo de vingança.

Zap. Aqui sinto passos. Ai que o apanhei! Huma, duas, tres. *Pega em Cardenio.*

Card. Oh barbaro, insolente, que louco furor te incita a tal atrevimento? *Da'he.*

Zap. Náo vai a dar: digo que náo quero. Olhe que tambem lhe hei de afincar.

Card. Aparta-te atrevido, ou te abrazará o fogo que respiro.

Empurra-o, e cae-lhe o lenço.

Zap. Ai estripado de mim! isto parece cousa de encantamento. *á p.* Senhor, náo Senhor, eu estava aqui, porque náo estava, mas se acaso v. m. faz caso disso, eu farei . . . .

mas

mas não farei cousa nenhuma; porque eu cá
. . . . . mas eilo vai. *Vai-se.*

Card. Quem faria este louco daquella sorte?
Alguma das suas desengraçadas galanterias devia
ser: mas ElRei vem. Senhor.

Sahe ElRei.

Rei Cardenio, a alteração do peito te conheço
no semblante: que he o que te dá pena?

Card. O que a ti, Senhor, te póde dar o
maior cuidado.

Rei. Não me dilates o sabello; porque não seja
o susto parcial do tormento.

Card. Já sabes, Senhor, que houve quem intentou
darte morte, dirigindo o golpe ao peito
da Princeza tua filha, para dessa sorte duplicar
o estrago.

Rei. Já esse receio me tirou grande parte da
vida.

Card. Pois sabe, Senhor, que nestes visinhos
bosques anda disfarçado, e occulto o traidor,
que solicita tão barbara empreza. E agora venho
de fazer a diligencia de buscallo.

Rei. Já eu tenho noticia, que entre essas montanhas,
vestido de toscas pelles, se vio esse
que dizes, que eu de longe testemunhei,
que com Hipolito contendia? Porém como o
cuidado com que se buscou, não teve effeito,
e como Florisbela affirmou, que nenhuma
offensa delle recebêra, mais sem susto
me deixou o peito.

Card.

Card. A Princeza minha-Senhora, como tão discreta, ha de assegurar-te do receio para livrarte do cuidado, que eu mesmo vi, que aquelle traidor queria tirar-lhe os alentos, estando ella ao sono rendida; porém por mais diligencia, que puz em chegar, já Hipolito se tinha adiantado, ou por ser mais venturoso, ou por achar-se mais visinho: e quando eu em certo sitio o esperava, para lhe dar castigo, elle me frustrou os intentos, metendo-se por aquella horrivel gruta.

Rei. Ai de mim! Pois Cardenio a ti te encarrego o cuidado dessa diligencia: tu serás a guarda mais segura da pessoa da Princeza. *Vai-se.*

Card. Fia, Senhor, do meu braço a sua defensa. Boa occasião tenho para conseguir os meus intentos: logre eu o que solicito, que depois não faltaráõ industrias para desculparme.

RECITADO.

O tyranno rigor da dura pena,
Que a tão feros pezares me condemna,
Faz que fluctue o coração violento
No tormentoso mar de meu tormento.
Navega tão perdido,
Que já se vê das ondas combatido,
Derrotado, infeliz, confuso, absorto,
Sem norte que seguir, sem achar porto.

ARIA

A R I A.

Noite escura, vento irado,
Alto mar, Ceo scintillante,
Dáo ao triste navegante
Medo, assombro, espanto, horror,
Assim pois meu triste peito,
De mil sustos combatido,
Se vê quasi submergido
De outros mares no rigor. *Vai-se.*

S C E N A III.

Mutação de arvoredo do principio com a gruta.
Sahe Machavello.

Mach. TOdos vierão a gozar os recreios do campo por vontade, e eu por força saio tambem a dar hum verde ao gosto, para assim entreter, e sustentar a minha esperança: mas a contenda com que vejo encaminhar-se a este sitio a Cardenio, e Altea, me faz não passar daqui com desejo de saber o que com tanto empenho vem tratando. Elles vem chegando, e como ainda me não virão, quero fazer que durmo, por ver se acaso o negocio he cousa, que me toque ou a meu Amo. Ora eu me estendo ao comprido, e ha de ser aqui nesta pedra, que eu não faço ceremonia nem quando estou de comprimento. *Deita-se.*

Sahem Cardenio, e Altea sem repararem.

Card. Has de ouvirme, bella ingrata, pois a solidão do sitio convida a queixas amantes.

Alt. Deixa-me, Cardenio, que em quanto na minha memoria estiver a tua offensa, nem quero conceder o meu ouvido ás tuas vozes.

Card. Oh não queiras, bella inimiga, que o verme desattendido de quem he o unico objecto de minhas finezas, seja occasião infallivel de hum desesperado precipicio.

Alt. Ainda que desejo usar deste pretexto para dissuadillo, temo os furores do seu genio. *á parte.*

Card. Nem me respondes, nem me escutas? Pois eu farei o ultimo sacrificio da minha vida aos teus olhos, dando na minha morte fim ás tuas tyrannias.

Alt. Que tens que dizer-me, falso? Para que he enganar me, quando vi que o recato com que fallaste á Princeza, me deo claros sinaes do teu engano? Pertende-a a ella, que he mais digno emprego da tua pessoa.

Card. Oh que enganada te tem essa imaginação quando eu sou o maior inimigo da sua vida, pois nella dura hum embaraço á minha fortuna! Mas não poderá este durar muito, porque sei quem determina dar-lhe morte. Disto a avizei, quando com recato me viste fallar lhe. Do seu damno lhe dei aviso por teu respeito, mas ao seu mal não darei remedio pela minha utilidade, pois já tu sabes quiz eu ser executor do golpe. *Alt.*

Alt. Que eſcuto! *á parte.* Pois tu havias ſer táo deshumano, que conſeguiſſes a minha peſſoa offendendo o meu ſangue?

Card. Foi tal o exceſſo do meu amor, que cegamente o intentei, bem que advertido o náo conſegui. Preciſo he diſſimular o meu intento, e emendar o erro de lho ter já declarado no jardim. *á parte.*

Mach. Bonito! Com que eſte he o mata Princezas?

Alt. Em fim tu ſabes quem offendella determina?

Card. Eu o ſei, e quando ſucceda, tu náo pódes faltar a quem és, negando-me a palavra, que já me déſte de ſer minha: e porque agora me náo obrigues a declarar o ſujeito, que contra ella conſpira, pelos teus olhos te juro de náo dizer mais, que he hum disfarçado eſtrangeiro, que neſtas Regiões habita ſó a eſte fim.

Mach. Se hirá iſto dar em meu Amo? Nunca foi máo adormecer, pois aſſim ſei mais dormindo, que outros acordados.

Alt. Confuza eſtou! Se ſerá eſte o eſtrangeiro Sigiſmundo? *á parte.*

Card. Táo ſuſpenſa a deixou eſta declaração, como ſe a náo tivera ſabido já da minha boca. *á parte.* Que me reſpondes?

Alt. Só te poſſo reſponder neſte caſo, que eu hei de ſer a vigilante ſentinella da vida da Princeza, e que quem a offender a ella o terei por meu maior inimigo. *Vai-ſe.*

Card. Tirado huma vez este impedimento da minha ventura, ou tu me cumprirás a palavra, ou eu me darei a mim mesmo a morte; e assim ou terei a maior dita que lograr, ou não terei a menor pena que sentir.

Mach. Oh quem pudéra agora hir-se como hum passarinho. *á parte.*

Sahe o primeiro Soldado.

Card. Lidoro, já accusava a tua tardança.

Sold. Senhor, como vi que com Altea estavas, quando aqui cheguei, escondido attendi quanto com ella passaste, e juntamente vi, que por entre aquellas arvores vem a Princeza Florisbela, a quem determinas dar morte.

Mach. Ai meus peccados, o que aqui hirá se ella vem! Oh quem podéra voar com tantas penas! mas alguma industria me ha de valer. *Ronca.*

Card. Para aqui se encaminha, eu me resolvo a não perder esta occasião. Mas que he o que escuto!

Sold. Notavel inadvertencia! Não viste, Senhor, que aqui estava gente?

Card. Como tão cego da paixão cheguei a este sitio, e fallando com Altea, não reparei em tal.

Sold. Elle entregue se acha a hum profundo sono; porém agora não poderás lograr aqui o que desejas; porque despertando, não seja huma testemunha do teu delicto. Assim desejo embaraçar a sua temeridade. *á parte.*

Mach.

Mach. Se eu dormindo embaraçar esta morte, posso andar dormindo pelo mundo. *á parte.*
Ronca.

Card. Ai de mim! Sou táo desgraçado, que até se me malográo os intentos em que se arrisca a minha vida; que até a morte foge de hum infeliz. Desperta-o tu, Lidoro, que náo quero perder esta occasiáo.

Sold. Homem, deixa o sono, e acorda.

Mach. Qual! nem que cá viesse quem viesse.
Ronca.

Sold. Desperta: ah tal lethargo!

Mach. Ai, ai. *Abre a boca.*

Card. Que tal me succeda! Este he hum simples, que agora vive em Palacio, criado de hum estrangeiro, a quem ainda náo vi. Menos mal receio. *á parte.*

Sold. Ainda náo estás em ti?

Mach. Ora náo quero, náo quero, ora, ora.
Ronca.

Card. Homem, estás alienado? Cobra o acordo.

Mach. Ora isto vio-se, ou ouvio-se? He boa ociosidade vir acordar quem dorme!

Sold. Ainda dormes?

Mach. He boa! Se eu dormíra, náo lho havia de dizer?

Sold. Acorda.

Mach. A corda? qual corda? Eu náo vi cá nenhuma corda.

Card. Já me falta a paciencia: da-lhe, maltrata-o.

Mach. Máo.

Sold.

Sold. Levanta-te.

Mach. Não se cansem, que não hei de acordar, nem que cá vierão os sete dormentes.

Card. A Princeza se avisinha, eu me resolvo em matallo.

Mach. Eu tomo outro acordo, que não quero aqui morrer como hum bruto. *á parte.*

Sold. Matallo, Senhor, será fazer hum delicto accusador de outro delicto.

Mach. Bom homem! acordado sejas todos os dias da tua vida. *á parte.*

Sold. Já parece que desperta.

Mach. Ai, ai. Ora salve Deos a vossas mercês.

Card. Homem, levanta-te, e vaite deste sitio já, antes que a minha cólera te mate.

Mach. Ui, Senhor, eu me vou no mesmo instante, que me podéra hir sem me sentir, se v. m. me manda dormindo. Vou correndo a ver se posso encontrar Felisardo para lhe dar aviso de tão grande traição. *á p. e Vai-se.*

Sold. Com tal pressa vai, que parece hum gamo pelo bosque.

Card. Vai, Lidoro, e junto á fonte de alabastro espera a noticia do successo.

Sold. Já te obedeço. *Vai-se.*

Card. Eu me retiro, para lograr com o seu descuido melhor a minha determinação.

Vai-se.

Sahe Florisbella.

Flor. Divertida nos meus cuidados me embosquei até chegar a este sitio, e vim mais condu-

zida de meus amorofos penfamentos , que guiada de acertados difcurfos, pois fendo efte lugar aonde nafcêrão os perigos da minha vida , delle devia fugir , fe não fora o mefmo em que tiverão principio os amantes enleios de meu coração ; porque tenho quafi infalliveis evidencias de que foi Sigifmundo o mefmo que aqui começou a ufar comigo os encantos , que me trazem tão alheia do fentido. Mas não fei que fobrefalto fente o peito na folidão defte bofque. Eu darei por efta parte volta , para livrar-me do perigo , que o fufto me vaticina. Mas ai de mim trifte!

Querendo ir-fe lhe fahe Cardenio ao encontro com hum punhal.

Card. Detem os paffos.
Flor. Valha-me a fuga.

Quer fugir pela outra parte , e fahe-lhe Felifardo ao encontro , com outro punhal na mão.

Fel. Sufpende os rigores.
Flor. Outro inimigo , fortuna! *á parte.*

Ficão os dous fufpenfos.

Card. Inanimada eftatua me confidero. *á parte.*
Fel. Tronco infenfivel me julgo. *á parte.*
Flor. Tal eftou , que não morrer do fufto , não he valor , he infenfibilidade. *á parte.*

Card. Com a razão ſe perdeo o diſcurſo ; não ſei em que me reſolva. *á parte.*

Fel. Do valor naſceo a cobardia : não ſei a que me determine. *á parte.*

Flor. Ai de mim ! Como a pena que me embaraçou o ſentir me não privou do diſcorrer ? Cardenio , que me aviſou do meu damno ſe faz author da minha ruina ? Sigiſmundo , que me ſacrificou a vida , me intenta dar a morte ? Não ſei a qual attribua a culpa , ſe em ambos acho igual a ſuſpenſão. *á parte.*

Card. Eu me reſolvo. *á parte.*

Fel. Eu me animo. *á parte.*

Flor. Rompa já hum o ſilencio , ou executem já ambos o golpe : ou acabe a duvida , ou tenha já fim a vida : morra conhecendo quem vive ignorando.

Card. Não tenho , formoſa Florisbela , mais que dizerte em minha defenſa , que eu fui o que te aviſei do preſente mal.

Fel. Não he neceſſario , galharda Princeza , para juſtificar-me , mais que lembrar-te , que eu fui quem ſe offereceo a defender-te.

Flor. Quando os meus olhos em ambos examinão offenſas , e os meus ouvidos de ambos os deſcargos , em qual ſe hoſpeda a lealdade ?

Fe . e Card. No meu peito.

Flor. Oh como o meu deve recear , ſe ambos ſe conformão para o damno , como ambos ſe unírão para a deſculpa !

Card. Eu vendo de entre aquellas ramas , que eſſe eſtrangeiro vinha ameaçando ruinas ao teu

teu peito, ſahi apreſſado á tua defenſa.
Fel. Eu vendo ao dobrar aquellas rochas, que eſſe traidor vibrava raios de furor contra a tua vida, me apreſſei, valido deſte punhal, para livrar-te.
Crad. Tu meſma viſte ao voltar, que elle ameaçava a tua vida á traição.
Fel. Tu meſma examinaſte com os teus olhos, que elle determinava darte morte.
Flor. Quem ſe vio em igual confuzão!
Card. Eſte eſtrangeiro he o Principe Feliſardo esforçarei mais a minha affirmativa, para ve: ſe logro o meu intento, e o ſeu damno. *á p*[r]
Fel. Eſte he Cardenio, que dizem logra delRe: todo o valimento: procurarei occaſião de ti[i] rar-lhe a vida para aſſegurar a da Princeza. *á p.*

Zapete ao baſtidor pela parte de fóra.

Zap. Aqui ſinto vozes; dar-ſe-ha caſo que... Mas que he o que vejo! a Princeza mettida entre duas facas a riſco de lhe darem algum couce! Senhores, que ſerá iſto?
Flor. Em fim tu és o leal? *a Card.*
Card. Tu ſabes, que eu ſó vim a defender-te.
Zap. Logo o outro he o traidor? Oh quem me dera ſer quadrilheiro, para lhe tomar as armas, e dar com elle no cagarrão: mas hirei logo dar parte a ElRei. *Vai-ſe.*

Etcætera ao bastidor.

Etc. Aqui ouço fallar : ferá por ventura..! Mas ai que he isto ! Dous punhaes nús diante de minha Ama ! He boa descompostura. isto he grande caso.

Flor. Com que tu me intentas defender ? *a Fel.*

Fel. Tu não ignoras, que em tua defensa quero perder a vida, e já me offereço a dar o merecido castigo a esse traidor.

Etc. E tem razão, que Cardenio tem cara d poucos amigos, e elle tem huma cara de quem todos são amigos. Eu voume a chamar gente. *Vai-se*

SONETO.

Flor. De dous féros impulsos combatido
(Ai infeliz !) meu peito desgraçado
Ignora de qual vive ameaçado,
Não sabe de quem se acha defendido.
Inda faz o tormento mais crescido,
O ver (tanto horror embaraçado)
O odio com o amor equivocado,
O favor com o aggravo confundido.
Nem beneficio, nem rigor preságo
Sigo, ou fujo : sómente a bem não levo.
Que perca amor seu premio em meu estrago.
Ou bem, ou mal nem a eleger me atrevo,
Que a fineza, se morro, não a pago,
E se vivo, não sei a quem a devo.

Card.

Card. Senhora, da minha lealdade não duvides; pois quando eu intentasse contra ti offensas, não te avizára para que te acautelasses: mas pois me não cres, eu me retiro da tua vista, e tu verás quando castigue traidores, que fica a tua vida segura, e conhecida a minha verdade. *Vai se.*

Fel. Espera, não te ausentes. Mas pois vós, Senhora, manchais com escrupulos a pureza da minha fidelidade, eu me ausento dos vossos olhos, para que vindo á vossa noticia que dei morte a esse barbaro, que contra vós conspira, conheçais que já neste mesmo sitio expuz a minha vida para defender a vossa. *Quer ir-se.*

Flor. Espera, espera Sigismundo: e pois te detenho os passos, fiando de ti sem mais companhia a minha pessoa, já pódes conhecer quam pouco de ti receio. Cardenio he sem duvida o que intenta ser meu homicida, cujos motivos ignoro; e sem duvida o seu aviso foi cautela, para depois justificar a sua causa. Ai de mim! se será a conjuração feita com Hypolito, pois tantas suspeitas tenho de que me offende, desde hontem, que no Jardim me fallou? *á parte.*

S O N E T O.

Fel. Meu bem, do iniquo fado nos decretos
Não receies ser alvo aos meus furores:
Tão excelsos divinos resplandores
Só são em mim da adoração objectos.

Só

Se vês, que são de amor os meus projectos,
Em vão causa o meu peito os teus temores
Que mal seria archivo dos rigores,
Quem nasceo para centro dos affectos.
Oh não vivas de mim desconfiada;
Como deixará a estragos reduzida,
Vida, que só merece idolatrada?
Vinha a ser de mim mesmo hum homicida;
Porque estando ao meu peito vinculada,
Fora matar-me a mim, tirar-te a vida.

Sabe ElRei, e cantão os tres o seguinte

RECITADO.

Rei. O semblante alterado?
Que he isto amada filha? Oh duro fado!
E por mais sentimento,
Nesta mão hum mortifero instrumento!
Que intentas, Sigismundo?
Oh tormento immortal! rigor profundo!
Se matão os temores por presagos
Nada deixão os sustos aos estragos.
Flor. Heroico Pai .....
Fel. Magnifico Monarca.....
Flor. A minha vida segue a dura Parca.
Fel. O meu braço defende a sua vida.
Rei. Primeiro a minha se ha de ver perdida.
a Fel.
Rei. Entre tantos horrores.
Fel. Que tal comsigo barbaros traidores.

Flor.

Flor. Mais ſinto que o meu dano a tua pena.
Rei. Quem te maltrata, á morte me condena.
Flor. Não ſintas.
Fel. Não receies a ruina.
Rei. Tema quem furias contra ti fulmina.
Fel. e *Rei.* Pois ha de ſer neſta temida offenſa. . . . .
Rei. O meu braço caſtigo.
Fel. O meu defenſa.

TERCETO.

Flor. Que conſegue a infauſta eſtrella
Em tirar-me a triſte vida,
Se da pena combatida
Já não temo a meſma morte?
Rei. Por lograr na minha ſórte
O rigor mais exceſſivo,
Ameaça o fado eſquivo
Minha vida no teu peito.
Fel. Será eſcudo hum firme peito
Deſſa vida, ó Florisbella.
Flor. Oh fortuna.
Ambos. Oh injuſta eſtrella!
Todos. Ceſſe já tanto rigor!
Flor. Mas ſe a vida has de tirar-me,
Para menos maltratar-me
Mata-me de hum golpe ſó.
Rei. e *Fel.* Dura pena, porém vaite,
Que antes do que a morte a ti
Me ha de a mim matar a dor.

Sabe

Sabe Cardenio.

Card. Senhor, a bufcar-te venho com anciofo cuidado, para te dar parte como effe eftrangeiro intentou tirar a vida á Princeza minha Senhora, a tempo que a minha prefença lhe fervio de embaraço; e como o refpeito me embargou a acção de caftigallo, feja a tua indignação executora da vingança.

Rei. Notavel pena! *á parte.*

Fel. Rei foberano, não finto tanto a falfidade com que fe me imputa tão execrando delicto, como o attrivimento com que fe profana a immunidade do teu refpeito; porque em mim, ainda que fe offenda a vida, não fe macúla a innocencia; e em ti ainda que fe não decubra a falfidade, fempre fe ultraja o decoro. Effe traidor, que me culpa, he quem merece o caftigo.

Rei. Quem fe vio em maior confusão! *á parte*

Flor. Todo o fangue fe gelou nas vêas. *á p*

Rei. Todo o tempo que gafto em difcurfos, perco de vinganças. *á parte*

Card. Elle he, Senhor, o traidor, não o deixes com vida.

Fel. Ha maior malevolencia! Que me embarace ElRei o tomar vingança de tão grande offenfa! *á parte.* Senhor caftiga effe barbaro offenfor do teu Real fangue.

Rei. Já parece que me falta a vida, pois me finto fem acções, e fem difcurfos. *á parte.*

Sabe

Sabe por huma parte Zapete , e por outra Etcætera.

Etc. Para aqui dizem que veio ElRei.
Zap. ElRei diz que veio para aqui.
Etc. Sim , eilo cá eſtá ; eu hei de fallar.
Zap. Não me enganei ; eu hei de dizer.
Etc. Senhor.
Zap. Senhor.
Etc. Saiba Voſſa Mageſtade , que Cardenio he o traidor.
Zap. Saberá Voſſa Mageſtade , que he traidor Sigiſmundo.
Card. Ainda mais iſto , pezares ! *á parte*
Fel. Tormentos ainda mais iſto ! *á parte.*
Rei. Piedoſos Ceos , novos esforços cobra a minha confusão ! *á parte.*
Flor. Injuſtos fados , novos ſoccorros conſegue a minha deſgraça ! *á parte.*
Rei. E qual he o motivo com que affirmais eſta contradição ?
Etc. Eu meſmo ouvi dizer á Princeza minha Senhora , que Cardenio lhe queria tirar a vida.
Zap. Eu méſmiſſimo ouvi dizer a minha Senhora a Princeza , que Sigiſmundo a queria matar.
Rei. Que dizes tu , Florisbella !
Flor. Senhor , ambas as couſas me ouvirão dizer ; porque em ambos via ſinaes de traidores , ainda que em cada hum ouvi ſatisfações de leal.
Rei. Ah da minha guarda.

Sabem

Sahem os Soldados.

Sold. Que nos ordena Vossa Magestade ?

Rei. Perplexo estou ! Não sei qual hei de castigar , nem a qual hei de favorecer ; em ambos acho circunstancias estimàveis , e ambos vejo calumniados justamente. *á parte.*

Flor. Isto ha de ser. *á parte.* Senhor , se hei dizer o que sinto , Cardenio foi o primeiro , que contra mim vibrou as iras de hum agudo punhal. E supposto que ao fugir ao ameaço , vi a Sigismundo com semelhante acção , sem duvida era em minha defensa,pois chegando mais tarde a este sitio , vinha dizendo : *Suspende os rigores* , palavras que só se devião proferir , a quem offender-me queria.

Card. Senhor , adverte. . . . .

Rei. Não he essa prova bastante para condemnar a Cardenio , e mais sendo a sua pessoa em quem tenho conhecido por larga experiencia tanta lealdade , sendo em tudo as suas maximas as mais seguras bases da minha Monarquia. E para haver de castigar por indicios , mais se deve escrupulizar de hum disfarçado , e não conhecido estrangeiro , em cuja pessoa se não deve considerar tanta lealdade , e tanto valor , que arriscasse a sua vida pela tua defensa.

Fel. Senhor , repara. . . . .

Flor. Ai Sigismundo , e quanto receio mais a tua pena , que os meus damnos !

Etc. Desta feita fica desvalido o Senhor Cardenio. *á parte.*

Zap.

Zap. Desta assentada morre enforcado o Senhor Estrangeiro. *á parte.*

Card. Favoravel se me mostra ElRei, mas eu como culpado receio. *á parte.*

Fel. ElRei contra mim se declara: que farei para escapar do perigo, sem declarar a minha pessoa? *á parte.*

Rei. Resoluto estou no que hei de obrar. *á parte.* Cardenio, Sigismundo, hum de vós outros intentou com barbaro atrevimento derramar o meu sangue, executando o golpe na parte mais sensivel, pois o he da minha alma Florisbella minha filha. Em cada hum acho indicios para a pena ainda que em ambos razões para a desculpa. E assim para que descubra a innocencia, e se castigue a maldade, sejão distinctas prisões deposito das vossas pessoas.

Card. Já huma vez mettido no risco, quero seguir a corrente da fortuna. *á parte.*

Fel. Grande mal receio, se ás prisões me entrego: escapar determino a todo o risco. *á parte.*

Rei. Vós outros levai a differentes, e seguras prisões a Cardenio, e Sigismundo, de donde hum delles sahirá para o supplicio.

Flor. Ai infeliz, que em Sigismundo me tirão a vida, pois estando sem elle, fico sem alma! *á parte.*

Em quanto Cardenio diz o seguinte, se vai Felisardo chegando para a gruta.

Card. Senhor a todo o exame se offerece a minha pessoa,

peſſoa, eu me entrego voluntario ás prisões a que me condemnas, fiando que dellas me tirará a minha innocencia.

Fel. Eu, Soberano Monarca, como me acho ſem culpa, não me offereço ao exame, mas para o empenho de tirar em limpo a minha verdade, me retiro do teu rigor.

Entra pela boca da gruta.

Rei. Segui eſſe traidor, que já na ſua fugida declara a ſua culpa, como Cardenio na ſua ſujeição a ſua lealdade: mas ſuſpendei os paſſos, que pois elle meſmo ſe condenou, razão he que ſeja executiva a pena que merece. Parti logo augmentando o numero das guardas, e tapai a outra boca da gruta com bem argamaſſados materiaes, e o meſmo ſe faça a eſta, aſſiſtindo com vigilante cuidado em quanto ſe executa o que ordeno; negueſe-lhe a reſpiração e ſeja primeiro que morto, e ſepultado, e Cardenio goze da liberdade, pois no pouco receio ſe moſtra inculpavel.

Vão-ſe os Soldados.

Etc. Oh má grado tenha o diabo! Eu entendo que paga o juſto pelo peccador. *á parte.*

Zap. Ora couſas farão eſtrangeiros! Eſte, ſem ſer enforcado, tambem vio o ſeu enterro em vida. *á parte.*

Card. Bem me ſuccede. *á parte.* Senhor, aos teus pés renderei eternamente as graças, pois fias tanto da minha lealdade.

Flor. Oh caião os montes ſobre mim: que neſte conflicto ſerá a minha morte amaior felicidade da minha vida. *á parte*

Rei.

Rei. Dê-se logo á execução o que ordenei.
Vão sahindo algumas figuras.

Card. Só do teu grande talento poperá nascer tão acertada resolução.

Rei. Vamos, Florisbella, que já a tua vida está segura.

Flor. Hum penhasco arranco em cada planta que movo. *Vai-se ElRei, Card. e Flor.*

Etc. Ah Zapete, quanto melhor fora ficares tu fazendo penitencia dos teus peccados naquella cova, e que fosses entaipado, porque em ti nada se perdia: e não o pobre de Sigismundo, que nenhuma culpa tem.

Zap. Eu folgo muito que tal lhe succedesse, e só sinto que o Machavello não ficasse tambem ás boas noites aonde nunca lhe luzisse o buraco: mas espero que brevemente acompanhe a seu Amo; se não foi na cova, será na sepultura. *Vai-se Etc. e Zap.*

SCENA IV.

Mutação de muros de Jardim com figuras, e. varanda e no fundo janellas de Jardim. Sahe Hypolito.

Hyp. OH! quando se cansará a sorte de atormentar-me? Mas em mim fora felicidade, se assim como me tem sem alentos para a queixa, me deixára sem esforço para a vida. Eu tenho grande parte de culpa na pena que me afflige; pois vacilante entre dous af-

affectos, me não determinei a feguir o que mais favoravel me concedia a fortuna: mas já que em Florisbella reconheço defprezos, e em Altea fe declarão ciumes, o norte de fuas luzes quero feguir, por ver fe amor nella me offerece feguro porto ás minhas tormentas. Na janella defte Jardim coftuma ás vezes vir divertir-fe: verei fe logro a fortuna de vella.

Apparece Altea na janella.

Mas já vejo, que he ditofo oriente do mais brilhante Sol. Eu chego a fallar-lhe.

Alt. Hypolito he efte. Ai amor, e fe não fora o meu mefmo ouvido teftemunha da fua falfidade, oh quanto melhor me eftivera o feu engano, fe nelle podeffe exiftir a minha duvida! *á parte.*

Hyp. Galharda Altea, quem pela culpa de hum erro padece a pena da tua indignação, poderá ter algumas fombras de bem, ao menos nos longes de huma efperança? que com qualquer luz fe contenta, o que vive tão defconfiado de remedio.

Alt. Como tem tanto de fua parte ao meu amor, não poffo totalmente vingar-me da fua tyrannia, negando o meu ouvido á fua queixa. *á parte.* Que pertendes de mim, ingrato? Que offenfa te fez a minha fé, para exercitares contra o meu peito os repetidos golpes dos teus novos enganos? Defenganada pela tua mefma boca da tua aleivofia que mais pretendes da minha paciencia?

Hyp.

Hyp. Juſtificar-me da culpa, que mê impões.

Alt. Pois ainda com induſtrias intentas multiplicar confusões, para accreſcentar mais horrores ao delicto, dizendo, que com a Princeza não fallaſte no Jardim, quando eu te vi para a parte donde ella eſtava, e mudando as duas de lugar, tu valido das ſombras chegaſte a fallar-me, cuidando ſer Florisbella, a quem fizeſte expreſsões da tua fineza?

Hyp. Eu confeſſo, Senhora, que com a Princeza tua irmã fallei, e que confuſo, e perturbado das ſombras, e de hum rumor que (Amor ajuda a deſculpar-me *á parte.*) cahindo tarde em que era ella a com quem fallava, quiz antes parecer atrevido com expreſſar-lhe finezas, que dar-lhe a entender o noſſo amor. (Oh que mal me deſculpo! *á parte.*) Pois cuidando que eras Florisbella, me não offereceo a turbação outras palavras, que dizer-lhe. Eſta he a verdade.

Alt. Oh que frivola deſculpa! Mas oh que grande razão tem da ſua parte no meu affecto para deſculpallo! *á parte.* Quando fora poſſivel ter eu certeza, de que he verdade o que me dizes, pudera admittir os teus rogos.

Hyp. Alviçaras amor, que já me favorece a fortuna! Mas paſſos ſinto por aquella parte, retirar-me quero. *á parte.*

Retira-ſe a hum lado.

Alt. Mas a Princeza ſe encaminha a eſte lugar, quero auſentar-me delle. *Vai-ſe.*

Sabe Cardenio.

Card. Já tenho hum embaraço menos na vida do Principe Felisardo. Oh dê-me a sorte occasião de conseguir o que desejo, dando a morte á Princeza.

Apparece Florisbella na janella.

Mas na janella do Jardim está; eu chego a fallar lhe, que desejo asseguralla do que contra mim julga, para executar melhor os meus designios.

Flor. Não he piedade não que o mortal corte.
Do golpe horrivel minha vida guarde;
Antes cresce o rigor da dura morte,
Pois se faz mais cruel em vir mais tarde.
Venceo, roubou-me o bem a adversa sorte,
Mas em deixar-me a vida andou cobarde:
Oh não exalte do triunfo a gloria,
Se descobre a fraqueza na victoria.
Mata-me, sem matar-me o sentimento,
Para ser muitas vezes homicida:
Oh pezar! porque dure no tormento
A mesma morte me dilata a vida,
Do desmaio parece fórma alento
A memoria em tragedia repetida:
Mas ai, que desta ausencia na impiedade
Imagino que he vida o que he saudade.

Card. Em fim, Senhora, ainda negais a fé á minha.

nha fidelidade? He poſſivel, que ainda manchais a minha innocencia com o voſſo eſcrupulo?

Flor. Ah cruel! ah tyranno! Ainda te atreves a ſer objecto dos meus olhos?

Hyp. Ah cruel! ah tyranna! Como me argúes de culpas, ſe aſſim com Cardenio me offendes! *á parte.*

Card. Aqui, Senhora, ſerei vigilante Argos da tua peſſoa, até perder a vida aos teus olhos, para que ſe conheça na minha morte a minha verdade.

Hyp. Ainda mais iſto, irada ſorte! Cardenio lhe tributa rendimentos, e ella lhe moſtra amantes enfados!

Flor. Traidor, vai-te da minha preſença; que mais dura morte me dá a tua viſta, que a que receio do teu braço. *Vai-ſe.*

Card. Irritada a tem a paixão: quero retirarme, pois não poſſo convencer o ſeu bem fundo receio. *Vai-ſe.*

Altea á janella; chega Hypolito a fallar-lhe.

Hyp. Para que, enganoſa Hyena, me ſignificavas finezas, e me accumulas aggravos ſe tens a quem dês queixas mais affectuoſas, e por quem faças finezas mais verdadeiras? Proſegue o teu empenho, que o meu ſerá deſde hoje lançar-me nos braços da deſeſperação, para ver ſe ha morte para hum deſgraçado.

Canta Hypolito a seguinte

ARIA.

Náo posso, náo devo,
Tyranna deidade,
Es falsa, és féra,
Nem guardas lealdade,
Barbara já sem fé
Te deixo cruel;
Se acaso pretendes
Agora enganar-me
Dizendo sou firme
Promette adorar-me;
Respondo; que direi? *Vai-se.*

Alt. Espera Hypolito, espera, que náo entendo a tua queixa, nem sei de que nasce a tua desesperação. Mas já se foi. Ai de mim! Que louca paixáo o incita a tanto despenho? Quando me buscava rendido, quando com extremos me intentava satisfazer, náo sei que novo furor lhe perturba o sentido. Encanto me parece quanto amor em ambos executa; mas eu procurarei sahir de táo escuro labyrintho. *Vai-se.*

SCE-

SCENA V.

Mutação de jardim, e á roda do escotilhão ramas de que esteja a boca cuberta. Sabe Machavello com huma trouxa, que mete pelo escotilhão.

Mach. OH que industrioso he o medo! Aqui venho tão carregado de trastes, como cheio de temores. Todo o Palacio está feito hum tormentoso mar, e eu receio muito hir-me ao fundo, porque não posso tomar pé em tanto golfo de penas: mas como a gala do nadar he guardar a roupa, eu quero agora fazer guarda-roupa de certa buraca, que aqui ha de haver. Trago aqui hum vestido desconhecido para me livrar de ser investido; trago isca, é talvez que alguem ma coma, e que no cabo me faça aquillo nó anzol; trago mecha para ver se assim me livro das que se mettem nas feridas; trago hum cabo de vella para ma metterem na mão, se algum der cabo de mim; trago papel para assim fazer melhor o meu; porque queimando-o, hei de-me tingir de negro se não der a meu Amo ajuda, e sustento, e eu, e elle havemos de ter boa sahida. Ninguem me tem visto: felicidade foi. Mas donde terá a boca a senhora gruta, que deve ser tão pequena, que ninguem a vê? Mas cá está: vejão vossês porque eu a não via, he porque tem a barba mui crescida. Deito primeiro a tal trouxa. *Chega á gruta, e bota a trouxa.*

Lá vai esta pirola, veja se a póde tragar, que eu nella lhe dou quanto trago.

Sahe Etcætera.

Etc. Quem me achou hum menino perdido, por quem eu me perdi de amores, dar-lhei de alviçaras a pena, que tenho de perdello, pois estão quasi perdidas as esperanças de achallo.

Mach. Se tu déras melhores alviçaras, eu to entregára: porém acho que he melhor estar perdido, que ter a pena por premio.

Etc. Ai meu rico Machavello! tu em Palacio?

Mach. Eu em Palacio? não cuides tal. Eu era asno que estivesse em Palacio? não por certo: antes folgo de estar aqui no Jardim, aonde tenho minhas verduras, e lá não as hei de ter, porque anda tudo azul. Olá, tens sentido muito a minha falta?

Etc. Eu não hei de dizer isso.

Mach. Porque?

Etc. Por não fallar nas faltas alheias.

Mach. Pois eu, se queres saber o que sinto, escuta.

Nesta ausencia dilatada
Morto de pena me vi:
Ora escuta o que senti,
Ficarás embasbacada.
Senti, mas não senti nada:
(De o dizer não me reporto)
E terá o juizo absorto

Quem

Quem de eu não ſentir ſe admira:
Olha a tolla, ſe eu ſentira,
Então não eſtaria eu morto.

Etc. Ora ouve-me a mim.

Deſta auſencia no tormento
Forão minhas penas tais,
Que te foſtes e nunca mais
Me vieſte ao penſamento.
Com eſte encarecimento
Bem uſano ficarias;
Eu não ſei que mais querias
De minhas firmezas raras;
Porque ſe tu me lembraras
He certo que me eſquecias.

Sahe Florisbella.

Flor. Machavello, Machavello, como te não auſentas deſte Palacio? Queres ſeguir a infelicidade de Sigiſmundo? Ai tyrannas memorias! ai infelices amores! aquellas vivas para matar-me com a paſſada gloria, e eſtes ſem vida para immortalizar-me na preſente pena. *á parte.*

Mach. Senhora, não te laſtimes com tanto exceſſo, que não he o caſo para tanto.

Flor. Que loucura!

Mach. Ora não he tão loucura como iſſo; porque, Sigiſmundo tem alguma perna quebrada?

Etc. Não he peior eſtar ſepultado?

Mach. Pois ſou tão fiel criado, que brevemente me eſpero ver na ſua companhia.

Flor.

Flor. Vai-te, que és hum ſimples.

Mach. Eu te prometto, que eu deſappareça da tua viſta brevemente, e iſſo ha de ſer já. Mas ai que eſtou perdido! ahi vem o excommungado de Cardenio: eu fiz mal em me deter.

Sahe Cardenio.

Card. Ainda, Senhora, vos fiais de traidores? Eſte não he criado daquelle barbaro eſtrangeiro, e talvez companheiro nas ſuas atrocidades?

Mach. He preciſo fingir-me bebado, que já o ſer tollo he pouco. *á parte.*

Etc. Ai coitadinha de mim, que deſta fico viuva antes de cazada! *á parte.*

Card. Com que intento ouſas apparecer neſte Palacio? Queres ſer tambem eſcramento de ſacrilegos?

Mach. Quero ſer huma bálla, que o atraveſſe: voſſê ſabe com quem falla? ha maior pouca vergonha! eſcremento de tiſicos a mim!

Card. A voſſa ſoberana preſença me embaraça o dar-lhe morte.

Flor. Que amigo ſois de matar!

Mach. Pois ſe o amigo he amigo de matar, va-ſe eſpulgar ao Sol, que não lhe faltará ſangue que derramar, que elle he tal, que nem a huma pulga perdoará com ſer ſeu ſangue.

Etc. Elle ſe eſtá fingindo bebado; queira Deos que lhe ſaia bem a machavelhice.

Card. Vai-te barbaro.

Mach. Barbeiro ſelo-ha ſua mercê, e perdoe a minha confiança. *Card.*

Card. Que soffra a minha cólera esta indecencia?

Flor. Industrioso he o que entendi simples.

á parte.

Card. Vai te, vai-te, que náo he pouco escapares com vida das minhas máos.

Mach. Que me vá? boa graça! Porque, eu sou descortez, que faça isso diante de gente? nunca me fui em minha vida. Que me vá? cá para traz: se vossês souberáo quem eu sou, náo me haviáo de tratar assim. A mim ninguem me manda cousa nenhuma. Porque, vossê he que manda? Só o Senhor meu Amo tem esse poder.

Etc. Tinha que já náo tem.

Mach. Meu Amo tinha? Tinhosa será vossê: Meu Amo, que he táo limpo da carepa, que póde ser asseado na cabeça de hum tinhoso. Meu Amo, que he hum Principe tamanho como náo sei que diga.

Card. Elle sem duvida declara a Felisardo, e he preciso embargar-lhe as mal concertadas vozes.

Mach. Meu Amo....

Etc. Que Deos tem.

Mach. Assim te leve o diabo. Ora veja vossa paternidade se póde haver maior desaforo, chamando morto a meu Amo! E eu o farei resuscitar brevemente, se o senhor matador mór do Reino, o Senhor Cardenio da Mata der licença.

Card. Atrevido, náo te ha de valer o estares táo alienado com os fumos de Baco.

Mach. Tabaco! isso he quererme cheger aos narizes? *Flor.*

Flor. Detem os passos, injusto, que aos meus olhos não permitto desacatos.

Etc. He boa! não vê como está o pobre homem! Elle sabe o que diz?

Flor. Vai-te, Cardenio, de minha presença.

Card. Eu me vou corrido, mas eu me verei vingado. *Vai-se.*

Mach. De boa escapei: agora tomára encovarme. *á parte.*

Flor. Etcætera?

Etc. Que mandas?

Flor. Leva-o tu ao teu aposento, e dahi pela janella, que cahe ao campo, lhe dá passagem porque o não prendão.

Põem-se Machavelo junto do escotilhão.

Mach. Agora que estão divertidas me chafurdo; a fortuna me tire com bem. *Mette-se pelo escotilhão.*

Etc. Vou Senhora a obedecer-te.

Flor. Vai-te, Machavelo, e.... Mas que he o que vejo!

Etc. Vem comigo..... Mas que he o que não vejo!

Flor. A terra sem duvida o tragou.

Etc. Sem duvida se foi pelos ares.

Flor. Estranho successo!

Etc. Caso raro! Ai Senhores, se o levaria o diabo, só porque eu o não levasse?

Sahe ElRei, e dous Soldados.

Rei. Prendei este traidor, que ainda intenta assustar

tarme como ſombra de hum tyranno. Mas aonde. . . . .

Sold. Em quem, Senhor, havemos de dar á execução as tuas ordens?

Rei. Florisbela?

Flor. Pai, e Senhor?

Rei. Aonde ſe occulta eſte atrevido criado de Sigiſmundo?

Flor. Enganos são de Cardenio, e quiméras, que finge a ſua louca fantaſia; ſe não he querer com falſidades novas ultrajar o teu reſpeito.

Rei. Examinai, não ſó todo o jadim, mas não ſe reſerve em Palacio nada ao voſſo exame. *Vão-ſe os Soldados.*

Quem ſe vio em mais raras confusões? ſonho me parece quanto por mim paſſa. *á parte.* Filha Florisbela, já o meu eſpirito ſe aflige, e cança de padecer os golpes da fortuna, as confusões creſcem, e os alentos faltão, a voſſa vida eſtá ameaçada de occulta violencia. Eu quero, dando-vos conſorte, eximir-vos do perigo, e livrar-me do cuidado. O Principe de Dinamarca he tão capaz de ſer preferido, que não ſó ſerá o mais forte eſcudo da voſſa vida, mas o mais infallivel ſeguro deſta Monarquia. Eu tenho inſpirações, que me facilitão eſte empenho. Bem ſei que por noticia de algumas leves traveſſuras, lhe não vive inclinado o voſſo affecto; porém como conheço que haveis de ſeguir o meu goſto, eſpero que vençais a voſſa repugnancia. Diſponde-vos a obedecer-me, que eu vou a diſpôr com toda a brevi-

da

dade, não ſó os ſeguros da voſſa vida, mas as conveniencias da minha Corôa. *Vai-ſe.*

Flor. Ha maior infelicidade! ſobre huma deſgraça huma violencia! Oh que bem receava o meu coração o effeito infeliz deſte conjecturado conſorcio! Mas de que me queixo, ſe he tal a pena que me afflige, que ſerá a minha morte embaraço aos ſeus deſignios?

Etc. Pois a Princeza eſtá entregue aos ſeus ſentimentos, quero hir ver ſe acho quem me roubou os meus ſentidos, que eſtou tão deſeſperada de ver que deſapareceo da viſta dos meus olhos, que ſe me não fizera mal, havia de me enforcar de pena. *Vai-ſe.*

Flor. Que acho nos fados injuſtos!
Suſtos.
Que achei de amor nos encantos!
Eſpantos.
Que acharei em ſeus ardores?
Horrores.

Sem duvida o Deos de amores,
Quer no mal eternizar-me,
Pois não baſtão a matar-me.

Flor. e Fel. Suſtos, Eſpantos, Horrores.

Flor. Que dão eternas diſtancias?
Ancias.
Que ha de dar o pranto em mares?
Pezares.

Que

Que derão tantos portentos?

Tormentos.

Oh que duros ſentimentos
Me motiva o ver oppoſtos
A allivios, pezares, goſtos.

Flor. e Fel. } Ancias, Pezares, Tormentos.

Flor. Mas parece que compadecidos de minhas duras penas ſe abrandão os rudos troncos, e os inſenſiveis marmores deſte Jardim, acompanhando ſuaves os écos de minhas queixas. Eu morro de ſaudades. Ai amado Sigiſmundo! Aonde eſtás, vida minha?

Sahe pela gruta Feliſardo cantando a ſeguinte

A R I A.

Aqui eſtá, prenda querida,
Huma vida,
Que de amor recebe alentos,
Para ſoffrer entre ardores
Suſtos, eſpantos, horrores
Ancias, pezares, tormentos.
Não te aſſuſte a infauſta eſtrella,
Florisbela,
Por me veres ao teu lado;
Que o que viſtes ſepultado,
Se eſtá morto, he de amores.

Flor. Amor que encantos são eſtes? *á parte.* Sigiſmundo, como são eſtes pordigios? dize, porque ao ver-te, não tire o aſſombro alguma parte á gloria. *Chega Feliſardo a Florisbela.*

Sa-

Sabe Zapete ao baſtidor.

Fel. Maravilhas são de amor, e impulſos da minha fineza, o querer por fim de tantas infelicidades fazer aos teus olhos venturoſa a minha ruina.

Zap. Oá, olá, renuncio o pacto: valhão-me trezentos e ſeſſenta e ſeis abrenucios. Eſte homem he feiticeiro de todos os quatro coſtados: cuidei que a eſtas horas eſtiveſſe chuchado das carochas, e eſtá ainda capaz de lhe pôrem huma na cabeça. Mas eu vou dar parte deſte caſo. *Vai-ſe.*

Flor. Pois, meu bem, retira-te pelo meu amor a eſſe occulto, e eſcondido depoſito da tua vida, que eu cuidarei de livralla de todo o perigo: vai-te antes que alguem te veja.

Zap. Vem, Senhor, ao Jardim, verás ſe he certo o que digo. *Dentro.*

Rei. Já he forçoſo retirar-me, e obedecer-te.

Mette ſe pela gruta.

Sabe Zapete.

Zap. Olha para elle; mas que he delle? Ai eu aqui ouvi, mas eu nunca tal vi.

Hyp. Aqui, Senhora . . . . . mas he loucura imaginallo.

Flor. Que dizes, Hypolito?

Zap. Não diz nada; mas como quem não diz nada, vinha a ver o Poeta que eu ainda agora vi neſte Jardim.

Flor. Que Poeta?

Zap. O Muſico.

Flor.

Flor. Que Mufico, louco?

Zap. Ai! o Eftrangeiro.

Hyp. Senhora, affirmou com tantas véras, que aqui vio a Sigifmundo eftar fallando comtigo, que me obrigou a vir fazer efte exame.

Zap. Eu náo digo que feria elle, mas era o diabo por elle, que ainda que tinha muitas coufas boas, eu fempre entendi que era coufa má.

Flor. Pois todos náo o viráo fepultar na efcura eftancia daquella horrivel gruta?

Hyp. Coufas são defte ignorante.

Zap. Coufas minhas? Náo he fenáo a alma do eftrangeiro, que anda barregando por efte Jardim.

Flor. Fortuna, ajuda os meus intentos. *Vai-fe.*

Hyp. Amor, favorece os meus cuidados. *Vai-fe.*

Zap. Aprelá! eu cá fó no Jardim? Ai que me pegáo! ai que me agarráo! Valha-me toda a folhinha, com luas, quartos, e tudo. *Vai-fe.*

Sahe Etcætera.

Etc. Que gritaria he efta cá no Jardim? Anda por Palacio huma voz, que fe vio aqui a Sigifmundo: mas mal peccado! O outro eftá feito bicho de toca, e eftará já comido de bichos na buraca. Agora o meu Machavelo he que deve eftar aqui convertido em tronco, ou transformado em pedra; ou elle eftá feito já hum cepo ao pé de alguma arvore, ou carranca em cima de algum chafariz. Ora náo jogues comigo as efcondidas; e fe tu me negas

a

a falla em algum tronco, permitta Deos que ahi te fação em achás; e se me fazes carranca em alguma fonte, queira Deos, que ahi te dem dores de pedra.

Sahe Mochavelo de negro.

Mach. Não posso deixar de sahir a taes conjuros.

Etc. Ai appello eu! que he isto?

Mach. Oh mias menina, quere vozo cagar as boca? que mim sé huns pletinho honraro, e nenhuns mar vos vem fazé.

Etc. Ai guarde para lá, olhe que griro: Ai que medo!

Mach. Tão feio sar os pai Flancico, que mete medo a vozo? aqui sá huns rendido amadoro, e o ser desse cor, he que sá chamuscaro dos fogo de amoro: em mim tem vozo huns cativo, huns esclavo, que morre por esses oio tão flemozo.

Etc. Passa fóra, já te cheira?

Mach. Aos cheiro dessas coizia tão bonita ando semple ao rabo de vozo.

Etc. Olhe o cachorro.

Mach. Mim sar tua canzarrão.

Etc. Osso cão.

Mach. Mim não quer roer osso sem plimero comer os carne.

Etc. Eu me vou, e te deixo como hum preto.

Can-

Canta Machavelo a ſeguinte

ARIA.

Menina táo flemoza,
Que mai non pori sé,
Mim ſar o pai Flancico,
Que a vozo quere bem.
Por iſſo ſuas feſſa
Vos vem aqui fazé. . . .
Ai le le le, gurguiá gurguié,
Gibalé, cambu:
Gibelé, ſahi,
Ai le le le
Gurguiá, gurguié.

Sahe Cardenio por huma porta, e Altea por outra.

Alt. Aqui dizem que viráo a Sigiſmundo.

Card. Aqui dizem que viráo a Feliſardo.

Alt. Mas quem aqui. . . .

Card. Mas que vejo! Quem podia aqui trazer eſte negro eſtando as guardas avizadas de que a ninguem deixaſſem entrar.

Mach. Se eu deſta eſcapo, tenho muito que contar. *á parte.*

Alt. Dize tu, Etcætera, como veio aqui eſte homem?

Etc. Eu, Senhora, ſe náo foi por arte do demonio, náo ſei como elle aqui vieſſe; porque de improvizo me appareceo como couſa do outro mundo. Eu náo ſei; aqui diz que appa-

apparecem defuntos, e eu eſtou com muito medo deſte canzarrão; porque o diabo he negro. *Vai-ſe.*

Alt. Raras couſas ſuccedem neſte Palacio.

Card. Homem, dize como entraſte aqui, ſe não ſerás caſtigado eſperamente.

Mach. Eu ſioro ſar hum trombetero, que ando fazendo feſſa por eſſa terra e angola vinhe eu, e como os ſioro, que he ſioro de huns pleto, que toca os churumera, e os churumera dos pleto, ſabia tocar os ſioro dos pleto, que sá churumelero, vai o ſiora muiere dos ſioro, que sá ſioro dos pleto dos churumera, e....

Card. Devagar homem, explica-te melhor, que te confundes.

Alt. O medo o perturba.

Mach. Inda que mim sá pleto, eu quero falaro craro. Tomo vozo tento. Eu ſioro sá pleto de huns ſiora, que caſou com meus ſioro, e quando mia ſiora caſou, era mé ſioro ſoltero; vai ſioro, que faze mé ſioro toma hum churumera, e dá huns trombeta a outro pleto que era pleto de hum ſioro, que tinha huns pleto tromberero, e que faze os pleto, toma.....

Card. Já ſe acabou a paciencia: mas ſeja o que for, como aqui ſe acha Altea não quero perder a occaſião de fallar-lhe. *á parte.* Lidoro?

Sahe hum Soldado.

Leva a eſſe preto, e no meu quarto o fecha em huma caſa, cuja janella cahe para eſte Jardim. *Mach.*

Mach. Não vai máo isto; o que eu quero he ficar em Palacio, que depois tudo fica em casa. *Vai-se Mach. e o Sold.*

Alt. Oh quanto sinto este encontro!

Card. Ainda, cruel Altea, dura no teu peito a tyrannia? ainda estás de animo de faltar á palavra promettida?

Alt. E de retirar-me da tua presença.

Card. Até esse favor queres negar aos meus olhos?

Alt. Cardenio, eu tenho quasi averiguada a tua tyrannia, e nella consiste o negar-te licitamente a palavra offerecida.

Card. Como, tyranna? Como, ingrata? que he o que dizes?

Alt. Não te disse eu, que só quando tu offendesses a minha vida, me desobrigaria eu da palavra que dei?

Card. Sim, mas mal póde offender-te quem te adora.

Alt. Em eu averiguando que intentaste tirar a vida á Princeza minha irmã, absoluta estou da tua amorosa instancia; porque a minha vida offende quem o meu sangue derrama.

Vai se.

Card. Espera, tyranna.

Sahe ElRei.

Rei. Quem he a tyranna, que de ti foge? Detem-te, espera.

Card. Sorte inimiga, isto mais? *á parte.* Senhor.

Rei. Dize, de quem te queixas?

Card. Huma criada, Senhor, que aqui atrevidamente me refpondeo, talvez defprezando a minha peffoa, porque a Princeza minha Senhora deu motivo ao feu atrevimento, calumniando-me de traidor.

Rei. Não fei que conceito faça de Cardenio em tanta contrariedade! Mas ceffe por agora a duvida. *á parte.* Não te offendas, Cardenio, deffe falfo conceito, quando tens da tua parte o meu favor. Saberás como tenho determinado dar eftado a Florisbella, dando-lhe por efpofo ao Principe de Dinamarca, para o que fó me falta a tua approvação.

Card. Nada perco em approvar o feu intento, quando pela morte de Felifardo, fica impoffivel o logro dos feus defignios. *á parte.* Acertada me parece, Senhor, a tua refolução, pois na união deftes dous Imperios, fe fará invencivel o teu poder.

Sahe Florisbella.

Flor. Aqui me conduz o meu cuidado. . . . Mas aqui eftá ElRei.

Rei. Filha, o meu defejo moveo os teus paffos. Eftá já o teu animo difpofto a agradar-me, recebendo por efpofo ao Principe de Dinamarca?

Flor. Não és tu, Senhor, o que tantos exceffos tens feito por confervar a minha vida, que mil vezes fe vio accommettida da rigorofa Parca? Não és tu o que com tanto cuidado pertendias defendella de quem traidor a ameaçava?

Rei. E eu ſou o meſmo, que exporei a minha por defender a tua.

Flor. Pois, Senhor, a minha obediencia eſtá prompta, mas a minha vida não eſtá ſegura.

Rei. Como?

Flor. Eu darei a mão de eſpoſa a Feliſardo, mas tu darás o meu corpo á ſepultura: obedecerei ao teu preceito, mas ſendo o conſorcio contra a minha inclinação, ſe da obediencia vivo a cabarei da violencia.

Rei. Oh quanto tem o amor de enternecido! Parece que o coração quer ſahir pelos olhos a dar-lhe favor. *á parte.* Florisbella, filha, não permitta a fortuna, que te condemne a martyrios quem ſó te deſeja conſeguir deſcanços. Não ſeja teu eſpoſo Feliſardo, pois he contra a tua inclinação; mas hoje te darei digno conſorte, com o qual eſpero não tenhas queixa da ventura.

Flor. Que intentará ElRei? *á parte.*

Card. Não alcanço o ſeu penſamento. *á parte.*

Sahe Hypolito.

Hyp. Senhor, agora me affirmárão ter viſto a Machavello, eſſe criado do eſtrangeiro, a quem condemnaſte á morte, e dizem que eſtá no quarto de Cardenio eſcondido.

Card. Que novo azar he eſte, fortuna! *á p.* Não he poſſivel, que no meu quarto ſe ache eſſe de quem ſou o maior inimigo, por ſer criado de quem intentou offender a Princeza minha Senhora.

Rei. Já cresce a minha confuzão, e escrupulizo de Cardenio. *á parte.*

Flor. Bem sei, Cardenio, quanto te devo. Ah cruel! *á parte.*

Card. Se o criado publíca a Felisardo, será preciso escrupulisarem da minha verdade; e assim melhor será que eu o communique a ElRei em segredo. *á parte.*

Rei. Tratemos agora do que mais importa, depois se examinará o que diz Hypolito. Filha, como tenho percebido que de inveja nascem os perigos da tua vida, quero com toda a brevidade assegurar na tua cabeça a minha Corôa; e assim me determino a que admittas por teu esposo a teu primo Hypolito.

Sahe Altea.

Alt. Ai de mim! Se he verdade o que escuto? *á parte.*

Flor. Ha maior conflicto, amor! *á parte.*

Hyp. Ha mais raro successo, fortuna! *á parte.*

Card. Senhor, ouça-me Voss. Magestade em segredo.

Rei. Dize, Cardenio.

Card. O Estrangeiro, a quem mandaste dar morte, he, Senhor, o Principe Felisardo, a quem conheci, por ter estado em Dinamarca algum tempo, no discurso do qual o vi muitas vezes.

Rei. Ha maior infelicidade! Que dizes? Já acabou o seu engano de confirmar as minhas suspeitas. *á parte.*

Card.

Card. Parece que o ſentio. *á parte* Eu vendo que elle intentava contra ti offenſas, conſenti na ſua morte, a qual dando tambem ao ſeu criado, ficará ignorada no mundo a ſua deſgraça, ficando ſó em o noſſo ſegredo a ſua traição.

Rei. Não ficará ſem caſtigo a tua maldade. *á p.*

Flor. Que myſterios ſerão eſtes? *á parte.*

Hyp. Em que parará eſta confuzão? *á parte.*

Alt. Que fim terão as minhas finezas? *á parte.*

Rei. Grave pena! *á parte.* Florisbella, cada vez ſe te faz mais preciſo admittir logo por eſpoſo a Hypolito.

Alt. Pouco me falta para perder a vida. *á p.*

Hyp. Reſoluto eſtou em fazer por Altea a maior fineza. *á parte.*

Card. Em huma ſó palavra conſiſte a minha deſgraça. *á parte.*

Rei. Que eſperas? Dá pois a Hypolito a mão de eſpoſa.

Sahe Feliſardo apreſſado pela gruta.

Fel. Antes quero, Senhor, perder a vida ás mãos do teu rigor, que aos impulſos da minha deſgraça. Aos teus reaes pés......

Rei. Ha mais nunca viſto acaſo da ventura! Não ſei como me não matou a ſubita alegria que me cauſou eſte ſucceſſo. *á parte.* Como são eſtes prodigios, Sigiſmundo?

Fel. De tudo, Senhor, te darei depois parte.

Card. Que he o que vejo! Como não me traga a terra em tanta pena! *á parte.*

Alt.

Alt. Raro assombro ! *á parte.*

Flor. Dando primeiro atenção ao teu respeito, que lugar á minha admiraçáo, digo, Senhor, que náo posso admittir por esposo a Hypolito; porque como sei que a outro objecto dedica os seus affectos, náo quero que nelle seja violencia, o que devia ser vontade.

Falla ElRei a Cardenio em segredo.

Rei. Com que affirmas ser este o Princepe Dinamarquez ? *á parte.*

Card. A minha vida te offereço por fiadóra dessa verdade. *á parte.*

Rei. Eu aceito a fiança. *á parte.* Pois Florisbella, ou has de admittir ao Principe proposto, ou aqui has de ficar casada com este humilde Estrangeiro.

Fel. Que he o que escuto, fortuna ! Ou he afflicçáo do meu dezejo, ou ludibrio da minha pessoa. *á parte.*

Flor. Amor, que he o que ouço ! Ou isto he examinar o meu animo, ou exaltar a minha ventura. *á parte.*

Alt. Pois, Senhor, como com táo desigual sujeito intentas. . . . .

Rei. Filha, basta, que o meu gosto he lei.

Hyp. Ainda que verdade, Senhor, que eu a outra imagem venero, sempre sinto, que a distancia, que vai da humildade desse Estrangeiro á soberanidade. . . . .

Rei. Sobrinho, cessa, que ignoras os mysterios, que inclue essa differença.

Card.

Card. Ai quanto mal receio neſte horrivel conflicto em que me vejo! *á parte.*

Flor. Amor, eu me aventuro. *á parte.* Pois Senhor, por náo admittir ao Principe de Dinamarca, antes quero dar a máo de eſpoſa a eſte Eſtrangeiro náo conhecido.

Vai a dar-lhe a mão.

Fel. Eſperai, Senhora, que náo poſſo admittir táo alta ventura.

Flor. Ha maior deſar! *á parte.*

Alt. Tudo he aſſombro quanto admiro. *á part.*

Rei Que intentas com eſſa repugnancia?

Fel. Não violentar a vontade da Princeza tua filha; pois ſe ella por náo admittir ao Principe de Dinamarca, quer fazer feliz a hum humilde ſujeito, já eu náo poſſo ſer conſorte ſeu.

Flor. Porque?

Fel. Porque eu ſou Feliſardo.

Flor. Eſte he o maior encanto de amor: pois faz que receba goſtoſa aquelle meſmo a quem a vontade vivia repugnante. Já admitto ao Principe Feliſardo; eſta he a minha máo.

Dão as mãos.

Fel. Na minha tenho agora todo o poder da fortuna.

Rei. Que alegria!

Card. Que deſeſperado furor! *á parte.*

Hyp. Permitte, Senhor, que acompanhe a ſua felicidade com a de ſer eſpoſo de Altea.

Alt. Já ſatisfeita eſtou da ſua fineza: alviçaras alma. *á parte.*

Rei. Goſtoſo o concedo.

Alt.

Alt. E eu mais goſtoſa o admitto.

Dão as mãos.

Card. Deu fim a minha vida. Oh, abraze hum raio o meú coração! Deſeſperado me vou a buſcar o ultimo precipicio. *Vai-ſe.*

Rei. Olá, detenhão a Cardenio, que já me são manifeſtas as ſuas traições.

Sahem Zapete, e Etcætera.

Zap. Qual detenhão a Cardenio! Eſcuſado he, porque como louco furioſo vai por eſſes campos correndo, que nem hum cavallo ſolto.

Etc. Parece que leva o diabo no corpo.

Dentro Mach. Agora vai: eu me não poſſo ter: eu vou a terra: guarda debaixo.

Cahe de alto.

Hyp. Da janella do quarto de Cardenio ſe arrojou.

Zap. Vieſte aqui como hum raio.

Mach. O meu intento era partir-te, mas não te pude colher debaixo.

Etc. Não calças grande çapato para ſer tamanho o ſalto.

Zap. E que queres tu aqui agora?

Mach. Primeiramente beijar os pés a Sua Mageſtade, e depois a mão a meu Senhor o Principe Feliſardo: e já que fui tolo até aqui, quero agora deſaſnar-me caſando (que tambem ſou vivo) com Etcætera; que ſuppoſto que já andei como hum negro, nunca lhe eſtará mal admittir-me por ſeu cativo; pois já mudei de côr, lavando-me no quarto de Cardenio, aonde elle me mandou metter,

ter, entendendo que eu era preto: mas elle ſempre ficou ſujo com os ſeus enganos, e eu a fiz limpa com as minhas induſtrias.

Etc. Com que tu eras o negro? Eu ſempre entendi que tu eras bonito, ſe te lavaſſes.

Zap. Eu te arrenego diabo! Tu já eſtás branco, mas eu ficarei como hum preto.

Mach. Pois, Senhores, eu quero caſar com Etcætera, ah que delRei.

Rei. Eu to concedo, e offereço o dote.

Mach. Vivas mais que vinte ſogras.

Zap. E tu caſas com elle, Etcætera, tambem?

Mach. Pois não, ſe vim pelos ares buſcalla?

Etc. Olha, Zapete, iſto não podia deixar de ſer, porque os caſamentos vem lá de cima.

Zap. Até iſſo me parece encanto, e eu tambem ficarei encantado, porque fico poſto ao canto.

Mach. Pois acabemos com elle, dando fim a eſta ſcenica ficção, moſtrando que nunca a haverá na vontade com que obſequioſamente feſtejamos a tão illuſtre, como diſcreto auditorio.

CÓRO.

Pois de applaudir-vos já logrão o fim
Eſtes obſequios, que a idéa formou;
Hum victor voſſo merecão aqui
Hoje eſtes Novos Encantos de Amor.

FIM.

ADRIA:

ADRIANO EM SYRIA;

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro publico do Bairro Alto.

ARGUMENTO.

VEncendo o Imperador Adriano aos Parthos, cativou a ElRei Oſroas, e a ſua filha Emirene, e ao Principe Farnaſpe, amante de Emirene. Eſta pela ſua grande formuſura foi deſejada de Adriano para eſpoſa, ao que ella ſempre repugnou, por ſer conſtante a Farnaſpe. Oſroas por traição pretende vingar-ſe tirando a vida a Adriano: errou o golpe, e foi prezo; e não obſtando ſer apanhado no delicto, falla ſempre ſoberbamente ao Imperador. Finalmente Adriano ſabendo do honeſto, e firme amor de Emirene para com Farnaſpe, com heroica reſolução os manda livres, perdoa a Oſroas, e acceita por *eſpoſa a Sabina Romana. Tudo o mais conſtará melhor do contexto da obra.*

INTER-

INTERLOCUTORES.

Adriano, Imperador de Roma, amante de Emirene.
Osroas, Rei dos Parthos, Pai do Emirene. Emirene, Princeza dos Parthos, prizioneira de Adriano, e amante de Farnaspe.
Sabina, Romana, amante, e promettida esposa de Adriano.
Farnaspe, Principe Partho, amigo, e tributario de Osroas, amante, e promettido esposo de Emirene.
Aquilio, Tribuno, Confidente de Adriano, e amante occulto de Sabina.
Beringella, Graciosa.
Chichello, Gracioso.
Guardas.
Soldados Romanos, Soldados dos Parthos.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Praça de Antioquia &c.*
II. *Sala de Palacio.*
III. *Pateo de Palacio com rotura por huma parte onde apparece incendio.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Galaria no quarto de Adriano correspondente a diversos gabinetes.*
II. *Estrada deliciosa de Jardim.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Sala com cadeiras.*
II. *Lugar magnifico de Palacio com escadas: vista de Náos em o Rio, e de Jardim.*

ACTO I.

SCENA I.

Praça grande de Antioquia, com huma ponte ſobre hum rio, a hum lado hum throno imperial, e junto delle Adriano levantado ſobre os eſcudos dos Soldados Romanos: Aquilio, guardas, e povo, da outra parte do rio: Oſroas, Farnaſpe, e Chichello com acompanhamento dos Parthos, que conduzem varias feras, e outras dadivas para offerecer a Adriano.

CORO.

VIve Auguſto, vive, e reina
Gloria a nós, e a Roma ſendo,
E no Oronte a chama tendo
O primeiro ſacro ardor.
Dos Soldados, patria, e povo
Capitão, e Pai te jurão,
E contentes te ſegurão
Lealdade, fé, e amor.
Palma o Ganges te prepare
E de auguſto o nome adore,
Aonde incognito inda more
O remoto habitador.

Em quanto o Coro canta, desce Adriano do throno de escudos, que servião de sustentallo, e os Soldados se põe em fileira com os mais.

Aquil. Farnaspe, Principe dos Parthos, te supplica, Senhor, licença para se presentar aos teus pés. *a Adr.*

Adr. Venha, e ouça-se.

Passa Aquilio a ponte, e falla Adriano sóbe ao throno, em pé.

Valorosos Soldados, e companheiros, vós me offereceis hum Imperio, não menos com vosso sangue adquirido, que com o meu sustentado, procurando, que delle (sendo commum o trabalho) seja só meu o fruto: mas se não puder inteiramente cumprir com o vosso desejo, farei ao menos que neste magestoso gráo que me entregais, sempre o mesmo me acheis. Para mim não quero a vangloria de me servires; só sim, que empregueis esse cuidado em segurar a gloria de Roma, a grandeza do vosso nome, e a publica esperança. *senta-se.*

CORO.

Vive Augusto &c.

Ao

Ao tempo que repete o Coro, passão a ponte Farnaspe, Osroas, e Chichello com acompanhamento dos Parthos, todos seguindo Aquilio, que os conduz.

Farn. Hoje que Roma adora em ti o seu Augusto Cesar, reverente ao docel em que magestoso te ostentas, o Principe Farnaspe huma mercê te supplica. Bem sei que foi inimigo; mas já deposta a politica aversão, beija reverente as tuas cesareas plantas, depondo a ira, e jurando a fé.

Osr. Tanta vil submissão não he preciza, Farnaspe. *á parte.*

Chic. Choramiga-lhe mui bem o teu papel.

Cdr. Mãi commua de todos os povos he Roma: nos seus braços sabe agazalhar aos que delles se querem valer: aos amigos honra, perdoa aos vencidos, e com sublime heroicidade aos humildes, exalta e aos soberbos castiga.

Osr. Que soberba arrogancia! *á parte.*

Chic. Que cara de Polifemo! *á parte.*

Farn. Huma grandeza em Roma costumada te venho, Senhor, pedir.

Cdr. E qual he?

Farn. Do Rei dos Parthos.....

Chic. Da Rainha das Parthas.....

Osr. Cala-te louco.

Chic. Pois calemo-nos ambos. *á parte.*

Farn. Geme entre as vossas prisões a sua amada filha.

Adr. E que pedis.

Chic.

Chic. Pede-lhe as barbas para huma escova.

Farn. Que lhe rompas; Senhor, as suas cadêas.

Adr. Oh Deoses! *á parte.*

Farn. Enxuga da sua patria o pranto: a mim ma entrega, que quanto eu trago em refens te deixo.

Adr. Principe, eu só vim á Asia como Soldado, e não como mercador: Adriano não vende com estillo de barbaras nações a liberdade alheia.

Chic. Ora toma.

Farn. Concede-ma, pois, Senhor.

Osr. Que dirá! *á parte.*

Chic. Que não quer.

Ddr. Venha ElRei seu Pai, que para elle a guardo.

Chic. Chega-te, Senhor, a elle.

Farn. Depois do fatal conflicto ignoramos a sua sorte. Ou conserva em outro paiz desconhecido a vida, ou na batalha o rendeo a morte.

Adr. Em quanto de Osroas se não souber o seu destino, eu terei della cuidado.

Farn. Já que tão zeloso te mostras da sua honra, deixa esse cuidado ao seu esposo.

Adr. Como! He casada Emirene?

Farn. Para se effeituar o seu hymeneo, só falta o sagrado rito.

Adr. Oh Deoses! *á parte.* E seu esposo aonde está?

Farn. A teus pés se manifesta: eu sou o esposo feliz.

Adr. Tu mesmo?

Chic. Não, he outrem por elle. *á parte.*

Adr.

Adr. E ella te ama?

Farn. Teve amante chamma em noſſas vidas o principio, primeiro que em noſſos deſejos: creſceo com a idade o amor, e das noſſas almas ſe formou huma ſó Eu já não deſejava mais que a formoſa Emirene, nem ella mais appetecia, que o ſeu fiel Farnaſpe: mas quando em eſtreito vinculo (oh inconſtante fortuna!) nos eſperavamos unidos, então nos vemos ſeparados.

Adr. Que pezar rigoroſo! *á parte.*

Farn. No ſemblante conheço que vos turbou a minha petição. Offendeo-vos a minha fraqueza? De Roma os filhos naſcem heroes. Entre vós ſerá culpa qualquer affecto, que não ſeja gloria. Em mim não he deſdouro eſte rendimento de animo. Ceſar, eu criei-me entre os Parthos, não naſci entre os Romanos.

Chic. Ai que me cheira a haver rezinga! *á p.*

Adr. Ah cruel amor, já entras a fazer em meu peito oſtentação do teu imperio! *á parte.* Principe, da ſua ventura ſeja árbitra a bella prizioneira. Vai, e ſe ella obrigada do ſeu amor ainda te quer.... (eſtale de huma vez eſta chamma *á parte.*) recebe-a, e vai-te. *para elle.*

Deſce do throno, e canta a ſeguinte

ARIA.

Do precioſo alento
Da nacarada flor

A minha ſorte pende,
Depende o meu amor.
Eſſa tyranna pena.
Tambem já me condemna,
Que a dor, que a ti te fere,
He do meu peito a dor.

Vai-ſe Adriano, os Soldados, e os guardas.

Oſr. Farnaſpe, comprehendeſte as palavras de Adriano? Elle parte de ti zeloſo, e de Emirene amante: nella confia. Que ame mais ao meu inimigo! Ah! com eſta meſma eſpada, diante dos teus olhos quizera..... Mas não, não o creio: ella he minha filha.

Farn. Rei, e Senhor que imaginas? Ceſar he juſto, Emirene fiel: que temor te aſſalta?

Chic. Gabo-lhe a lhaneza: eſte moçoſinho tem bom coração. *á parte.*

Oſr. Quem imagina o mal, poucas vezes ſe engana.

Farn. Eu vou a fallar-lhe. Verás....

Oſr. Vai, mas ninguem ſaiba que eu aqui eſtou.

Farn. Nem tua Filha?

Chic. Menos, que he mulher, a quem cuſta o guardar ſegredo.

Oſr. Sim: ſobello-ha, quando ſe logrem os noſſos intentos.

Farn. Pois Senhor, com ella te buſcarei.

Vai-ſe com todo o acompanhamento barbaro.

Oſr. Que temor me acobarda? Vencido eſtou; mas não prizioneiro.

Chic. Mas perto eſtá o fogo das barbas ; pois ſe te conhecem , cedo eſtarás vencido , e prizioneiro.

Oſr. Náo , Chichello , ainda ſe deixou caminho ao meu furor : tema o Romano as minhas iras , que ſempre me ha de achar o meſmo para a ſua ruina.

Chic. E que pretendes ?

Oſr. Ver abatida a ſua ſoberba ás máos do meu furor.

A R I A.

Vence o furor do vento
　Forte , e robuſto lenho ,
　Paſſando invernos cento ,
　Sem que da terra ſua
　Se poſſa ſeparar.
Porém precipitado
　O vôo ás ondas dando ,
　Força no vento achando ,
　Vai contraſtando o mar. *Vai-ſe.*

S C E N A II.

Quarto deſtinado para Emirene no Palacio Imperial. Sahe Aquillio , e depois Emirene.

Aquil. SE me náo valho de algum engano para prevenir a Emirene , ſem duvida perco a eſperança de Sabina. Adriano generoſamente a entrega a Farnaſpe ; e ſe com elle

ſe auſenta, tornará Adriano a amar a Sabina; cuja belleza trago ſempre impreſſa no meu coração. Deoſes, aonde encontrarei a Emirene para lhe tecer o engano que procuro? Mas já chega: amor me ajude.

Sabe Emirene.

Emir. He verdade, Aquilio, (ainda o duvido) que o meu Farnaſpe he chegado?

Aquil. E melhor talvez que não o foſſe.

Emir. E porque tanto te affige a minha felicidade?

Aquil. A tua deſgraça he que eu lamento, Senhora: Farnaſpe a Auguſto te pedio, ſegurando-lhe que te ama, e que tu igualmente o queres. Eſte ſeguro abrio em o peito de Ceſar franca porta a zeloſos incendios, para que, ſe ao Principe ſegues, ligada como deſpojo do ſeu triunfo ao ſoberano carro te leve pelas praças de Roma até o capitolio.

Emir. Eſte he o heroe do voſſo povo? O idolo de Roma he eſte? Jura-me que não ſerei deſprezada, nem viſta como deſpojo, e agora quebranta o ſeu juramento? Entre vós não he injuria o faltar á palavra?

Aquil. Se hum violento amor lhe eſcurece a razão, que vos admira? Emirene, os heroes tambem são humanos.

Emir. Como triunfo, Emirene? Não o eſpere Adriano. Não ſó na Africa ſe ſabe triunfar, tambem na Aſia ſe ſabe morrer.

Aquil. Barbara lei na verdade, que huma don-

zel-

zella real ſinta o pezo de rigoroſas cadeias!

Emir. Aonde acharei remedio?

Aquil. O mais certo eſtá na voſſa mão. Ceſar vem offendido, e offerece-vos a Farnaſpe, para aſſim deſcubrir o ſegredo do voſſo peito. Não vos fieis na ſua fingida tranquillidade: fazei-vos, Senhora, deſconhecida do Principe, pois elle ſó pertende examinar ſe lhe chegais a querer.

Emir. Ah infeliz Farnaſpe! E que dirás de mim? Mal conheces os enganos daquelle peito traidor. Mas ainda eſpero vello perder a meus olhos a vida, como a elles vejo perder de Farnaſpe a eſperança.

Aquil. Preparai-vos de melhor conſelho.

Emir. Dizei-me, Aquillio; e vem o Principe?

Aquil. Tambem chega, Senhora.

Emir. Oh Deoſes!

Aquil. Armai-vos de fortaleza: já vos encaminhei a evitar o voſſo funeſto deſtino.

Vai-ſe.

Emir. Infeliz de mim! Que duro golpe he eſte!

Sahe Adriano, e Farnaſpe.

Adr. Principe, aquelle he o Sol que vos abraza?

Farn. Aquellas são as luzes, que examino cada vez mais bellas.

Adr. Conſtancia, coração meu: veja Emirene a generoſa acção, com que me apreſento a ſeus olhos, entregando-lhe o ſeu amor.

Emir. Quem he, Senhor, eſte Eſtrangeiro?

Farn. Eſtrangeiro! *aſſuſtado.*

Adr.

Adr. Que! Não o conheces, Emirene?

Emir. Parece-me que vi já o ſeu retrato, mas não me lembro aonde. Ajuda-me amor a fingir. *á parte.*

Adr. He eſta, Principe, aquella, que comtigo aprendeo igualmente a viver, e a amar?

Farn. Vede, Senhor, que faz goſto de zombar comigo Emirene; e que o disfarce he effeito do amor.

Emir. Coração, que vive em prizões, não ſabe fazer zombaria.

Farn. Não ſabeis quem eu ſeja?

Emir. Não me lembra. Que pena! *á parte.*

Adr. Que alegria!

Farn. Bella Emirene, baſta já de atormentar-me. Que novo eſtilo he eſte? Aſſim tratas ao teu Farnaſpe?

Emir. Tu és Fárnaſpe? Agora pelo nome te conheço.

Farn. Oh Deoſes! que rigor!

Emir. Perdoa a violenta injuria. Reconheço quanto deve ao teu valor meu Pai: lembro-me dos teus triunfos: tenho na memoria os teus merecimentos.

Farn. Ah meu bem, torna, torna a lembrar-te de mim, menos me offenderá a tua loucura.

Emir. Em que te offendo, ſe os teus merecimentos digo?

Farn. Juſtos Deoſes, que tormento! Eu perco o juizo.

Adr. Qual de vós me engana? Finge Emirene, ou ſimula-ſe Farnaſpe?

Emir.

Emir. Eu não ſou quem te engana.

Farn. Logo ſou eu ?

Emir. Ai triſte ! *á parte.*

Adr. Se reſpeito foi, Princeza, o teu disfarce, deixa-o já. Do coração alheio não quero ſer tyranno : aqui te entrego o teu amante, ſe he verdadeiro eſſe amor.

Emir. Não te creio. *á parte.*

Farn. Não reſpondes ?

Emi. Eu não aceito.

Adr. Tens ouvido ? *a Farn.*

Farn. Aonde eſtou! Sonho! Delito! Iſto he morrer!

Emir. Iſto he ſó penar ! *á parte.*

Farn. Princeza, idolo, a quem idolatra meu peito, que aggravo te fiz ? Em que merece pena o meu coração ? Em que foi falſo o meu peito ? Tu comigo irada ? Duvidas das veras do meu amor ? Falla Senhora.

Emir. Que hei de dizer-te ? Deixa-me.

Adr. Eſtás deſenganado ?

Farn. Eſtas são aquellas finezas que me juraſte ? Aquellas conſtancias que me prometteſte ? Infeliz affecto ! Deſgraçado Farnaſpe ! Infiel Emirene ! Enſina-me ao menos eſſa tyranna arte de eſquecer a hum tão antigo amor.

Emir. Por piedade me deixa : calla-te Farnaſpe, e vai-te.

Farn. Eu me auſento : obedeço-te, cruel : mas volta, repara em mim ; lê, lê nas anguſtias de meu ſemblante, as ancias da minha alma. Mas não vejas cruel : ſó te lembre que parto obediente, quando me deixas ingrata.

A-

A R I A.

Farn. Depois de ver-te os olhos,
Partir não poderei,
Mas só me lembrarei
Desse enganoso amor.
Não vejas meu semblante,
Que na aleivosa pena
Irado só condemna
Teu barbaro rigor. *Vai-se.*

Adr. Aonde vás, Emirene?

Emir. Sómente a chorar; pois entre tudo o que perdi, só o pranto me ficou.

Adr. Tu não perdeste cousa alguma; eu sim he que perdi o meu socego. Tu és a senhora da minha ventura; tu me pódes fazer feliz, ou desgraçado; tu só triunfaste do teu vencedor.

Emir. Cesar, mais respeito espero do vosso valor. O animo regio não se perde com o Reino. Se o Reino era da fortuna, o coração he só meu. *com soberania.*

Adr. Que engraçada ira! Que delicto commetteo contra a tua formosura o meu affecto? Quando o queiras, posso offerecer-te com minha mão o meu Imperio.

Emir. Não, que será fazer-te servo dos mesmos de que és Senhor. Só da Nação Romana podeis escolher Rainha. Ainda a desgraça de Cleopatra choro, Berenice me lembra, e da ingratidão de Tito me não esqueço.

Adr. Então mais nova estava a servidão de Ro-

Roma : hoje não vive ſujeito o Sceptro ao ſeu dominio.

Emir. Pois ſe o povo o ſoffre , Sabina o não ſoffrerá : a ella eſtá promettida a tua mão.

Adr. Não o nego : dous luſtros ha , que ſeu amante ſou ; mas como não ſupponho nella tanta firmeza , que muito he que me mude ? Tu me rendeſte , Sabina eſtá em Roma , e eu em Antioquia.

Sabe Aquilio apreſſado.

Aquil. Senhor.

Adr. Que dizes ?

Aquil. De Roma chega. . . . .

Adr. Quem ?

Aquil. Sabina.

Adr. Oh Deoſes , que pena eſtranha !

Amir. Já confio o meu remedio. *á parte.*

Adr. E que pretende ? Como ſem minha ordem . . . . Vê ſe te enganas.

Aquil. O tumulto do povo já a ſauda , e to affirma.

Adr. Oh Deoſes ! Para outra parte , Aquillio ; a conduze , que eu me pretendo encobrir.

Aquil. Como , ſe ella já chega ?

Adr. Confuzo eſtou !

Sabem Sabina , Beringella , e acompanhamento.

Sab. Eſpoſo , Auguſto , e Senhor , eſta foi ſempre a hora de mim mais deſejada. Já me vejo em tua preſença : Que amargoſo tempo ſentia o meu coração , dividido de teu peito !

O

O teu perigo quanto me fez temer! Em toda a empreza te acompanhava a minha alma. Quantos fuspiros efte amor me tem cuftado!

Adr. Que direi? *á parte.*

Sab. Não me refpondes?

Adr. Eu não efperava (oh Deofes!) tão repentina chegada. Olá, defte Palacio fe retire Sabina a melhor quarto, onde receba em a noffa prefença todas as honras devidas á fua peffoa. *Faz que fe vai.*

Sab. Que! tu me deixas? O meu defcanço fó em ti bufcava.

Adr. Perdoa-me, Senhora; maior negocio me chama.

Bering. Ai como me cheira a haver mudança na cafa!

Sab. Já fei que não acho Adriano em Cefar. *á parte.* Mais defejava, amado efpofo, o teu focego, que o teu Imperio.

A R I A.

Adr. Já fei que violencias
A forte me ordena;
Mas caufa da pena
O Sceptro não he.
Eu fórmo em mim mefmo
A pena que finto,
Alheia a não pinto,
Que em mim fó fe vê. *Vai-fe.*

Sab. Aquilio, eu não entendo a Adriano.

Aquil. Pois o fegredo he facil de entender. Cefar

ſar eſtá namorado. Eſſa he a tua competidora
á parte. para Sabina.

Emir. Piedoſa Imperatriz, pois o Ceo te guardou dignamente para Adriano; huma mulher infeliz, que a teus pés chega, benigna ſoccorre. Reino, eſpoſo, Patria, Pai, tudo perdi.

Sab. E que pedis?

Emir. A fortuna de beijar eſſa máo, que inveja he. . . . . . .

Sab. Deſvia-te: ainda a ſorte me náo fez mulher de Auguſto. Náo te chames deſgraçada, deixando-te ainda a fortuna toda a gentileza. Se quizeres, poderás alcançar mais do que chegaſte a perder. Antes eu a piedade, que me ſupplicas, te poderei rogar.

Emir. Mais náo tenho que dar-te, que as cadêas que arraſto.

Sab. Baſta: deixa-me ſó.

A R I A.

Emir. Prizioneira, e deſprezada,
A dous males me condemno,
Hum por ti mais novo peno,
Outro a ſorte me ordenou.
Na fortuno confiada
Me deſprezas? Oh repara,
Que naſci tambem preclara,
E chorando a ſorte eſtou.

Vai-ſe.

Aquil. Agora tentarei a minha ſorte. *á parte.*

Sab. Que te parece, Aquilio? Náo he digno de piedade o meu ſucceſſo? *Aquil.*

Aquil. Grande he, Senhora, a injuſtiça de Auguſto: elle não adverte que te pódes vingar.

Sab. E como?

Aquil. Porque em ti não ha formoſura, e poder? Qual ſerá o coração de marmore, que ao ver eſſes raios, ſe não converta em cera? Aos ſeus meſmos olhos devias.....

Sab. O que devia? *Com ſoberania, e ira.*

Aquil. Enſinallo a amar; moſtrar-lhe a firmeza, e fazello envergonhar de te ſer ingrato.

Sab. Baſta.

Aquil. Errei o tiro à minha ventura.

á parte. e vai-ſe.

RECITADO.

Sab. Chorarei, oh cruel, a minha pena,
Que ingrata me condemna;
Mas não, ſentida ſeja, ſeja urgente,
Mas não ſeja patente,
Por não dar hum claro deſengano
A quem a cauſa he deſte meu damno.

ARIA.

Deoſes, ſe juſtos ſois,
Tornai-me o meu amor;
Perdello não, pois ſinto
Me cuſta a vida já.
Vós bem ſabeis, que he meu;
Pois mo jurou, (que dor!)
Se á minha fé me falta,
A vós vos faltará. *Vai-ſe.*

Bering:

Bering. Eis-aqui: fiaivos lá em homens! Isso não. Vem a pobresinha de Roma a esta terra, soffrendo os descommodos dos caminhos para ver o seu bem, e no cabo acha o seu mal, e a sua pena. Por isso nós outras vivemos mais alegres; porque a cada passo agarramos nosso Adonis para zombarmos delle, sem os embelecos da constancia. O ponto he haver o bicho, apparecer o aceno, sahir o escarro, que logo entramos na dança, sem se nos dar do respeito. Aqui ando eu com hum certo ao engodo da minha vista, e mais se me apparece outro, logo entra na pesca. Mas todos por fim se desenganão da sua tolice.

Sahe Chichello.

Chic. Como já lhe conheço as manhas, bem posso entrar na compra.

Bering. Mas vamos ver alguma cousa desta terra, em que sou nova, que me dizem ha nella bons feitios.

Chic. Hum dos feitios, que quer entrar na compra, e mais na venda, sou eu.

Bering. Pois não me serve pelo preço.

Chic. Antes he em bom commodo; porque se dá de graça.

Bering. Não desgosto della sua.

Chic. Nem eu de vossa mercê. Ora chegue-se para cá.

Bering. Não; desvie-se.

Chic. Já me não quer?

Bering. Não trago troco, com que o possa comprar.

Chic.

Chic. Aceite-me, se me quer, e não me falle em trocos, que não lhe peço demasias.

Bering. De donde viria esta criança?

Chic. Da roda dos engeitados.

Bering. Pois he justo que de mim o seja.

Chic. Melhor será, que nessa roda dos engeitados encontre eu a da fortuna.

Bering. Sómente se for para lha desandar.

Chic. Ah tyranna! Já sei que se declara por minha inimiga.

Bering. E em que o julga?

Chic. Em que podendo-me fazer venturoso, sómente me promette desgraças.

Bering. Não me desagrada o tal moçosinho. *á parte.*

Chic. He possivel que desejando v. m. achar nesta terra algum feitio, que lhe sirva, e agora dando-se-lhe este de tão boa vontade, v. m. o não queira, com tanta ingratidão?

Bering. Quem lhe disse que o não queria?

Chic. Esse desdem me desengana.

Bering. Não tenha desconfiança que eu aceito o partido.

Chic. Com que ajuste?

Bering. Olhe isto! basta eu dizer que o quero (lograr.) *á parte.*

Chic. Aceito, e verei .... mas ainda assim receio a sua constancia.

Bering. O que diz?

Chic. Bom seria, que nessa mão de papel levasse assignada a promessa.

Bering. Não sei se pede muito.

Chic. Antes peço pouco, ainda que valho muito.
Bering. Aqui eſtá.
Chic. Aceito, e digo.

MINUETE.

Chic. Eſta máoſinha,
Que neve oſtenta,
Por mais que izenta
Se quer moſtrar,
Poſto que he branca,
Como bem creio,
Muito receio,
Que a ſorte em branco
Me venha a deixar. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Pateo do Palacio Imperial com rotura por huma parte, aonde apparece incendio, e gaſtadores que andão nelle. Sahe Oſroas com a eſpada na mão direita, e na eſquerda huma tocha acceza ſeguindo os incendiarios dos Parthos. Depois Farnaſpe.

Oſr. INvenciveis Parthos. bem vedes como piedoſo favorece o Ceo o noſſo valor: tornemos a ver as ruinas deſta corte inimiga, que na ſua laſtima eſtamos contemplando a noſſa victoria. Já de alguma ſorte vamos recobrando a noſſa perda com eſta ſombra da noſſa vingança. Como ſe atêa o voraz incendio! E como ſe elevão ao Ceo os globos do fumo,

e

e das chammas ! Oh ſe naquelles muros , que pela víolencia do fogo ſe vem agora abatidos, ſe comprehendeſſe tambem todo o Senado , o Capitolio , e a meſma Roma !

Sabe Farnaſpe.

Farn. Oſroas , Pai , Rei , e Senhor.
Oſr. Attende Farnaſpe : aquella obra he effeito de minha irada mão.
Apontando para o incendio.
Farn. Oh Deoſes ! E voſſa filha ?
Oſr. Quem ſabe ? Talvez que entre eſſas chammas ſeja laſtimoſa victima de Cupido com o ſeu cruel Adriano : pagando aſſim da tua injuſtiça a rigoroſa pena.
Farn. Ai Emirene ! ai meu bem !
Querendo partir.
Oſr. Eſpera , aonde vás ?
Farn. Ou a ſalvalla do perigo , ou a morrer entre o incendio. *Querendo partir.*
Oſr. Como ! A huma ingrata , que te faltou á fé , e poz no eſquecimento......
Farn. He falſa , bem o ſei , mas eu ſou amante.
Larga a capa , e entra pelo fogo.
Oſr. Se aquelle como louco ſe quer perder , nós nos queremos ſalvar. Amigos a outra empreza : no lugar deſtinado vos eſcondei. *Vão-ſe.* Experimenta , ſim , o meu furor ; mas ſou Pai , e não me poſſo auſentar. Vejo o incendio , ſei que nelle acaba , o coração o ſente. De Farnaſpe deſejo ſaber o deſtino , e de Emirene a ſorte. Mas que tumulto he eſte, que no-

novamente ſe ouve da parte do incendio ? De Ceſar he a gente, auſentar-me quero. Mas não, fico: ſem ſalvar-te me perderei. Mas pois te não poſſo dar outro remedio, ſó te deixo os meus ſuſpiros. *Vai-ſe.*

Sahe Sabina e Aquilio.

Sab. Ninguem me ſabe dizer ſe eſtá livre o meu eſpoſo ? Aquilio, aonde eſtá Ceſar ?

Aquil. Ao menos me deixa reſpirar.

Sab. Aonde eſtá ? falla ?

Aquil. Como, ſe o não ſei ?

Sab. Eſte he o eſtylo do falſo adulador, que adora ao Throno, e não ao Monarca ! *á p.* Em quanto da ſua grandeza o Ceo vias ſereno, tu o giravas; agora que o vês tempeſtuoſo, o deixas ?

Aquil. Já vem, não te enfades.

Sahe Adriano.

Adr. Viſte Emirene ? *a Sab.*

Sab. Eu te buſcava.

Adr. Aonde eſtá Emirene ? *a Aquil.*

Aquil. Eu a não tenho viſto.

Adr. Infeliz Princeza !

Sab. Vive : não vês como creſce o incendio ? Tu, Senhor, não cuidas no reparo ?

Adr. Os abrazados muros ſe arruinão; Aquilio, vê que não paſſem as chammas aos lugares intactos.

Aquil. Já vou ſervir-te. *Vai-ſe.*

Sab. Ceſar.

Adr. Que pena! impaciente.....

Sab. Que descuidado andas de ti, Senhor! Náo buscas o traidor? Assim ha de escapar o réo?

Adr. Já está descuberto: eu o conheço: he Farnaspe: amor o entregou ao acto cruel: já fica entre prisóes: náo ha mais que temer.

Sab. Espera, e attende.

Adr. Sem saber de Emirene, nada attendo.

Vai-se.

Sab. Assim me deixas? Este desprezo me fazes? Seguirei os teus passos, acreditando as minhas constancias.

Sabe Emirene.

Emir. Em ti, Sabina, o meu remedio busco.

Sab. Oh Deoses! Ainda para atormentar-me esta faltava?

Emir. Que foi isto, Senhora?

Sab. A mim mo perguntas? Queres que a minha voz publique o teu triunfo? Os teus olhos são o motivo de tantos estragos. Que me perguntas! Tu és Helena, e aquella he Troya.

Emir. Que rebuçado sentido me manifestáo as tuas palavras?

Sab. Ahi tens Farnaspe, pergunta-lhe a elle.

Vai-se.

Sabe Farnaspe prezo com guardas, e Chichello.

Emir. Farnaspe?

Farn. Princeza?

Emir. Tu prisioneiro?

Farn. Tu livre?

Chic. Vossas mercês vejão como me levão, que eu sou homem branco.

Emir. Aos infelices he difficultoso o morrer.

Chic. Não direi senão, que não ha cousa mais facil.

Emir. Daquelle incendio foste tu talvez author?

Farn. Não, mas assim o suppõem.

Emir. E porque?

Farn. Porque sou Partho.

Chic. E eu sou gemeo; por isso o suppozerão.

Farn. Porque sou desgraçado; porque fui achado naquellas ruinas.

Chic. E eu nellas fui perdido.

Emir. E a que fostes a ellas?

Farn. A livrar-te, ou a morrer: mas já alcancei algum beneficio, pois vejo que hoje deves a vida á minha morte.

Chic. Ah Senhor, morre por ambas.

Emir. Piedosos Ministros, soltai-lhe os laços, ou ao menos reparti comigo as prisões.

Farn. Porque? ainda de mim zombas? Não vês, que he mais cruel essa piedade fingida?

Emir. Fingimento lhe chamas?

Farn. Como a hei de crer verdadeira? Já te não lembras do que me disseste?

Emir. As palavras sim forão outras, mas eu sempre sou a mesma.

Farn. E aquelle desdem teu?

Chic. Foi hum bichinho.

Emir. Era temor do zeloso coração de Adriano.

Farn. Pois que temias delle?

Emir. O horror de hum triunfo.

Farn. Se magnanimo te offereceo a minha mão.
Emir. Foi arte da sua ira para descobrir o meu peito.
Chic. Ah Senhor, tu cuidas em conversar, ou em morrer?
Farn. Logo sou eu.....
Emir. A minha esperança, e o meu amor.
Farn. E és tu, meu bem.....
Emir. A tua constante esposa.
Farn. E vives....
Emir. E vivo fiel ao meu Farnaspe.
Farn. Basta, já vou contente.
Emir. Deixas-me? oh Deoses, que será de mim!
Farn. Nada temo, se me queres.

D U E T O.

Farn. Se morro, já contente
Me faz morrer sómente
Essa segura fé.
Emir. Se vivo, ainda contente
Serei, por ver sómente,
Que vês a minha fé.
Farn. Adeos, e vê que espero.
Emir. Adeos, e vê que quero.
Farn. Deverte firme ser.
Emir. A vida tua ver.
Farn. Se acabo.
Emir. Tu não digas
Ambos. Espera amado bem.

ACTO II.

SCENA I.

Galaria no quarto de Adriano correspondente a diversos gabinetes. Sahe Emirene, e Aquilio.

Aquil. MAis do que isto não he preciso, formosa Princeza, para penetrar o seu intento: Cesar te busca, adverte o que elle intenta.

Emir. Aquilio, só te recommendo o meu Farnaspe, que está innocente: procura que Cesar se applaque.

Aquil. Quem melhor do que tu poderá rebater o seu enfado? Tu do seu coração pódes abrandar as iras. Que não conseguirás de hum Monarca que te adora?

Emir. A mim me não agrada; porque o não amo.

Aquil. He preciso que te finjas amante.

Emir. E eu hei de mentir?

Aquil. Muitas vezes vence hum enganoso amor, mais do que hum fino affecto: vale-te da arte, já que falta a natureza. Hum suspiro de tempo em tempo, huma palavra mal articulada, hum movimento, hum rizo, hum silencio, hum pejo, hum dar a suspeitar o que não chega a dizer, fazem faceis os amantes de lisonjear-se. Elle jurará que o amas: e tu, quando quizeres, lhe poderás sempre dizer que se engana.

Emir.

Emir. Não sei aonde se aprenda a usar de semelhante arte.

Aquil. Vós nella já nascestes mestra. Ter nos olhos promptas as lagrimas : na boca hum rizo , que não exceda os limites do coração : desmaiar , quando vos parecer , e mostrar rubicundo o semblante , são privilegios proprios do vosso sexo. O Ceo vo-los concedeo para nós termos que padecer.

Emir. Mas tu , que na Corte és já ancião , não devias ter delles inveja. Jurarei , que não és mantenedor da antiga honestidade. Quando te he conveniente , saberás com semblante risonho acariciar hum inimigo : pollo no precipicio para que caia , e depois lastimar-te da sua queda : offerecer-te para tudo a todos , e não servir a nenhum : cobrir de falsos louvores o crime , e fazer aggravantes as culpas , mostrando querer defendellas : retirar sempre os bons do Throno : deixar o odio ao Septro para todo o castigo , e usurpar o merecimento a todo o beneficio : ter debaixo de hum apparente zelo escondido hum perverso fim : e não fabricar senão sobre as ruinas de outrem.

Aquil. Justamente , Emirene , te quizeste vingar das injurias , que proferi contra o teu sexo. Eu não julguei , que tanto te ferisse na alma. Não me queixo das tuas palavras ; antes creio que ambos dissemos verdade. No que eu disse, quiz sómente aconselhar-te.

Emir. Se eu te peço soccorro , não queiras darme conselho.

Aquil.

Aquil. Eu ſempre cuidei que hum ſaudavel conſelho era grande ſoccorro: crê o que te digo, Princeza, e adeos que gente chega, entendo que he Adriano. *Vai-ſe.*

Sahe Sabina.

Sab. Oh Ceos, eſta he a minha competidora! *á parte.*

Emir. Oh Deos, eſta he Sabina! *á parte.*

Sab. Na verdade, Emirene, que ſempre te acho mui cuidadoſa! Ainda ſe vê mal extincto o incendio, e já te acho tão ſolicita em o quarto de Adriano?

Emir. Eu vim ſó....

Sab. Já ſei: virás liſongear ao teu Senhor com os agrados.

Emir. Humilde a ſupplicar.

Sab. Humilde tambem eu a Ceſar quererei manifeſtar os meus cuidados; mas não pretendo, que elle a ti me prefira: e não ſerá pouca dita, quando elle (dando-te o lugar primeiro) me conceda o ſegundo.

Emir. Baſta Sabina: deſſe amor de Adriano he ſó minha a pena, e não a culpa. O perigo de Farnaſpe me atormenta: eſte he o deſvélo que me guia a eſta parte. Hei de vello morrer ſem lhe fallar? Senhora, Farnaſpe he o idolo a quem tenho ſacrificado o meu coração: mui antigo he já o noſſo amor.

Sab. Iſſo em ti he verdade, ou fingimento?

Emir. Talvez o fingiſſe, ſe aſſim te não fallaſſe.

Sab.

Sab. E não reparas, que a Cesar irritas, quando por elle rogas!

Emir. Se eu não acho outro caminho, que hei de fazer?

Sab. Quando tu o queiras, melhor to mostrarei. Deste Palacio foge com o teu Farnaspe: o seu guarda he o Capitão Lentulo: mais me deve. Se tu queres, da sua parte entregar hum coração regio, ainda que pobre.

Emir. Ah se pudesse sahir do meu tormento!

Sab. Duvidas no que te seguro? A partir te prepara. A' maior fonte dos Jardins de Cesar virei com o teu esposo: lá me espera, antes que o Sol chegue ao Zenith.

Emir. E virás? Do meu destino tão costumada estou a tolerar a furia....

Sab. A minha mão to affirma, em sinal a toma.

Emir. Que alegria não esperada! Feliz eu, e generosa tu. Eu parto, Senhora, a buscar a minha ventura, e a publicar a tua generosidade. *Vai-se.*

Sab. Quem sabe? Quando longe estiver Emirene, talvez que torne o meu esposo ao seu primeiro amor. Não dura sem materia o fogo: o rio não cresce separado da fonte donde nasce.

Sahe Adriano.

Adr. Emirene, meu bem..... Oh Ceos, que disse! retirar-me pretendo. *á parte.*

Faz que se vai.

Sab. Porque foges, Adriano? Hum só momento

me

me não negues a tua viſta, e depois ao teu bem torna.

Adr. Como! ſuppões.... Qual he o meu bem?

Sab. Não pretendas o disfarce; que na confusão das vozes do meu amado Adriano, o coração ſincero enganar-me não ſabe. Não, não me occultes eſſe honeſto pejo, que tanto me agrada. Quem ſe envergonha, conhece a culpa, e o que a conhece, perto eſtá da emenda.

Adr. Oh Deoſes!

Sab. Suſpiras? A mim me deixa o ſuſpirar. Deoſes celeſtes, quem o julgaria! A honra do nome, dos heroes o exemplo, a minha eſperança, Adriano inconſtante! He poſſivel! He verdade! Quem te enganou? Falla, dize: como foi?

Adr. Que queres que reſponda, ſe me vejo confuſo? Oh deixa-me ſó eſte deſafogo. Chama-me cruel, chama-me traidor, que tens razão. Os teus merecimentos, as tuas finezas me lembrão, as minhas promeſſas cem vezes me accusão. Mas que aproveita? Não ſou meu: conheço a tua fidalguia, a tua formoſura, e talvez.... Mas não tenho coração para amar-te: a mim meſmo me aborreço de minha injuſtiça lembrado. Sei que he juſta a tua vingança: queres, queres a minha morte? Aqui me tens, mata-me: he juſto, não o nego. Intentas deſpojar-me do diadema Auguſto? Eu o ponho na tua mão, pois ſei ſeria feliz o mundo inteiro, ſe á tua gentileza ſe viſſe tributario.

Sab. Não peço o teu Imperio; o teu coração ſó buſco. *Adr.*

Adr. Teu era o coração: se o defendi, só para ti o guardava: amor o sabe, todos os Deoses a testemunhas chamo. As formosuras da Asia para mim erão sombras: fria toda a vida com a tua lembrança imaginei que fosse.

Sab. E depois?

Adr. E depois..... Não sei. Fiado no meu esforço, zombei da defeza, e amor me venceo: estava no campo fazendo ostentação de huma victoria, quando me foi presentada Emirene. A hum diverso affecto he facil a entrada, quando a alma se vê desapercebida. Eu a vi arrastando cadeas, supplicando piedades, fazendo rica de perolas nas lagrimas esta mão, que apertava nos sustos: poz nos meus os seus formosos olhos, com agrado tão doce..... Ah se no meu semblante se visse a sua imagem, seria digno de desculpa até para Sabina.

Sab. Já basta de injuria. Na minha presença louvas a sua formosura? Queres que seja complice no teu delicto, e no meu querer aggravado? Isto te mereço barbaro, enganador, perjuro, e falso?

Adr. Perdido estou!

Sab. Que disse? Ah, não: perdoa-me as injuriosas palavras, que a desculpa merecem, porque de amor nascem: dispõe de mim ao teu gosto: instavel, ou inconstante ao meu bem serei sempre. Que sei? Eu o espero: chegará aquelle dia, que pagando a quem fiel te adora, me dirás..... Mas não, que já serei morta.

Assen-

Aſſenta-ſe em huma cadeira, e ſahe Aquilio ao baſtidor.

Aquil. Aqui eſtá Sabina! *á parte.*

Adr. Já não poſſo vella penar, aquelle pranto me faz enternecer. *á parte.* Sabina venceráome os teus extremos: aos teus laços felices tornar quero: já ſou teu.

Aquil. Ah infeliz eſtrella! *á parte.*

Sab. Que dizes?

Olhando para elle com ternura.

Adr. Que eſtou rendido, e o meu coração te entrego.

Sab. Não, não te creio.

Aquil. Atalharei eſte mal. *á parte.*

Sab. Se outra vez a Emirene tornas a ver...

Adr. Não a verei.

Sab. Poderei de ti fiar-me?

Adr. Reſoluto eſtou: quando o goſto ſe empenha, nada ſe difficulta.

Sahe Aquilio.

Aquil. Aos teus pés a afflicta priſioneira proſtrar-ſe deſeja: tempo ha que te buſca, e não te acha.

Sab. Agora farei prova. *á parte.*

Adr. Não, Aquilio; já não deſejo ver Emirene: tempo he já de me lembrar de Sabina.

Sab. Oh doces palavras! *á parte.*

Aquil. E não he injuſtiça negar-ſe a Emirene o que aos mais ſe concede? Se eſtá eſcrava, naſceo Rainha.

Adr.

Adr. Na verdade, Sabina, que parece crueldade não lhe attender á fupplica.

Sab. Oh Deofes!

Adr. Não, fe não queres, não venha: mas temo.... Que farias, Senhora, em hum aperto como o meu?

Sab. Não pediria confelho.

Adr. Pois va-fe Emirene fem me ver. Aquilio executa efla diligencia.

Aquil. Que ha de dizer? Oh defgraçada Princeza!

Adr. Olá, que dizes?

Aquil. Nada Senhor; a obedecer-te vou.

Faz que fe vai.

Adr. Efpera: melhor he, que do feu deftino ouça a minha voz. Que me póde fazer chegalla a ouvir?

Sab. Ouvifte, Aquilio? e fe ha de dizer, que Adriano foube faltar? *Vai-fe.*

Aquil. Quem não he réo, quando o amor he delicto?

Adr. E com que juftiça caftigarei as culpas alheas, fe as rédeas deixo foltas ás minhas? Não, não fe deixe Sabina, não fe attenda Emirene: torne efta alma ao primeiro amor. Mas oh Deofes! como o hei de deixar, fe delle me não poffo efquecer? *Vai-fe.*

Aquil. Soffrimento, coração. A tua victoria fe não a vês diftante, não a achas fegura. O amor de Augufto, os defdens de Sabina por mim pelejão: efperarei occafião de affalto, para confeguir o triunfo.

SCE-

SCENA II.

Estrada deliciosa, pela qual se passa ao serrado das féras. Sahe Emirene.

Emir. AQui Sabina não vejo: esta a fonte he: tudo examino, mas não a encontro á vista: que será não sei, sei só que a cada momento desfalece o peito amante.

Sahem Sabina, Farnaspe, e Chichelo.

Sab. Aqui tens a tua esposa. *a Farn.*
Farn. Bella Emirene.
Emir. Es tu, amado Principe? Apenas o creio.
Farn. Sim, meu bem, eu....
Sab. De ternuras não he agora tempo: convem salvar-nos: aquella he a estrada para a fugida.
Chic. Não namores com sustos, que he ser cobarde.
Sab. Pouco distante da primeira entrada se divide em dous caminhos: o da direita guia ao rio; o da esquerda a Palacio: a vós vos convem evitar o segundo: hide, a fortuna vos ampare, e amor vos guie.
Emir. Piedosa Imperatriz....
Farn. Galharda Senhora....
Ambos. E como pagarei esta mercê?
Sab. Pouco appeteço.
Chic. Peça a seu gosto, não tenha pejo.
Farn. Guarda-te louco.
Chic. Beijo-lhe a mão pela honra. Ainda esperamos?

Sab.

Sab. Lembrai-vos de Sabina algumas vezes; e se entre a vossa felicidade chegar a minha lembrança, mereça acompanha-me no meu martyrio a vossa saudade. *Vai-se.*

Chic. Vá descançada, que tudo se fará. Ainda não vamos?

Farn. E he verdade, que és minha, Emirene! Vejo a dita segura, e me parece sonhada.

Emir. Nada falta, amado esposo, mais que a presença de meu Pai. E que contentamento me não daria esta felicidade?

Chic. Tanto, quanto me dá o ver-me fóra daquella masmorra, aonde entrei sem culpa, mas tambem sahi sem pena.

Emir. Sabes em que terra esteja?

Chic. Isso he facil de saber; em nós topando com elle, logo o sabemos.

Farn. Os teus desejos serão satisfeitos.

Emir. Sabes aonde Osroas está?

Farn. Sim, mas por ora não cuides mais que em seguir os meus passos.

Vão sahindo para a estrada.

Farn. Suspende. *detendo Emir.*

Emir. Porque?

Farn. Não ouves ruido de armas?

Emir. Ouço, mas aonde não o sei dizer.

Chic. Isso não tem que ver.

Emir. Aonde he?

Chic. He na minha cabeça, que he aonde hão de vir dar os golpes.

Farn. He no mesmo caminho, que nós havemos de seguir.

Emir. Ai de mim!

Chic. Ai de nós ambos. Oh Senhor, por vida sua, e da Senhora Dona Emirene, que fujamos daqui para alguma parte, que não nos agarrem a todos.

Farn. Não temas, até que o motivo não saibamos. Esconde-te, Emirene, que eu chego, e Chichelo, a ver a causa que os move.

Chic. E a mim que me importa isso? Vá Vossa Alteza, que eu ficarei com a Senhora, que não ha de ficar só.

Farn. Pois eu vou. *Vai-se.*

Chic. Que lhe faça bom proveito. Eu fico.

Emir. Que mais tenho que penar!

Escondem-se junto ao cancelo do cerrado, e sahem da estrada ensinada por Sabina Osroas em traje Romano com a espada nua, e Farnaspe.

Osr. Conte mais este troféo entre os seus triunfos Roma.

Farn. Aonde, Senhor, vás correndo com estes despojos?

Osr. Amigo, vingados estamos, a terra livre, e Adriano morto: esta espada lhe acabou a vida.

Farn. Como?

Osr. Costumava esse cruel Romano passar por esta estrada a buscar Emirene: hum seu valido, e guarda do segredo mo descobrio; que tambem entre estes heroes do Tibre pôde o ouro descobrir a hum traidor. Esta noite o espe-

perei, quando paſſou com o criado, e com táo feliz ſucceſſo, que abrio nova eſtrada para a vingança em aquella vida a minha eſpada.

Farn. E ſe em vez do inimigo vos obrigaſſe o eſcuro da noite a matar outro?

Oſr. Não. Eſtava prevenido o caſo: fingio que cahia. quando juntos eſtivemos; e aſſim com eſte ſinal Ceſar ficou expoſto; e elle livre, pois ao cahir o ſervo, ao Senhor cortei a cabeça.

Emir. Quem ſerá aquelle Romano, que me parece eſgrime ſanguinolenta eſpada? Se eu pudera ao menos ver-lhe o ſemblante. *á parte.*

Chic. Querem voſſés apoſtar, que deſtas detenças hei de eu pagar as cuſtas? Quem ſerá eſte eſpadachim, que nos vem meter na dança?

Farn. Agora que havemos fazer? Fugindo pelo caminho que trazeis, encontraremos a mil que vos ſeguem; pelas outras partes os guardas vigiáo ſempre.

Oſr. Pois com o ferro abriremos caminho.

Farn. Neſtes termos buſquemos outro remedio. Eu quero examinar primeiro ſe ha outra eſtrada por onde poſſamos fugir.

Emir. Táo baixo fallão, que entendellos náo poſſo. *á parte.*

Chic. Eſtá bom ſegredo fóra de horas! Quem ſerá eſte cuchichador, que nada lhe poſſo perceber? *á parte.*

Farn. Entre eſtas ramas te eſconde: eu voltarei de preſſa.

Oſr. Se tardas, ſó me hirei.

Eſ-

Esconde-se Osroas ao pé de Chichelo.

Farn. Este.... não. Aquelle estreito... Mas se eu tentasse o caminho que Sabina me assinou? De Adriano o caso ainda não está público, e no encanto nós teremos fugido. Sim, este elejo.

Ao voltar para o caminho, sahe pelo mesmo Adriano com a espada nua na mão seguido dos guardas.

Adr. Espera, traidor.

Encontrando-se com Farnaspe.

Farn. Que vejo! *Fica suspenso.*

Adr. Guardas, impedi todo o passo á fugida.

Farn. De marmore estou!

Emir. Estamos descubertos. *á parte.*

Adr. Admiras-te, ingrato, porque me vês vivo? Entendeste que a mim me matavas? Nas palavras injuriosas, que ao ferir-me proferiste, bem te manifestaste.

Emi. Eis-aqui o erro; aquelle que se escondeo he o traidor. *á parte.*

Chic. Elle está enganado, e eu hei de pagar a má visinhança. *á parte.*

Adr. Perfido, não respondes? A que vieste aqui? Que motivo te guiou? Quem te rompeo as cadeas? Falla.

Farn. Não posso.

Adr. Aconselhai-me, oh Deoses, que farei...

Chic. O rabinho já parece que sente o medo.

Adr. Olá no carcere mais escuro guardai o delinquente.

Sabe Emirene.

Emir. Senhor, attendei, que elle eſtá innocente. *Deſcobre-ſe com impeto.*

Farn. Princeza, que fazes?

Chic. Em boa ſe vai metter! O outro eſtá capaz de matar a todos. *á parte.*

Adr. Oh Ceos, tu tambem com Farnaſpe, e ao traidor defendes?

Emir. Eſſe não he o traidor, entre aquellas ramas....

Farn. Calla-te.

Chic. Queirão os Deoſes que ſe não engane.

Emir. Eſte malvado que ſe eſconde, he quem buſcou o teu damno.

Farn. Oh Deoſes! Não ſabe que he ſeu Pai. *á parte.*

Adr. Queres que te creia? O defender de Farnaſpe o perigo, mais o condemna á morte; pois na confusão que moſtra, mais o ſeu delicto augmentas.

Farn. Confundamos o erro. *á parte.*

Emir. Se me não crês.....

Farn. Em que te agrada, Senhora, por tão pouco tempo encobrir? Tu me condemnas no querer-me eſcuſar. Em nada me offendes, quando réo me fazes: attento eſtimo a culpa, que não quero ſer innocente.

Adr. Oh perverſa alma!

Emir. Eu não o entendo.

Farn. Que goſtoſo morro, ſe o meu Senhor defendo! *á parte.*

Emir.

Emir. Porque, eſpoſo meu? porque, Senhor, fórmas contra ti o damno? Não és cruel e queres parecer aleivoſo? Tão feia culpa. . . . .

Farn. Deixa-me, que não he tão feia como a julgas.

Adr. Eſte he aquelle Farnaſpe, que tu não conhecias? Como agora ſe converteo no teu bem? Aonde deixaſte aquella tibieza, coração enganoſo, e feiticeiro?

Emir. Senhor. . . .

Adr. Eſte pagará a pena de ambos os golpes. Olá. *aos guardas.*

Emir. Mas eſpera: e o traidor quem he?

Farn. Emirene, ſe me amas, calla-te eſta vez.

Emir. Eu te amarei, ſe tu obedeces. Os meus paſſos ſegui, que aqui ſe eſconde o traidor. *aos guardas.*

Farn. Oh Deoſes! Detem-te.

Emir. Ceſar eſte he.

Aponta para onde eſtá Oſroas.

Segurão os guardas a Chichelo.

Chic. Não ſe enganem na porta; he a hi mais abaixo.

Adr. Es tu, aleivoſo?

Chic. Eu era capaz de matar ninguem? Veja voſſa inſolencia, que aqui eſtá neſta eſquina.

Farn. Calla-te louco.

Emir. Ainda eſte não he. . . .

Farn. Suſpende Emirene.

Chic. Vê o que dizes, que não ſou eu.

Adr. Levai eſte louco inſolente.

Chic. Apalpe-me bem vossa Cesarice, e veja se eu trago comigo cousa a estas horas, que possa matar ninguem.

Emir. O Criado não foi, que com Farnaspe vinha. Ahi está.

Farn. Não descubras.

Emir. Este he Augusto.....

Descobre a Osroas.

Osr. Que ha de ver! Eu sou.

Emir. Oh amado Pai!

Chic. Irra, de que eu escapei! *á parte.*

Adr. ElRei dos Parthos em habito Romano! Quantos são os cumplices em entregar-me?

Chic. Eu fórro o meu coiro.

Osr. Eu só, eu só o teu sangue buscava; mas o golpe se errou: porém se a vida me deixas, ainda emendarei o damno com o acerto.

Adr. Assim entre as sombras me assaltaste, cruel? Porque viste que eu cahia, a morte me buscavas?

Osr. Oh barbara sorte! Eis-aqui o engano. O teu companheiro he o que devia cahir, e tu acaso o fizeste, e na confusão do sinal o tiro errei.

Farn. Quando o traidor não sentio a mesma traição!

Adr. Olá, Ministros; em carcere destinado á sua pena segurai estes réos.

Farn. E tambem Emirene?

Adr. Essa ingrata tambem.

Farn. Que injustiça he essa? Que delicto lhe encontras!

Chic.

Chic. Oh Senhor, vê que eu culpa não tenho.
Adr. Livre o deixai.
Farn. E Emirene não?
Adr. Não.

A R I A.

Adr. Todos os portos vejo
Todos tremer espero,
Perfidos, desespero,
E me acendei o ardor.
Que barbaro governo
Fazem nesta alma minha
Amor, e zelo interno,
Enfado, e ternura!
Não tem mais fogo o averno,
Que applique ao meu furor. *Vai-se.*

Emir. Pai, e Senhor.... Oh Deoses, com que palavras te poderei chamar Pai, sendo cumplice na tua morte! Ai de mim, que a meu respeito....

Osr. Vai-te; não confundas a minha constancia.

Emir. Bem conheço a razão, mas o perdão te pede esta culpada. A teus pés Senhor.....
ajoelhando.

Osr. Deixa-me, filha; comtigo não estou irado, nestes braços te entrego o perdão. Adeos amada filha, estimavel porção da minha alma.

Emir. Oh funesto adeos!

Farn. Oh divisão amargosa!

A R I A.

Emir. Efte abraço, aquelle mimo,
Efte agrado, effe lamento,
Faz mais jufto o meu tormento,
Mais culpada ainda me faz.
Qual me fofte, e qual te veja
Vê no amante peito afflicto,
Que pondera o feu delicto
Na piedade que me faz. *Vai-fe.*

Farn. Oh fe com todo o meu fangue pudeffe confervar a vida do meu Rei, e da minha efpofa!

Ofr. Amigo, bafta, não me enterneças: vingue-fe o traidor Cefar, e veja lhe rende a minha cabeça a fortuna, e não a fraqueza. *Vai-fe.*

Chic. Ainda não creio que fiquei livre: fóra com a graça! por pouco que não fico fem cabeça.

RECITADO.

Farn. Que terrivel tormento, que amargura
Efta alma minha paffa!
Como de tantos golpes da ventura
Poderei efcapar? Aftros tyrannos,
A vida me roubais em tantos damnos.

A R I A.

Horrida em vulto he trifte
Sem que troveje a nuvem;
Tacito inchado exifte

Sem

Sem vento o mar ſalgado,
E o peito ao paſſageiro
Aſſim faz palpitar.
Naquelle horror occulto
O funebre ſe alenta
Qual ſilencio he moſtra
Da proxima tormenta,
Que váo deixando os ventos
Aberto o peito ao mar. *Vai-ſe.*

Chic. Ora vou-me pendurar de ſebo ao Deos Saturno. Por hum és não és, que náo vou provar ſegunda vez as enxovias.

Sahe Beringela.

Bering. Minha Ama eſtá aſſuſtada com eſte motim, e quer ſaber ſe Emirene ſe hiria. Mas aqui tenho quem mo diga. Senhor Chichelo?
Chic. Que diz, Senhora Tamanca?
Bering. Falle bem.
Chic. Eu náo ſei que iſto ſeja fallar mal, pois tudo vai dar no calçado velho.
Bering. Náo me dirá ſe o Principe Farnaſpe eſtá na terra?
Chic. No, Senhora, náo direi.
Bering. Porque?
Chic. Porque me pede que o náo diga.
Bering. Sabe ſe elle fugio?
Chic. Nem elle era capaz de o fazer, nem eu de o bocalhar.
Bering. Pois que faz?
Chic. Supponho, que ſe eſtará lavando, que he hum porcalháo. *Bering.*

Bering. Ora falle com termo.

Chic. Com termo lhe fallo. Ah perra, que raivas me fazes!

Bering. Tambem vossé me não faz pouca raiva com os seus disparates.

Chic. Pois já que lhe dei o mal, dar-lhe-hei o remedio.

Bering. E qual he!

Chic. Hir ás ondas, se tem raivas.

Bering. Ora calle-se, que não estou para graças, responda ao que lhe digo.

Chic. E que me diz?

Bering. Se fugirão Farnaspe, e Emirene, que vossé ha de sabello?

Chic. Elles não o fizerão, porque os segurárão.

Bering. Ai mofina de mim!

Chic. Não te assustes por isso, pois já que elles não abalárão, nós bem podemos ser firmes.

Bering. E prenderão-os?

Chic. Não que elles hião soltos, e livres

Bering. Eu não o entendo. *Faz que se vai.*

Chic. Pois isso he claro. Espere menina.

Bering. Deixe-me, que o vou dizer.

Chic. A quem?

Bering. Já o queria saber?

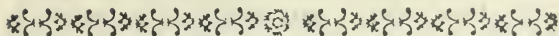
Chic. Não te has de hir sem o dizer. *pegando-lhe.*

Bering. A'gora não.

Chic. Não, por força não vás.

DUE-

DUETO.

Bering. Sempre ateimas, qual cachorro,
Que á ſua bella cachorrinha
Sempre eſtá dizendo xó,
Bonitinha anda cá.
Chic. Sempre irada qual ſaloia
Ao ſeu burro, ſem que esbarre,
Te verei dizendo arre
Arre, arre, arrelá.
Ambos. Oh que teima, que tormento,
Táo ſem goſto, ſem contento
Eu me ſinto ſupportar! *Vai-ſe.*

ACTO III.

SCENA I.

Sala terrena com cadeiras. Sahem Sabina, e Aquilio.

Sab. COmo? Manda que eu me auſente? He cega eſta ſentença! Eſte preceito he juſto? De que delicto me quer caſtigar Adriano?
Aquil. Sabe, que de Emirene, e Farnaſpe foſte conſelheira na fuga: crê, que da guarda foſte a enganadora: queixa-ſe dizendo, que offendeſte as ſacras, e inviolaveis leis do throno de Auguſto: que ſe não caſtigar o teu arrojo,

apren-

aprenderáõ a ſer-lhe infiéis os ſeus vaſſallos : e com tal arte pinta a tua culpa , que o que o ouve , lhe chama piedoſo , vendo que ſó eſte he o caſtigo.

Sab. Não ſe ha de pôr o nome de culpa a huma obra de merecimento. Eu quiz , guardando a ſua gloria , e liſongeando huma competidora , procurar delle o ſeu coração ; e delle a ſua amizade , o odio , e a ira não forão meus conſelheiros : a piedade , e o amor forão ſó os meus empenhos : ſe foi erro he tão leve , que não merece pena.

Aquil. Sabina , eu o conheço , e talvez o conhece tambem Adriano , mas he de ſeu agrado eſta leve deſculpa para buſcar o teu retiro.

Sab. Eſtá bem; mas ouça-me, e talvez que ſe mude.

Aquil. Aparecer-lhe diante dos ſeus olhos não conſente , que eſta he a ordem que mais me encarregou.

Sab. Oh Deoſes ! Hei de auſentar-me ſem vello ?

Aquil. Sim.

Sab. E quando ?

Aquil. Já as náos eſtão promptas.

Sab. A hum tal preceito não ſe deve obedecer.

Faz que entra.

Aquil. Oh não , que te perdes. Vai-te , e fia de mim , que em não lhe reſiſtir o ſaberás vencer. Eu buſcarei algum inſtante para que elle te torne a buſcar.

Sab. Mas dize-lhe ao menos. . . . .

Aquil. Vai , que ſem me dizeres mais , te entendo tudo.

ARIA

ARIA.

Sab. Dize-lhe, que he ingrato,
Dize-lhe, que he traidor,
Ouve, que féro rigor!
Náo, náo lhe digas tal,
Dize-lhe só que parto,
Mas sempre o sei amar.
E se no meu tormento
O vires suspirar,
Torna-me a consollar,
Que antes de morrer,
Quero esta gloria achar. *Vai-se.*

Aquil. Eu disponho o enredo, para que Sabina se ausente: sente o meu coração vella partir, mas tambem sente, que ficando a chegue a perder. Porém soffra o meu peito do seu bem a ausencia, se intenta conseguir alguma alegria na sua esperança.

ARIA.

Primeiro fere a planta,
Que em suavidade espanta,
Se o balsamo procura
Arabico Pastor.
Assim meu justo affecto,
Que esta ferida ordena,
Procura em tanta pena
Lograr mais certo amor.

Faz que ſe vai, e ſe ſuſpende ao ſahir Adriano.

Adr. Aquilio, que tens feito? De Sabina que alcançaſte?

Aquil. Nada, Senhor. Para que cumpriſſe com o teu deſejo, diſpuz a ſua vontade; mas nunca achei razões para a ſoſter. Eſtá reſoluta a deixar-te; tira por argumento, que fica mal ao ſeu decoro demorar-ſe na tua preſença; que te não quer ſer mais moleſta; e em fim me parece, que ſerve outro amante: eu o ſuſpeito, e que tira da tua inconſtancia deſculpa para a ſua infelicidade.

Adr. Não, não me agrada eſſa ſoberba paz. Vamos a vella.

Aquil. Porque? Temes, Senhor, o enfado de huma dama?

Adr. Não.

Aquil. E queres Sabina para tua eſpoſa?

Adr. Oh Deoſes!

Aquil. Pois logo que ella fique, de que nos aproveita?

Adr. Eu meſmo o não ſei dizer.

Aquil. Aſſim me desfaz o engano, mas eu lhe teço outro. *á parte.* Olha, Senhor, toma o meu conſelho: qualquer preceito de Oſroas baſtará para que Emirene te queira: ſe ella te deſdenha, he porque entende, que a ſeu Pai agrada; e para elle ſerá grande ventura recompenſar hum Reino com as tuas bodas. Eſte conſelho não te agrada?

Adr. Mais do que iſſo tenho feito: do carcere

man-

dei que Osroas fosse conduzido á minha presença ; e elle ajustará o que dizes.

Aquil. E porque não o tinhas feito ?

Adr. Tu não conheces a guerra cruel, que a minha alma levanta nos pensamentos. Roma, o Senado, Emirene, Sabina, a minha gloria, o meu amor, tudo tenho na presença, tudo conservo na memoria : acho hum risco que temer, temo hum bem que hei de deixar : resolvo-me, e me arrependo, e de me arrepender me torna a pezar : tal vivo, que vacilante fico na duvida, sem determinação na escolha : tal, que entre o mal não sei escolher o melhor.

Aquil. Pois Senhor, acaba huma vez de te atormentar : nos teus braços tens quasi essa belleza por quem suspiras ; eu não tenho paciencia para te ver penar. Vou conduzir a ElRei dos Parthos.

Adr. A fineza quero de o hir esperar. *Vai-se.*

Sahem Chichelo, e Beringela.

Chic. Com que em fim v. m. me deixa com esse desamor ?

Bering. Se não tenho outro, que quer que lhe faça ?

Chic. Ora volta essas duas estrellas da alva ; que na madrugada dessa carinha, sem consciencia, quando esperava me dessem hum bom dia, me deixão ás boas noites.

Bering. Não sabe que sirvo a Senhora Sabina, e que ella por ordem de Adriano se ausenta ?

Chic

Chic. Tudo ſei.

Bering. Pois então para que ſe queixa , ſem motivo , da minha auſencia ? Hei de ficar deſarranjada ?

Chic. Não ficará ; antes ſerá do meu rancho , ſe quizer ſeguir as bandeiras de amor.

Bering. Seguir as bandeiras , iſſo não , ſó porque me não digão que ſou moça de ſoldada.

Chic. Ora menina tem dó de mim , não me deixes no mar do meu pranto fluctuando na tormenta da tua auſencia.

Bering. Não me detenha com eſſes ditos , que por ahi me não peſca.

Chic. Pois cuidei que o anzol do meu affecto a pilhaſſe no mar do meu amor.

Bering. Olhe que ſe póde afogar , não nade tanto.

Chic. Não importa , que eu não me afogo em pouca agoa.

Bering. Não o poſſo mais ouvir ; fique-ſe embora , e ſaiba que. . . . .

Chic. Que ?

Bering. Que ſó de voſſé levo. . . . .

Chic. Ora dize , o que levas ? Es muito bonita !

A R I A.

Bering. Levo huma pena ,
Que me atormente ,
Tão rabujenta ,
Tão rezinguenta
Que nada quer.
Não ſei que he

Se

Se he ſaudade,
Não ſei dizer.
Sei que me mata,
Pois ſem reparo
Eu nunca paro,
Nem poſſo eſtar
Aqui, ahi, alli, acolá.
Ai que ſerá! *Vai-ſe.*

Chic. Eſpera, não ſujas: ouve que te darei o remedio. E foi-ſe! Mas eu tambem quero hir, que.... Mas não, eu ſó ſem amo, que a barriga me ſuſtente, e namorando em jejum! Iſſo não, vá com o diabo, que não quero taes amores: alto, abalo, iſto ha de ſer. Mas ai aqui vem Adriano com ElRei Oſroas: vejamos em que iſto pára; deſta cadeira me valho.

Eſconde-ſe debaixo de huma cadeira, e ſahem Adriano, Aquilio, e Oſroas com cadêas.

Adr. Que dirá o mundo! Mas o conſervar a vida he razão da natureza, e eu não poſſo viver ſem Emirene.

Oſr. Que ſe me ordena?

Adr. Que ElRei dos Parthos ſe ſente, e me eſcute: ſocegue o ſeu deſtino.

Aquil. Do meu ſe trata.

Aſſentão-ſe Adriano e Oſroas.

Adr. Oſroas, no mundo tudo he ſujeito a inconſtancias, e ſerá eſtranho, que ſó os noſſos rancores ſejão eternos: a paz he util ao vencido, e conveniente ao vencedor: entre nós

já

já falta a materia para a contenda : o fado tanto te quiz tirar quanto a mim o Ceo benigno me quiz permitir, que já nem a mim ficou que ganhar, nem a ti que perder.

Osr. Se conservo o primeiro odio, ainda me ficou alguma cousa.

Aquil. Que barbara arrogancia ! *á parte.*

Adr. Não te glories de hum bem, que possuido atormenta ao possuidor. Apaga esse incendio, porque te não destrua. Sabe que tu és o juiz árbitro do meu socego, assim como eu o sou da tua vida : ordena as cousas de maneira o Ceo, que todas a todos sejão convenientes ; e o mais feliz muitas vezes acha no mais miseravel, que esperar, e que temer.

Chic. Aonde hirá parar isto ! E eu aqui espremido, sem me poder remexer !

Adr. Só com que tu falles, será a Princeza minha, e só com que eu queira, serás tu livre, e Rei. Usemos, oh amigo, do nosso poder com conveniencia de ambos ; eu te peço a filha, e te offereço o Reino.

Aquil. Tremo da resposta. *á parte.*

Adr. E pois que dizes ? Tu te ris, e não fallas ? *a Osr.*

Chic. Se o caso he para rir, que ha de fazer ?

Osr. E queres que eu creia, que he tão fraco Adriano ?

Chic. Valente lhe chamo eu, pois te investio como hum raio.

Adr. Muito, Osroas, o sou, se comigo não vejo a bella Emirene unida em doce jugo.

Nem

Nem a paz conheço, nenhum bem posſuo; nem vida quero.

Oſr. Quando tão pouco baſta para te fazer feliz, eu ſou contente, que a filha ſe chame.

Chic. Eu fico pela ſua alegria, como lhe entregues o que elle deſeja. *á parte.*

Adr. Aceitas pois as minhas offertas?

Oſr. Quem recuſallas poderá!

Adr. Tu me entregas, amigo, o perdido ſocego. Aquilio, vai chamar a Princeza.

Aquil. Vou fazer o que ordenas. Já de Sabina a eſperança tenho. *Vai-ſe.*

Chic. Vá, que tambem eu me tomára daqui fóra.

Adr. Agora começo a viver. Olá, tirai aquellas cadeas ao Rei dos Parthos.

Sahem dous guardas.

Oſr. Agora não he tempo, Adriano. Eu não quero goſar primeiro das tuas offertas, que tu das minhas.

Adr. Hide, fazei o que mando.

Oſr. Não he preciſo retirai-vos.

Vão-ſe os guardas.

Adr. Do pezo injurioſo te verei livre.

Oſr. Aſſim ſatisfaço o meu contentamento.

Adr. Ainda não vem?

Chic. Elle eſtá deſeſperado. *a parte.*

Oſr. Impaciente eſtou juntamente comtigo.

Adr. A Princeza hirei buſcar. *Levanta-ſe.*

Oſr. Não he preciſo, que já chega.

Levanta ſe detendo-o.

Sabe Emirene.

Emir. Que quereráõ ? *á parte.*
Adr. Belliſſima Emirene.
Oſr. Melhor ſerá, que lhe relate tudo.
Chic. Eis o touro com Pedro Bonito.
Adr. He verdadade. . . . .
Emir. Porque eſtaráõ alegres ? *á parte.*
Oſr. Filha, entre as noſſas miſerias tambem achamos alguma ventura. Nunca o imaginei. Achei na tua belleza a recompenſa da minha perda.
Emir. Que me queres dizer niſſo ?
Adr. Aquella abrazadora chamma. . . .
a Emir.
Oſr. Deixai-me finalizar. *a Adr.*
Chic. Deixe-o, que elle he muito bom procurador.
Adr. Seja como te agrada.
Oſr. Tal virtude te quiz conceder benigno o Ceo, que te ſujeitou como ſervo o meſmo vencedor: por ti ſuſpira, tudo por ti offerece, eſquece-ſe das offenſas, ſujeita-ſe aos rogos, aborrece a vida ſem os teus agrados, e por ſua Deoſa te adora.
Adr. Tu pois, bella Emirene. . . . .
Oſr. Ainda náo acabei.
Chic. Ora eſtá boa impertinencia !
Adr. Tal demora me mata. *á parte.*
Oſr. Eu quero, (eſcuta, oh filha, eſte ultimo ſuſpiro do intimo da alma) ao menos quero, já que morro, deixar-te como vingadora da minha offenſa. Aborrece eſte tyranno, como eu até agora aborreci, e eſta ſeja a herança paternal.

Adr. Osroas, que dizes!

Chic. O velho endoudeceo.

Osr. Nem temor, nem esperança te sujeitem a elle: ve-o sim a todas as horas, mas seja arder em ira, e enlouquecer de amor.

Adr. Justos Deoses, e que he isto!

Osr. Adriano, já pódes fallar, que Osroas acabou.

Adr. Louco, infeliz! Náo vês, que assim atêas aquelle incendio, que ha de ser o teu estrago?

Osr. Desespera soberbo, que as tuas furias cantáo os meus triunfos.

RECITADO.

Adr. Oh Deoses! que raiva! que ira! que pena!
Meu peito condemna!
Que dizes? que fallas? Tal furia me acende
Que da vingança os passos prende.

ARIA.

Barbaro, náo comprehendo
Se féra, ou louco és;
Se teu semblante visses,
Talvez que te sentisses,
Horror tendo de ti mesmo.
O Urso deshumano,
O Tigre enfurecido,
O Leáo, que está ferido,
Igual a ti náo he. *Vai-se.*

Osr. Filha, se queres que eu veja como me amas, hum Pai soccorre, que piedade te pede.

Emir. Se basta o sangue, he teu; e se náo ha quem mo espalhe, eu mesma o tirarei.

Chic. Não digo, que está doudo? Agora quer que a outra dê o remedio, depois de elle faltar á palavra.

Osr. Livra-me das iras do cruel tyranno. Sem prisões te vejo: sós estamos.

Emir. Se conheceo Augusto de todas as traições innocente a Farnaspe, e a mim, que te admira da nossa soltura? Mas que soccorro te posso dar?

Osr. Hum ferro, hum laço, hum veneno, huma morte, qualquer que seja te peço que me dês.

Chic. Faça-lhe já isso por caridade; e acabemos com esta bulha.

Emir. Pai, e Senhor, que dizes? E seria prova de amor, ser a mesma filha o algoz que... Ah! sem temor o não posso comprehender. Não o esperes; o coração o teme; e quando o coração se resolvesse, a mão o não saberia executar.

Osr. Vai, eu te queria mais digna da tua origem. Teme já a morte, que eu hei de levar.

A R I A.

Não teme huma alma forte
A ferida que consente;
Só lamenta, chora, e sente
A vileza do morrer.
Que dos males seja a morte
O peor já não alcanço,
Antes he justo descanço
Donde pára o obedecer. *Vai-se.*

Emir. Oh infeliz! a que conselho devo obedecer?

Chic. O que eu der.
Emir. Quem me reſponde!
Chic. He hum criado de Voſſa Alteza. .
Sahe debaixo da cadeira.
Emir. Tu aqui?
Chic. E bem contra minha vontade; pois ſaio eſpremido, e entrei medroſo.
Emir. Ouviſte a minha deſgraça?
Chic. Não acaba de entender, que ſeu Pai eſtá tonto?
Emir. Oh que tambem eu perco o juizo!
Chic. Não, ſe iſſo he achaque que ſe pega, eu não quero perder o pouco que tenho.
Emir. Que hei de fazer?
Chic. Caſar com Adriano.
Emir. Tu me aconſelhas iſſo, ſabendo o que a Farnaſpe quero?
Chic. Pois caſe com Farnaſpe.
Emir. Eſtás louco!
Chic. Já ſe me pegaria o achaque.

Sahe Farnaſpe apreſſado.

Farn. Corre, Emirene.
Emir. Aonde?
Farn. Ao Ceſar.
Emir. E para que?
Farn. Procura que o mandado revogue, que contra teu Pai publica.
Emir. E qual he?
Farn. Quer que arraſtrando cadeas vá....
Emir. Aonde?
Chic. Fazer a ſua penitencia.

Emir.

Emir. A morrer!

Farn. Não, peior.

Chic. Peior! só se o manda para Plutão.

Emir Pois aonde?

Farn. A Roma.

Emir. E de que proveito lhe posso servir?

Chic. Hir-lhe ajudar a carga.

Farn. Vai, roga, chora, offerece-te esposa a Adriano, obriga-lhe a esperança, e o amor. Tudo se perca, ElRei se salve.

Chic. Outro terceiro temos.

Emir Elle me poz o preccito de aborrecer sempre a Adriano.

Farn. Tu não deves seguir huma ordem dada com ira: nós, oh amada Emirene, o devemos soccorrer, ainda a seu pezar.

Emir. A outros braços eu devo hir? Tu o aconselhas? E com tanta firmeza?

Chic. Eu não vi homem mais bem afortunado: todos são por elle.

Farn. Ah Princeza, que não vês o meu coração. Não sabes a pena, que este esforço me custa. Ainda que assim fallo, não tenho parte em mim, que não sinta tremer; gota de sangue não acho, que pelas veias geladas não corra. Eu sei que perco o unico bem, por quem lograva doce vida: eu sei que fico afflicto, e desesperado, molesto para os mais, e para mim. Mas que dirá a Asia toda de nós se Osroas morre, podendo nós salvallo? Minha alma, sacrifiquemos a este preciso reparo a nossa paz. Vai consorte, ser de Augusto: o

grão

grão mais alto da terra occupa: huma vantagem será talvez para mim esta mesma pena: já que déste leis ao meu coração, vai, e dá leis ao mundo.

Chic. Eu não entendo esta tramoia.

Emir. Se tu queres que te eu perca, meu bem, para que te mostras tão digno de amor?

Farn. Meu bem; tu não me perdes. Em quanto viver, sempre te hei de amar. Sei quanto devo ás tuas finezas. Consagrar-te o meu amor juro a todos os Deoses, e o juro áquellas formosas luzes, que nos teus olhos adoro. E tu alma desta alma que.... Mas aonde me leva a consideração da minha dor? Ah! que nos falta o tempo para sentir. Osroas morre em quanto discorremos em livrallo.

Emir. Adeos.

Farn. Adeos, meu bem. E nos veremos? Ouve-me.

Emir. Que me queres?

Farn. Vai..... Espera.... Oh Deoses! Quizera que me deixasses, e não quizera.

Chic. Aqui andará o diabo fazendo das suas? Elles querem casar, elles querem descasar: elles chorão, elles riem. O certo he, que só eu sei tratar o Senhor Cupido. Não ha cousa, como não dar confiança a hum rapaz cégo.

RECITADO.

Se elle a mim me fizera estas gaifonas,
Com formosas taponas
O cusinho mui bem lhe esfrangalhára,

E

E quanto mais guinchára,
Eu então com mais ancia ſim lhe déra,
Que o ſangue pelo rabo lhe eſcorrêra.

ARIA.

Mas qual o cáo raivoſo,
Se algum rapaz o aſſanha,
Os dentes lhe arreganha
Fazendo-lhe am, am,
Logo o rapaz lhe foge,
Temendo o ſeu ladrar.
Aſſim ao Deos Cupido
Os dentes lhe arreganho,
E vendo que me aſſanho,
A's trancas logo dá. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Lugar magnifico do Palacio Imperial, eſcadas ornadas de eſtatuas, pelas quaes ſe ſobe ao alto do monte Orante. Viſta das Náos em o rio; de Campanha, e Jardim em cima da rocha, que cerca o rio. Sahem Sabina com acompanhamento de matronas, e Cavalheiros Romanos, Aquilio, e Beringella.

Sabin. TEmerario! Tu tens animo para me fallar em amor? Não te lembras de quem tu és, e quem eu ſou?

Aquil. Amor aos differentes iguala: o reſpeito me fez até agora mudo: aſſim vos auſentais, e neſte ultimo refugio, me foi préciſo manifeſtar-te o meu amor. *Sab.*

Sab. Náo tem deſculpa hum affecto, que he táo temerario. Vamos.

Aquil. Bem vejo o porque me deſprezas. Ainda eſtá no teu coração o barbaro, injuſto, e inconſtante Adriano?

Sab. Que he iſſo? Aſſim fallas do teu Soberano?

Aquil. Eſte fallar de ti o aprendi.

Sab. Sei que náo he tudo o meſmo. Eu queria, e os zelos me davão deſculpa de fallar atrevida.
partindo para embarcar.

Aquil. Oh féra! Outra vez te receberá Roma ſem Ceſar.

Sabe Adriano com numeroſo ſequito.

Adr. Sabina, eſcuta, ouve, Senhora.

Aquil. Ai de mim! *á parte.*

Sab. Deoſes! Que queres? *Tornando a traz.*

Adr. Táo odioſo te ſou, que ſem me veres queres partir?

Sab. Senhor, já baſta de zombaria. Se tu me mandas, e me prohibes que te appareça....

Adr. Eu? quando? Aquilio, náo pedio Sabina a liberdade de deixar-me?

Sab. Oh Deoſes! Náo foi vontade de Adriano, que eu me auſentaſſe, ſem que o viſſe?

Aquil. Se fallo me condemno, e ſe náo fallo...
á parte.

Sab. Perfido, emmudece: já conheço os teus enredos. Sabe Adriano....

Aquil. Eu ſerei quem deſcubra o meu meſmo erro. He verdade, Senhor, que a Sabina adoro: temi que venceſſe a ſua formoſura; por iſſo diſtante....

Adr. Não digas mais, tudo entendo. Ah coração traidor! Esta he a graça, que me rendes dos beneficios, que te faço? Esta he a fé que ao teu Soberano deves? Tu sendo meu competidor! Tu opposto á minha gloria, e a Sabina querendo? Olá, seja prezo.

Aquil. Sorte adversa! *Vai-se com os guardas.*

Adr. Comigo fique a minha esposa.

Sab. Eu esposa tua, e quando?

Adr. Não tardará muito, deixa-me compôr os meus sentidos, e verás.

Sab. Verei que esse dia nunca chega.

Adr. Chegará, chegará, pois já vejo, oh Sabina, que vou sarando do meu mal, a minha justiça, os despojos de Emirene, os odios de seu Pai.

Sahem Farnaspe, e Emirene.

Emir. Piedade, oh Cesar.

Farn. Senhor, piedade.

Adr. De que ma pedis?

Emir. De meu querido Pai.

Farn. De meu desgraçado Rei.

Adr. O Senado, e Roma o julgará. Tão offendido estou, que perdoar lhe não quero; e tanto temo a minha ira, que o não quero julgar.

Emir. Mais então o castigas; maior pena será essa para Osroas.

Adr. Nem quero, que mo nomees.

Farn. Senhor, não te compadeces de Emirene, que chora, que he tua esposa, se o quizeres?

Adr. Esposa?

Farn.

Farn Seu Pai te pede. Aquella mão, que fazer-te feliz póde, rendido te offerece.

Adr. Mas ella mo não diz.

Sab. Ai de mim! *á parte.*

Farn. Falla, Emirene.

Adr. Com quanta força a offerta consente! O coração te conheço. Não, não que o odio paterno, e o teu primeiro emprego he mais forte, que esse rendimento; e não quero que me sejas inimiga, ainda depois de esposa.

Emir. Não, Cesar, te enganas; a minha obrigação fará estrada ao meu amor. Revoga a sentença, perdoa a quem me gerou, por aquelle sereno raio do Ceo, que no teu semblante adoro, por esta invencivel mão, que he sustento do mundo, e eu beijo, aperto, e com lagrimas banho. *ajoelha.*

Adr. Levanta-te; mais não chores. Que vejo! He mulher', ou he Deosa! Quando me namorou assim chorava. *á parte.*

Sab. Que espero mais? *á parte.*

Farn. Rosolve-te Senhor.

Adr. Se ao menos aqui não estivera Sabina. *á parte.*

Sab. He certo o meu desprezo. *á parte.*

Adr. No semblante mostra a sua offensa. *á p.*

Sab. Tome alento huma vez. . . . Cesar, eu vejo, que. . . . .

Adr. Que pódes ver, Sabina? Eu ainda não fallei, não resolvi, e já te queixas? Já réo me chamas! Que lei manda se faça o castigo antes do delicto?

Sab.

Sab. Não te enfades, Senhor: escuta, e crê, que sem fingimento de amor, sem encubertos enganos te fallo. No meu semblante lerás o meu coração.

Adr. Falla, já te attendo.

Sab. Eu estou vendo, Augusto, e todos vem, que no semblante te reparão, que comtigo pelejas por te render a ti. Eu em vez de me irar comtigo por tantos desprezos, quantos sinto, sei que ao ver-te me compadeço. Bem sei, que são mortaes as nossas feridas. Hum de nós neste combate deve ser o que renda a vida ás mãos da morte: ou eu, se te perco; ou tu, se Emirene não gozas. Pois não consinta amor, que para se conservar de huma inutil mulher, como eu sou, a vida, se perca hum tão grande heroe, como tu és. Guarda-te pois, oh amado, não para mim, sim para a tua Patria, para a tua gloria, e para o mundo todo: de toda a obrigação te absolvo, te perdo-o toda a offensa; e eu mesma quero ser o teu refugio.

Adr. Que direi! *á parte.*

Sab. De mim não tenhas cuidado: serão breves as minhas penas, e morrerei contente, sabendo que a brevidade de meus dias he o augmento de teus amores.

Adr. Oh alma generosa! oh digna de mil Imperios! Que excesso he este de tão soberana virtude? Todos me quereis reprehender, e envergonhar? Fiel vassallo (*a Farn.*), tu me cedes a esposa por salvar a vida do teu Rei! Piedosa filha, (*a Emir.*) tu a ti mesma te

sa-

ſacrificas pela liberdade de teu pai! Injuriada eſpoſa (*a Sab.*), tu deſprezas a vida ſó porque eu viva em ſocego! E eu entre tanta conſtancia, hei de ſer o mais puſilanime? E não me envergonho? E não fujo da communicação dos viventes? E me aſſento no throno? E dou leis ao mundo? Ah, não ſeja aſſim. Já que em voſſos peitos ſublimes vejo luzir eſpiritos de virtude, aprendendo comvoſco, quero ſahir do lethargo profundo, em que vivia adormecido. Oh illuſtre minha libertadora. Vê o novo incendio de gloria, que agora ſe me atêa na alma. Hoje a todos quero fazer felices: a Oſroas reſtituo o Reino, e a liberdade: a Farnaſpe entrego a ſua amada Emirene: a Aquilio abſolvo de toda a culpa: e a ti, ſó de ti digno, me entrego todo.

Sab. Que gloria!

Emir. Que alegria!

Farn. Não eſperado contentamento!

Sab. Eſte ſó he o verdadeiro Adriano.

Farn. Permitte, ó Ceſar, que Oſroas ás tuas plantas venha.

Adr. Não, que ſe mudará, á viſta daquelle peito, meu generoſo coração, em aquellas meſmas mãos aonde foi priſioneiro. Vá aonde lhe parecer, e ſe me quer amigo, direis, que Adriano o deſeja: ſe lho não pede, he porque quer que ſeja a amizade divida, e não mercê.

Farn. Oh magnanimo coração!

Adr. E tu, Princeza, quanto de mim pretendes, pede, que ſe te concederá, deixandome

me ſó, que tambem te peça o ſegredo de meu peito. Pouco o ſinto ſeguro, em quanto junta a mim te vejo. Auſenta-te, já que aſſim te peço. Aqui tens o teu eſpoſo, acolá acharás teu Pai. Vivei alegres, e todos tres entregai ao eſquecimento eſtes dilirios de meu amor.

Emir. Ao menos Senhor....

Adr. Baſta, Emirene, adeos.

C O R O.

Manda, impera a terra, ó Ceſar,
Surca, Auguſto, o ſalſo mar,
Do teu nome excelſo dando
Hum padrão mais ſingular.

F I M.

INDICE

DAS OPERAS, QUE CONTÉM este terceiro Tomo.